

**SPCRJ – Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro**

CNPJ 42.132.233/0001-98

Rua Saturnino de Brito, 79 – Jardim Botânico – Rio de Janeiro – RJ.

CEP 22470-030 – Tel./Fax (21) 2239-9848 / 2512-2265

secretaria@spcrj.org.br; www.spcrj.org.br

Biblioteca: biblio@spcrj.org.br

Cadernos de Psicanálise / Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro -

v. 1, n. 1 (1982). – Rio de Janeiro: A Sociedade, 1982 –

v. 29, n. 32, 2013

Anual

O título não foi editado em: 1989, 1993 e 1997.

ISSN 0103-4251

J. Psicanálise – Periódicos. I. Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro.

CDU 159.964.2 (05)

Bibliotecária: Ana Maria D'Angelo Siano - CRB-7-678

Periódico indexado nas bases de dados:

\* ILLACS: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (BIREME)

\* INDEX Psi Periódicos (BVS-Psi) – www.bvs-psi.org.br

\* Psyc INFO American Psychological Association

Avaliação CAPES/ANPEPP 2013 (triênio 2010-2012): Nacional B1

DISPONÍVEL NA REDE DE BIBLIOTECAS NA ÁREA DE PSICOLOGIA-REBAP:

www.bvs-psi.org.com.br/rebap

**NOTA DA COMISSÃO EDITORIAL:** A SPCRJ reconhece a importância de manter sua revista indexada nas bases de dados, bem como a necessidade de divulgação ampla do conhecimento. No entanto, é sua filosofia editorial preservar, promover e manter o diálogo analítico para um vivo exercício da Psicanálise. Assim a matéria publicada somente será disponibilizada em *mídia* eletrônica, no todo ou em parte, quando não comprometer o material clínico – matéria prima da construção teórico-técnica da Psicanálise - e mediante autorização expressa específica dos autores dos artigos publicados.



**Cadernos de Psicanálise - SPCRJ**  
Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

## A Perversão Normatizada e o Lugar do Analista

v. 29, n. 32, 2013



**ISSN 0103-4251**

Cadernos de Psicanálise SPCRJ	Rio de Janeiro	v.29	n.32	p.1-304	2013
-------------------------------------	----------------	------	------	---------	------

## Comissão Editorial

Ana Paula Amado Lopes, Leda Esperança Nadelman,  
Rosana Habib Lomenha

## Editora Responsável

Ana Paula Amado Lopes

## Conselho Consultivo

### Alfredo Naffah Neto

Psicanalista; Prof. do Programa de  
Estudos Pós-Graduados em Psicologia  
Clínica / PUC-SP

### Ana Maria Rudge

Psicanalista/SPID; Profa. Graduação  
e Pós-Grad. do Depto. de Psicologia/  
PUC-Rio; Pesquisadora/CNPq;  
Membro da Assoc. Univ. de Pesq. em  
Psicopatologia Fundamental

### Cid Merlino Fernandes

Psicanalista; Membro Efetivo e  
Supervisor / SPCRJ

### Daniel Kupermann

Psicanalista; Mestre em Psicologia  
Clínica/ PUC-Rio; Doutor em Teoria  
Psicanalítica/ UFRJ; Prof. do Depto. de  
Psicologia Clínica/USP

### David Epelbaum Zimerman

Médico Psiquiatra; Psicanalista,  
Membro Efetivo e Didata/SPPA;  
Psicoterapeuta de grupo. Ex-presidente  
da Sociedade de Psiquiatria/RS

### Elizabete Zogbi Brick

Psicanalista, Membro efetivo/SPCRJ

### Esther Perelberg Kullock

Psicanalista; Membro Titular e  
Supervisora/SPCRJ

### Jeferson Machado Pinto

Psicanalista; Prof. do Depto. de  
Psicologia/UFMG; Prof. dos Programas  
de Pós-Grad. em Psicologia e Filosofia/  
UFMG

### Karla Patrícia Holanda Martins

Psicanalista; Doutora em Teoria  
Psicanalítica/UFRJ; Prof<sup>a</sup>. Titular /  
UNIFOR-Ceará

### Marcia Maria dos Anjos Azevedo

Psicanalista; Membro Efetivo SPCRJ,  
Prof<sup>a</sup> Adjunta da UFF, Membro  
AIPCF

### Maria Inês Lamy

Psicanalista, Membro da Seção Rio  
da Escola Brasileira de Psicanálise /  
EBP-ECF

### Maria Silvia G. Fernández Hanna

Psicanalista; Doutora em Teoria  
Psicanalítica/UFRJ; Membro Aderente/  
EBP-RJ

### Neyza Prochet

Psicanalista; Membro Efetivo/CPRJ;  
Doutora em Psicologia Clínica/  
USP-SP

### Rachel Sztajnberg

Psicanalista; Membro Efetivo e  
Supervisora/SPCRJ

### Regina Helena Landim

Psicanalista; Membro Aderente e  
Supervisora/SPCRJ

### Suely Figueiredo Marques

Psicanalista; Membro Efetivo e  
Supervisora/ SPCRJ

## Conselho Diretor - Gestão 2010-2012

### Presidente

Cid Merlino Fernandes (Turma R – 1992)

### Vice-Presidente

Immacolata Tosto (Turma I – 1984)

### Secretário Administrativo

Daniel Lage Ferreira da Silva (Turma H1 – 2009)

### Secretária de Finanças

Carolina Vitória Pires de Oliveira (Turma G1 – 2009)

### Secretária de Divulgação

Heloísa Filgueira Peixoto de Mello (Turma F1 – 2007)

### Diretora Técnica

Marcia Maria dos Anjos Azevedo (Turma E1 – 2004)

### Vice-Diretora Técnica

Ana Cristina Moreira de Sousa Pinna (Turma S – 1993)

### Coordenadora da Comissão Científica e de Ensino (CCE)

Cláudia Coelho dos Santos Carrera (Turma A1 -1999)

### Coordenadora da Comissão de Admissão e Acompanhamento (CAA)

Claudia Moreira da Costa (Turma M -1987)

### Coordenadora de Publicação e Biblioteca (CPB)

Ana Paula Amado Lopes (Turma E1 – 2004)

### Coordenadora da Comissão Ética

Ana Elizabeth Botelho Duarte Coelho (Turma E1 – 2004)

### Diretoria Clínica

Neda Maria Braga de Matos (Turma L – 1986)

### Vice-Diretoria Clínica

Anna Elisa Rodrigues Campelo de Freitas (Turma R – 1992)

## SUMÁRIO

---

### **Editorial, 15-16**

### **Tema em Debate – A Perversão Normatizada e o Lugar do Analista**

**Mésentente. L'apaisement dans la guerre  
et la bellicosité dans la paix, 19-29**

Alberto Eiguer

**Conflitos do casal. A pacificação na  
guerra e a belicosidade na paz, 31-42**

Alberto Eiguer

Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon

**A perversa recusa da “diferença” no racismo:  
uma questão de fronteiras? 43-59**

Ana Maria Guerrero Espinoza

Marta Rezende Cardoso

**A clínica psicanalítica da anorexia  
e da bulimia e a lógica perversa, 61-81**

Maria Helena Fernandes

**O “paraíso tropical”:  
a hula perdida e a mega-sena, 83-95**

José Otávio de Vasconcellos Naves

**Da perversão e da melancolia de todos nós neuróticos atuais, 97-115**

Alexandre Abranches Jordão

**Entrevista I, 119-133**

**Renato Mezan**

Ana Paula Amado Lopes

**Entrevista II, 135-153**

**Juan David Nasio**

Adrián Grassi

**Artigos**

**A perversão narcísica: algumas reflexões, 157-173**

Lidia Levy

**Sobre o sujeito na clínica psicanalítica em tempos pós-Modernos, 175-193**

Ana Maria Szapiro

Nina Gomes Costa

**No exílio da doença: polifonia subjetivas, 195-208**

Felicia Knoblock

**O fronteiro e a contemporaneidade: o mar e suas ilhas, 209-223**

Maria Regina Maciel

**Em nome do Amor, 225-244**

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

Eloá Amaral Guimarães Santos Lemos

**A Loucura pessoal na sociedade contemporânea e o comportamento antissocial, 245-259**

Issa Damous

**A degradação da função paterna: o Ideal segrega o real, 261-281**

Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa

**Resenhas**

**O casaco de Marx – roupas, memória, dor de Peter Stallybrass, 285-289**  
organização e tradução de Tomaz Tadeu  
Ninfa Parreiras

**Ribamar, de José Castello, 291-293**  
Maria Helena Lemos Mossé

**Normas para envio de artigos, 295-298**

**Alguns números anteriores (2011-2012), 299-301**

## SUMMARY

---

### *Editorial, 15-16*

#### *Topic under Discussion – The Normalized Perversion and the Place of the Analyst*

*Couple's conflicts. Pacifying in war and warfare in peace, 19-29*

Alberto Eiguer

Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon

*The perverse refusal of "difference" in racism: a matter  
of borders? 43-59*

Ana Maria Guerrero Espinoza

Marta Rezende Cardoso

*The psychoanalytic clinic of anorexia and bulimia and the  
perverse logic, 61-81*

Maria Helena Fernandes

*The "tropical paradise": the lost bullet and lottery winner, 83-95*

José Otávio de Vasconcellos Naves

*On the perversion and melancholy of all of us  
at present, 97-115*

Alexandre Abranches Jordão

### *Interview I, 119-133*

Renato Mezan

Ana Paula Amado Lopes

*Interview II, 135-153*

Juan David Nasio

Adrián Grassi

*Articles*

*The narcissistic perversion: some reflections, 157-173*

Lidia Levy

*About the subject in the psychoanalytic clinic in post-Modern times, 175-193*

Ana Maria Szapiro

Nina Gomes Costa

*Exile in illness: subjective polyphonies, 195-208*

Felicia Knoblock

*The borderline and the present time: the sea and its islands, 209-223*

Maria Regina Maciel

*In the name of love, 225-244*

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

Eloá Amaral Guimarães Santos Lemos

*The private madness in the contemporary society and the antisocial behavior, 245-259*

Issa Damous

*The father function's degradation: the Ideal segregates the real order, 261-281*

Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa

*Book Reviews*

*Marx's coat – clothes, memory, pain by*

*Peter Stallybrass, 285-289*

*Tomaz Tadeu, editor*

Ninfa Parreiras

*Ribamar, by José Castello, 291-293*

Maria Helena Lemos Mossé

*Rules for submission of papers, 447-450*

*Some previous editions, 295-298*

## EDITORIAL

---

Esta edição dos *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ* tem como proposta convidar nossos leitores a refletir e a indagar sobre o tema *“A Perversão Normalizada e o Lugar do Analista”*.

Nos dias de hoje, falar sobre perversão ainda causa uma série de questionamentos, dúvidas e até um certo mal-estar acerca do que é ou não é perverso na nossa sociedade. Estamos diante de um tema que sempre sugere uma atitude depreciativa e convencional para com o sujeito que ensaia tais atuações, consideradas perversas. Entretanto, em meio de um cenário social marcado por atos explícitos de transgressão à Lei, nos confrontamos com um modelo social vigente que normaliza, banaliza e normatiza aspectos perversos nas patologias que se manifestam, dentre os quais: a crueldade, a violência, a submissão, a impotência, a arrogância, o narcisismo, a negação, o cinismo etc...

A partir desta proposta, nosso *“Cadernos de Psicanálise”* deste ano apresenta trabalhos de alguns psicanalistas que têm-se ocupado em compartilhar suas reflexões acerca da temática em questão. Na seção *Temas em Debate* encontram-se artigos em que os convidados: *Alberto Laque, Marta Rezende Cardoso, Ana Maria Guerrero Spinoza, Maria Helena Fernandes, José Otávio de Vasconcellos Naves e Alexandre Brumanches Jordão*, através dos seus trabalhos e, a partir de enfoques

diferentes, nos possibilitarão ter acesso a uma leitura que aponta para a maneira como o sujeito hoje encontra para estar no mundo e se defender da dor e do sofrimento psíquico.

Os nossos leitores encontrarão, ainda, na seção *Entrevistas* uma encantadora narrativa sobre a trajetória do psicanalista *Renato Mezan*. Assim como, uma outra entrevista que o psicanalista *Juan David Nasio* concedeu ao psicólogo argentino *Adrián Grassi*.

Na seção *Artigos* foram reunidos trabalhos relacionados a temas diversos e com a participação dos seguintes autores: *Lidia Levy, Ana Maria Szapiro, Nina Gomes Costa, Felicia Knoblock, Maria Regina Maciel, Paula Land Curi, Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins, Eloá Amaral Guimarães Santos Lemos, Issa Damouns e Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa*.

Ainda teremos na seção *Resenhas* a preciosa contribuição de *Ninfa Parreiras* com *O casaco de Marx: roupas, memória e dor*, assim, como, *Maria Helena Lemos Mossé* com a história de *Ribamar*.

E, por fim, como editora responsável por esta edição, gostaria de agradecer, especialmente, a *Suely Figueiredo Marques* e a *Lidia Levy* pela generosidade, disponibilidade e carinho! Logo, o lançamento dos *Cadernos de 2013*, marca mais uma etapa do nosso árduo trabalho, que vem numa busca constante de aprimoramento e qualidade.

*Comissão Editorial*

## TEMA EM DEBATE A PERVERSÃO NORMATIZADA E O LUGAR DO ANALISTA

*Topic under Discussion –  
THE NORMALIZED PERVERSION  
AND THE PLACE OF THE ANALYST*

---

Mésentente. L'apaisement dans la guerre et la bellicosité dans la paix  
Alberto Eiguer

Conflitos do casal. A pacificação na guerra e a belicosidade na paz  
*Couple's conflicts. Pacifying in war and warfare in peace*  
Alberto Eiguer

Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon

A perversa recusa da "diferença" no racismo: uma questão de fronteiras?  
*The perverse refusal of "difference" in racism: a matter of borders?*  
Ana Maria Guerrero Espinoza  
Tradução Rita Rezende Cardoso

A clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia e a lógica perversa  
*The psychoanalytic clinic of anorexia and bulimia and the perverse logic*  
Ana Maria Helena Fernandes

O "paraíso tropical": a bala perdida e a mega-sena  
*The "tropical paradise": the lost bullet and lottery winner*  
José Otávio de Vasconcellos Naves

Da perversão e da melancolia de todos nós neuróticos atuais  
*On the perversion and melancholy of all of us at present*  
Alexandre Abranches Jordão



**Abstract:**

*The metaphor of war and peace is very to the point to evoke the conflicts between the couple. I wish to tell you about the peace that resides in the state of war – and vice versa. The state of war between the couples sometimes is in the service of peace of mind: this is my working hypothesis. The quarrel – the domestic quarrel – unfolds in order to appease the spouses' spirit. Two clinical illustrations are proposed to support my psychopathological assumptions about these couple's situations.*

**Keywords:** *Conjugal partnership; conjugal conflicts; unconscious agreements.*

La métaphore de la guerre et de la paix est fort pertinente pour évoquer les conflits du couple. La **guerre** peut être horrible et interminable. Je vois ces partenaires qui ont l'angoisse rivée au cœur, la peur quotidienne de la violence psychique, sexuelle et/ou physique. Ils sont suspendus à leurs disputes, ne peuvent concevoir des projets d'avenir ni penser à eux ni aux autres. Ils ne savent pas non plus d'où ils viennent. Leur vie se rétrécit.

La **paix** est par contre un état agréable, celui dont ils ont rêvé et pour lequel ils ont fait des efforts parfois gigantesques seuls et ensemble. C'est pour atteindre ce bonheur que l'on a inventé le couple : se détendre, se laisser aller, se blottir dans l'intimité à deux, oublier les défenses auxquelles on recourt lorsqu'on est avec les autres, faire confiance et savoir que l'autre a un sentiment semblable. J'imagine ces états de paix comme ceux où l'on est au plus près de son être authentique, de son vrai self.

Avant de développer ma proposition, je suis tenté de préciser ce dont je ne vais pas parler : ces situations cliniques où l'on peut ressentir *successivement* l'opposé : la paix après la guerre et la guerre après la paix. Deux exemples vont l'illustrer.

Je me rappelle une patiente masochiste sexuelle qui appréciait le moment où s'arrêtait le rituel sexuel, des heures avec son maître auquel elle se soumettait. C'était quand prenaient fin les coups, les coups de culades, les cris et les injures, le bondage, le recours aux chaînes, la réalisation de l'acte d'amour par terre au contact de l'urine et des excréments. C'est à ce moment que son maître passait subitement de

la cruauté la plus sauvage à un mot de tendresse. Cet instant valait de l'or pour elle. Elle se retrouvait ainsi avec lui : il montrait pouvoir « faire autre chose d'elle » que la maltraiter. C'était la « paix » après la « guerre ». Parfaitement consentante, elle aimait la sexualité sadomasochiste (SM), mais elle appréciait énormément cet instant. Toutefois, chaque fois, durant la frénésie sadomasochiste, elle oubliait que cet instant marquerait la fin du rituel et qu'elle vivait alors un instant unique.

Le deuxième exemple n'est pas clinique, mais ce n'est pas non plus de cela dont je compte vous entretenir. Comme Epicure vantait les états de bonheur que le plaisir permet, on lui a reproché, ce qu'il a facilement accepté, que le bonheur est à la longue ennuyeux. On s'en lasse et, de ce fait, son idée du bonheur comme un projet universel ne tenait pas la route. On ne sait pas jouir éternellement. Voudrait-il alors confirmer que nous ne sommes pas faits pour le bonheur et que le malheur nous est nécessaire pour accepter de nouveau le bonheur, l'éprouver pleinement et ainsi de suite ? Notre moteur serait le malheur ! Epicure a trouvé la réplique qui convenait à ses détracteurs : on se stabilise dans le bonheur par l'*ataraxie*, une sérénité complète, à laquelle on arrive par la sagesse. Les bonnes choses continuent à nous captiver si l'on les élabore en notre for intérieur, au contact de nos souvenirs et rêves, et en nous. Je pense que c'est une belle manière de mettre en valeur ce que nous appelons aujourd'hui la *subjectivité*.

Ce dont je souhaite vous parler, c'est de la paix qui habite l'état de guerre et vice versa, et pas d'une suite où l'une engendrerait l'autre.

L'état de guerre dans les couples est-il au service de la tranquillité d'esprit ? Calmer ces angoisses dont on ne sait quoi faire. C'est mon hypothèse de travail. La querelle, la scène de ménage se déroule afin d'apaiser l'esprit des conjoints. Ils sont souvent à la merci du tiers, de l'autre surmoïque qui ne leur donne pas de répit. La guerre apparaît comme une offrande, dans ces cas, à ces « objets communs » du couple qui harcèlent la vie inconsciente des conjoints.

Par rapport à la bellicosité dans la paix, convoquons les métaphores de l'anguille sous roche et de l'eau stagnante, sereine en surface mais dangereuse. C'est aussi le miroir de Narcisse se regardant

dans l'eau d'une source : sans vagues, sans brindilles qui altèrent la perfection du miroir. Vous connaissez la suite.

Est-ce dans les deux cas un retour de ce que l'enchantement de la rencontre sexuelle a refoulé ? Est-ce la peur coupable d'avoir atteint le bonheur en profitant d'une entente érotique ?

### La scène de ménage sur le plateau de la chambre

La haine couve sous l'amour ? La scène de ménage me paraît en apporter une illustration.

Dans la chambre du couple, les partenaires se disputent, peut-être d'ailleurs parfois énervés par des intrusions : affectives (les enfants, le chat) ou technologiques (la télévision, la tablette branchée sur internet). Chaque scène de ménage a une durée et un rythme propres, c'est-à-dire qu'elle se reproduit comme scandée par une horloge : on se déchire, on se démolit, puis on reconstruit. Quand les disputes se font rares en dehors de ce cycle et de ce lieu, les conjoints peuvent alors échanger des mots tendres après des critiques. Dans tous les cas, cette mésentente contribue à rappeler les différences entre eux : de personnalité, de genre, d'origine trans-générationnelle. Leurs attachements privilégiés favorisent les oppositions (*cf.* fidélités œdipiennes). Si la séquence ordonnée des étapes de la dispute n'est pas tenue, des problèmes sérieux apparaissent. Rompre la séquence reviendrait par exemple à oublier de mentionner que l'on a une dent contre sa belle-sœur (période dispute), que l'on se rompe sur le prénom de l'autre le confondant avec celui de l'oncle ou de l'amant, que l'on sorte un grief caché depuis longtemps, que l'on ne fasse pas l'amour à un moment précis du déroulement, souvent vers la fin, ou que la violence physique s'y exprime pour la première fois. Ainsi certaines nouveautés sont-elles parfois néfastes. Cet *ordre* nous interpelle : la scène de ménage est un rituel qui rappelle les besoins de chacun, ses positions de pouvoir, son domaine réservé, les conditions des pactes secrets ou inconscients au-delà desquelles le pacte peut être remis en cause, voire rompu.

La querelle a son code d'honneur en somme et suppose des limites à ne pas franchir. « Aujourd'hui tu as dépassé les bornes. Tu as péjoré ce qui m'est le plus cher pour moi. Je ne te le pardonnerai jamais. »

Qui en serait sûr ? Si les expressions amoureuses ou hostiles sont louées, c'est qu'elles s'expriment sans témoin. Reste ceux qui entendent de l'autre côté de la cloison... En principe, le témoin doit être vu par les adversaires. Nombre de couples le savent et font exprès de parler fort ou de faire du bruit. Par exhibitionnisme ? Je dirais plutôt par besoin d'exposer leurs positions devant un tiers, d'aller trouver des appuis. Y compris auprès des enfants qui sont les premiers à entendre. Est-ce comme une démonstration de puissance ? Scandaliser signifierait se montrer audacieux et en conséquence que l'on « est » supérieur. Mais exposer ses disputes devant témoin implique ici une subversion de la différence générationnelle. Je trouve un équivalent dans la médisance calomnieuse du conjoint. Plus que de colportage, il s'agit de bafouer l'intime, celui-ci est une des bases du couple. Les conséquences sont imprévisibles : on discrédite l'autre aux yeux des enfants, attaquant le lien filial, tendant à isoler l'autre parent, manipulant, semant la zizanie : séparer ceux qui s'aiment.

Nombre de troubles de comportements chez les enfants, notamment les violences qui se manifestent après que les parents se soient disputés, confirment, que pour les enfants, chaque agression remet en question leur idéal et les raisons qui ont animé leur conception. Ils pensaient avoir été le produit de l'amour et ces disputes leur en font douter. Comment restaurer ses piliers ? Bien qu'ils puissent à la longue surmonter ces impacts, un sentiment sera plus dur à éradiquer, le scepticisme : ils ne croient plus tellement dans l'amour. Nous n'avons pas de preuves suffisamment étayées pour le confirmer, mais nous pouvons nous aventurer à interpréter certaines statistiques actuelles comparant les enfants de divorcés et de non divorcés concernant leur comportement d'adulte face au mariage. On fait les deux constats suivants :

1) Les enfants de divorcés ayant assisté pendant plus ou moins longtemps à des scènes de ménage ont tendance à se marier plus jeunes que ceux qui n'ont pas vécu le divorce des parents. Sont-ils pressés de former ce couple idéal qu'ils ont connu ou imaginé avant le divorce de ceux-ci ? Cherchent-ils l'affection qui leur a manqué ?

2) Ils divorcent à leur tour plus rapidement que les enfants de non-divorcés. Sont-ils moins tolérants à l'autre que le groupe d'enfants dont les parents n'ont pas divorcé ?

Peut-on se passer des scènes de ménage pour autant ? Par esprit de concorde, on serait tenté de dire qu'il serait heureux qu'elles n'aient pas lieu. Toutefois, la dispute est un formidable outil de connaissance qui permet aux partenaires de faire un bilan, d'établir l'état des lieux de leurs sentiments. La scène de ménage peut devenir un exercice indispensable pour mettre à l'épreuve la force de chacun des deux et son influence sur l'autre. Cette scène sert à éclairer les doutes, à briser les tabous, à évacuer les colères rentrées, et finalement à atténuer les ressentiments. Elle contribue au bien-être malgré les horreurs que l'on peut dire. La haine est l'opposé de l'amour mais en vérité elle le réveille.

Une dispute peut venir rompre un silence mortel, lorsque vous ne vous racontez plus rien, que vous ne savez plus où vous en êtes l'un par rapport à l'autre. C'est l'apaisement contenu dans la dispute ; c'est l'amour derrière la haine.

### A l'opposé

Les couples qui à l'inverse ne se disputent jamais, sont d'accord sur tout et se montrent paisibles à l'extrême peuvent recéler des sentiments très hostiles (rivalité envieuse, ressentiments, haines) maintenus enfouis par un clivage massif. Si celui-ci se fissure, l'angoisse ou la violence ne tardent pas à se manifester. Deux tendances dominent ces couples fusionnels :

1) L'oralité se manifestant par avidité, voracité, rapacité ou vampirisme, l'un et l'autre font siennes leurs qualités respectives. Les partenaires sont souvent ensemble, ont du mal à se quitter, se mangent des yeux et affichent une posture de vague fierté l'un pour l'autre et pour leur union. Ils exportent pour ainsi dire leur narcissisme individuel sur l'autre de telle sorte qu'ils ne peuvent plus se séparer sous peine de se sentir défaillir ou encore exploser.

2) La dépendance réciproque est si importante qu'il leur est impossible de prendre des décisions seuls ou rencontrer des gens séparément. Parfois ils s'interdisent de prononcer le mot *je* ; c'est toujours le *nous*.

Sous une entente de façade, brûle le feu des passions virulentes. La bellicosité sous la paix. La présentation des cas de couple suivants apportent une illustration à mes hypothèses.

## Couple O

Je reçois ce couple de 40 ans deux mois après l'accouchement de leur enfant. Ils sont actuellement séparés. M est parti au moment précis où la femme allait accoucher après une longue période de disputes violentes. Ce jour, il l'a bousculée et frappée ; le soir elle a eu des contractions ; elle a accouché la nuit suivante dans l'hôpital. M avait rencontré une autre femme. Une fois parti, il n'a pas donné signes de vie jusqu'à il y a deux semaines, laissant sa compagne, comme on peut l'imaginer, dans un grand désarroi. Elle a pourtant assumé comme elle a pu sa maternité (elle a deux filles d'un précédent lien de couple). Je lui demande à ce moment comment va l'enfant. Encore très remontée contre son mari, l'épouse me répond qu'il va bien sans plus, un peu détachée. Je me dis qu'elle doit être éprouvée par ces événements.

En reprenant contact dernièrement, le conjoint a manifesté son souhait de réintégrer le foyer. Il a expliqué que pendant ces deux mois, il est resté avec sa copine en prenant leurs vacances ensemble. Mme ne lui pas fait de remarques et elle est restée en silence devant ces demandes jusqu'au moment où il lui a montré ses photos de vacances. Sur certaines, son conjoint apparaît dans des positions sexuelles provocantes avec sa maîtresse. Elle a réagi très vivement à cette démonstration ; elle l'a traité de pervers. Elle rappelle dans quel climat « hallucinant » s'est déroulée sa grossesse, les absences du conjoint, anxieux, « à cran », ses arguments insensés. Elle n'a pris connaissance de l'existence de cette femme dans la vie de son partenaire que très tard.

Elle reconnaît ne l'avoir jamais vu aussi débordé et malintentionné : pourquoi leur en vouloir autant ? Monsieur essaie de se justifier disant qu'il était paniqué à l'idée d'être père ; lui, il est un enfant adopté. Pendant des années, il a voulu comprendre si le malaise qu'il ressentait « au fond de son âme » y prenait origine et il a fait des années de thérapie pour cela, mais ce n'est que maintenant qu'il lui est apparu clairement qu'avant d'être adopté, il a été abandonné. C'est une chose évidente pour tout enfant adopté, dit-il, mais pour lui ce fut une révélation. Il conclut que la peur d'être père est liée à cela : il a voulu abandonner son enfant pour reproduire son abandon.

Son cas présenterait donc un renversement de la situation ; mais il a abandonné également sa partenaire. Il banalise la manière dont les choses se sont passées : départ en vacances, absence de toute considération sur la situation désespérée de sa partenaire, désintéret pour l'accouchement, pour l'état de son enfant, et finalement exhibition sexuelle. Quel est le message, s'il y en a un ?

En dernière instance, c'est le contexte transférentiel qu'il convient d'interroger : Monsieur imagine que je serais impressionné par sa « découverte » concernant son propre abandon et croit trouver un allié en moi dans la mesure où il dit apporter une compréhension psychanalytique à son comportement. Il me semble plutôt que sa prise de conscience est toute relative. Son raisonnement semble cohérent mais il vise à convaincre plus qu'à approfondir son analyse. Je suis frappé par l'absence d'affect, de nostalgie, de regret, d'empathie envers son enfant et sa compagne. Il se montre plutôt inconscient des conséquences de ses passages à l'acte, plutôt puérile, et franchement hors de la réalité, comme s'il était un enfant qui montre des photos à sa mère au retour d'un séjour en colonie. Je conclurai à une forme de manipulation.

Je trouve chez cet homme une absence de sens moral propre au fonctionnement pervers, une incapacité à se représenter ce que l'on attend d'un père. Cela étant, je me demande quel fonctionnement de couple est instauré, et si la femme n'a pas stimulé l'absence de sentiment de responsabilité chez l'homme. N'est-elle pas prête à tout oublier bien qu'elle a été maltraitée par lui et pourvu qu'elle conserve une *position mère* dans le lien, celui d'une mère qui se démène parfaitement seule, c'est-à-dire sans partenaire, sans père pour son enfant ? C'est comme si elle préférerait que son mari reste à l'écart de la relation entre elle et son nouveau-né. Bien que très justifiée, sa critique peut rester sans conséquence concernant le fonctionnement du lien.

J'y verrais une forme de compromis entre ces conjoints. Comme si la femme disait : « Tu es un irresponsable sans cœur, mais ne viens surtout pas nous déranger. » Et l'homme : « Je vois en cet enfant l'enfant abandonné que j'ai été, mais je tiens à conserver ma

position infantile. Que l'on ne vienne pas me demander de remplir la fonction de père. » La naissance de leur enfant provoque l'angoisse de la perte des positions fixes, comme si un autre enfant que lui (le conjoint) allait usurper sa place d'enfant. C'est ce qui a pu, à mon avis, déclencher la crise.

Ce qui est dénié (l'imminence de l'accouchement, blessures provoquées, difficulté à assumer sa paternité... chez M) recouvre d'autres dénis (compromis divers). C'est la guerre qui occupe tout le panorama, certes, mais la paix est recherchée dans le repli sur soi avec réconfort narcissique en sachant se tirer d'affaire sans homme chez Mme, et dans la fuite vers une autre relation chez M.

### Couple N

Les partenaires de ce couple ont environ cinquante ans, mais ils paraissent bien plus jeunes. Ils habitent de temps à autre ensemble dans le logement de Mme. Aujourd'hui Mme ne souhaite plus poursuivre la relation car elle vit son ami comme un manipulateur qui l'humilie, la rabaisse, ne manquant pas une occasion de lui montrer ses faiblesses. Un épisode illustre son comportement. Ils partent en voiture à la campagne ; il conduit et « me demande de l'orienter sur la route en regardant une carte. Il me dit être perdu. Mais il me harcelle, met en cause mes indications, me critique sur mon incapacité à me repérer. Il dit que je ne lis pas bien la carte, que je confonds les légendes, enfin que je ne pige rien aux signes. Je réagis mais il me répond que l'on ne peut rien me dire, que je prends toujours tout mal. Je m'énerve et bien entendu je ne me repère plus sur la carte ; nous tournons en rond, faisons demi-tour plusieurs fois. Je finis par me sentir idiot.

« Il finira par m'avouer qu'il connaissait parfaitement le chemin mais qu'il m'a demandé le trajet pour me mettre à l'épreuve. » Et pourtant conclut-elle, « c'est l'homme de ma vie ! » Cette phrase invite à réfléchir sur la ligne esquissée dans le cas précédent. On supporte la guerre à cause de l'apaisement que procure la satisfaction d'un idéal... fût-elle toute relative.

### Conclusions

Le point commun entre ces deux figures, l'apaisement dans la guerre et la bellicosité dans la paix, c'est qu'elles organisent deux niveaux différents (manifeste et latent). Mais les relations entre ceux-ci diffèrent selon la figure.

Dans la première figure, l'apaisement relatif qui se cache derrière la guerre entre conjoints donne un sens à celle-ci. On se querelle pour confirmer les pactes qui structurent le lien, qui n'annulent pas les différences.

La bellicosité sous la paix surdétermine chaque geste du couple ; les défenses dressées sont puissantes : clivage, déni, intellectualisation. L'entente du couple est parfois de circonstance, une façade. Elle rassure mais le recours à des contraintes afin d'éviter de s'autonomiser paralyse. C'est de la roche sur un lit de sables mouvants.

Dans la première figure, l'imagination a une fonction conséquente dans l'élaboration des conflits et dans la possibilité d'envol de la subjectivité de chacun. Ce n'est pas le cas de la deuxième figure, guettée par l'assèchement de la vie conjointe. De même quand on est en guerre, bien qu'elle soit pénible, on se raconte, on donne un sens au récit et à la narration. La paix est en revanche moins proluxe, moins expressive.

Une conséquence pour la thérapeutique. Dans le premier cas de figure, le thérapeute contribue à atténuer le ressentiment en interprétant le but ultime de la discorde ; les conjoints se reconnaîtront dans le fonctionnement inconscient de leur couple. En se parlant, ils se connaissent peut-être mieux.

La stratégie thérapeutique des couples trop paisibles, c'est de les conduire à admettre qu'ils vivent inconsciemment des conflits redoutés ; leur mise au jour peut faire mal. La guerre qui s'en suit favorise le conflit. Et la vie peut reprendre son souffle.

## DEBATE |

CONFLITOS DO CASAL.  
A PACIFICAÇÃO NA GUERRA E A  
BELICOSIDADE NA PAZ

*COUPLE'S CONFLICTS.  
PACIFYING IN WAR AND WARFARE IN PEACE*

---

*Alberto Eiguer<sup>1</sup>*

*Tradução:*

*Pedro Henrique Bernardes Rondon (Abepps)*

RESUMO

A metáfora da guerra e da paz é muito pertinente para evocar os conflitos de casal. Desejo falar-lhes da paz que reside no estado de guerra – e vice-versa. O estado de guerra nos casais algumas vezes está a serviço da paz de espírito: esta é minha hipótese de trabalho. A querela, a briga de casal se desenrola a fim de apaziguar o espírito dos cônjuges. Duas ilustrações clínicas são propostas para apoiar minhas hipóteses psicopatológicas acerca dessas situações de casal.

<sup>1</sup> Psiquiatra e Psicanalista. Diretor de Pesquisa do Laboratório LPCP EA 4056 do Instituto de Psiquiatria da Universidade Paris V, René Descartes, Sorbonne. Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família. Diretor da Revista Le Divan Familial. Tradução realizada pelo Autor.

**Palavras-chaves:** Conjugalidade; Conflitos conjugais; pactos inconscientes.

**Abstract:**

*The metaphor of war and peace is very to the point to evoke the conflicts between the couple. I wish to tell you about the peace that resides in the state of war – and vice versa. The state of war between the couples sometimes is in the service of peace of mind: this is my working hypothesis. The quarrel – the domestic quarrel – unfolds in order to appease the spouses' spirit. Two clinical illustrations are proposed to support my psychopathological assumptions about these couple's situations.*

**Key-words:** *Conjugal partnership; conjugal conflicts; unconscious agreements.*

A metáfora da guerra e da paz é bastante pertinente para evocar os conflitos de casal. A guerra pode ser horrível e interminável. Eu atendo esses parceiros que trazem a angústia amarrada no coração, o temor quotidiano da violência psíquica, sexual e/ou física. Estão suspensos a suas disputas, não são capazes de conceber projetos para o futuro nem de pensar em si mesmos ou nos outros. Não sabem sequer de onde vêm. A vida deles se encolhe.

A paz, por outro lado, é um estado agradável, aquele com o qual sonharam e pelo qual algumas vezes fizeram esforços gigantescos – seja sozinho ou juntos. Foi para alcançar essa felicidade que se inventou o casal: estar tranquilo, entregar-se, apagar-se na intimidade a dois, esquecer as defesas às quais se recorre quando se está com os outros, confiar, e saber que o outro tem um sentimento semelhante. Imagino esses estados de paz como aqueles em que estamos o mais perto possível do nosso ser autêntico, de nosso verdadeiro self.

Antes de desenvolver minha proposição, estou tentado a precisar aquilo de que não vou falar: essas situações clínicas em que podemos sentir sucessivamente o oposto: a paz depois da guerra e a guerra após a paz. Dois exemplos vão ilustrar isso.

Eu me lembro de uma paciente que era masoquista sexual e lembrava o momento em que o ritual sexual parava, das horas passadas com seu mestre ao qual se submetia. É quando cessavam os tapas, os empurrões, os gritos e as injúrias, a submissão, o recurso às correntes, a realização do ato amoroso no chão, em contato com urina e fezes. Era nesse momento que seu mestre passava subitamente da crueldade mais

selvagem a uma palavra de ternura. Para ela esse instante valia ouro. Assim ela se encontrava com ele: ele mostrava que era capaz de fazer “dela outra coisa” sem ser maltratá-la. Era a “paz” depois da “guerra”. Perfeitamente complacente, ela amava a sexualidade sadomasoquista (SM), mas apreciava enormemente esse instante. Todavia, durante a excitação frenética sadomasoquista, ela esquecia que esse instante marcaria o final do ritual e que então ela viveria um instante único.

O segundo exemplo não é clínico, mas também não é com isso que eu conto distraí-los. Como gabava os estados de felicidade que o prazer permite, Epicuro era criticado por isso, o que facilmente ele aceitou, porque no final das contas a felicidade é tediosa. A gente se cansa e, por isso, sua ideia de felicidade como projeto universal não se sustentava de pé. Não se pode gozar eternamente. Será que isso confirma que não fomos feitos para a felicidade, e que a infelicidade nos é necessária para aceitar novamente a felicidade, para viver plenamente a experiência, e assim por diante? Nosso motor seria a desgraça! Epicuro encontrou a resposta que convinha aos seus detratores: nós nos estabilizamos na felicidade por *ataraxia*, uma serenidade completa, que alcançamos pela sabedoria. As boas coisas continuam a cativar-nos se nós as elaborarmos em nosso foro íntimo, em contato com nossas lembranças e nossos sonhos, e em nós. Penso que é uma bonita maneira de pôr em relevo aquilo que hoje chamamos de *subjetividade*.

O que eu quero lhes falar é da paz que habita o estado de guerra e vice-versa, e não de uma sequência em que uma engendraria o outro.

O estado de guerra nos casais está a serviço da tranquilidade de espírito? Acalmar essas angústias das quais não se sabe o que fazer. Esta é a minha hipótese de trabalho: a querela, a cena doméstica se desenrola a fim de apaziguar o espírito dos cônjuges. É frequente que eles estejam à mercê do terceiro, do outro superegoico que não lhes dá trégua. A guerra aparece como uma oferenda, nesses casos, a esses “objetos comuns” do casal que atormentam a vida inconsciente dos cônjuges.

Em relação à belicosidade na paz, convoquemos as metáforas da enguia debaixo da rocha (desconfiamos que haja alguma coisa escondida) e da água parada, serena na superfície, porém perigosa.

também o espelho de Narciso, mirando-se nas águas de uma fonte: sem ondas, sem gravetos que alterassem a perfeição do espelho. Vocês conhecem a continuação.

Haverá nesses dois casos um retorno daquilo que o encantamento do encontro sexual recalcou? Será o medo o culpado por ter atingido a felicidade, aproveitando-se de um acordo erótico?

### A briga de casal na bandeja do quarto

O ódio se desenvolve por baixo do amor? A briga de casal conhece-me trazer uma ilustração disso.

No quarto do casal, os parceiros discutem, talvez, aliás, algumas vezes irritados por intrusões: afetivas (os filhos, o gato) ou tecnológicas (a televisão, o *tablet* conectado à internet). Cada briga de casal tem uma duração e um ritmo próprios, isto é, reproduzem-se como se fossem seu ritmo marcado por um relógio: eles se dilaceram, eles se demolem, e depois se reconstróem. Quando as discussões ficam mais esparsas, fora desse ciclo e desse lugar, os casais podem então usar palavras suaves depois das críticas. Em todos os casos, esse acordo contribui para lembrar as diferenças entre eles: diferenças de personalidade, de gênero, de origem transgeracional. Suas ligações privilegiadas favorecem as oposições (*confrontar* as fidelidades próprias). Se a sequência ordenada das etapas da discussão não for seguida, aparecerão problemas sérios. Romper a sequência resulta, por exemplo, em esquecer-se de mencionar que se tem algum rancor contra o outro (período da disputa), em se enganar quanto ao nome do outro, em confundindo-o com o de um tio ou do amante, em puxar uma mágoa antiga há muito tempo, e em não fazer amor num momento exato ou demasiado próximo do final, ou que a violência física se apresente pela primeira vez. Assim, determinadas novidades algumas vezes do nefastas. Essa *ordem* nos chama a atenção: a briga do casal é um ritual que lembra as necessidades de cada um, suas posições de poder, seu território reservado, as condições dos pactos secretos ou explícitos além dos quais o pacto pode ser posto novamente em discussão, talvez mesmo rompido.



A querela tem seu código de honra, em suma, e pressupõe limites que não podem ser transgredidos. “Você hoje passou dos limites. Você pisoteou o que me é mais caro. Nunca vou te perdoar por isso”. Quem estaria seguro então? Se as expressões amorosas ou hostis vão longe, é porque se exprimem sem testemunhas. A não ser aquelas que podem ser escutadas do outro lado da parede... Em princípio, a testemunha precisa ser vista pelos adversários. Muitos casais sabem disso, e fazem questão de falar bem alto ou de fazer barulho. Puro exibicionismo? De preferência a isso, eu diria que pela necessidade de expor suas posições diante de um terceiro, de buscar apoio. Inclusive buscar o apoio dos filhos, que são os primeiros a ouvir. Será isso uma demonstração de poder? Escandalizar significaria mostrar-se audaz e, conseqüentemente, que se “é” superior. Porém, expor suas discussões diante de testemunha implica aqui uma subversão da diferença de gerações. Encontro aqui um equivalente da maledicência caluniosa do cônjuge. Mais do que espalhar, trata-se de ridicularizar a intimidade – esta que é uma das bases do casal. As conseqüências são imprevisíveis: o outro é desacreditado aos olhos dos filhos, atacando o laço filial, tendendo a isolar o outro genitor, manipulando, semeando a discórdia: afastar aqueles que se amam.

Uma quantidade de distúrbios de comportamento nas crianças, notadamente as violências que se manifestam em seguida às brigas dos pais, confirma que, para os filhos, cada agressão repõe em questão o ideal dos pais e as razões que animavam a concepção dos filhos. Eles pensavam que eram produto do amor, e essas discussões os fazem duvidar disso. Como fazer para restaurar os pilares que os sustentavam? Embora à medida que o tempo passe eles possam superar esses impactos, um sentimento vai ser mais difícil de erradicar, o ceticismo: eles não acreditam mais tanto no amor. Nós não temos provas suficientemente sólidas para confirmar isso, mas podemos aventurar-nos a interpretar determinadas estatísticas atuais que comparam os filhos de divorciados e de não divorciados a propósito de seu comportamento de adultos diante do casamento. É possível fazer as duas constatações seguintes:

1) Os filhos de divorciados que durante um tempo mais ou menos longo assistiram às brigas do casal têm tendência a se casar mais cedo do que aqueles que não viveram o divórcio dos pais. Será

que se veem pressionados a formar o casal ideal que conheceram, ou imaginaram, antes do divórcio dos pais? Será que buscam a afeição que lhes faltou?

2) Por sua vez, eles se divorciam mais rapidamente do que os filhos de não divorciados. Serão eles menos tolerantes em relação ao outro do que o grupo dos filhos cujos pais não se divorciaram?

Será que, por isso, podemos prescindir das discussões de casal? Por espírito de concórdia, ficaríamos tentados a dizer que seria uma felicidade se não acontecessem. Entretanto, a discussão é um formidável instrumento de conhecimento que permite que os parceiros façam um balanço, que estabeleçam o estado das condições de seus sentimentos. A discussão do casal pode tornar-se exercício indispensável para pôr à prova a força de cada um dos dois e sua influência sobre o outro. Essa cena serve para esclarecer as dúvidas, para quebrar os tabus, para evacuar as cóleras guardadas e, finalmente para atenuar os ressentimentos. Contribui para o bem-estar, apesar dos horrores que podem ser ditos. O ódio é o contrário do amor, mas na verdade ele o desperta.

Uma discussão pode vir romper um silêncio mortal, quando um não conta mais nada ao outro, quando cada qual não sabe mais situar o outro em relação ao outro. É o apaziguamento contido na disputa: o amor por trás do ódio.

### Um compensação

Os casais que, ao contrário, nunca discutem, estão de acordo em tudo e se mostram extremamente pacíficos podem secretamente guardar sentimentos muito hostis (rivalidade invejosa, ressentimentos, etc.) mantidos ocultos por alguma clivagem maciça. Se tal clivagem apresentar fissuras, a angústia ou a violência não tardarão a se manifestar. Essas tendências dominam os casais fusionais:

1) Se a oralidade se manifestar por avidez, voracidade, rapacidade e empunismo, um e outro se apossam de suas respectivas qualidades. Quando os dois com frequência estão juntos, não conseguem se afastar, quando se afastam com os olhos e expõem publicamente e com ostentação a postura de vago orgulho um pelo outro e por sua união. Exportam, portanto, o seu narcisismo individual sobre o outro de tal maneira

que não podem mais se separar sob pena de se sentir desfalecer ou ainda explodir.

2) A dependência recíproca é tão importante que lhes é impossível tomar decisões sozinhos ou encontrar pessoas separadamente. Algumas vezes eles se proibem de pronunciar a palavra *eu*: é sempre *o nós*.

Por baixo de uma fachada de acordo, arde o fogo das paixões virulentas. A belicosidade está debaixo da paz. A apresentação dos exemplos de casais que se seguem traz uma ilustração para minhas hipóteses.

### O casal O.

Atendo esse casal de 40 anos de idade após o nascimento de seu filho. Eles estão separados atualmente. O Cavaleiro partiu no momento exato em que sua mulher ia dar à luz, após longo período de brigas violentas. Nesse dia ele lhe deu um empurrão e bateu nela; à tarde ela teve contrações; à noite seguinte deu à luz no hospital. O Cavaleiro tinha encontrado outra mulher. Uma vez que foi embora, não deu sinal de vida senão há duas semanas, deixando sua esposa em grande aflição, como é fácil de imaginar. Ela, no entanto, assumiu como pôde sua maternidade (ela tem duas filhas de relacionamento anterior). Nesse momento eu lhe pergunto como vai o bebê. Ainda muito armada contra seu marido, a esposa, parecendo indiferente, me responde apenas que o bebê vai bem. Eu me digo que ela deve estar afetada por esses acontecimentos.

Retomando contato recentemente, o cônjuge manifestou seu desejo de voltar a integrar o lar. Explicou que durante esses dois meses ficou com sua companheira e tiraram férias juntos. Madame não lhe faz nenhuma observação e fica em silêncio diante desses pedidos, até o momento em que lhe são exibidas as fotografias das férias. Em algumas o cônjuge se mostra em poses sexuais provocantes com a amante. Ela reage prontamente a essa demonstração; chamou-o de depravado. Ela lembra em que clima “alucinante” sua gravidez se passou, as ausências do cônjuge, ansioso, “exasperado”, sua argumentação sem sentido. Só muito tarde ela tomou conhecimento da existência dessa outra mulher na vida de seu parceiro.

Ela admite nunca o ter visto tão estressado e mal-intencionado: por que tinha tanta raiva dela? O Cavaleiro tenta justificar-se dizendo que estava em pânico ante a ideia de ser pai; ele tinha sido uma criança adotada. Durante anos quis compreender se o mal-estar que sentia “no fundo de sua alma” tinha sua origem nesse fato, e fez anos de terapia por causa disso, mas só agora é que lhe apareceu claramente que antes de ter sido adotado, ele tinha sido abandonado. É uma coisa evidente para toda criança adotada, diz ele, mas para ele isso tinha sido uma revelação. Ele conclui que o pavor de ser pai está ligado a isso: ele não abandonou seu filho para reproduzir seu abandono.

Seu caso, portanto, apresentaria uma inversão da situação; mas ele igualmente abandonou sua parceira. Ele banaliza a maneira pela qual as coisas se passaram: partida em férias, ausência de qualquer consideração pela situação desesperada de sua parceira, desinteresse pelo parto, pelas condições de seu filho, e finalmente, exibição sexual. Uma mensagem haverá aí, se é que há alguma?

Em última instância é o contexto transferencial que convém interrogar: o Cavaleiro imagina que eu ficaria impressionado por sua “descoberta” no que se refere ao seu próprio abandono, e acredita em sentir em mim um aliado, uma vez que diz trazer uma compreensão analítica para seu comportamento. De preferência a isso, parece-me que sua tomada de consciência é totalmente relativa. Seu raciocínio parece coerente, mas visa antes a convencer do que a aprofundar sua análise. Fico impressionado pela ausência de afeto, de nostalgia, de interesse, de empatia quanto a seu filho e a sua companheira. Ele se mostra antes inconsciente quanto às consequências de sua passagem por um, bastante pueril – e francamente fora da realidade – como se fosse um garoto ao voltar de uma colônia de férias, mostrando à mãe as fotografias que tirara. Chego à conclusão que se trata de uma forma de manipulação.

Encontro nesse homem uma ausência de sentido moral própria de um funcionamento perverso, uma incapacidade de representar para si mesmo aquilo que é esperado de um pai. Sendo assim, eu me pergunto se o funcionamento de casal se estabeleceu aí, e se a mulher não terá internalizado essa ausência de sentimento de responsabilidade no homem.

Ela não está pronta a esquecer tudo apesar de ter sido maltratada por ele, contanto que possa conservar uma *posição dominante* no relacionamento, a posição de uma mãe que se arranja sozinha perfeitamente, isto é, sem parceiro, sem pai para seu filho? É como se ela preferisse que seu marido ficasse afastado da relação entre ela e seu bebê recém-nascido. Embora muito justa, sua crítica pode ficar sem consequência a propósito do funcionamento da relação.

Eu veria aí uma forma de compromisso entre esses cônjuges. Como se a mulher dissesse: “Você é um irresponsável sem coração, mas principalmente não venha nos perturbar”. E o homem: “Eu vejo nessa criança a criança abandonada que eu fui, mas faço questão de conservar minha posição infantil. Que ninguém venha me pedir para cumprir a função de pai”. O nascimento do filho deles provoca a angústia da perda das posições fixas, como se outra criança além dele (o cônjuge) fosse usurpar seu lugar de filho. Na minha opinião, foi isso que desencadeou a crise.

O que é negado (pelo Cavaleiro, a iminência do parto, feridas provocadas, dificuldade de assumir sua paternidade) encobre outras negações (compromissos diversos). Certamente é a guerra que ocupa todo o panorama, mas a paz é buscada no fechamento sobre si mesmo com o consolo narcísico de saber se arranjar sem homem, no caso de Madame, e na fuga em direção a outra relação, no caso do Cavaleiro.

### O casal N.

Os parceiros neste casal têm em torno de cinquenta anos, mas aparentam bem menos. De tempos em tempos moram juntos no apartamento de Madame. Hoje a Madame não deseja mais continuar com a relação porque vê seu namorado como um manipulador que a humilha, que a rebaixa, não perdendo uma só ocasião de lhe mostrar suas fraquezas. Um episódio ilustra o comportamento dele. Eles viajam de automóvel para o campo; ele vai dirigindo e “me pede que o oriente quanto à estrada consultando um mapa. Ele me diz que está perdido. Mas me atormenta, questiona minhas indicações, me critica quanto à minha capacidade de me orientar. Diz que eu não sei ler o mapa direito, que eu confundo as legendas e não ‘pesco’ nada dos símbolos. Eu reajo mal, mas ele me responde que não se pode dizer nada, que eu levo

indo a mal. Eu me irrito e, é claro, não olho mais o mapa; nós ficamos andando em círculo, diversas vezes fazemos meia-volta. Eu termino me sentindo uma idiota”.

“Ele vai acabar me afirmando que conhecia perfeitamente o caminho, mas que me perguntou qual era o trajeto para me pôr à prova”. “E no entanto”, conclui ela, “é o homem da minha vida!” Esta frase convida a refletir na mesma linha esboçada no caso precedente. A guerra é suportada por causa do apaziguamento que a satisfação de um ideal proporciona... mesmo que seja uma satisfação muito relativa.

### Conclusões

O ponto comum entre essas duas ilustrações, o apaziguamento da guerra e a belicosidade na paz, é que estas organizam dois níveis diferentes (um manifesto e outro latente). Mas as relações entre esses níveis diferem em cada caso.

Na primeira ilustração, o apaziguamento relativo que se esconde em detrás da guerra entre os cônjuges, dá um sentido a tal guerra. Ela serve para confirmar os pactos que estruturam a relação, que não anulam as diferenças.

A belicosidade por baixo da paz sobredetermina cada gesto do casal; as defesas armadas são poderosas: clivagem, negação, não-realização. O acordo do casal algumas vezes é só circunstancial, uma tábua de salvação. Tranquiliza, mas o recurso às exigências a fim de evitar a autonomia é paralisante. É um rochedo apoiado em cima de uma base de pedras movediças.

Na primeira ilustração, a imaginação tem uma função importante na elaboração dos conflitos e na possibilidade de que a possibilidade de cada um levante voo. Este não é o caso na segunda ilustração, ameaçada pelo esgotamento da vida de casal. Da mesma maneira quando se está em guerra, embora esta seja penosa, as pessoas encontram nisso um sentido ao relato e à narrativa. A paz, por outro lado, é menos prolixa, menos expressiva.

Uma consequência para a terapêutica. No primeiro caso de ilustração, o terapeuta contribui para atenuar o ressentimento

interpretando o objetivo final da discórdia: os cônjuges se reconhecem no funcionamento inconsciente do casal. Falando, eles se conhecem um pouco melhor.

A estratégia terapêutica dos casais pacíficos demais, é levá-los a admitir que vivem inconscientemente os conflitos temidos; a exposição destes pode fazer mal. A guerra que se segue permite o conflito. E a vida pode retomar fôlego.

| DEBATE |

A PERVERSA RECUSA DA "DIFERENÇA"  
NO RACISMO: UMA QUESTÃO DE  
FRONTEIRAS?

*THE PERVERSE REFUSAL OF "DIFFERENCE" IN  
RACISM: A MATTER OF BORDERS?*

---

*Ana Maria Guerrero Espinoza<sup>1</sup>  
Marta Rezende Cardoso<sup>2</sup>*

Resumo

Este artigo explora o fenômeno do racismo a partir de uma análise psicanalítica através da qual se procura esboçar uma breve apreciação sobre determinados aspectos metapsicológicos aí envolvidos. A noção de limite, de fronteira, constitui referência essencial nessa abordagem, centrada na dimensão de narcisismo, no papel por ela desempenhado nesse fenômeno. Busca-se traçar um paralelo entre o que estaria na base dos chamados estados- limites e alguns dos

<sup>1</sup> Aluna, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica - UFRJ; CAPES/PECCPG.

<sup>2</sup> Aluna, Doutora em Psicanálise e Psicopatologia Fundamental pela Universidade de Atenas; Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ). Pesquisadora CAPES.

fundamentos do ódio racista, através da questão da recusa da “diferença”.

**Palavras-chave:** racismo; limites; alteridade.

**Abstract:**

*This article explores the phenomenon of racism from a psychoanalytic analysis through which we seek to sketch a brief assessment of certain metapsychological features involved therein. The notion of limit, of boundary, is an essential reference in this approach, centered on the dimension of narcissism, in the role it plays in this phenomenon. We seek to draw a parallel between what would be in the basis of the so-called borderline states and some of the fundamentals of racial hatred through the issue of denial of “difference”.*

**Keywords:** racism; limits; otherness.

As mudanças próprias à vida atual nos colocam diante de sociedades mais globalizadas. Porém, essas mudanças de caráter sociocultural também se articulam com os elementos de base das novas configurações subjetivas que parecem marcar a vida contemporânea. Como tem sido assinalado por vários autores que têm se dedicado a discutir as questões mais atuais no campo da psicanálise, a problemática dos limites tem importante papel no estudo desses fenômenos.

A análise dos chamados estados-limites, da relação entre o eu e o outro, das patologias fronteiriças, se insere numa investigação que não pode deixar de contemplar aspectos que dizem respeito à singularidade da cultura contemporânea. Se hoje observamos visivelmente o aumento de situações clínicas cuja incidência se dá diretamente na esfera identitário-narcísica (Roussillon, 1999), isto se relaciona, ainda de modo não necessariamente direto, a certas particularidades do contexto sociocultural próprio à contemporaneidade.

Sobre esse plano sociocultural, e levando em conta os tópicos que ocuparão especialmente a nossa atenção no presente artigo, é conveniente mencionar, em particular, o fenômeno da globalização que se caracteriza, dentre outros aspectos, pela abertura mundial e por um fechamento sem fronteiras. No entanto, assistimos, ao mesmo tempo, ao fechamento ao individualismo, no sentido de um fechamento no plano do funcionamento psíquico dos sujeitos, dificultando a sua relação com o outro. Por outro lado, assistimos também a uma supervalorização da

dimensão do corpo, expressão, dentre vários fatores, da precariedade dos processos de representação psíquica, favorecendo uma existência individual ou coletiva na qual o apelo ao registro corporal se apresenta como possibilidade-limite da existência subjetiva. Assim, tanto no registro mais diretamente social, intersubjetivo, quanto no individual, a noção de limite merece destaque.

Autores como Christopher Lasch (1999), Guy Debord (1999) e Zygmunt Bauman (2005) nos auxiliam a compreender o que estaria em jogo numa cultura centrada no sujeito e em seu corpo, ora enaltecido imagetivamente, ora tendendo a ser destruído, como no caso das toxicomanias, ou desvitalizado, como nas depressões. Observamos a presença hoje de expressivo número de sujeitos centrados no caráter espetacular das imagens de si mesmos que projetam.

Além disso, no cenário contemporâneo, parece-nos igualmente notória a grande incidência de respostas defensivas que se dão pela via do ato e do corpo. Acrescente-se ainda a esses fenômenos o fato de os sentimentos de medo, de incerteza e a xenofobia se revelarem reações cada vez mais comuns nas sociedades ocidentais. Este será o foco central de nossa reflexão neste breve artigo.

### A questão do “não pertencimento”

O fenômeno do racismo vem se renovando ao longo dos tempos. Duas grandes vias permitem reconhecê-lo: por um lado, como discurso e prática social ancorada em políticas, costumes e tradições; por outro, como prática cotidiana que mobiliza poderosamente as pessoas, levando-as, muitas vezes, a atuações agressivas. O racismo implica sempre uma polaridade, ou seja, a presença de um vínculo cujo caráter é paradoxal, já que tende a se exercer sob formas radicais, necessitando de concretude para se justificar. Tzvetan Todorov (1991) propõe importante distinção entre racismo e “racialismo”. Utiliza este último termo para designar as doutrinas e ideologias elaboradas sobre a presença de raças no mundo, com esquemas de valores únicos para avaliar pessoas e grupos humanos, tendo como base o cientificismo. Já o termo racismo diria respeito a sentimentos e comportamentos

relacionados a ações de ódio e menosprezo contra pessoas cujas características culturais e físicas são identificadas por certos sujeitos como “diferentes”, resultando, portanto, na ideia de uma suposta divisão do mundo entre “nós” e “eles”. O racismo teria como base a doutrina racialista, produtora de claro e profundo impacto nos indivíduos; já o racialismo serviria como modelo teórico para a prática do racismo.

As mudanças que acompanhamos nas formas de expressão do racismo têm estreita relação com determinados fatos históricos. Por exemplo, os grandes holocaustos do século XX fizeram com que o racismo biológico viesse a ser percebido como preconceito a ser extinto, considerado como anticientífico ou como prática política incorreta (Rivera, 2000). Paralelamente, já há várias décadas as crises internacionais coincidem com o apogeu da migração mundial, fonte de sentimentos nacionais exacerbados que visam a garantir a adesão das populações às posições protecionistas de determinados governos (Castles, 1993). Desta maneira, vários autores denominam racismo “simbólico” ou “cultural” essas novas modalidades de racismo as quais, apesar de manterem um caráter eminentemente “essencialista”, vinculam-se a problemáticas de fronteiras (nacionais e étnicas). O objetivo, neste caso, é resguardar as sociedades contra o que se considera um “novo inimigo” – o imigrante – que, desta vez, não estaria fora dos limites nacionais, mas dentro dos próprios grupos. Nesta nova modalidade de racismo, o novo inimigo, o novo alvo, é o estrangeiro “interno”, ou seja, a figura do imigrante, o qual passa a ser considerado como ameaça crucial às nações.

Neste contexto, pode-se reconhecer o aparecimento de um processo de “eufemização” do racismo, que se faz presente na fala cotidiana, nos textos acadêmicos e até mesmo nas políticas de certos países. Pierre Bourdieu (1990) se refere à eufemização como resposta à censura sobre o racismo. Esse “novo racismo” tende novamente a se agarrar a um cientificismo, mas desta vez ele é apresentado como democrático, pretendendo assim legitimar o poder das elites para governar, ou o poder daqueles que se consideram parte dessas elites.

De acordo com essa perspectiva, o mundo se dividiria entre grupos capazes e grupos incapazes de raciocinar, e que se inseririam

dentro de hierarquias de conhecimento, avaliadas pelo grau de civilização ou de primitivismo e, portanto, podendo ou não exercer avaliações sobre o correto ou o incorreto.

Janine Puget (2006) destaca a presença na atualidade de um estado de mal-estar mais amplo do que aquele observado na modernidade. Gerador de “estados de ameaça”, esse novo mal-estar promove a incerteza e seu correlato, a perplexidade, atingindo o pensamento e os processos de simbolização. Tratar-se-ia de sujeitos obrigados a se manter fora da lei – lei que seria o sustentáculo da própria condição de sujeito –, sujeitos obrigados a viver fora de seus limites e que passam boa parte da vida tentando se inserir em círculos sociais e econômicos sem, no entanto, consegui-lo. Puget (ibid.) afirma que estas situações se dão hoje de maneira brusca e intempestiva.

De modo mais global, essa tendência pode ser observada no campo da clínica psicanalítica atual, pela intensa presença de modalidades de sofrimento psíquico nas quais predominam representações psíquicas de não pertencimento, vivido que se mostra cada vez mais frequente. A incerteza e a perplexidade quanto ao sentimento de pertencimento obriga as pessoas a permanecerem errantes, sem conexão a grupos de referência.

### **Sofrimento psíquico na atualidade: a questão da “diferença”**

A partir do que foi exposto acima, e considerando-se que a problemática identitário-narcísica é uma marca muito presente na clínica psicanalítica contemporânea, entendemos que o sofrimento psíquico tende hoje, em muitos casos, a ultrapassar o modelo das neuroses clássicas, tal como Freud o entendia. Este modelo se organiza a partir da lógica do recalque e da representação, as neuroses estando referidas, prioritariamente, às esferas da sexualidade e do interdito. As novas configurações subjetivas estariam, ao contrário, situadas, em grande parte dos casos, fora do plano da representação e do recalque, baseadas, fundamentalmente, na lógica do ato, vinculadas, portanto, a uma base “traumática”. Estes aspectos nos remetem aos quadros narcísicos e aos chamados estados-limites.

De fato, isto não constitui fenômeno novo, no sentido de original e inédito, posto que os “casos difíceis” de Sándor Ferenczi (1934/1992), por exemplo, já apontavam para modalidades de sofrimento muito próximas dessas que se revelam tão presentes na contemporaneidade, e que já extrapolavam igualmente os limites das psicopatologias ditas clássicas. O próprio Freud nos advertira sobre isso ao empreender a jornada de 1920, propondo um “além do princípio de prazer” (Freud, 1920/1992) relacionado à ação de uma força pulsional excessiva que poderia agir internamente no psiquismo do sujeito sem possibilidade de entrada no campo representacional, impondo-se, portanto, de modo violento e imperativo no território egoico. Deste modo, quando fazemos referência a novas subjetividades, a novos sofrimentos, desejamos ressaltar seu caráter singular, mas tendo em vista, particularmente, o aumento de sua incidência no cenário atual, bem distinto daquele que caracterizou a época em que a psicanálise começava a se desenvolver.

Assim como essas “novas” patologias – os chamados estados-limites – o fenômeno do racismo vem igualmente nos interrogar, dentre outros aspectos, sobre o papel da dimensão do traumático, sobre o excesso pulsional e a resposta defensiva egoica a esse excesso, pela convocação do corpo e da passagem ao ato. E, particularmente, o fenômeno do racismo nos leva a explorar a questão do pavor do outro com o outro, ou seja, a *recusa da diferença*.

A questão dos limites também parece se situar na base dessa problemática situação subjetiva, seja como porosidade extrema, seja como fechamento extremo sobre o si mesmo. O sujeito racista defronta-se com duas vias imperativas: uma que pode ser abordada pelo lado do proibido (implicando, simultaneamente, impossibilidade de ligação com o elemento da pulsão de morte ou de destruição) e também como uma via necessária ao outro. Estas questões demandam investigação, sob o ponto de múltiplos ângulos, tais como a questão da relação entre os aspectos narcísico e objetal na dinâmica do funcionamento psíquico e a importância dessa dinâmica no fenômeno específico do racismo.

Procuramos aqui apenas esboçar uma breve introdução de uma abordagem metapsicológica, contemplando certos elementos que pensamos serem relevantes no fenômeno do racismo, do ponto de vista da subjetividade

individual, sem, no entanto, perder de vista a articulação necessária entre subjetividade e cultura. O nosso interesse se dirige particularmente à questão do racismo como modalidade que julgamos expressar, de modo paradigmático, o mal-estar próprio aos vividos subjetivos na atualidade. Pressupomos a presença de elementos em comum entre esse tipo de experiência subjetiva e aquelas situações clínicas que têm sido abordadas no campo psicanalítico sob a designação de estados-límites, entendidos, de forma geral, como patologias de base narcísica ou, mais precisamente, como problemáticas identitário-narcísicas.

Após Freud, muitos autores vieram a se dedicar ao estudo do fenômeno do racismo a partir de uma análise metapsicológica. Alguns o concebem como uma questão prioritariamente apoiada num registro primário, narcísico. Outros o analisam a partir de um registro de tipo mais secundário, edipiano, dando maior relevo ao papel, por exemplo, das instâncias do superego e do ideal do ego. Pensamos que uma posição não invalida a outra, e que os aspectos mais arcaicos da vida psíquica e, igualmente, as esferas mais secundárias de seu funcionamento – especialmente o próprio entrecruzamento desses registros – encontram-se fortemente implicados nesse fenômeno, marcado pela presença da destrutividade. Em última instância, marcado pela dominância do “demoníaco” próprio à pulsão de morte, como uma de suas possíveis figuras.

Em *Mal-estar na cultura* (1930/1982) e, particularmente, em *Moisés e a religião monoteísta* (1939/1982), Freud analisa questões ligadas ao racismo e à intolerância ao outro. No primeiro texto, sustenta que nos grupos humanos sempre existiu a necessidade de uma organização em pequenos círculos, de forma que o sujeito pudesse designar inimigos aqueles que dele estivessem fora (como via resolutiva da pulsão de destruição). O que Freud faz aqui é situar o racismo no campo por ele denominado “narcisismo das pequenas diferenças”. Considera, por exemplo, o antissemitismo como “satisfação cômoda e inofensiva da inclinação agressiva por cujo intermédio se facilita a coesão dos membros de uma comunidade”.

Em *Moisés e a religião monoteísta*, Freud desenvolve detidamente os temas do antissemitismo e do judaísmo. Segundo as

contribuições desse texto, a manifestação da intolerância estaria mais próxima da questão das pequenas diferenças do que das discrepâncias fundamentais, o que o leva a pontuar a dimensão de “ódio ao quase semelhante”. Neste caso, o ódio encontra seu objeto precisamente no campo do próximo. Em resumo, os “motivos específicos” do racismo seriam: a reprovação do outro por ser estrangeiro, por ser minoria, ou seja, “muito diferente” da população “anfítria”. Sua presença viria desafiar todas as opressões e, além do mais, se fosse permitida, seria capaz de prestar valiosas contribuições e conquistas culturais, o que o próprio conjunto, por si só, não conseguiria obter.

Segundo Caterina Koltai (2008), o estrangeiro provoca intensos movimentos de amor, ódio, temor, oscilando entre fascínio, exotismo e horror. Temos aí um jogo complexo no qual estão envolvidos um objeto identificatório e um objeto contraidentificatório, mas nunca indiferente para o sujeito. É como se algo de si, interior, viesse a ser também colocado no exterior. Freud (1919/1982) argumentou longamente sobre a condição de o sujeito ser impelido, em seu mundo interno, por algo que lhe é estrangeiro, não passível de ser integrado em si, mas que vive no interior do psiquismo, produzindo estranheza e sofrimento. Não podendo vir a ser assimilado, vem a ser deslocado para fora, quase sempre de forma negativa, sendo associado a algo assustador. Assim, como mostra a referida autora, o racismo, além de ser um dispositivo social, possui profunda relação com a estrutura do sujeito.

Castoriadis (1985) apresenta argumentação similar. Para ele, o ponto particular do sujeito racista seria a não permissão e o não desejo de que o outro possa se converter naquilo que se considera verdadeiro e legítimo. À diferença de outros tipos de discriminação, o sujeito racista não admite que o outro possa se converter; não há juramento passível, nem provas a seu favor. A necessidade de se afirmar sobre elementos concretos, tais como a origem étnica ou o aspecto físico, responsabiliza justamente sobre essa base, elementos que se revelam constantes e irreversíveis.

Para o referido autor, o que pode sustentar a qualidade enquistada do racismo é a presença de um núcleo persistente de ódio sobre si mesmo. A existência do outro coloca em risco o sujeito, aspecto que, mais uma



vez, vem nos remeter à problemática dos limites psíquicos. Estamos diante de fronteiras solúveis, frágeis, que parecem correr aqui o risco de facilmente se diluir. O que vem a se opor a todos os mecanismos que permitiriam ao ser humano vir a ser “algo”? Para responder, faz-se necessário analisar um conceito trabalhado pelo autor com bastante consistência: a “mônada psíquica”, entendida como núcleo duro do narcisismo primário e que diz respeito aos primeiros momentos de vida do ser humano onde ainda não havia distinção entre mãe e bebê, onde sujeito e objeto eram o mesmo.

### O estranho e o familiar

O sujeito resiste à socialização e aos inícios da formação do eu, porque isto o obriga a romper com a eternidade confortável da mônada. Neste sentido, o eu é o primeiro estrangeiro que o sujeito enfrenta, um eu que para existir deve sair da mônada e operar um investimento objeto. Aqui encontramos a base do ódio a si mesmo porque o eu irremediavelmente se separa dessa “situação ideal”. O ódio contra si mesmo não aparece no cotidiano, já que seria incompatível com a vida, mas pode sobreviver, conforme sustenta Castoriadis (1985, op. cit.), quando é “domado” e/ou deslocado para objetos “verdadeiramente exteriores”. Este deslocamento pode se realizar de forma “brutal”, produzindo efeito perturbador e de estranheza no sujeito, visto que o objetivo seguiria sendo, ulteriormente, o próprio sujeito.

Marília Carvalho Soares (2008) destaca que o fenômeno do racismo estaria ancorado em conteúdos pré-edípicos. Analisa a questão a partir de uma perspectiva apoiada numa problemática narcísica. Sustenta que, neste caso, o eu não consegue se distinguir facilmente do mundo externo e das outras pessoas. Esta invasão explicaria os grandes esforços do eu para repelir, separar, usando o recurso, inclusive, da construção de uma fantasia primitiva de superioridade, como manifestação de um funcionamento relativo ao narcisismo primário.

Em *O Ego e o Id* (1923/1982) Freud mostra a natureza conflituosa do eu e sua impossível completude, um eu que é um “precipitado de identificações”. Freud nos adverte neste ponto para uma particular precariedade originária: o eu como unidade ilusória e constitutivamente fragmentado e cuja constituição depende da ação transformadora do outro

e de sua separação. De fato, no Projeto (1895/1982) Freud abordara a questão do “complexo do próximo”, referindo-se ao fato de o objeto que amamos, ser, simultaneamente, hostil e objeto de satisfação. É o desamparo originário que impõe esta paradoxal relação com o outro – próximo e semelhante – ponto onde o interno e o externo se entrecruzam, onde se experimenta a “estranheza” interna. Nesse sentido, Birman (2005) argumenta que a dependência do outro, provocada pelo desamparo, vem dar sentido às experiências da criança, obrigando-a a sair do “casulo originário”. Esta é, portanto, uma operação necessária e vital, ação transformadora para as forças pulsionais e seus diferentes destinos.

Em 1919, Freud trata o fenômeno do “estranho” como relacionado ao que desperta medo e o horror no sujeito. Se um evento pode ser percebido de duas maneiras – estranho ou familiar – alguma conexão deve existir entre ambos. Esta constatação leva-o a considerar que o estranho seria assustador justamente por remeter ao que é conhecido, que, de tão antigo, resultou, em algum momento, familiar. Segundo esta hipótese, o estranho foi, antes de tudo, uma percepção conhecida, somente após ter sofrido alguma distorção teve como destino tornar-se “estranho”. O estranho revela, então, um distúrbio no vivido do eu; ele recusa o que lhe é próximo ou conhecido (por exemplo, a própria pessoa, a sexualidade), mas que é por ele temido. Tenderá, então, a realizar um movimento que venha permitir-lhe separar-se disso, a fim de se proteger desse vivido ameaçador.

A condição de o eu não ser senhor em sua própria casa é posta, também, em evidência pela presença do estranho. Podemos entender o fenômeno do “estranho” como tentativa de defesa de um eu infantil primitivo, diante de suas limitações, diante de sua mortalidade. Como afirmam Villamil & Manero (2004), a partir de determinadas disposições de Freud, o eu coloca no exterior todo o material que lhe causa desprazer, algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à tona em resposta à angústia que produz a comoção no encontro com o outro.

Freud (1919/1982, op. cit.) propõe que, como medida de defesa da criança contra a destruição egoica, o eu vem a construir um “duplo”, um vivido de ilusões, que o apazigua momentaneamente quando se vê confrontado com o risco da perda de controle; duplo que conteria, porém,

em seu cerne, o próprio estranho. O que está em jogo na constituição do duplo é uma série de associações cuja dinâmica seria a seguinte: um objeto comporta o que é do próprio eu, isto é, aspectos clivados, mas o eu não pode reconhecê-lo como tal, embora pressinta que algo em comum os une. Esta seria a experiência da estranheza, que aponta para o clivado, o inassimilável.

Sabemos que neste texto de 1919 Freud apresenta uma antecipação das ideias que nos serão oferecidas, neste mesmo ano, em “Além do princípio de prazer”. Sustenta que o amedrontador diz respeito a algo que retorna, como “retorno constante do mesmo”, apelando à questão do desamparo psíquico. Tratar-se-ia de um dano narcísico pela passividade diante de uma “força demoníaca” – a ação da pulsão de morte – diante da qual o mecanismo da clivagem pode ser utilizado como recurso defensivo-limite, visando a uma proteção de tipo imediato e elementar. O duplo original, “bom” pode ser revertido em um duplo “malévolo”, expulso, por não ter sido contido, e que passa a ser um “outro” que hostiliza e persegue por estar sujeito a um jogo de substituições infinitas, já que o clivado não é reconhecido.

### O medo do “outro” na cultura

A partir de um outro ponto de vista, fundamentando-se no trabalho de Maria Torok e Nicholas Abraham – que se dedicam a analisar o processo de transmissão psíquica transgeracional – Radmila Zygouris (1997) indica que o arsenal que está na base do psiquismo abarcaria também aquilo que foi renegado ou recusado pelos adultos que dele cuidaram na infância, produzindo furos psíquicos geradores de sofrimentos que não conseguiram efetiva inscrição no psiquismo daqueles sujeitos.

Nesse sentido, a criança nunca seria um produto natural de uma mãe e de um pai, já que os pais estão inseridos num contexto cultural determinado, marcados pelos fantasmas e discursos de determinada época. Isto afeta as próprias tensões psíquico-somáticas, uma vez que os sentidos e as intensidades são variáveis e atuam tanto na psique quanto no corpo. Desconsiderar este aspecto da questão significaria negar a incessante contaminação que o social faz no psiquismo, assim como a própria necessidade narcísica de se exercer poder sobre o mundo.

Dio Bleichmar (1996) destaca os valores diferenciados que os adultos, inseridos em certo meio, deixam no psiquismo e no corpo das crianças: produzem-se importantes efeitos narcísicos que operam desde a origem da vida psíquica, marcando de maneira singular a constituição dos ideais do eu, o lugar da sexualidade adulta e os vínculos. As identidades se articulam com diferentes paradigmas sociais, culturais, e com os prazeres e interdições a eles associados, modificando significativamente, através do tempo, as representações dos ideais do eu. A autora acredita que a existência de esquemas convencionalmente autados – e que existem além de um sujeito determinado – constituem importante organizador do psiquismo, pois operam como tradutores do enigma que o outro representa.

O medo do diferente estaria relacionado à própria estrutura do sujeito. Mas para se passar do medo ao ódio, faz-se necessário que alguém o nomeie, ou seja, que sinalize o objeto como assustador, projetando ódio sobre ele, “autorizando”, assim, o exercício da pulsão agressiva em direção ao objeto (Koltai, 2008; Zygouris 1998). Trata-se de representações do outro que estariam sustentadas no mundo interno, funcionando como base para a sua proliferação no psiquismo. Por isso é que no objeto odiado se colocam sucessivas substituições, que podem levar o ódio a um exercício *ad infinitum*.

Parece-nos, desta forma, que o núcleo da problemática no sujeito em questão está na elaboração precária do narcisismo e no comprometimento do processo de constituição do eu, impossibilitando o reconhecimento da liberdade. O investimento libidinal, que pode ter sido marcado pela falta ou pelo excesso, representa séria problemática na constituição de fronteiras egoicas. Se Pontalis (1988) sinaliza a presença de um sujeito falho com o objeto inicial, e que se caracteriza por constante exposição a feridas narcísicas.

Vale ainda acrescentar a questão da “vivência de indiferença”, como proposta por Moraes & Macedo (2011), contribuição que nos permite precisar um dos aspectos envolvidos nesse momento crítico da vida psíquica no qual se situa, no nosso entender, uma das questões fundamentais, do ponto de vista subjetivo, da tendência aos

comportamentos racistas. A autora emprega o termo indiferença no sentido de um “não se dar conta” das necessidades da criança. Tratar-se-ia de uma modalidade de encontro psíquico onde o adulto não possui as ferramentas necessárias para servir como um “outro” para a criança. Se não pode “ler” as necessidades infantis, tampouco pode/sabe responder a elas. Isto tende a submergir a criança em estado permanente de desamparo.

Na definição da indiferença, cabe destacar que não se trata do desdém da oferta por parte do adulto ao outro (a criança), mas sim de uma marca de não reconhecimento daquilo que é mais próprio da singularidade desse outro: seu existir. Na indiferença predomina drasticamente o não reconhecimento da diferença que a existência do outro aporta a esse encontro inicial e que se reproduz na apropriação do sentido de existência da criança (Moraes & Macedo, 2011, p. 43).

Não se trata, neste caso, de um “primeiro objeto auxiliar”, ambivalente por natureza, e sim de um primeiro objeto instável e ambíguo cujos frágeis investimentos psíquicos se alternam com ausências que impedem na criança a construção da autonomia. Dessa maneira, nela tende a se constituir um eu precário que se instala como matriz, impedindo a “apropriação da capacidade de ser e de se reconhecer em sua diferença” (Id., *ibid.*, p. 45). Esta precariedade na formação das fronteiras egoicas é um obstáculo no processo de diferenciação e autonomia, a vivência de indiferença tornando-se uma espécie de mandato nas relações intersubjetivas.

A instalação dessa matriz comporta a presença de importante magnitude de dor psíquica, traduzindo-se na impossibilidade de aceitar o que representa a alteridade e que forma, assim mesmo, um núcleo primitivo da sexualidade inexoravelmente ligado à dor: “se o outro no encontro inaugural (...) deixa o eu à mercê de intensidades, os desdobramentos de tal experiência atualizam uma suscetibilidade extrema àquilo que a presença de outro aporta ao eu” (Moraes & Macedo, 2011, p.46).

A vivência destas intensidades se apresenta com tanta significação que o sujeito fica impossibilitado de administrar seu próprio “capital pulsional”, passando, muitas vezes, ao ato. O que vem a ser atuado é

a própria dor – nos termos da autora, um ato-dor. Este atualiza uma história com predomínio do mortífero, e revela a fragilidade vivida no processo da constituição primária.

A vivência de indiferença, sua brusca impressão na vida psíquica, sem vias de ligação, de representação, poderá destinar o sujeito a reproduzir intensa e imperativamente o “conhecido” diante do “desconhecido”. Assim, a desconfiança, o temor, a intolerância, o ataque, a inveja, a vingança e o ressentimento tenderão, muitas vezes, a se atualizar repetidamente na relação com o outro, vindo corroborar a precariedade de um vivido primordial.

Precisamente, um dos aspectos que chama nossa atenção, no sujeito racista, é a força destrutiva que exhibe no ataque ao outro, uma resposta que só poderia nos falar da radical passividade do ego. Fixado na ablução dos seus olhos, fascinado pela sua descoberta dos fragmentos do outro, o sujeito racista é empurrado ao ato de maneira automática e insistente. O desprezo pelo outro, que poderia ser considerado substitutivo do ódio, quando levado à explosão racista, nos mostra um sujeito capturado, “nu e cru”, por uma espécie de corpo estranho atuando nele. Como diz Pontalis (1988), “para expulsar para fora é preciso primeiro ter ingerido. Só se vomita o que se engoliu. Não há corpo estranho senão dentro do próprio corpo” (p. 40). Talvez o ataque racista nos indique intensa vivência de questionamento da permanência do ego, a exposição ao vazio e à angústia, e é isso o que tenta expulsar infrutuosamente. Talvez o sujeito racista só mostre o ato destrutivo pelo outro como substituição do medo ao próprio ato de morte e destruição.

O que poderia ser mais violentamente rejeitado do que um ego infantil enganado em imagens que só refletiram a cara da morte? Estas questões permanecem em aberto a futuros aprofundamentos.

*Ana Maria Guerrero Espinoza*  
Rua Torres Homem, 327, apto. 404  
Vila Isabel,  
CEP 20551070 RJ  
E-mail: amguerrero@pucep.pe

**Marta Rezende Cardoso**  
 Rua Gustavo Sampaio, 710/1805  
 22010-010 RJ  
 Tel: (21) 2543-8630  
 E-mail: rezendecardoso@gmail.com

## Referências

- BAUMAN, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BIRMAN, J. (2005). O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. In: *Physis: revista de saúde coletiva*. Vol. 1 N. 1. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social.
- BOURDIEU, P. (1990). El racismo de la inteligencia. In: \_\_\_\_\_ *Cuestiones de sociología*. Espanha: Editorial Istmo.
- CASTORIADIS, C. (1985). Reflexiones en torno al racismo. In: racismo y mestizaje. Debate feminista. No. 24, año 12, Octubre. México.
- CASTLES, S. (1993). La era migratoria. Cultura, violencia y racismo. In: *Nueva sociedad*, nro.127, septiembre-octubre. Sidney: Universidad de Wollongong, p. 48-59.
- DEBORD, G. (1999). *La cultura del espectáculo*. Espanha: Pre-textos.
- DIO BLEICHMAR, E. (1996). Feminidad/masculinidad. Resistencias en el psicoanálisis al concepto de género. In: M. Burin e E. Dio Bleichmar (comps.), *Género, psicoanálisis, subjetividad*. Buenos Aires: Paidós, p. 100-139.
- FERENCZI, S. (1934). Reflexões sobre o trauma. In: \_\_\_\_\_ *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.109-117 (Obras completas, 4).
- FREUD, Sigmund (1895). Proyecto de psicología. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, vol. 1, p. 323-441.
- FREUD, Sigmund (1919) Lo ominoso. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, vol. 17, p. 215-252.
- FREUD, Sigmund (1923) El ello y el yo. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, vol. 19, p. 1-66.
- FREUD, Sigmund (1930 [1929]) El malestar en la cultura. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, vol. 21, p. 111-140.
- KOLTAL, C. (2008). Racismo: uma questão cada vez mais delicada. *Revista de Sociologia*, n.31 n.47, São Paulo, dez. 2008, p.66-69.
- LANCH, C. (1999). *La cultura del narcisismo*. Espanha: Andrés Bello.
- MONTALIS, J-B (1988). *Perder de vista*. Da fantasia de recuperação do objeto perdido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ROBERT, J. (2006). *La crueldad, práctica deshumanizante*. In: *Clinica Psicoanalítica de las catástrofes sociales*. La experiencia argentina. Eds. D. Anshrot e outros. Buenos Aires: Paidós.
- TEJERA, F. (2000). *Las aristas del racismo*. In: *Racismo ecuatoriano: migrantes e identidades*. Quito: Flacso-Ecuador.
- TOUSSILLON, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: Presses Universitaires de France.
- VERGÉS, M. (2008). *E sobre o racismo, que escutamos?* Texto apresentado no Seminário da SEDE Psicanálise, 2008.
- ZHUROV, T. (1991). *Nosotros y los otros*. México: Siglo XXI.
- DE LAMIL, R. & MANERO, R. (2004). *Aportaciones de la obra social de Freud al estudio de la violencia*. México: Universidad Autónoma de Querétaro.
- VERGÉS, R. (1997). Flujo y éxtasis. *Epistolettres*, N° 16. Junho 1997. Disponível em: <http://www.radmila-zygouris.com/st/livres/pulsions-de-vie/epistolettres/flujo-y-estasis.html>
- VERGÉS, R. (1998). De Alhures ou de Outrora ou Sorriso do Xenófobo. In: KOLTAL, C. (org.) *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, p. 192-214

## DEBATE

A CLÍNICA PSICANALÍTICA DA ANOREXIA E  
DA BULIMIA E A LÓGICA PERVERSA*THE PSYCHOANALYTIC CLINIC OF ANOREXIA AND  
BULIMIA AND THE PERVERSE LOGIC**Maria Helena Fernandes\**

## RESUMO

O objetivo deste artigo é demonstrar que a clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia coloca em evidência a prevalência atual de certos modos de funcionamento psíquico que não só se encontram presentes também em outras patologias como parecem amplamente habitar a cultura contemporânea. Nesses quadros clínicos, os mecanismos da recusa e da clivagem ocupam lugar de destaque evocando, assim, a prevalência da lógica perversa nas formas de expressão do sofrimento atual.

\*Doutora em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris VII, atualmente pelo Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina. Foi professora do Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae e autora de *Le hypochondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du corps* (Presses Universitaires du Septentrion, 1999), *Corpo* (Casa do Psicólogo, 2003) e *Alimentares: anorexia e bulimia* (Casa do Psicólogo, 2006).

**Palavras-chave:** anorexia/bulimia, lógica perversa, recusa, clivagem ideal.

**Abstract:**

*The purpose of this article is to demonstrate that the psychoanalytic clinic of anorexia and bulimia highlights the current prevalence of certain modes of psychic functioning that not only are also present in other pathologies as they seem largely to inhabit the contemporary culture. In these clinical conditions, the mechanisms of disavowal and splitting occupy a prominent place evoking thus the prevalence of the perverse logic in the forms of expression of present time suffering.*

**Keywords:** anorexia / bulimia, perverse logic, disavowal, splitting, ideal.

Quando o artista plástico Alexander Calder (1966), o que descreve a criação artística “é a disparidade na forma, na cor, no peso e no movimento... É a ruptura aparente da unidade que o artista domina que faz ou destrói uma obra” (p. 52). Se a descrição psicanalítica a lição de Calder, poderíamos pensar que a nossa clínica cotidiana implica certamente criar um diálogo com a estranheza das disparidades, ruptura com a unidade aparente das formas clínicas e também dos discursos que sustentam.

É nesse diálogo que coloca a clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia a desafiar a capacidade inventiva dos analistas e sua disposição para entrarem em contato com a estranheza das formas. É essa disponibilidade que lhes permite construir um diálogo que lhes é familiar, a fim de que possam questionar a validade do próprio discurso psicanalítico. Sendo assim, não basta estudar a riqueza dessa clínica na sua potencialidade de fazer perguntas e levantar hipóteses a respeito também das formas de mal-estar contemporâneo.

Quando o aumento da incidência da anorexia e da bulimia a nível global, sabemos que ambas são quadros clínicos descritos em todo o mundo, mais importante do que a tentativa ingênua de buscar uma causalidade fundada na cultura, é a constatação da existência dessas patologias no mundo todo, o que coloca em evidência os efeitos da globalização. O mal-estar decorrente da perda da diversidade e da homogeneização da cultura, através de uma espécie

de ocidentalização do mundo, encontra nesses quadros clínicos uma de suas formas de expressão, entre outras tantas. Talvez uma forma privilegiada, por engajar diretamente o corpo, alvo dos ideais de completude e perfeição veiculados na contemporaneidade.

Ao explorar as questões teóricas colocadas pela psicopatologia contemporânea, Mario Fuks (2000) evoca a figura clínica da anorexia, e salienta:

A entrada em anorexia terá como objetivo buscar um ideal absoluto e hipnotizante que impõe o triunfo da imagem sobre a percepção. É a partir daí que ela passa a ser quem dá as cartas: triunfa sobre a necessidade alimentar, a sexualidade e as regras da moderação. Forçada a comer, o desespero será dos outros. Alcoólatras, toxicômanos e alguns perversos ficam fora do alcance da angústia com o mesmo recurso (FUKS, 2000, p. 209).

A partir daí, o autor continua destacando, ainda, o enfraquecimento da alteridade e seus efeitos na dimensão temporal e afetiva da experiência do sujeito contemporâneo:

História, temporalidade e projeto, como mediação simbólica e regulação narcísica, desaparecem. As relações amorosas tendem a ser superficiais e passageiras, com pouca tendência a transformarem-se em verdadeiros vínculos. Os afetos são tênues, sem enigmas nem dramas. (...) Não havendo perda, mas substituição, também faltam a nostalgia e o reencontro. Não se cultiva a memória nem se dá lugar ao luto (FUKS, 2000, p. 209).

Tudo isso nos parece familiar na clínica cotidiana, sobretudo com adolescentes e jovens. A aceleração desmedida do tempo parece levar a um apagamento da ideia de futuro; o tempo é hoje, não tem amanhã. Assim, os valores e conceitos se tornam relativos, evidenciando o que vem sendo descrito como a quebra das grandes narrativas, dos discursos capazes de costurar a história na sustentação da esperança.<sup>5</sup>

No que se refere particularmente às jovens bulímicas, não se pode deixar de notar que, diante da angústia despertada pelas

<sup>5</sup> A respeito da multiplicidade de narrativas dominantes na contemporaneidade e seus efeitos na clínica psicanalítica, remeto o leitor ao artigo de Mara Caffé “O padre-nosso da psicanálise” (2012).

contradições e solicitações próprias da adolescência e da existência de um modo geral, o ato bulímico muitas vezes aparece privando, em muitos diversos, a atividade psíquica do espaço interno ao pensamento, ao afeto e à reflexão, que é sua condição de possibilidade. O regime da apênia e a intolerância para com as exigências da realidade parecem apontar para uma espécie de abolição da temporalidade, abrigo do desejo, das contradições e das interdições. Desse modo, ganham lugar de destaque os mecanismos da recusa e evitamento do pensamento reflexivo.

Esse declínio da interioridade com o concomitante privilégio da exterioridade, conferindo à imagem um papel central na atualidade, vem sendo amplamente assinalado. O que parece interessar agora, afirma Joel Birman, “é a estetização da existência e a inflação do eu, que promovem uma ética oposta à do sofrimento” (BIRMAN, 2001, p. 249). A meu ver, essa cultura do evitamento da dor indica uma espécie de precariedade da atividade psíquica, na qual o espaço para a reflexão sobre o sofrimento encontrava abrigo e possibilidade de elaboração. No lugar dessa reflexão, observa-se atualmente um movimento constante de superação imediata de todo sofrimento, como se as marcas das dores da vida não pudessem mais encontrar espaço psíquica, ficando destinadas a uma inscrição corporal (FERNANDES, 2009).

Em um trabalho anterior, enfatizei a centralidade da questão do tempo e dos ideais e sua relação com a alimentação na psicopatologia da atualidade. Nessa ocasião defendi a hipótese de que a preocupação com a alimentação havia se convertido no fetiche privilegiado do controle do corpo na contemporaneidade. É o corpo fetichizado que parece funcionar de estandarte ao projeto higienizador e totalitário de controle da existência humana na atualidade. Conforme ressaltou Hannah Arendt (1969), uma das formas do totalitarismo é a tentativa de automatizar e disciplinar a existência humana. Ora, atualmente, tudo precisa ser cuidadosamente controlado, inclusive o afeto e o tempo. Com a hegemonia da economia neoliberal, a lógica da exterioridade vem responder à exigência de eficácia mercadológica; o sujeito contemporâneo é aquele que não se deixa perturbar pelos seus afetos e vive cada dia produtivamente seu tempo. Talvez não seja mero acaso que a psicopatologia contemporânea é justamente o eixo controle-

descontrole que caracteriza a prevalência da lógica perversa nas formas de apresentação do sofrimento atual. Isso é evidente na anorexia e na bulimia, nas toxicomanias, na síndrome do pânico, nos transtornos obsessivo-compulsivos e também na variedade das condutas impulsivas (FERNANDES, 2011).

Esses assinalamentos, que apontam mudanças significativas no modo de subjetivação vigente na atualidade, corroboram o que vem sendo observado pelos psicanalistas em sua clínica cotidiana. Ora, se a assustadora expansão da bulimia entre nossas jovens adolescentes causou alarde dentro e fora dos meios especializados, parece ser particularmente a figura clínica da anorexia aquela que continua servindo, de forma exemplar, para refletir a imagem do sofrimento contemporâneo, talvez por colocar em evidência, simultaneamente, a tentativa de recusa da alteridade, da morte e do tempo.

Sendo assim, o meu objetivo neste artigo é demonstrar que a clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia coloca em evidência a prevalência atual de certos modos de funcionamento psíquico que não só se encontram presentes também em outras patologias como parecem amplamente habitar a cultura contemporânea. Desse modo, pretendo salientar a seguir que nesses quadros clínicos observamos que os mecanismos da recusa e da clivagem ocupam lugar de destaque evocando, assim, a prevalência da *lógica perversa* nas formas de expressão do sofrimento atual.

### O corpo fetiche e a recusa

A palavra *anorexia*, evocando ausência de desejo e de apetite, parece conter, em si mesma, o paradoxo colocado em evidência pelo quadro clínico que designa. Se o que a jovem anoréxica mostra é a recusa em alimentar-se, isso não quer dizer que não exista vontade de comer ou mesmo que essa recusa deva-se a uma ausência de desejo. Ora, o que a clínica psicanalítica não cansa de nos ensinar é justamente que essa recusa esconde um desejo que, pela sua intensidade e pela ambiguidade que desperta, só pode ser administrado por uma vontade obstinada de recusá-lo.

De fato, a obstinada recusa alimentar das anoréxicas, acompanhada da insistente recusa das transformações do corpo produzidas pelo emagrecimento, não deixa passar despercebido, especialmente nos casos mais graves, que algo escapa aos mecanismos normalmente conhecidos na neurose. Esse inquietante *algo mais*, esse *aliquid da neurose*, tem sido reconhecido por vários autores que assinalam a qualidade perversa presente na organização do funcionamento típico dessas jovens.

Paul-Laurent Assoun (1995) assinala que a anoréxica deixa o analista perplexo porque ela é justamente aquela que sabe o que quer, o melhor, é a encarnação mesmo de uma escolha – a escolha de não comer. Uma escolha que se apoia sobre a recusa das necessidades do corpo. Segundo Assoun, é essa “forma particular de *Verleugnung*” que dá a essa estrutura neurótica sua coloração perversa” (ASSOUN, 1995, p. 135).

Philippe Jeammet também vai nessa direção e, ao referir-se à bulimia, fala em “arranjo perverso” (JEAMMET, 1991, p. 98). É interessante notar que não se trata de uma estrutura perversa estável, mas de um arranjo defensivo secundário. Diferentemente da perversão, aqui o papel da angústia de castração é determinante, nesse arranjo a angústia de castração cede lugar à angústia de separação, com uma oscilação entre abandono e intrusão.

Mais tarde, referindo-se à anorexia e à bulimia, Ph. Jeammet destaca a dimensão adictiva presente nesse arranjo perverso e afirma ainda que

... uma das facetas deste arranjo perverso é sua propensão a sobreinvestir todo o domínio das sensações ligadas à sua floridade, ao contato das superfícies, em oposição ao domínio das emoções, da troca afetiva e da internalização dos vínculos, que é, dessa forma, contornado (JEAMMET, 1999, p. 40-41, grifos meus).

Ph. Jeammet verá nessa “cultura da sensação” uma tentativa das jovens de se proteger do vazio interno e do risco de perda de si. Isso nos permite compreender melhor a busca ativa de sensações, principalmente a de cansaço, provocada pelo excesso de atividades motoras, que se observa frequentemente nessas jovens.



E. Kestemberg, J. Kestemberg e S. Decobert, por sua vez, ao se apoiarem nos conceitos freudianos para compreender a perversão, particularmente a partir do estudo sobre o fetichismo, salientam que o que lhes chama a atenção nesses casos é a impossibilidade de elaboração da angústia de castração, em que o mecanismo da recusa parece incidir sobre o próprio corpo do sujeito. É assim o corpo próprio que é elevado à categoria de fetiche. A realidade recusada, insistem os autores, “*não é tanto a realidade exterior – (tal como é classicamente descrito como específico da psicose) –, mas a realidade do próprio corpo*” (E. KESTEMBERG et al., 1998, p.190, grifos meus). Fica evidente, então, que a recusa do corpo assume não somente um lugar de destaque nessas patologias, mas também permite estabelecer aqui uma fronteira com a psicose. Esses autores definem, com precisão, que não se trata de uma recusa da realidade exterior; não há delírio nem alucinação ricamente estruturados, como estamos acostumados a ver na psicose. Trata-se de *uma recusa da realidade do próprio corpo* – seu tamanho, sua forma, sua espessura, sua imagem – bem como de suas necessidades e seus desejos.

Lembremos que Freud, quando se debruçou sobre o problema do fetichismo, em 1927, utilizou a palavra *Verleugnung* (recusa) para caracterizar essa posição defensiva do ego que consiste em recusar-se a reconhecer a realidade de uma percepção considerada traumatizante, particularmente a da ausência de pênis na mãe. Assim, a recusa no sentido freudiano se apresenta como recusa da realidade e carrega a ideia de uma clivagem do ego.

Em outras ocasiões, explorando a noção de recusa no texto de Freud, salientei que A. Bourguignon e A. Manus (1980) discutem a pertinência da tradução de *Verleugnung* por recusa salientando que alguns preferem a palavra *desmentido* (*désaveu*), alinhando-se, portanto, à tradução inglesa *disavowal* (p. 135). Segundo esses autores, Freud (1914/1995), no texto sobre o narcisismo, utiliza a palavra *recusa* pela primeira vez para se referir à relação entre a atitude dos pais, que consiste em esconder e esquecer todas as falhas ou defeitos da criança, e a recusa neles da sexualidade infantil (p. 96). Segundo J. Laplanche e J.-B. Pontalis (1967/1990), é somente a partir de 1924 que Freud começa a empregar o termo *recusa* em um sentido suficientemente

específico (p. 115). Não obstante, A. Bourguignon e A. Manus (1980) assinalam a presença desse sentido específico já em 1916-1917, nos textos de *Introdução à psicanálise* e em *Complemento metapsicológico à teoria do sonho* (FERNANDES, 1999; 2006).

Como se pode ver, a noção de recusa está longe de ser unívoca, ainda que tenha como traço comum a ideia de uma clivagem do ego. Mas, em seu texto sobre o *Fetichismo* (1927/1991) e no *Esboço de uma análise* (1940/1992), Freud expõe de maneira mais aprofundada sua concepção da recusa referindo-se à castração, o que interessa fundamentalmente à psicose e à perversão. Convém talvez aqui diferenciar o mecanismo da recusa (*Verleugnung*) da denegação ou negação (*Verneinung*). No mecanismo da recusa, não se trata de eliminar uma apresentação incômoda recusando-se a reconhecê-la como dizendo respeito ao sujeito (como é o caso no mecanismo da denegação ou negação), mas negando *a realidade mesma da percepção* ligada a essa apresentação.

### A recusa da realidade humana e a clivagem

Após essa breve digressão para melhor compreender a natureza do mecanismo da recusa em Freud, voltemos a acompanhar E. Kestemberg et al. (1998). Eles assinalam também que, nesses casos, há sempre a presença de um ideal do ego sempre distante e projetado para fora, sugerindo assim uma manipulação fetichista de si mesmo, de si e de seu próprio corpo. Eles escrevem:

De fato é a realidade do próprio sujeito, *no que ela tem de animal, no que ela tem de erótica, no que ela tem de humana*, que é negada por esses adolescentes em uma megalomania fútil e explícita sobre forma de representação delirante, sendo totalmente atuante no seio de *um fetichismo singular*. Uma clivagem particular do ego permite manter o princípio de realidade em um setor privilegiado no qual ele funciona de uma maneira praticamente perfeita (atividades cognitivas), mas é rejeitado quando se trata de demandas pulsionais, de fantasmas, que permanecem mal integrados e mal aceitos (E. KESTEMBERG et al., 1998, p. 191, grifos meus).

Essa clivagem particular do ego – que só faz fracassar o princípio de realidade diante da realidade do próprio corpo – é marcadamente observável nessas jovens. Frequentemente são descritas como filhas ideais, estudiosas e bem comportadas; nunca tinham dado trabalho aos pais, até que pararam de comer. Ao recusar o alimento, o primeiro dom oferecido pela mãe, essas jovens parecem se situar *além da necessidade*. A recusa da realidade do corpo – que, em outra ocasião traduzi como um *corpo em negativo, corpo recusado* – é o estandarte de uma recusa a toda e qualquer possibilidade de necessitar do outro (FERNANDES, 2010).

Tal pavor de depender do outro só pode ser enfrentado mediante uma recusa da realidade humana do sujeito propriamente dito, isto é, de suas necessidades e de sua vulnerabilidade. É assim que se pode compreender o aparente paradoxo entre o êxito dessas meninas no campo da exterioridade (atividades escolares, obediência aos pais e às leis etc.) e o fracasso delas no domínio da interioridade, isto é, as dificuldades que apresentam para administrar as demandas afetivo-relacionais e pulsionais próprias da adolescência. Fica evidente, assim, o empobrecimento da vida psíquica e a marcada dificuldade de contato com a subjetividade (FERNANDES, 2012).

Valérie Valère – a jovem francesa que se tornou célebre após ter escrito um livro em que conta a experiência de seu tratamento para a anorexia – expressa essa recusa da realidade humana de forma contundente:

Não se pode de um dia para o outro não conhecer mais a fome, não ter mais necessidade de nada, isso é falso! Trata-se de um treinamento, um objetivo: não ser mais como os outros, não ser mais escrava dessa exigência material, não mais sentir essa sensação de completude na barriga (...). Eu tenho a impressão que essa regra leva a um outro mundo, límpido, sem dejetos, sem imundices, ninguém se mata porque ninguém come (VALÈRE, 1978, p. 112).

A ordem subversiva e indomável das anoréxicas parece evocar um mundo sem morte, isto é, sem corte, sem separação, sem conflito, sem diferença. Um mundo onde ninguém se mata porque todos já são imortais e, como os Deuses do Olimpo, não precisam de comida. Nessa perspectiva é a dimensão da morte que desaparece.

Isso nos permite compreender que essas jovens, ao levar a manijação à beira da morte, não estão querendo se matar, como frequentemente é assinalado. Porém, nessa obstinada recusa da morte, elas podem efetivamente morrer, pois é a realidade do próprio sujeito, *porque ela tem de mortal, de erótica e, enfim, de humana*, que é recusada como tal. O misto de fascínio e horror que exercem as anoréxicas poderia ser pensado como uma espécie de reação contratransferencial perante nossa dificuldade diante da própria morte, isto é, diante de nossas angústias de separação e de castração (FERNANDES, 2009).

A recusa da realidade humana, no que ela tem de mortal e erótica, sugere que a anorexia abrigaria, assim, um fantasma de indestrutibilidade do corpo, como se o sujeito se recusasse a ver-se como vulnerável. Nesse sentido, o sentimento de onipotência e a recusa da realidade do corpo próprio parecem manter entre si relações estreitas, combinando-se a um ego ideal bastante poderoso que leva o sujeito a continuar mantendo-se na ilusão de um corpo inatingível, simultaneamente à morte e ao tempo.

Não posso deixar de insistir aqui, como já fiz em outras ocasiões, sobre a importância de certos fenômenos de recusa da realidade do corpo próprio que são muito frequentes na *psicopatologia do corpo na vida cotidiana* de nossos pacientes. Não temos o hábito de refletir dessa forma cada vez que nos submetemos a um tratamento médico até o fim ou ainda quando nos expomos a pequenos riscos no cotidiano. Para que possamos nos relacionar com o próprio corpo, é preciso que sejamos capazes de nos reconhecer como vulneráveis, submetidos à ordem da natureza humana, regida pelo tempo e pela morte. É preciso que possamos imaginar que esse corpo inatingível e, no mais das vezes, adoece. O que está em jogo é a dimensão de finitude do sujeito, que evidentemente está em conflito com a castração, com a possibilidade de aceitar a realidade das limitações do corpo. Se a limitação da potência corporal faz com que o sujeito se torne condição de doente, ela também faz parte da realidade do sujeito, constituindo, assim, algo comum a toda existência humana (FERNANDES, 2002).

Na clínica da anorexia e da bulimia a impossibilidade de lidar com a castração, conforme salientam E. Kestemberg et al. (1998),

assinala que a recusa incide aqui sobre *o próprio corpo do sujeito*; é nessa recusa da realidade do corpo que se evidencia, simultaneamente, a recusa da morte e do tempo. Essa fusão com o ideal parece assinalar também a tentativa de recusa da alteridade e seus efeitos sobre o destino do sujeito. A meu ver, a recusa da realidade do corpo próprio nessas jovens abriga, na verdade, *uma tripla recusa: da morte, do tempo e do outro*.

A partir da observação de determinados mecanismos presentes em pacientes perversos, Flávio Ferraz (2005) formula a noção de *recusa do tempo*, cuja operacionalidade clínica nos ajuda a melhor compreender, não apenas a dimensão dessa recusa nos casos de anorexia e bulimia, mas também em diversos outros quadros psicopatológicos (*borderline*, psicoses em geral, autismo, síndrome do pânico e em todos os casos em que a angústia desempenha papel preponderante). Além disso, Ferraz salienta que “o fator tempo está no âmago da angústia humana em geral” (FERRAZ, 2005, p.71) e enfatiza as vicissitudes dessa *recusa do tempo* presentes na cultura contemporânea e sua instigante relação com o corpo e, conseqüentemente, com a temática do envelhecimento.

Essas considerações teórico-clínicas servem aqui à minha intenção de demonstrar, conforme assinalei, que a clínica da anorexia e da bulimia coloca em evidência a prevalência atual de certos modos de funcionamento psíquico que não só se encontram presentes também em outras patologias, como parecem amplamente habitar a cultura contemporânea.

Sendo assim, essas constatações me permitem avançar a hipótese de que o corpo idealizado, elevado à categoria de fetiche, parece atualmente servir, de forma privilegiada, como alvo do ideal de completude e perfeição veiculado na contemporaneidade. Abrigando o fantasma de indestrutibilidade do corpo, é o terror do envelhecimento e da morte o negativo que sustenta a lógica perversa do culto ao corpo e à imagem, em que aquilo que se recusa parece ser justamente a vulnerabilidade inerente à existência humana. Vejamos, então, a seguir, os elementos conceituais que nos permitem lidar, na clínica psicanalítica, com a emergência dessa *lógica perversa*.

### Lógica perversa: quem do recalçamento

Não resta dúvida que a exigência de modificação teórica que se apresenta no texto *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920/1981) é, em grande parte, resultado dos impasses que a clínica colocava diariamente ao terapeuta Freud. Tais impasses se expressavam através de fatos clínicos que colocavam em xeque o funcionamento mesmo do princípio de prazer. Se até os anos 20 esse princípio encontrava-se na base do funcionamento psíquico, há que se considerar que as modificações teóricas inauguradas com a introdução da pulsão de morte que coloca em cena um outro princípio operante no funcionamento psíquico, o princípio de Nirvana – abrem o caminho para abordar os enigmas teórico-clínicos colocados em evidência pela lógica da indestrutibilidade. Uma destrutividade que pode vir de dentro, do interior do próprio sujeito.

Além disso, costuma-se enfatizar que desde 1914 o modelo da representação começa a ser questionado no interior da teoria freudiana, e isso só é consumado a partir de 1920, com a entrada da pulsão de morte e da compulsão à repetição. De fato, a partir dos anos 20, a evolução dos modelos teóricos freudianos vai enfatizar os processos de descarga da excitação, o que implica a ampliação das funções do aparelho psíquico. Será função desse aparelho lidar com os aspectos qualitativos e quantitativos da carga de estímulos que o mundo oferece, sendo capaz de adiar a busca da satisfação, o que supõe ser capaz, ainda, de tolerar uma certa dose de desprazer. Essas funções não poderão se restringir ao registro da representação, o que necessariamente abre as possibilidades de funcionamento do aparelho psíquico para além da lógica do recalçamento. Vê-se aí toda a amplitude da abertura que se processou na construção freudiana.

A esse respeito A. Green (1999) salienta: “... a partir do momento em que Freud introduz o modelo do agir, da descarga, da repetição, o modelo ato vai entrar na psicanálise, como ameaça para a elaboração do ato” (p. 44). Mais adiante, Green continua:

... e nós compreendemos aí também a considerável mudança que interveio no aparelho psíquico. Este não é um aparelho que simplesmente elabora, não é um aparelho que se

contenta em recalcar, porque recalcar é conservar. Ele é também um aparelho que, pela recusa, pela forclusão, pela clivagem, evacua, elimina e, dessa forma, automutila-se. E se o analista não está consciente disso, ele pode passar anos e anos, na sua poltrona, a escutar um analisando sem se dar conta do que se passa, quer dizer, sem fazer nada (GREEN, 1999, p. 44).

Observa-se, de fato, em nossas jovens anoréxicas e bulímicas a tendência à repetição, à desorganização do ego e à ação, o que nos coloca necessariamente diante dos limites do modelo metapsicológico da representação (FERNANDES, 2006).

Insistindo em sua argumentação, nesse mesmo texto A. Green (1999) escreve:

Quando Freud fala do id, não é mais feita nenhuma alusão a uma atividade representativa de nenhuma espécie. Dito de um outro modo, nada no conceito de id corresponde à idéia de conteúdo. É uma revolução, porque se a moção pulsional vem substituir a representação, é claro que não se pode mais se referir ao desejo. Precisamente porque a moção pulsional remete à descarga cega e irremediável com o objetivo de aliviar o aparelho psíquico, o que não se refere ao prazer, mas a salvar o aparelho psíquico minimamente a ligação psíquica primária (GREEN, 1999, p. 52).

E continua: “O que se vê então aparecer nessa ocasião é que a representação, contrariamente ao sistema anterior, não é mais dada como certa, ela é o resultado de um trabalho. É bem isso que nos ensina a clínica contemporânea” (*loc. cit.*). Isso exige do analista um verdadeiro trabalho de *nominação/ligação*: essa colocação em palavras que reenvia sempre a alguma outra, criando dessa forma uma cadeia associativa que visa ligar os elementos do discurso em um verdadeiro trabalho de *construção de sentidos* (FERNANDES, 2003).

Continuando a se referir às modificações produzidas neste período da obra freudiana, A. Green (1999) ressalta ainda que, particularmente com o artigo sobre o feticismo, Freud (1927/1991) opera uma mudança do modelo da neurose para o modelo da perversão. Em um primeiro momento, ele vai se interessar pela relação entre a

neurose e a perversão – nesse momento, a neurose é descrita como o negativo da perversão –, para, em seguida, debruçar-se sobre a relação entre a neurose e a psicose. Green insiste que, embora esse artigo sobre o feticismo diga respeito às perversões sexuais, a novidade é a descrição da recusa e da clivagem como mecanismos do ego. O feticismo assinala a coexistência de dois mecanismos, um negando o que é percebido e outro reconhecendo a percepção. Os dois julgamentos coexistem, um não anula o outro. De fato, no *Esboço de Psicanálise*, Freud (1940/1992) retoma mais uma vez o feticismo para enfatizar que o ego, para se defender de um perigo, recusa uma parte do mundo exterior ou mesmo afasta uma exigência pulsional interior. O ego, para se defender, divide-se, sofre fissuras. Por causa de suas origens, ficará sempre à mercê de suas primeiras diferenciações, o que recoloca a questão das relações do ego com o objeto.

Constatamos assim que as mudanças operadas por Freud no interior mesmo da sua construção teórica, permitem uma ampliação do campo psicanalítico para além da neurose e da representação, que encontravam expressão na hegemonia do recalçamento. A progressiva modificação por parte de Freud dos mecanismos da recusa e da clivagem abre todo um campo de possibilidades para se acolher no interior da metapsicologia e, conseqüentemente, da clínica psicanalítica, outras possibilidades de funcionamento psíquico.

Assim como nos ensina a clínica da anorexia e da bulimia, não se pode pensar que atualmente mais do que o modelo da neurose, seja o modelo da perversão aquele que, ao colocar em evidência a ligação psíquica aquém do recalçamento e da representação, pode nos ajudar a compreender melhor os desdobramentos subjetivos decorrentes da multiplicidade das transformações evidenciadas nos últimos tempos na clínica contemporânea. Conforme vimos, é justamente no texto de Freud sobre o feticismo, de 1927, que o mecanismo da recusa da castração encontra o centro da cena, juntamente com a clivagem do ego.<sup>6</sup> Ora, não se pode deixar de notar que na clínica contemporânea esses mecanismos ocupam um lugar de destaque nas estratégias empregadas para se lidar com a fome e a ingestão – o afeto dominante de nossa época.

<sup>6</sup> Sobre a clivagem, remeto o leitor também ao texto de Freud “Le clivage du moi dans le développement de la névrose” (1938/1995).

Obviamente que evocar aqui a *lógica perversa* não quer dizer que atualmente em nossas sociedades ocidentais estamos diante de um conjunto de sujeitos perversos, mas tão somente que a configuração do social favorece atualmente o amplo recurso aos mecanismos da recusa e da clivagem, descritos por Freud como típicos da perversão. Indo nesta direção, Jean-Pierre Lebrun (2007), fala de “perversão ordinária” e sugere: “Freud conseguiu no século XX a operação que consistia, no fim das contas, em tornar a neurose normal. Não deveríamos, forçados pelo remanejamento do laço social a que temos assistido, fazer o mesmo com a perversão?” (LEBRUN, 2007, p. 336).

Isto tem, sem dúvida, consequências clínicas, a principal delas se refere diretamente à transferência. A recusa da alteridade, tão claramente observada na clínica da anorexia e da bulimia, parece também presente em várias outras situações clínicas, como se a dimensão transferencial do sujeito estivesse atualmente mais ou menos recusada. Faz-se necessário, então, um verdadeiro trabalho de constituição do lugar da transferência, como diz Lebrun, trata-se “simplesmente de um modo de dirigir a cura que leve em conta o regime de evitamento da subjetivação no qual se inscreve o sujeito contemporâneo” (LEBRUN, 2007, p. 406). É a subjetividade do analista que é convocada, através da sua presença, a criar as condições de possibilidade para a emergência da transferência como reduto possível de subjetivação.

Assim, a situação analítica pode surgir como o espaço privado de acolhimento da interioridade, lugar privilegiado, capaz de funcionar permitindo resgatar fragmentos, juntar pedaços, criar sentidos, inventar formas, liberando a atividade fantasmática das suas modalidades defensivas, que parecem, hoje em dia, cada vez mais dar lugar privilegiado às experiências e sensações corporais. O atendimento das jovens anoréxicas e bulímicas nos revela o caminhar incontornável pelas sensações corporais, no início descritas e investidas como material de análise que nós, analistas, precisamos nos habituar a ouvir sem preconceitos. É essa disponibilidade de escuta que vai permitir uma passagem desse *corpo recusado* a um *corpo libidinizado*, investido pela presença e pela palavra do analista (FERNANDES, 2010).

Essas jovens solicitam de nós uma capacidade para habitar o vazio e a incompletude, transitar pacientemente entre a *vulnerabilidade* e a *ternura*, além de uma disposição psíquica para, criativamente, construir teorias ficcionais que, alimentando nossa capacidade de continuar pensando, nos permitem resistir à travessia do deserto. Com elas somos confrontados à necessidade de gerenciar as angústias de intrusão, de esfacelamento, de desmoronamento e do vazio e, ainda, à necessidade de levar em conta, ao mesmo tempo, *o corpo e a palavra no manejo da relação transferencial*.

### A guisa de conclusão: além do princípio do prazer

Se não se trata aqui de atribuir à anorexia e à bulimia uma causalidade cultural, uma vez que parece estar clara a multifatorialidade etiológica dessas patologias, trata-se, no entanto de tentar entender de que modo a cultura contemporânea atua como favorecedora e mantenedora de certos modos de funcionamento psíquico, privilegiando a emergência de determinadas patologias e não de outras.

Ora, a clínica psicanalítica reflete de forma exemplar que as mudanças recentes em nossa sociedade parecem impor novos destinos pulsionais, interferindo diretamente em nossa economia libidinal. Assim, parecem favorecer a emergência de patologias que colocam em evidência a lógica do além do princípio do prazer, que ultrapassa em muito o modelo da neurose. Sem dúvida, a clínica psicanalítica da anorexia e da bulimia salienta de forma exemplar a amplitude dessa lógica. As astuciosas manobras empregadas por nossas jovens anoréxicas e bulímicas para manter o corpo sob controle parecem indicar justamente que a vida pulsional acaba se constituindo como uma ameaça para o ego.

Se o destaque atribuído atualmente à anorexia e à bulimia sinaliza hoje uma das formas de expressão do mal-estar contemporâneo, foi a teoria freudiana que me serviu de base para assinalar que ele traz consigo a marca indelével do pulsional. A indeterminação e a variabilidade dos objetos e destinos da pulsão apontam que a constituição do sujeito não se organiza por vias previamente fixadas.

A diversidade de soluções e de caminhos possíveis lança o sujeito no desamparo das incertezas, na ausência de *scripts*, exigindo dele a vivacidade e criatividade necessárias para inventar trilhas, atalhos, estradas, em direção a sua busca de satisfação, sabendo, no entanto, da impossibilidade de alcançá-la.

Nessas condições, o trabalho analítico funciona também como o espaço mesmo de acolhimento do novo e da repetição que, diferentemente do sintoma, pode mobilizar um tempo instaurador de novas ligações. Um tempo através do qual se produzem mudanças nas posições subjetivas tanto do analista quanto do analisando, embora certamente de modo diferente para cada um deles. Sendo assim, não se pode deixar de salientar, ainda, aqui, que um dos obstáculos à escuta do analista é sua representação idealizada dos modelos teóricos disponíveis, isto é, seu anseio de se conduzir conforme o modelo escolhido. *É a adesão idealizada do analista à teoria que o impede de recriá-la através da sua escuta. Se o analista cola na teoria, esta deixa de ter sua ficcionalidade instrumental*, perdendo, como enfatizou P. Fédida (1978), “a função de ser metáfora em constante trabalho e tecnicamente articulante da vida psíquica na cura” (p. 319).

Se a abordagem psicanalítica da anorexia e da bulimia permite constatar a complexidade teórico-clínica que as constitui, permite também o reconhecimento incontestável de que se trata de processos psíquicos que solicitam a *criatividade* dos analistas para abrir possibilidades de construção e reconstrução de sentidos na experiência subjetiva dessas jovens. Apesar das dificuldades e dos muitos desafios, o cotidiano do trabalho analítico com elas permite salientar aquilo que nos interessa – *a insistente singularidade de seu sofrimento* – e o que jamais deixa de nos encantar – *a irreduzível imprevisibilidade do humano*. São, portanto, esses dois aspectos que, enfatizando a especificidade do olhar da psicanálise para as formas de expressão psicopatológica do mal-estar contemporâneo, sustentam a fecundidade inerente à escuta analítica e permitem encarar com esperança o delicado trabalho que exige a nossa clínica contemporânea.

O senhor mire e veja, o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam.

Fala do personagem Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1986)

**Maria Helena Fernandes**

Rua Dr. Diogo de Faria n.º 1087, cj. 208

CEP: 04037-030, São Paulo-SP.

Fone: (11) 50833892

E-mail: fernandes.mh@terra.com.br

## Referências

- BRINDT, H. *A condição humana*. Rio/São Paulo: Forense Universitária, 1991.
- ANSSOUN, P.-L. *Freud et la femme*. Paris: Payot et Rivages, 1995.
- BORMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BURGIGNON, A. ; MANUS, A. Hallucination négative, déni de la réalité et scotomisation. *Annales médico-psychologiques*, 138(2):129-153, 1990.
- CAIFFÉ, M. O padre-nosso da psicanálise. In: FERRAZ, F.C.; FUKS, M.; ALONSO, S.L. (Org.) *Psicanálise em trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 209-227.
- ALDER, A. *Autobiography*. New York: Pantheon Books, 1966.
- FÉDIDA, P. Topiques de la théorie. In: \_\_\_\_\_ *L'absence*. Paris: Gallimard, 1978.
- FERNANDES, M. H. *L'hypocondrie du rêve et le silence des organes: une clinique psychanalytique du somatique*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1999.

- \_\_\_\_\_. A hipocondria do sonho e o silêncio dos órgãos: o corpo na clínica psicanalítica. In: AISENSTEIN, M.; FINE, A.; PRAGIER, G. (Orgs.) *Hipocondria*. São Paulo: Escuta, 2002. p. 173-192.
- \_\_\_\_\_. *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Transtornos Alimentares: anorexia e bulimia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- \_\_\_\_\_. Le corps fétiche: La clinique miroir de la culture. In: GASPARD, J.-L.; DOUCET, C. (Org.) *Pratiques et usages du corps dans notre modernité*. Toulouse: Érès, 2009. p. 117-127.
- \_\_\_\_\_. O corpo recusado na anorexia e o corpo estranho na bulimia. In: GONZAGA, A. P.; WEINBERG, C. Weinberg (Org.) *Psicanálise de transtornos alimentares*. São Paulo: Primavera, 2010. p. 39-69.
- \_\_\_\_\_. O corpo e os ideais na clínica contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: Órgão Oficial da Federação Brasileira de Psicanálise, v.45, n.4, p. 43-55, 2011.
- \_\_\_\_\_. Mãe e filha... uma relação tão delicada... In: MARRACCINI, E. M.; FERNANDES, M. H.; CARDOSO, M. R.; RABELLO, S. (Orgs.) *Limites de Eros*. São Paulo: Primavera, 2012. p. 87-119.
- FERRAZ, F. C. *Tempo e ato na perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- FREUD, S. (1995). Pour introduire le narcissisme. In: *La vie sexuelle*. Paris: PUF, p. 81-105. (Trabalho original publicado em 1914).
- \_\_\_\_\_. (1961). *Introduction à la psychanalyse*. Paris: Payot. (Obra original publicada em 1916-1917).
- \_\_\_\_\_. (1988) Complément métapsychologique à la doctrine du rêve. In: *Oeuvres Complètes*. Paris: PUF, v.13, p. 245-258. (Trabalho original publicado em 1917).
- \_\_\_\_\_. (1981) Au-delà du principe de plaisir. In: \_\_\_\_\_ *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, p. 43-115. (Trabalho original publicado em 1920).
- \_\_\_\_\_. Fétichisme. In: \_\_\_\_\_ *Oeuvres Complètes*. Paris: PUF, v. 18, p. 125-131. (Trabalho original publicado em 1927).
- \_\_\_\_\_. (1995). Le clivage du moi dans le processus de défense. In: \_\_\_\_\_ *Résultats, idées, problèmes II*. Paris: PUF, p. 282-286. (Trabalho original publicado em 1938).

- \_\_\_\_\_. (1992). *Abrégé de psychanalyse*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1940).
- FUKS, M.P. Questões teóricas na psicopatologia contemporânea. In: FUKS, M.P.; FERRAZ, F.C. (Org.) *A clínica conta histórias*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 201-216.
- GREEN, A. Genèse et situation des états limites. In: ANDRÉ, J. (Org.) *Les états limites*. Paris: PUF, 1999. p. 23-68.
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HAMMET, Ph. (1999). A abordagem psicanalítica dos transtornos das condutas alimentares. In R. Urribarri (org.) *Anorexia e bulimia*. São Paulo: Escuta, p. 29-49.
- \_\_\_\_\_. Dysrégulations narcissiques et objectales dans la boulimie. In: BRUSSET, B.; COUVREUR, C.; FINE, A. (Org.) *La Boulimie. Cartographies de la Revue Française de Psychanalyse*. Paris: PUF, 1991. p. 101-104.
- KLEINBERG, E., KESTEMBERG, J.; DECOBERT, S. *La vie du corps*. Paris: PUF, 1998.
- PLANCHÉ, J.; PONTALIS, J.-B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1990.
- ROBIN, J-P. *La perversion ordinaire*. Paris: Denoël, 2007.
- SARRE, V. *Le Pavillon des enfants fous*. Paris: Stock, 1978.

O “PARAÍSO TROPICAL”:  
A BALA PERDIDA E A MEGA-SENA

*THE “TROPICAL PARADISE”:  
THE LOST BULLET AND LOTTERY WINNER*

---

**José Otávio de Vasconcellos Naves<sup>1</sup>**

**Resumo:**

A “mega-sena” e a “bala perdida” são produtos do imaginário brasileiro: uma, desejada; a outra, temida. Podem ser situadas, numa primeira observação, em extremos opostos – felicidade e infelicidade. O trabalho procura refletir sobre estes ícones, revelando-os como expressões do “acaso”, mas dentro da perspectiva de um “Jogo de Azar”. Assim a dor tropical será pensada como um excesso que parece ser mais bem equacionado através dessa identidade ficcional denominada “tropical”, marcada por dois fatores: o exotismo e o racismo.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Belo Horizonte, especialização em Psicologia Clínica e Mestrado na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, Bélgica. Ex-psicólogo da Association d’Études et d’interventions psychologiques (AEP) e do Centre de Liaison des Équipes de Recherche (LECLER) e do Centre de Recherche et d’Aide Populaire (CEFORAP), em Bruxelas. De 1980 a 2012 foi Professor de Psicologia na PUC-RIO e Supervisor junto ao Serviço de Psicologia Aplicada. Especialização em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação da PUC-RIO (2006). Psicanalista, membro da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).



**Palavras-chave:** Trópicos, dor, acaso, jogo de azar, exotismo, racismo.

**Abstract:**

*The “lottery winner” and “lost bullet” are products of Brazilian imaginary. The first one is desired, the second is feared. At first sight, both can be situated as extreme opposites, i.e. happiness or unhappiness. This paper reflects about these icons, revealing them as “expressions of chance”, but inside a perspective of a “game of chance”. Thus, the tropical pain will be thought of as an excess that can be better solved through this fictional identity called “tropical”, marked by two factors: exoticism and racism. These manifestations, in this context, are products of a reference of origin which should be better elaborated.*

**Keywords:** Tropics; Pain; Chance; Chance game; Exoticism; Racism

Em Maimel Tosta Berlink (1999), em seu artigo intitulado “Dor e o ser humano é habitado por uma dor crônica, chamada dor”. Existiria, entretanto, a analgesia, doença que o indivíduo não acusa qualquer dor, o que solicita dele um cuidado para viver. Logo, seja na sua ausência ou na sua presença, o homem tem a dor como condição de sua intimidade.

A dor é um conceito “*sui generis*” como resposta a uma demanda do organismo, qualquer que seja ele – psíquico ou físico, que remete à finitude. Seguindo esta proposta, o ser humano, ao sofrer a dor, não a sentindo, se torna vítima de desamparo. Algumas das ideias centrais da obra de Freud é a dor, mesmo que ele a denomine angústia, mas são poucos os seus aspectos que são tratados e nomeados sistematicamente.

A dor é uma consequência das defesas necessárias contra as demandas da realidade externa do organismo. Para a psicanálise, a primeira defesa contra a dor pode ser considerada dolorida e constitui na dor. Como expressão do traumático, a dor, ao ser valorizada, é a dor que marcará a vida do indivíduo e da espécie humana. Na sua luta para evitar a dor o ser humano busca o prazer. O princípio do prazer freudiano assim pode ser chamado, o princípio do desprazer, pois seguindo os princípios do ser humano não busca o prazer, mas evita a dor para alcançar o prazer. A procura da constância leva cada indivíduo a estabelecer um limite que lhe seja familiar, reencontrando a dor que ele cria para si mesmo.

A dor se manifesta, então, segundo lógicas próprias a cada ser. Estas se articulam seja por ameaças fantasísticas ou por situações que efetivamente ocorreriam. Mas de alguma forma, seja vindas de fora, seja vindas de dentro, estas manifestações serão sempre excessivas em relação a essas mesmas ameaças. Mas por que excessivas?

Podemos supor que o organismo psíquico é portador de uma anacronia, desde que nunca se refere ao presente. Como ser do passado e do futuro, o seu inconsciente é uma extensão que ignora o tempo. Assim, neste descomedimento, tanto a medida quanto o espaço seriam fatores advindos de um lugar exterior a este mesmo que, como expressão de um vazio, busca, sem descanso, fazer algo desta coisa sem nome e sem medida, mesmo ao preço de si mesmo e de sua integridade egoica.

Nosso ponto de partida será a constante tentativa de fazer algo menos angustiante desta anacronia. Tentaremos situar algumas referências que podem auxiliar a compreender a “dor tropical”, mesmo levando em consideração que a dor humana não é diferente em qualquer região do mundo. Entretanto, dentro deste contexto brasileiro específico, utilizaremos dois ícones do nosso imaginário para compreendê-la melhor, a Bala Perdida e a Mega-Sena.

Um ícone é uma imagem que mantém, com determinando objeto, uma relação de semelhança ou propriedade. Logo, é uma abstração que apresenta pelo menos um traço em comum com o objeto representado: um avião pelo aeroporto, os talheres por um restaurante são ícones, pois possuem uma relação de semelhança com o objeto que representam. Um ícone é um signo que é determinado por seu objeto dinâmico em virtude de sua natureza interna. No imaginário tropical, a Mega-Sena e a Bala Perdida, a primeira desejada e a segunda temida, podem ser situadas, numa primeira observação, em extremos opostos, ou seja, da felicidade e da infelicidade tropicais.

A Bala Perdida toma o lugar do assassino anônimo. Ela existe, mas a mão que aperta o gatilho é desconhecida. É uma morte advinda de um lugar qualquer, sem explicação, salvo pela extrema infelicidade de fazer de alguém uma vítima. É o agente onde o ser humano, como objeto, pode, de um momento para outro, encontrar o enorme e o inusitado que têm, entretanto, no momento mesmo em que acontece, uma

característica do inesperado e do anonimato que o coloca muito perto da natureza e de suas catástrofes. Nada se poderia fazer para impedir seu impacto, como nada se pode fazer para impedir um maremoto. Logo, no imaginário de cada um a bala perdida se apresenta como um “perigo” anônimo cujo poder pode ser contestado, mas não no momento mesmo em que é exercido<sup>8</sup>.

A Mega-Sena, por outro lado, também carrega algo do imponderável: perspectiva de realização de sonhos, de facilidades nunca possíveis, fora dos princípios da ordem e do esforço, mas dentro do âmbito de uma dádiva – algo sem lugar e sem nome, do mesmo lugar que a Bala Perdida. A Mega-Sena traz uma dimensão diferente: implica comprar o bilhete que proporciona a oportunidade de ser sorteado. Mas este prêmio é análogo a um veio de ouro, ou poço de petróleo inesperadamente encontrado no quintal do sítio.

João César de Castro Rocha, num artigo para a *Folha de São Paulo* (2/01/2005) falando sobre o último maremoto na Ásia, comenta quanto este fenômeno se enquadra na categoria de sublime tal como conceituado pelos filósofos do século XVIII. De fato, para Kant (1998, 2003) sublime é aquilo absolutamente grande e por isso mesmo incontrolável e imponderável. Dentro dessa perspectiva kantiana os dois ícones podem ser pensados na mesma categoria porque sem medida e, embora sejam possíveis, não é possível controlá-los.

As grandes catástrofes que ocorreram sobre a Terra tornaram o homem primitivo desamparado diante de uma natureza que o esmagou. As duas vicissitudes (o desamparo diante da natureza e a desmesura que colide com o psiquismo) partilham este caráter de descomedimento, e podem ser encontradas na Mega-Sena e na Bala Perdida. Logo, tanto o desamparo quanto o trauma dão sentido à existência. Mas, ao mesmo tempo, fornecem alguma idéia da desmesura inerente ao desejo humano da qual já falamos no início deste trabalho. O terror localiza-se exatamente no lugar onde esta desmesura da natureza de cada um pode encontrar a desmesura da própria existência.

<sup>8</sup> Não há dúvida de que existe todo um esquema social que justifica a bala perdida. Sua origem é, portanto, social. Mas, além disso, e também, de uma forma geral, são sabidas algumas medidas sociais que poderiam ser tomadas para impedi-la.

Continuamos o comentário do artigo de Castro Rocha: ele fala da diferença entre tragédia e catástrofe, marcando que a tragédia, como gênero, fala da ação transgressora de um herói. É o desmedido de seu comportamento que inicia o conjunto de ações dominado pelo implacável de um destino. Entretanto, a natureza não pode gerar uma tragédia, só pode produzir catástrofes, pois não carrega em si “excessos”. Ela só tem “possíveis”, embora seja verdade que esta disjunção entre o excesso e o possível se encontra no próprio seio do discurso que cada ser humano faz sobre a natureza e a tragédia.

Assim, esse encontro entre este desnaturado de si mesmo e a dádiva da natureza coloca o desejo da Mega-Sena e o temor da Bala Perdida num espaço tortuoso onde o psíquico colide com o mundo orgânico, lugar difícil para o “sujeito” e fértil para a perpetuação do ser como “objeto”. Os ícones da Bala Perdida e da Mega-Sena, na abdicação do sujeito que ambos parecem carregar, não só expressam o desnaturado intrínseco a cada ser, mas são, também, expressões externas desse desnaturado, tão perto dele que podemos pensá-los, já dissemos, situados na linha de limite entre o excesso da energia psíquica e o excesso inerente à natureza em si.

Logo, dentro do contexto inspirado por estes ícones a expressão “dor tropical” pode ser pensada como a dor de um ser constantemente submetido à condição de objeto. Como os dois lados de uma moeda, tanto seus temores quanto seus sonhos marcam esta posição. A força destes ícones é a sua intimidade com a sorte. Mas, assim colocados, eles se tornam a expressão de uma passividade onde se situa tanto quem teme como quem deseja. Nesta perspectiva, podem ser pensados como exemplo interessante do “acaso”.

Toda demanda que se formula ao mundo, em algum momento, implica a esquina de um acaso. Freud postula que a vida de cada Homem é obra do esforço e da sorte. Assim, quando se deseja um amor é preciso encontrar um corpo que seja objeto deste amor. E este encontro, na maioria das vezes, é um acaso. Todas as realizações da vida do homem podem estar relacionadas, de alguma forma, ao acaso: como o encontro acima mencionado ou uma chuva que cai sem ser

esperada. Assim posto, acredita-se possível colocar o acaso muito perto e íntimo da natureza, seja como um mundo que nos cerca, seja como um fator genético que carregamos, apesar do esforço de todos os cientistas que atualmente o desafiam.

Pode-se acreditar que, na vida, nada é totalmente impossível se acaso o permitir. Este acaso faz o romance, a guerra e, muitas vezes, a própria descoberta científica. Aristóteles (384AC-322AC) postula que cada ação executada com vista a um fim produz, acessoriamente, efeitos que não são compreendidos no seu fim. O exemplo poderia ser o ruído de um veículo, efeito acessório e não pretendido do seu movimento. Estes efeitos, segundo ele, podem ter entre si aproximações que também não são compreendidas através da finalidade dessas ações. O conjunto desses efeitos acessórios constitui o acaso. Neste sentido, a Bala Perdida é um efeito da situação político-social brasileira e um acaso criado por ela.

Na Física II (MANSION, 1987), entretanto, Aristóteles também nos fornece outra definição que pode ser considerada diferente da primeira: o acaso acontece aos seres vivos dotados de vontade (quer seja através de efeito puramente acidental e não previsto das suas volições) ou ainda por uma causa exterior que nada tem de intencional. Assim, a mesma Bala Perdida se torna algo estranho à criação do homem, que não é produto da sua volição, mas se encontra externa a ela.

As duas definições se diferenciam, mas são ilustrativas neste trabalho. A primeira fala do acaso como conjuntura do que se cria. A segunda fala do acaso como algo exterior ao que se cria, como um “não previsto das volições”. Mas, seja compreendido pela primeira ou pela segunda definição, o íntimo destes dois ícones fala desse ser que, como dotado de vontade, carrega essa exterioridade não prevista e criada além da sua vontade.

Entretanto, no Dicionário de Filosofia de Lalande (1996) encontramos uma variante interessante da palavra acaso: o jogo de dados. Assim, temos três maneiras de pensar a ideia de acaso. A última, a mais enunciativa, fala de uma circunstância objetiva que fornece a esta uma ocasião de ser aplicada. O jogo de dados, por exemplo, é jogado dessa maneira através da qual o acaso se estabelece dentro de certas

normas<sup>9</sup> e onde, embora continue acaso, se torna circunscrito a uma forma mais apaziguada de ser.

Os ícones estudados são ficções mais ou menos analgésicas da dor tropical. O acaso se transforma no Jogo de Azar. Assim, através deste mecanismo não mais se produz a angústia, mas, como consequência, também não se propicia ao ser humano as experiências necessárias que somente ele poderia fazer surgir.

Acreditamos que, desta forma, podemos melhor circunscrever a nossa questão. Transformando esta conjuntura humana do acaso num jogo de azar, isto é, fornecendo um limite, mesmo ficcional, a um corpo estranho, nós nos tornamos menos incapazes de suportá-lo como acaso. Neste jogo, não importam as habilidades do jogador, pois o ganho e a perda são determinados por um conjunto de causas muito pequenas ou muito complexas para que algum resultado possa ser previsto. Portanto, o homem não convive diretamente com o acaso, e neste trabalho podemos pensar que a Bala Perdida e Mega-Sena se transformam em expressões limitadas e exóticas dele. Mas por que limitada, e por que exótica?

Para Octavio de Souza, no seu livro *Fantasia de Brasil* (1994) o termo identidade sugere uma ideia de estabilidade e unidade que é conflitante com o descentramento que a descoberta do inconsciente introduz na consciência de si. Mesmo considerando a identidade como um sentimento íntimo de unidade consigo mesmo, ou como um conjunto de predicativos atribuíveis a um indivíduo, essa terminologia sempre implicaria uma relação de desconhecimento e alienação ante o inconsciente, determinante último da vida psíquica de cada um. Neste sentido, a psicanálise fala da identificação como uma marca simbólica, diferente da identidade, mecanismo através do qual o sujeito adquire não a sua unidade, mas a sua singularidade.

<sup>9</sup> Este processo está marcado por um lugar de uma autoridade que não obedece ao imperativo categórico kantiano, ou seja, de um pai que não se submete às mesmas leis às quais obriga os filhos a se curvarem. Este é o pai mítico freudiano ilustrado em *Totem e Tabu* (1912-1913). A identidade tropical sofre com estas injunções de uma autoridade que toma o lugar de lei, mas não se curva a ela. Freud coloca a presença do general em chefe como necessária à coragem do seu exército, além de considerar esse mesmo exército uma massa pouco elaborada e instável. Assim, a imagem deste general em chefe sempre será uma expressão deste narcisismo primário. Neste pai primitivo não se pode encontrar nenhum convite a uma identificação que garanta a singularidade de cada ser.

Neste trabalho, entretanto, inspirados pelo autor citado acima (SOUZA, 1994), tomamos a dor como um excesso que parece ser mais bem equacionado por meio dessa identidade ficcional denominada "tropical", que é marcada por dois fatores não excludentes: o exotismo e o narcisismo<sup>10</sup>. Comentando o artigo freudiano denominado "O Estranho" (FREUD, 1919/ p.233-270) o autor considera que a intimidade de cada um será, antes de tudo, o que está nas vizinhanças do recalcado. O trabalho tem, desta forma, a possibilidade de ser um mecanismo através do qual se atribui ao outro aquilo que nos é íntimo, sendo a angústia uma expressão da dificuldade de dizer e integrar a nossa própria intimidade.

Assim, o "estranho" é o lugar onde "a coisa" habita em cada um e se situa longe de seu controle. O mais íntimo e familiar retorna ao estranho suscitando este sentimento também apresentado como "exotismo". Freud sempre vai colocá-lo como um retorno do recalcado que aparece em todos os momentos onde a fronteira entre realidade e a ficção é ultrapassada. Neste momento a ilusão toma o lugar da realidade como um esforço para excluir algo de si mesmo e não tê-lo. Esta ficção seria uma forma de suscitar essa inquietante familiaridade, tornando-a aceitável e, assim sendo, fazê-la desaparecer. Assim, o recalque, como um "estranho familiar" interno pode se fazer conhecer como fonte de desejo e como parte do real subjetivo. O narcisismo e o exotismo seriam mecanismos utilizados para estancar a angústia desde que facilitam a expressão daquilo que é íntimo sem as consequências de assumi-lo como parte de si. No racismo, odeia-se o "mais íntimo" atribuindo-o ao estrangeiro. Com o exotismo,

o narcisismo e o exotismo, dentro desta primeira compreensão, não são expressões do laço social. O narcisismo singular. Mas esta singularidade só pode ser pensada como um exotismo quando não se trata de uma cultura externa a ela. Maria, José, ou Antonio poderiam estar usufruindo os benefícios de um laço social com o Humano e com os humanos que o cercam. Mas sua inclusão no laço de "Brasileiros" constantemente pode se encontrar em conflito com as identificações que garantiram seus laços, já conquistados. Logo, estas identificações poderiam não usufruir os benefícios de suas perspectivas, possibilitando uma inclusão social responsável e produtiva. Esta é a importância do laço e a inclusão é uma importante questão para a dor humana. Por exemplo, o racismo que impede uma inclusão social do negro, mas o laço social de um negro garante a sua condição humana e não à cor de sua pele. Não é verdade que alguma classe social não sofra dessas injunções. Qualquer um, mais ou menos bem situado tanto no plano individual quanto no social, está aberto a essas dificuldades de uma identidade que se submete a uma identificação, ou de uma identificação que se perde numa identidade. Em princípio, pode-se dizer que os "grupos de esquema" do adolescente ou "agrupamentos sociais mais complexos" são instrumentos de trabalho onde o eu de cada um se fortaleceria para um futuro exercício de sua identidade. Dizendo de outra forma: o ser humano necessitaria, durante um momento de sua vida, uma relação de identidade para usufruir os benefícios futuros de suas identificações. Isto é, a identidade é um fator não exclui o outro. Este jogo é constante e seu aprendizado difícil.

admiram-se estes mesmos fatores internos, mas também os atribuindo ao estrangeiro. Assim, o racismo e o exotismo servem como negação de dívida de cada um, não se pagando o preço da transformação do íntimo em algo admirável, preferindo-se, nessa denegação, escondê-lo através da exaltação do outro.

Desta forma, o livro *Fantasia de Brasil* (SOUZA, 1994), ao tomar o artigo freudiano sobre o Estranho como referência para compreender o exotismo, também pode nos ajudar a trabalhar a Mega-Sena e a Bala Perdida como expressões dele. O Brasil é um país exótico. Este exotismo é assumido e admirado pelos próprios brasileiros e se tornou uma estética valorizada, através da qual parece ser negada a possibilidade de uma eficácia política. Esta mesma estética valoriza os dois ícones estudados neste trabalho. Assim, temos os nossos anseios políticos culturais escravizados aos conceitos de feio e bonito, moralizadores e formais, obrigando a abdicar da eficácia de sua própria intimidade. Esta dor se manifesta por esta constante retificação exótica e alimentada pelo racismo europeu.

Nos "Estudos sobre a Histeria" (1893-95), Breuer e Freud já diriam que tanto o traumatismo psíquico quanto sua lembrança se expressam como um "corpo estranho" que passará a ser fator importante no desenvolvimento posterior da obra de Freud. No artigo intitulado "Inibições, sintomas e ansiedade" (FREUD, 1926 [1925] p.79-168) o sentimento de estranheza terá a primazia pois, sendo um sinal de angústia, será aquilo que permitirá ao eu tanto se defender do sintoma como tentar incorporá-lo. Estaria, também, no cerne do trabalho do sonho. Sua quantidade seria transformada em pensamento, para, através do discurso do sonho, apresentar-se na sua forma dramatizada. As compulsões também são testemunhas deste estranho hóspede, por elas considerado como uma "terra estrangeira interna". Isto acontece em diversas ocasiões, por exemplo: quando a magia e a onipotência do pensamento se instalam, quando o sujeito é tratado como um objeto ou quando o seu corpo é vivido como despedaçado e a castração representada e, sobretudo, na evocação do retorno ao corpo da mãe.

A Europa é a referência primordial através da qual este exotismo tropical se destaca e se reforça. Esta relação com a Europa parece

fundamental. É a origem de um imaginário cultural denominado Brasil. A vinda de D. João VI transforma o Brasil num império como Portugal e ao mesmo tempo marca a nossa diferença com a África, nossa origem mais remota. A África carrega duas representações importantes, pois isto faz parte da "Índia Ocidental" com a qual, inicialmente, fomos confundidos, como é imagem importante da escravidão dentro do imaginário nacional. Bom exemplo destas relações se encontra em *Canção do Negroiro* (CASTRO ALVES, 1880/1960). O poeta, brasileiro (1847-1871), ilustra esta transgeracionalidade através do poema intitulado "Vozes d'África", onde fala dos lamentos da África e de uma Europa tomada como "Rainha" e "Cortesã", a quem "sempre o Brasil cabe no litígio".

A palavra "exótico" enquanto adjetivo tem suas raízes no latim "exoticus", e do grego, "exotikós", significando estrangeiro, extravagante, curioso; estranho; singular; excêntrico. Assim a Europa reage ao racismo, produto brasileiro, mescla de índio e do escravo negro. Porém, esta reação, reforça este exotismo cultural, sempre referenciado a sua própria cultura europeia. Torna-se necessário esvaziar esta ficção para, por um certo caminho, reencontrar o exotismo como manifestação de um. Em Botânica e Geologia denominam-se exóticos aqueles animais ou plantas que não são naturais dos climas para onde foram transportados. Assim, cautelosos com os deslizamentos de sentido, podemos pensar que toda e qualquer intimidade constituinte da fantasia do "sujeito exilado", é exótica por definição.

Desta maneira, a Mega-Sena e a Bala Perdida serão recolocadas nos lugares que limitam o acaso e resguardam esta suposta identidade nacional. Mas, dentro deste contexto, o acaso e o excesso tornam-se campo de azar porque se transformam numa ficção que suporta a estranheza. O racismo valoriza e marca ainda mais o processo descrito e a Europa, romanticamente, fortalece-se como origem enquanto fomenta a valorização desse exotismo defensivo.

Esta pode ser considerada importante representação do conflito interno de nossas raízes culturais. Distanciados dele a Europa e o Brasil "Índia Trópicos" se esvaziaria. Isto seria muito interessante para pensar algo além da dor. Seria encontrar uma possibilidade, para

<sup>1</sup> Para maior referência ao livro de Lévi-Strauss.

cada um, de reconhecer a angústia do acaso. O acaso é uma abertura necessária que, ao ser tamponada, destrói as funções criativas e torna precária a responsabilidade por si mesmo. Ao se desfazer o jogo de azar, o acaso volta a se situar no mundo e possibilita a expressão de uma íntima riqueza. E parece ser esta a função social destes ícones aqui tratados: mascarar a angústia que o acaso cria através de sua característica fundamental, ou seja, ser um empecilho a todo e qualquer "saber" que possa ser construído "a priori" para lidar com ele.

Se a função ficcional da Bala Perdida e da Mega-Sena perde seu sentido, restariam as duas definições aristotélicas: o acaso seria como exterior a nós e/ou como uma necessária consequência de nossos próprios atos. Os "trópicos" teriam que se confrontar com um real subjetivo. E neste momento, talvez, cada um reencontrar-se-ia com a própria intimidade.

**José Otávio de Vasconcellos Naves**

Rua Fonte da Saudade nº 47/301  
CEP: 22471-210, Rio de Janeiro, RJ  
Fone: (21) 8586-4705  
E-mail: jnaves3@uol.com.br

## Referências

- BERLINK, Manoel Tosta. *A dor*. São Paulo: Escuta, 1999.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund. *Estudos Sobre a Histeria*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- CASTRO ALVES, Antonio. *Navio Negreiro* In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_ *Totem e Tabu e outros trabalhos* (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13, p. 11-162). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1912-13).
- \_\_\_\_\_. O estranho. In: \_\_\_\_\_ *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17, p. 233-270). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1919).
- \_\_\_\_\_. Inibições, sintomas e ansiedade. In: \_\_\_\_\_ *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos* (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20, p.79-168) Rio de Janeiro. Imago, 1969. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).
- FRANDE, André. *Dicionário Técnico e Crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MASSION, Augustin. *Introduction à la physique aristotélicienne*. Louvain: Centre de l'Institut Supérieur de Philosophie, 1987.
- NAVES, José Otávio de Vasconcellos. Simpósio (apresentação oral): *Os trópicos: Psicopatologia fundamental e a realidade sócio-cultural brasileira*. III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Universidade Federal Fluminense. 2008
- NETA, João César de Castro. *Caderno Mais*. In: *Folha de São Paulo* (2005)
- NETA, Octavio. *Fantasia de Brasil*. São Paulo: Escuta, 1994.
- NETA, Mériti & NAVES, José Otávio de Vasconcellos. *Causalidade, fantasia, dor: caminhos da Mega-Sena e da Bala Perdida*. In: *Fractal, revista de psicologia*, 24 (p. 367-384) Maio-Agosto, 2012.

DEBATE |

**DA PERVERSÃO E DA MELANCOLIA  
DE TODOS NÓS NEURÓTICOS ATUAIS***ON THE PERVERSION AND MELANCHOLY  
OF ALL OF US AT PRESENT**Alexandre Abranches Jordão<sup>1,2</sup>***RESUMO**

Partido de uma rápida visão panorâmica de algumas das ideias que apontaram mudanças nas dinâmicas individual e social, tanto dentro como fora da esfera psicanalítica, este artigo discute como traços perversos podem ser reconhecidos nas organizações subjetivas atuais, mas também argumenta que, apesar de o atual modelo de relações objetais ser perverso, o próprio estatuto do objeto é examinado de maneira muito mais relequada quando confrontado a uma metapsicologia da melancolia.

<sup>1</sup> Associado da SPCRJ. Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ.

**Palavras-chave:** Perversão, melancolia, novas subjetividades, narcisismo.

**Abstract:**

*Departing from a quick overview of some of the ideas pointing to changes in social and individual dynamics in the last decades, both from the inside and the outside of the psychoanalytic sphere, this article discusses how perverse traits can be recognizable in present day subjective organization but also argues that, although the present model of object relations may be perverse, the very statute of the object itself is much more adequately approached when confronted to a metapsychology of melancholy.*

**Keywords:** *Perversion, melancholy, new subjectivities, narcissism.*

A perversão constitui hoje um tema preferencial nas abordagens psicanalíticas da contemporaneidade. Não sem razão; é fácil perceber traços perversos em práticas e posturas que se somaram corriqueiras aos indivíduos e às próprias instituições sociais dos nossos dias. Buscar-se-á, neste artigo, contextualizar rapidamente o assunto a partir de observações pontuais sobre o percurso de algumas das reflexões que conduzem a abordagens ainda originais ao tema nos dias atuais. Mas é preciso considerar, numa perspectiva histórica específica, que já vêm de muito tempo as formulações que autores das mais diferentes áreas, aí incluída a psicanálise, têm veiculado sobre suas concepções e considerações a respeito de mudanças sociais e subjetivas que pavimentaram o caminho ao que chamaremos de fenômeno perverso na atualidade. Este não pode ser tomado como orientação exclusiva das subjetividades atuais, sob pena de extrema redução intelectual, mas esta dúvida nos conduz a formulações bastante pertinentes.

Trata-se de uma pequena perspectiva histórica com fins específicos porque não será um exame exaustivo, mas ao contrário, quanto a algumas das contribuições que dão sustentação às considerações que serão apresentadas a seguir. Girarão fundamentalmente em torno dos aspectos positivos e negativos dos traços perversos na atualidade. Tudo como são insuficientes para uma abordagem isenta da atualidade e das subjetividades dos nossos dias. Um modelo melancólico de relação objetal é igualmente pertinente, como se verá. Será, portanto, um percurso particular e delimitado tanto por campos de interesse específicos quanto pelo privilégio de determinadas questões em detrimento de outras, com



atenção particular ao conceito de narcisismo em psicanálise e à noção de novas subjetividades.

Para os propósitos estritos deste exame, o livro *O homem sem gravidade*, de Charles Melman, pode ser arbitrariamente tomado como marco preferencial na consolidação do debate e das reflexões que abordaram a perversão na atualidade não em termos necessariamente psicopatológicos, mas como referência metapsicológica preferencial no tocante à organização psíquica dos sujeitos dos nossos dias – as chamadas novas subjetividades – suas dinâmica e ramificações sociais. Lançado no Brasil em 2003, quase imediatamente após sua publicação original na França, este livro serve particularmente bem ao intuito inicial de cartografar como o múltiplo cenário psicanalítico, que o antecede e sucede, por um lado prepara o terreno e pavimentam a via que conduz a algumas das colocações ali encontradas; mas também eclode numa miríade de possibilidades atuais que permitem paralelamente positivar o que se apresentava de maneira primordialmente assustadora, com prenúncios algo desesperadores. Além disso, trata-se de um livro de entrevistas empreendidas por ninguém menos que Jean-Pierre Lebrun, referência fundamental em qualquer alusão a uma abordagem psicanalítica da perversão na sociedade atual.

A partir da virada do século – na verdade, um pouco antes, desde a última década do século XX – começou a tomar corpo nos movimentos psicanalíticos nacionais, em harmonia com alguns de seus pares nos mais diversos países, um movimento reflexivo que examinava particularmente a organização subjetiva dos nossos dias e salientava suas particularidades. Percebíamos todos que algo novo se apresentava: as diferenças em relação a um modelo de subjetividade baseado no recalçamento da sexualidade e seu retorno no sintoma e demais formações do inconsciente, que parecia não mais se aplicar aos pacientes que atendíamos nos consultórios.

Ao mesmo tempo, autores dos campos mais distintos – desde a economia até a antropologia, passando necessariamente pela filosofia e sociologia – que se dedicavam à compreensão dos nossos dias, desde aquela época e mesmo antes, apontavam suas particularidades e idiossincrasias nas mais diferentes esferas da existência humana.

Algumas referências – e alguns temas – são obrigatórias por se constituírem hoje como marcos históricos de uma mudança ainda em curso, e das percepções e *insights* inovadores que suscitam. Sobre este aspecto é importante notar como, guardadas as devidas proporções e originalidades – tanto dos autores envolvidos quanto de seus campos específicos de trabalho e reflexão – é possível perceber convergências no que toca à percepção de que vivemos um tempo de profundas alterações tanto nos modos de organização subjetiva e suas características dinâmicas quanto nas práticas sociais e instituições que as regulam. Por exemplo, os temas da depressão e da desesperança e seus correlatos são abordados por autores das mais diferentes formações e afiliações teóricas, assim como as questões ligadas ao corpo, à temporalidade e ao papel especial na atualidade ganham particular atenção tanto dentro quanto fora do espectro de influências da Psicanálise.

Assistimos assim, de uma maneira geral, a uma intensa produção literária que aborda as transformações individuais e sociais nos tempos atuais e, da esfera mais propriamente psicanalítica, uma profusão de trabalhos complementares que caminham em duas direções distintas bastante bem definidas: por um lado, o reconhecimento de que novas formas de sofrimento psíquico se apresentavam cada vez mais ricamente nos consultórios e, por outro lado, que elas faziam uma demanda considerável por novas reflexões teóricas e metapsicológicas, não como exigiam uma igualmente profunda reflexão sobre os aspectos técnicos envolvidos em tais atendimentos. E, conseqüentemente e quase como corolário, deixavam explícita a relação cultura/subjetividade como uma de mão dupla e mutuamente constituinte nos seus dois extremos. Foi este último fator que, por fim, culminou no grande redescobrimto de autores como Ferenczi, Winnicott e ainda Klein, Balint e Bion, a quem assistimos desde a última década do século passado.

Tomemos alguns exemplos que demonstram bem esta colocação. Para começar, o papel do corpo, da temporalidade e as novas modalidades de lidarmos com ambos. Dois livros podem aqui conduzir o exame: o de 1986, *O corpo entre biologia e psicanálise*, de Christophe Dejours, rompe com as barreiras conceituais de campos teóricos distintos para responder à absoluta singularidade de cada abordagem – a psicanalítica e a biológica – ao tratarem do mesmo objeto. Isso, no fundo, redundava

em afirmar que não eram, na verdade, um mesmo objeto, mas que psicanálise e biologia tratavam de objetos distintos quando focavam o corpo. Dejours chegará a afirmar que, na realidade, habitamos dois corpos distintos, um biológico e outro erótico (Id.). Mas, e quando os sintomas são de ordem psicossomática, qual deles é acometido? Ou ambos?

Foi igualmente impactante, neste sentido, o livro de 1989 de Joyce McDougall *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*, pois trouxe para a ordem do dia, à época, a discussão de algo que se evidenciava nos consultórios: os sintomas apareciam, com muita frequência, no corpo e observava-se sua pouca inserção em cadeias associativas que conduzissem a formulações reveladoras ou mesmo reflexões significativas.

Esses mesmo pacientes que não associavam e eram capazes de longos relatos desafetados sem lapsos ou deslizes, geralmente com grau restrito de implicação no próprio padecimento, representavam um novo desafio clínico. Como analisar quem não se entrega à associação livre, quem não faz lapso de linguagem – e mesmo quando raramente o faz, não se sente minimamente afetado por ele –, quem afirma não sonhar ou se lembrar dos sonhos? Como atender quem fala monocordicamente, quem não desenvolve qualquer tema em termos dos afetos envolvidos e que restringe seus comentários a dimensões monossilábicas e expressões dispersivas? Como atender alguém que, após relatar um episódio de extrema violência subjetiva experimentada na relação com a mãe, por exemplo, responde à pergunta do psicanalista relativa a como se sentiu, com um evasivo “mas, tudo bem...”, como se não tivesse sido nem minimamente afetado por isso?

Julia Kristeva, logo a seguir (1993) aponta a mudança e setencia: há novas formas de sofrer, e temos sofrido de novas mazelas. São também desta mesma época duas importantes obras que compõem o cenário e orientam as considerações que serão apresentadas aqui e que são, para este cenário, fundamentais: o artigo “Trauma e melancolia” de Teresa Pinheiro, publicado na *Revista Percurso*, e o livro *O discurso melancólico* de Marie-Claude Lambotte. Pinheiro (1993) argumenta que a teoria do trauma de Sandor Ferenczi traz elementos preciosos para

a compreensão das particularidades subjetivas desses dias e propõe a necessidade e utilidade de uma metapsicologia particular da melancolia. A premente necessidade de uma metapsicologia da melancolia é o que defende também Lambotte (1997 [1993]) que, logo no Prefácio de seu livro, acusa uma “confusão... da melancolia com a psicose maníaco-depressiva” (p. 11) que contamina qualquer tentativa de aproximação teórica e influencia negativamente as abordagens tanto teóricas quanto clínicas. Na realidade, ambas as autoras reconhecem a necessidade de se tomar a melancolia, no mínimo, como uma quarta estrutura. Teresa Pinheiro, em particular, enxergará numa possível metapsicologia da melancolia, baseada no conceito de narcisismo, uma poderosa ferramenta para a abordagem das subjetividades atuais. No fundo, ambas acabam demonstrando que o enfoque estruturalista, apesar de suas evidentes qualidades diagnósticas e didáticas, demonstrava-se inadequado ao colocar a melancolia na esfera das psicoses, discussão aparentemente burocrática, mas que interessa diretamente aqui porque isto também se revela verdadeiro quando se pensa sobre os modelos de organização psíquica em atualidade. Ainda que refutar o modelo estruturalista em psicanálise não fosse parte declarada do projeto original de nenhuma das duas.

Autores de outras áreas também perceberam a mudança e refletiram a respeito. Inicialmente citemos Anthony Giddens e Stuart Hall. Giddens (1991) argumenta que as transformações sociais ocorridas na Era Moderna acabaram estabelecendo um modo de vida particular que influencia as relações humanas e sua organização institucional. Apesar de não afirmar categoricamente, pode-se depreender da leitura de sua obra que esta influência se estende à própria organização subjetiva e emocional das pessoas (cf. Jordão, 2011). Hall (2005) também é de especial interesse no percurso aqui descrito porque, já em 1992, chega a escrever sobre o desaparecimento do sujeito moderno. Seu raciocínio é linear e bastante esclarecedor: “Uma vez que o sujeito moderno emergiu num momento particular (seu ‘nascimento’) e tem uma história, segue-se que ele também pode mudar e, de fato, sob certas circunstâncias, podemos mesmo contemplar sua ‘morte’” (p. 24).

Juntamos a estes outros dois autores que contribuem consideravelmente para o desenvolvimento do tema nos moldes aqui empreendemos. Alain Ehrenberg (1998) encontrará no

desmoronamento dos velhos pilares morais e religiosos o elemento central no estabelecimento de um novo modo de ser, tanto social quanto individual, que se caracteriza prioritariamente pela depressão e o sentimento de insuficiência diante de um ideal de *performance* elevado à categoria de crivo inabalável de valor. Diante de um ideal de *performance* sempre inatingível, o indivíduo desenvolve depressão profunda e constante acompanhada de um, também perene, sentimento de insuficiência, de estar sempre aquém do desejado. E para lidar com isso recorre abundantemente às drogas, tanto para incrementar sua *performance* (anabolizantes, esteroides, hormônios sintéticos etc.) quanto para amortecer sua desesperança e desamparo (ansiolíticos, antidepressivos, drogas ilícitas etc.). O que mais nos interessa aqui é que Ehrenberg também identifica um fenômeno que denomina de “o crepúsculo da neurose” em que as adições ultrapassam o espectro das substâncias químicas e se estendem às ações (e podemos incluir aí até mesmo técnicas de incremento de *performance*), de modo que o agir compulsivo acaba assumindo uma função primordial de evitar o conflito psíquico.

O ocaso da neurose na atualidade também é defendido por Dany-Robert Dufour em *A arte de reduzir as cabeças*, de 2003 (publicado no Brasil em 2005). Dufour, filósofo com grande aproximação com a psicanálise, percebe e enfatiza o declínio do valor simbólico do objeto operado pela globalização e políticas sócio-econômicas de inspiração liberal – declínio este que, nas últimas três décadas, foi amplamente apontado e discutido nos meios psicanalíticos e que, em particular nos de afiliação lacaniana, reconhecemos imediatamente no insistente debate em torno do “declínio do nome do pai” na atualidade, e suas consequências. Para ele, o projeto neoliberal é o de construção de um novo modelo subjetivo, mas que não passa pelo controle e redefinição do próprio sujeito em si; é ao estatuto de objeto que ele se dirige e sobre o qual operará as mudanças que terminam por fundir uma subjetividade nova, inédita até então: “... [o neoliberalismo] não começou por visar o próprio homem, por meio de programas de reeducação e de coerção. Ela [esta nova ideologia] se contentou em introduzir um novo estatuto de objeto, definido como simples mercadoria...” (p. 14).

Para Dufour, trata-se de uma “verdadeira mutação antropológica” (id.), o que lhe permite afirmar que os dois grandes modelos de subjetividade que nortearam nossos passos e nossas análises na modernidade já não se apresentam mais ou, pelo menos, não são mais suficientes. O sujeito crítico de Kant e o neurótico de Freud estão desaparecendo, dando lugar a um “sujeito precário, acrítico e psicotizante” e completa: “... entendo por ‘psicotizante’ um sujeito aberto a todas as flutuações identitárias e, conseqüentemente pronto para todas as conexões mercadológicas.” (p.21-2). Ao invés da riqueza do sujeito neurótico, temos o “vazio do sujeito”, que não consegue nem mesmo se pensar fora de uma equação de mercado, que “favorece a multiplicação de passagens ao ato e a instalação desses indivíduos num estado *borderline*” (id.).

As afinidades com Melman saltam aos olhos. Melman (2003) propõe que o abandono de uma cultura fundada no recalçamento dos desejos deu lugar a uma outra que promove a perversão e a exibição do gozo. A isso chama de “nova economia psíquica” e descreve assim esta mudança: “Estamos lidando com uma mutação que nos faz passar de uma economia organizada pelo recalque a uma economia organizada pela exibição do gozo” (p.16). O enfraquecimento da função paterna – que assistimos atualmente teria o efeito imediato de fazer caducar qualquer noção de limite: “Hoje a questão é se exibir... Não há mais limite algum à exigência de transparência” (p. 23). O problema é que, se poderíamos esperar uma experiência de extrema liberdade e autonomia individual, o que temos é o seu oposto: “Uma formidável liberdade, mas ao mesmo tempo absolutamente estéril para o pensamento. Também nunca se pensou tão pouco!” (p. 29), sentencia quase em uníssono com Dufour. Mas o mais impactante nas afirmações de Melman é sua constatação de que a perversão, nos nossos dias, foi alçada à categoria de ideal: “Certamente! A perversão se torna uma norma social” em que gozar é imperativo e exibir esse gozo é fundamental, até porque é só o voyeurismo alheio que vai dar a este gozo seu sentido de gozar, pois sem este fica intocado. Seu valor, o valor do gozo mesmo, como o de tudo mais, também se perde. E perde-se porque, no seu âmago, é o próprio sujeito que também se vê empobrecido, haveria assim, “uma ausência da dimensão subjetiva” (p. 63).

Antes de passarmos adiante, um último autor merece menção. Trata-se de Zygmunt Bauman que, antes de Dufour, traça um panorama que ilustra o modo como as relações pessoais se organizam na atualidade e seus reflexos tanto no nível social e coletivo quanto no individual. Interessa, em especial, o que poderíamos chamar de uma certa objetualização das relações que ocorre de maneira a retirar do objeto seu próprio estatuto objetual – em termos psicanalíticos – e transformá-lo em mera mercadoria. Isso ocorre concomitantemente a um esvaziamento do polo subjetivo em que os indivíduos passam a operar num registro estrito em que as diversas dimensões subjetivas são idealmente eliminadas na configuração de um tipo de ser competente, mas pouco abrangente, o especialista. As relações sujeito/objeto estariam hoje configuradas segundo critérios outros; os sujeitos tornamo-nos consumidores, e os objetos, mercadorias ou especialistas em serviços específicos. Uma modernidade líquida (2001, 2003) que rege as relações pessoais segundo valores mercadológicos, e na qual as próprias relações afetivas estariam sujeitas às regras onipresentes da obsolescência quase imediata, característica quase universalmente intrínseca aos produtos industriais dos nossos dias, em especial os ligados a tecnologia e informação. A velocidade com que um telefone celular tornava-se obsoleto podia ser tomada – e Bauman o faz – como exemplo claro deste fenômeno. O mais grave é que, de uma maneira geral, estendemos esse modo mercantilizado de interação às nossas relações afetivas e subjetivas. Assim, oscilamos entre posições não mais de sujeito e objeto, mas de consumidor e mercadoria; e se um relacionamento amoroso causa sofrimento, o imperativo hoje é partir para outro sem mais delongas. A fila anda!

Examinemos a questão a partir de seus dois polos, o objetual e o narcísico. Em termos metapsicológicos ficamos com a constatação de que a metáfora edípica nos serve pouco como recurso teórico na abordagem da atualidade e das novas subjetividades. É como se o complexo de Édipo representasse um patamar de organização psíquica demasiado complexo e jamais, ou somente muito precariamente, atingido pelos indivíduos na atualidade. Estes, nós todos de modo geral, estaríamos operando num diapasão de pouca maleabilidade subjetiva devido a suas (nossas) bases narcísicas precárias. Nesses termos, o espectro

de possibilidades subjetivas e objetais é demasiado estreito devido à ausência de uma melhor estruturação egoica, o que redundaria na profícua produção de estratégias de manutenção ou incremento do investimento narcísico com vias à gratificação narcísica (Jordão, 2007b, 2007c).

Diferentemente do narcisismo do neurótico, fundado sobre os desejos ideais de “Sua majestade, o bebê”, temos nos deparado com um narcisismo mais frágil e precário, que vê sua estabilidade ameaçada com alguma facilidade quando não consegue se afirmar e confirmar. Uma consideração se faz necessária: enquanto no Édipo o limite simbólico apresentado pela castração implica sanção à potência individual ao mesmo tempo em que oferece uma saída identificatória, em termos narcísicos qualquer sanção remete ao desamparo. O narcisismo está fundado sobre uma equação pendular que não conhece meio-termo e se vai do tudo ao nada sem etapas intermediárias. A experiência de sanção à potência narcísica significa a sua completa anulação, pois aqui as únicas opções possíveis são da ordem do absoluto: onipotência ou desamparo; ou afirmo/confirmo a onipotência e gozo narcísicamente, ou inexoravelmente arremessado ao desamparo, verdadeira anulação e desvelamento narcísico. Considerando-se que o polo narcísico pode prescindir de algum nível de investimento objetual, e que o desamparo seria equivalente à completa retirada deste investimento do eu, percebe-se por que assistimos ao que Dufour chamou de multiplicação das saídas ao ato.

É aqui onde a afirmação de Dufour de que vivemos num estado *en face*, ou seja, de que é como se todos estivéssemos operando unicamente segundo um modelo que fica meio indefinido, ali na fronteira entre a neurose e a psicose, se faz mais evidente. Não somos psicóticos, mas, com muita frequência, o que vemos e executamos é da ordem do que Winnicott chamou de medo do colapso (Jordão, 2007). Há aqui o jogo de vida ou de morte, não há alternativa. A suspensão do investimento libidinal no eu experimentada em alguma realidade que imponha algum limite à onipotência narcísica constitui como real ameaça de morte psíquica, da qual tenho que defender também de maneira imediata a absoluta. Diante do desamparo, defendo-me desesperadamente para resgatar a onipotência narcísica perdida ou ameaçada.

Trata-se, portanto, de um narcisismo defensivo, constantemente ameaçado e jamais minimamente estável (Jordão, 2009a, 2009b). Um narcisismo que está constantemente em busca de estratégias de gratificação, única maneira de manter, ainda que muito precariamente, algum investimento egoico que produza um certo equilíbrio psíquico, qualquer que seja. O exemplo mais corriqueiro vem do dia a dia, nossa quase absoluta intolerância às situações que impliquem algum nível de frustração, limitação da onipotência narcísica. É como se a castração fosse sempre vivida como ameaça de morte narcísica e exigisse sempre um contra-ataque de reafirmação da onipotência.

Esta modalidade de arranjo dinâmico, assim tornado estático, da economia psíquica tem implicações diretas sobre as relações objetais. Visto que tanto o investimento narcísico quanto o objetal dependem de um certo aporte de libido, ambos os polos disputam esta libido. A libido é uma só, seus usos e destinos é que são variados. Assim, a concentração de libido em um polo ou outro implica a retirada de libido do polo antagonístico; ou seja, o investimento objetal implica necessariamente empobrecimento libidinal narcísico. Para um narcisismo instável e de constituição precária, o próprio investimento objetal é, portanto, uma ameaça. E uma atitude defensiva extrema seria retirar do objeto seu próprio estatuto objetal de modo a destituí-lo das características que o credenciam ao investimento libidinal em disputa, e transformá-lo em mero instrumento de gozo, reafirmação da onipotência narcísica. Pois é com atitudes e posturas extremas, em termos psíquicos, que temos nos deparado atualmente – e já há algum tempo.

Ao transformar o objeto em simples instrumento de autogratificação egoica e afirmação de onipotência, contornamos o desamparo, deixamos de enfrentá-lo por ora. O problema é que a estratégia é só parcialmente eficaz e traz consequências bastante graves para o próprio narcisismo, pois afeta inexoravelmente a ambos os termos da equação. Se o eu é ele mesmo um objeto passível de investimento objetal, ao descaracterizar o objeto e destituí-lo de sua alteridade e singularidade objetais o próprio eu acaba perdendo em estabilidade e potência. O tratamento reservado ao objeto não será diferente do que o próprio eu receberá. E então podemos afirmar, com Bauman, Dufour e Melman, que temos também um enorme empobrecimento subjetivo, um

considerável estreitamento do campo seu existencial, concomitantemente redução do objeto a um instrumento de gozo. E mais, com Melman diremos que até o sentido mesmo de gozo se perdeu um pouco, pois eu gozo onde e quando exibio meu gozo e tenho plateia: o que tem valor de gozo é a exibição. É ela, a exibição do gozo, que funcionará como avanço narcísico.

Aqui é preciso considerar uma das características referentes ao lugar e ao estatuto do objeto na atualidade. Como apontam Pinheiro e Lambotte, há algo de melancólico na atualidade, no próprio lugar e na própria função do objeto nas relações atuais. Lambotte caracteriza as relações objetais na melancolia como uma cena em duas dimensões – claro está que ela não se refere ao objeto perdido de que trata Freud, mas às relações objetais cotidianas. Como uma mesa de jantar, sem qualquer relevo, o investimento objetal na melancolia não faria distinção valorativa entre os objetos, nenhum teria mais ou menos valor, seria mais ou menos querido e desejado. Estariam todos no mesmo nível, num mesmo plano e sem diferenças significativas entre eles. Se nenhum objeto tem qualquer valor especial, conclui-se que todos são, a rigor, intercambiáveis e substituíveis. A obsolescência dos objetos e das relações, que apreendemos dos textos de Bauman, pode configurar-se, então, de forma ótima.

Na atualidade, portanto, mais do que falar que a estrutura inversa parece ser o modelo de estruturação psíquica vigente, devemos falar em traços perversos no nível tanto individual quanto coletivo. Assim como podemos também ver traços melancólicos em ambas as esferas. Uma proposta possível e bastante pertinente é que, na verdade, teríamos inclusive não um, mas pelo menos dois modelos complementares – a perversão e a melancolia – que se prestam a aproximações com nosso modo atual de organização psíquica e social. Tomando narcisismo e objeto como dois extremos de uma mesma cadeia, teremos que, na extremidade narcísica andamos mesmo meio *borderline*, com carência de uma organização mais estável e perene, mas com um mínimo de organização suficiente para permitir minimamente que evitemos o recurso à psicose. A questão é que o que permite a manutenção deste precário equilíbrio são práticas e abordagens perversas que envolvem um objeto destituído de seu valor de singularidade e alteridade, um

objeto melancolizado, desobjetalizado. Trata-se do próprio declínio do simbólico que encontramos em Dufour e Melman.

Mas nem só de agruras e instabilidades psíquicas constitui-se a atualidade. Há também o novo, que surge alicerçado em valores e práticas perversas, talvez, mas que algo ainda inédito parece se inaugurar. Uma novidade tecnológica tem aparentemente papel fundamental nesta nova realidade: as redes sociais e a inédita oportunidade que oferecem a seus participantes de atuarem simultaneamente tanto como protagonistas quanto como plateia dos fatos ali propagados. *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* trouxeram uma novidade radical que é a exposição – até mesmo em tempo real – de todo e qualquer elemento passível de exibição, seja texto, opinião, comentário ou imagem, estática ou em movimento; além de permitir, através de hiperlinks, remeter o espectador/plateia a outros elementos e conteúdos similares escolhidos pelo exibicionista primário.

Com as redes sociais, o próprio lugar de destaque da mercadoria na economia de mercado que se instaurou nas relações humanas inter e intrapessoais perde um pouco seu poder e se volatiliza. Com o *Facebook*, até mesmo o papel da mercadoria como meio de acesso a gratificações narcísicas torna-se secundário, pois agora é possível prescindir da posse do objeto/mercadoria como gerador da ilusão de onipotência. Tal papel pode ser, amplamente e com vantagens, desempenhado pela exposição desenfreada de si mesmo nas redes sociais. Não um si mesmo qualquer, mas um escolhido e construído segundo critérios específicos de onipotência como felicidade, sucesso e gozo constante. Todos os seus usuários o sabem bem, o que pode ser ilustrado pela fala do paciente que cita uma “felicidade de *Facebook*”. Intrigado, pergunto o que é e ele explica: “Já viu alguém triste no *Facebook*? Está todo mundo feliz, cheio de coisas para fazer, sempre muito interessantes e exclusivas.”

Mas a novidade é maior ainda porque os usuários são, eles próprios, o público ao qual se dirige aquele conteúdo a ser exibido e invejado. São, simultaneamente, exibicionistas e voyeurs. São eles próprios que alimentam aquela rede quando, por exemplo, emitem sua opinião favorável ao clicar em “curtir”, no *Facebook*. E mesmo quando desaprovam e emitem opinião de contrariedade.

Agora, de todas as ocorrências recentes que já vislumbrávamos no horizonte alguns anos atrás, uma é sem dúvida socialmente e psiquicamente inédita e ainda vai nos ocupar por algum tempo na tentativa de compreendê-la a fundo: a capacidade de mobilização social que surgiu através de um instrumento prioritariamente reduzido ao seu uso perverso de exibição e voyeurismo. Vê-se logo a insuficiência do enfoque devido ao seu alcance limitado, mas sigamos nele porque ainda será produtivo.

Tomemos como exemplo dois enormes eventos recentes de mobilização social na cidade do Rio de Janeiro: a manifestação de 20 de junho de 2013, na av. Presidente Vargas, e a Jornada Mundial da Juventude, em julho. Na JMJ reconhecemos nitidamente o fenômeno de massa como apontado por Freud em 1921. Ali temos o elemento identificatório comum que torna a multidão uma comunidade. Pois é exatamente isto que falta à manifestação de 20/06: não havia um eixo identificatório central em torno do qual aqueles indivíduos se mobilizaram. Ao contrário, o que se viu foi muito mais próximo do que Lebrun (2007) designa como “perversão comum” no sentido exato do subtítulo de seu livro: viver juntos sem o outro. Na manifestação de 20/06 havia uma multidão de indivíduos autônomos que não constituíam uma massa. O que vimos foi um ajuntamento de pessoas com razões individuais claras e pertinentes, mas não necessariamente em harmonia com as outras que também se manifestavam ali. E foi uma multidão jamais vista no centro da cidade.

O mais interessante é que este ajuntamento de indivíduos não era de anônimos, mas de protagonistas; ali todos tinham algo a dizer, nada que cada um tivesse uma coisa diferente a dizer. Não havia espírito de grupo, sentimento de adesão ou pertencimento. Talvez a única força psíquica que unisse aqueles manifestantes fosse o reconhecimento do exibicionismo alheio que também só era assim reconhecido porque servia ao meu próprio exibicionismo. Explique-se melhor: não somente o indivíduo se exhibe para uma plateia de exibicionistas, ele também se identifica no papel de voyeur que lhe permite recolher novos elementos de exibicionistas alheios e, de certa forma, torná-los próprios ao reproduzi-los e exibi-los na sua página pessoal da rede social. Pois bem, ainda a seguir – o que realmente interessa de todo este comentário – no fundo

algo novo se criou, uma capacidade de mobilização de multidões sem o elemento identificatório comum que sempre encontramos antes. E isto parece ter sido particular no Brasil, diferente da Primavera Árabe, por exemplo. Aqui não havia bandeiras, causas, ideologia, carro de som; mas cartolina com frases curtas escritas com *Pilot*.

Uma pequena digressão dará um certo ar otimista ao desfecho deste artigo. Diz respeito à contraface deste movimento subjetivo/social que temos entendido há tempos como de natureza perversa e vai na direção exata das observações que encontramos nos parágrafos anteriores. É a seguinte: de uma forma geral, o declínio da função simbólica acompanhado da negação da alteridade na relação objetual e a consequente redução do objeto a mero instrumento de acesso ao gozo perverso faz pensar na barbárie. É ela que Melman (2003), por exemplo, encontra como consequência do declínio da função paterna, já que o gozo não pode mais ser regulado; o simbólico perde sua função reguladora e a castração não se apresenta senão na realidade efetiva do trauma: "... o traumático substitui o Simbólico" (p. 87). Mas, em Freud, temos uma fábula potente sobre o surgimento da ordem social a partir da barbárie, e isto guarda algumas semelhanças com o quadro que acaba de ser descrito. Uma delas, fundamental, diz respeito ao modo como, no mito da horda primeva, os desejos narcísicos e egoístas são as molas propulsoras do pacto civilizatório.

No mito da horda primitiva, o assassinato do pai é um ato coletivo movido por desejos individuais. Os filhos que se unem na consecução do parricídio o fazem porque desejam, eles próprios individualmente e cada um por si, ocupar o lugar do pai e ter a exclusividade do acesso às fêmeas. É sua menor potência física que os leva a se unirem – afinal, o objetivo, apesar de egoísta e individual, é o mesmo em cada um deles. A morte do pai implica a instauração da ordem simbólica, pois seu lugar não pode, agora, ser ocupado por nenhum dos seus filhos, os irmãos parricidas. Mas não pode por um motivo duplo, tanto a castração, quanto a identificação. A castração representada pela efetiva ameaça de morte que se configurou com a concretização do parricídio, qualquer um que ocupasse aquele posto estaria sujeito ao mesmo destino. A saída identificatória se faz pelo hiperinvestimento da

memória do pai morto e é movida fundamentalmente pelo sentimento de arrependimento. Os filhos tinham no pai não somente um rival e o agente da lei – melhor dizer: a própria lei encarnada – mas alguém a quem também amavam. Passado o furor assassino e o prazer primitivo oriundo da aniquilação do agente castrador, do franqueamento de suas portas aos seus impulsos raivosos, os filhos se arrependem. Tomam consciência de que as consequências de seus atos são polissêmicas, não têm múltiplos sentidos, e que causam também sofrimento, além de prazer. Eles têm saudade do pai morto e sofrem por isso.

O que se pode depreender da manifestação de 20 de junho é que ali também, uma comunidade de indivíduos que se reuniram movidos por desejos e questões particulares a cada um. O grito de "nenhum partido me representa" o demonstra muito bem, bem como a profusão de mensagens e reivindicações, algumas até mesmo antagônicas, em simétrica oposição a outras igualmente veiculadas, que podiam ser encontradas ali. Algumas podiam ser mesmo idênticas, como idênticos eram os desejos egoístas dos irmãos parricidas na horda primitiva, mas não foram suficientes para que se constituíssem grupos organizados em torno de si; não tinham a força identificatória em torno da qual uma comunidade se forma. A questão é que o simples fato de podermos identificar esta semelhança entre o mito freudiano do surgimento da ordem social e a instauração da Lei, por um lado, e os mesmos desejos individuais que identificamos na origem das últimas mobilizações populares, por outro, não deixa de ser auspicioso. Na verdade, revela que tais traços diversos podem esconder qualidades positivas insuspeitadas e que podem trazer novas mudanças subjetivas e sociais por vir. E que podem trazer qualidades positivas também.

O mais interessante e revelador é que isto se dá num momento em que a psicanálise parece recrudescer tanto em interesse geral quanto no de pessoas que buscam os consultórios. Há novamente cada vez mais pacientes que nos procuram com o declarado propósito de compreender uma análise, ainda que com características específicas de qualidade – como a frequente exigência de que não se tenha mais do que uma sessão por semana. Há novidade também aí porque indica um tipo de sujeito pelo subjetivo mais rico e com espírito escrutinador, curioso sobre

si mesmo e que se percebe capaz e passível de mudança. E isto, este traço mais neurótico, em que os ideais podem operar a favor, parece também compor o cenário atual.

É cedo para dizermos o que virá. Com Freud sabemos que só retrospectivamente o faremos, *nachträglich*. Mas há indícios de que algo novo pode surgir e que será multifacetado. Há mesmo um cheiro bom de originalidade no ar.

**Alexandre Abranches Jordão**

Rua Araucária, 114/302  
Jardim Botânico  
CEP 22461-160  
Rio de Janeiro - RJ  
(21) 92363943  
aajordao@uol.com.br

**Referências**

- BAUMAN, Z. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (or. 1997).
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DESJOUR, C. *O corpo entre e a biologia e a psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Le corps, d'abord*. Paris: Payot, 2001.
- DUFOUR, D.-R. *A arte de encolher as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005 (or. 2003).
- EHRENBERG, A. *La fatigue d'être soi: dépressions et société*. Paris: Odile Jacob, 1998.
- FREUD, S. (1913 [1912-13]) *Tótem y tabú: algunas concordancias en la vida anímica de los selvajes y de los neuróticos*. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991 (or. 1990).
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 10a. ed., 2005 (or. 1992).

JORDÃO, A.A. Pequeno ensaio metapsicológico sobre a solidão e suas implicações. *Cadernos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: SPCRJ, v. 23, p. 117-118, 2007a.

\_\_\_\_\_. Novas subjetividades: narcisismo defensivo. *Cadernos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Círculo Psicanalítico/RJ, v. 20, p. 45-62, 2007b.

\_\_\_\_\_. Novas ilusões e novas subjetividades. In *X Jornada de Psicanálise SPCRJ*. Rio de Janeiro: SPCRJ, p. 36-43, Anais, 2007c.

\_\_\_\_\_. El analista como catalizador de afectos: la clínica de las nuevas subjetividades. Trabalho apresentado na *7th International Conference on the Ferenczi*, Buenos Aires, 2009a.

\_\_\_\_\_. *Narcisismo: do ressentimento à certeza de si*. Curitiba: Juruá, 2009b.

\_\_\_\_\_. Inconsciente, sexualidade e desejo. In *XIV Jornada de Psicanálise SPCRJ*. Rio de Janeiro: SPCRJ, p. 39-46, Anais, 2011.

KISTEVA, J. *Novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002 (or. 2001).

LABOTTE, M.-C. *O discurso melancólico: da fenomenologia à psicopatologia*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1997 (or. 1993).

\_\_\_\_\_. *L'objet esthétique dans la mélancolie*.

LEURLIN, J.-P. *La perversion ordinaire: vivre ensemble sans autrui*. Paris: L'Éclat, 2007.

MACGUGALL, J. *Teatros do corpo: psicossoma em psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991 (or. 1989).

MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003.

MORFETSKY, G. *A sociedade da decepção*. Barueri - SP: Manole, 2007 (or. 2006).

MURRO, T. Trauma e melancolia. In *Revista Percurso*, n. 10, p. 50-55, 1993.

\_\_\_\_\_. O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade. In *Benjamin et al. (org.) Sofrimentos narcísicos*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

\_\_\_\_\_. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.



## ENTREVISTAS

---

### Entrevista I

**Renato Mezan**

Ana Paula Amado Lopes

### Entrevista II

**Juan David Nasio**

Adrián Grassi

## | ENTREVISTA I |

ENTREVISTA COM RENATO MEZAN<sup>13</sup>

---

*Ana Paula Amado Lopes<sup>14</sup>*

#### Uma tarde com Renato Mezan

Desde os primeiros contatos com Renato Mezan, que começaram em fevereiro deste ano, fui surpreendida por e-mail e, a seguir, por contato telefônico, com sua amabilidade, aconchego, proximidade e simplicidade. Digo que me surpreendi, uma vez que estava diante de um dos maiores ícones da psicanálise, e conhecedores da obra de Freud.

Após alguns acertos, lá estava eu, em São Paulo, no consultório de Renato, que estava à minha espera com o “Kit Ana Paula”, composto por: um livro e a cópia dos artigos do seu próximo livro. Quanta delicadeza! e ainda não se esqueceu de presentear “Gilda Sobral Pinto”, que estabeleceu com ele, desde os anos 80, uma relação de muito carinho, admiração e respeito.

---

<sup>13</sup> Psicanalista, Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, Prof<sup>o</sup> Titular da PUC-SP e Autor de vários livros, Entre os quais Freud: *A Trama dos Conceitos* (1982; Perspectiva), *Freud, Pensador da Cultura* (1985; Companhia das Letras), *Escrevendo a Clínica* (1992; Casa do Psicólogo).

<sup>14</sup> Psicóloga, Psicanalista, Membro Efetivo da SPCRJ. Pós-Graduada em Tratamento e Prevenção de Abuso de Drogas.

O seu consultório fica numa casa bastante aconchegante e a minha sensação era de estar num lugar impregnado de muitas, muitas, muitas e boas histórias... O cheiro, a arrumação dos móveis, o tapete, os quadros, a madeira da escada que apontava para um segundo piso, o silêncio e as várias edições de revistas arrumadas pelo chão... Me sentia hipnotizada, encantada diante daquele homem que me sugeria ser uma fonte inesgotável de saber... Não só um saber técnico, mas um profundo conhecedor da vida e das relações humanas...

### “Assim, em 09 de julho de 2013, iniciou a sua entrevista”

Renato voltou no tempo falando sobre a sua ida para o curso de Filosofia na Universidade de São Paulo aos 18 anos de idade, numa época em que a USP era considerada lugar de excelência internacional, uma vez que, por razões históricas que remontam à fundação da Universidade, o Departamento de Filosofia, Letras era uma extensão da Universidade Francesa no Brasil. Nos anos 1930 ocorreu a fundação do Departamento de Filosofia, Ciências, Letras; *a posteriori*, vieram os franceses como: Lévi-Strauss, Gilles Deleuze, Gila Matig (Fundador da Categoria de Filosofia na USP) que formaram uma geração de intelectuais. Tinham como proposta que o curso de Ciências Humanas deveria ser ensinado por franceses que tinham tradição liberal e, segundo Mezan, sem grandes idealizações. Ali exigia-se um nível de estudo de profundidade, de exigência, de qualidade, de rigor de pensamento, de articulação lógica, de escrever bem, de ser culto. E assim, com Antônio Cândido, Gilda Melo Souza, Aroldo de Azevedo, Osvaldo Sangiorgi (matemático), foram se formando várias gerações de intelectuais do mais alto nível, passando para a geração de filósofos com Luiz Costa Pereira Júnior, seguidos, por uma segunda geração, com José Arthur Giannotti, Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior e, a seguir, Marilena Chauí, até a geração de Renato Mezan, Scarlett Marton, Renato Janini Ribeiro, Audalia Matos e outros.

Então, esse era o Departamento de Filosofia, que por conta da ligação com a França, fazia com que uma vez por ano um estudante tivesse uma bolsa para passar algum tempo com a bolsa do governo francês.

Foi ali, no meio de tantos intelectuais, absorvido por tantas atividades curriculares e extracurriculares que Renato Mezan iniciou a sua Formação. Ele, movido por uma curiosidade que ia muito além da curiosidade infantil, edipiana, de saber o que papai e mamãe estavam fazendo no quarto de porta fechada, ultrapassou os muros da USP, em busca de descobrir a origem das coisas – afinal, era leitor voraz de Monteiro Lobato – e foi assim que acabou nos presenteando com uma *Psicanálise* do mais alto nível.

### “Maquiavel, em o “Príncipe” (1513), dizia que para se conquistar ou manter o poder era preciso ter-se uma dose de VIRTÚ x FORTUNA...”

Segundo Renato, uma dose grande de casualidade e uma mistura de circunstâncias onde algumas você escolhe, e outras não, foram a marca da sua trajetória. Foi necessário ter competência, saber fazer, saber aproveitar as circunstâncias, estar bem equipado (Virtú) *versus* sorte, estar no lugar certo, na hora certa (Fortuna). Há um fator que é imponderável – e, isso, vale para política como vale para qualquer outra coisa que envolva a ação humana. Portanto, no desenvolvimento da sua trajetória, as duas coisas estiveram presentes.

Em 1968 entrou para universidade. No entanto, um ano após, em 1969, entrou em vigor o Ato Institucional nº 5 e, assim, como vários outros Departamentos, o de Filosofia, Letras foi quase dizimado, pois a finalidade dos militares era destruir o departamento de filosofia, tido como um “antro de subversivos”. Muitos professores foram cassados, perseguidos, exilados, como: Giannotti, Bento Prado e tantos outros. Alguns estudantes presos, desaparecidos e, diante daquele momento de horror e a incerteza se faziam presentes, Mezan, aos 19 anos, decidiu passar um ano viajando por Israel. Aos 20 anos, quando regressou, conseguiu um emprego como professor de História Judaica no Colégio I. L. Peretz, dirigido por Gita Guinsburg, segundo ele, uma mulher notável. Assim, manteve-se lá até a época de ir para a França.

Em seguida, retomou o curso de Filosofia na USP e foi matriculado por seu pai – ele ainda se encontrava fora do país – no curso de Lógica e Ciência da Filosofia. No entanto, foi nos anos 1972 e 1973, assistindo algumas aulas do curso da Marilena Chauí, sobre

Wilhelm Reich, que descobriu o que queria estudar. Disse ele: “Era um verdadeiro psicodrama coletivo”, com uma mulher linda, muito inteligente, articulada e no auge da sua plenitude. Consequentemente, O Departamento de Filosofia, por ser uma antena da Universidade Francesa, a cada ano, trazia da França um professor e, assim, assistiu a muitos cursos, dentre eles, um com Michel Foucault – que acabava de escrever *A vontade de Saber* – Dominique Di Sante, e tantos outros que foram fundamentais na construção de um pensamento e um saber a seu tempo.

O encontro com a Psicanálise foi ao final da graduação, pois tinha duas possibilidades. Especializar-se em alguma coisa judaica era uma delas. No entanto, para isso era necessário ir para os Estados Unidos, para Israel ou a Inglaterra. A Filosofia era a outra possibilidade – e foi essa a sua escolha, uma vez que a sua infância tinha sido inteiramente laica. Assim, na infância foi educado por Monteiro Lobato, cujos livros ele leu todos, como: *O Sítio de Pica-Pau Amarelo*, *Os Dozes Trabalhos de Hércules*, todas as gramáticas da Emília, *A aritmética da Emília* e *Viagem ao céu*, que era uma escola de civilização pelas crianças brasileiras, onde era possível aprender astronomia divertindo-se. Em *Viagem ao Céu*, ele se perguntava: em que lugar fica saturno? Sei lá... Sendo assim, descobriu alguns anos mais tarde que as escolhas precisam ter uma raiz na infância.

Portanto, apesar de ter escrito livros sobre a história judaica e que são usados até hoje nas escolas pelos professores, acabou optando pelo estudo da filosofia e, daí, a necessidade do mestrado. Em cena, Marilena Chauí, que após ser escolhida como, orientadora da sua dissertação de mestrado, recomendou extensa bibliografia. Quando chegou à biblioteca da USP, Zuleica – a bibliotecária – informou que o primeiro livro da lista estava emprestado, e o segundo era *Uma Introdução a Psicanálise*. Mezan, solicitou mais alguns livros e foi para o ponto de ônibus tomar a condução de volta para casa. Começou a ler Freud e, segundo ele, está lendo até hoje... Em três dias já havia lido a *Introdução*, e o seu fascínio com aquela leitura não deixava que ele desgrudasse do livro. Ato falho, sonho, neurose, será que isso é verdade? Na época, com 23/24 anos, foi falar com Marilena, porque acreditou que era possível escrever uma tese bacana.

Em seu Bar Mitzvá Renato tinha sido presenteado, por seu pai, com uma coleção que se chamava: “Great Books of the Western World”. Segundo ele, um presente completamente inadequado para um garoto de 13 anos de idade. No entanto, são os grandes livros da história ocidental e o último volume era Freud. A edição não era standard, mas começava com a “Interpretação dos Sonhos” e boa parte dos trabalhos de psicanálise aplicada. Acabou por se embrenhar por aquilo que era um corte transversal na obra de Freud. No mês seguinte, bateu à porta da Marilena e perguntou: É possível fazer uma tese de filosofia sobre Freud? Ela respondeu: Por que não? A resposta não podia ser mais judaica, uma vez que ela repondeu com outra pergunta. Então, ele tinha que ler a obra do Freud, pois era impensável fazer uma tese sem conhecer de trás para a frente a obra do Freud. Assim era a USP.

### “Se você quer ser um especialista naquele autor é preciso ir atrás”

Nesta época, conheceu Regina Chnaiderman que fazia filosofia nas horas vagas, junto com a filha Miriam Chnaiderman. Foi Regina quem emprestou todos os volumes da *Standard Edition* da obra de Freud, pois, as edições eram feitas por subscrição, custando uma fortuna – e totalmente fora do seu alcance. Após um ano acabou de ler toda a obra de Freud. Enquanto isso, procurava Marilena Chauí para conversarem sobre o que chamava de “rascunho por livre associação” – o que hoje seria um projeto.

Em a “História do Movimento Psicanalítico”, Freud fala que o fundamental na psicanálise são os conceitos de repressão, inconsciente, transferência etc... Então, pensou Mezan: se a repressão é um conceito central vamos pensar como funciona a repressão? Após muito escrever, Marilena Chauí apontou a necessidade de buscar comentadores da obra de Freud. Desta maneira, após muito fuçar numa livraria Francesa, na Barão de Itapetininga, conheceu um tal de Lacan, de quem nunca tinha ouvido falar, e com seu livro traduzido que se chamava *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, voltou para casa e, no entanto, ao iniciar a leitura não entendeu nada. Mas não podia mesmo entender, pois *Os Quatro Conceitos* era de 64, o seminário da ruptura; ele não fazia mínima ideia do que era aquilo e, ainda por cima, achou o cara

um chato... Assim, descobriu algumas coisas em espanhol, e também os argentinos através da sua amiga Regina. Foi, desta maneira, que acabou escrevendo “Freud: A Trama dos Conceitos” que veio a ser sua tese de mestrado.

### Em setembro de 1977 embarcou para a França

Na época, ele ganhava uma bolsa de 1.200 francos, que lhe permitia viver razoavelmente, além de ter algum dinheiro guardado. Na França, viveu por quatro anos, assistindo a muitos seminários de psicanálise e filosofia com: Laplanche e Pontalis, Pierre Fédida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, assim como, ficou deslumbrado com um romanista chamado Paul Veyne que era um grande estudioso da civilização Romana.

Renato estava casado e sua esposa trabalhava, tinha dinheiro e, desta forma, foi possível começar uma análise, viajaram a Europa inteira, vieram duas vezes ao Brasil, também trabalhou um tempo como porteiro. Porém, acabou descobrindo que conciliar o trabalho de porteiro com os estudos não era realizável, uma vez que fazia todos os cursos possíveis.

Depois de certo momento, começou a pensar o que queria fazer, pois já havia escrito um livro sobre Freud. Então pensou: “vamos parar de olhar o cardápio para experimentar a refeição”. Através de Marilena Chauí, que havia recomendado um livro de Conrad Stein, foi conversar com ele levando o exemplar da sua tese de mestrado. Após conversarem, Stein orientou Renato a fazer uma análise, a frequentar os estudos teóricos de seminários e também assistir ao seu seminário no Instituto de Psicanálise. A partir daí, começou uma análise por indicação de Stein e foi assistir a muitas outras coisas num momento de efervescência na França.

Através de René Major participou do grupo “Confrontation”, uma espécie de espaço neutro criado pelo próprio René num momento de muita disputa entre os psicanalistas Lacanianos e não Lacanianos, e as sociedades de psicanálise. Então, René Major que começou com o grupo “Confrontation” mais ou menos em 1976, deu a Renato uma carta para ele não pagar a inscrição, uma vez que era estudante. Esse grupo funcionava com quem quisesse oferecer um programa de estudo ou um

seminário, que em geral, eram duas noites ou duas tardes por mês. Esses encontros podiam ser em salas alugadas para palestras, conferências ou no consultório de alguém. Havia um catálogo com os temas e o nome de quem estava produzindo sobre aquele determinado tema, além do endereço e do telefone. Foi assim que assistiu ao seminário da Maria Torok e do próprio René Major e tantos outros. Ali era um lugar onde as pessoas falavam daquilo de que não podiam falar na sua sociedade, pois, naquele tempo existia um clima de guerra fria.

Ainda na França, em dezembro de 1980, escreveu o último capítulo de “Freud, Pensador da Cultura”. E seguindo uma coisa mais efetiva do que racional decidiu escrever em português para que, em algum momento, o livro fosse publicado no Brasil. Na época, Fábio Herrmann escrevia “Os Anais do Real”, assim como, Luiz Alfredo Garcia-Roza estava às voltas com os seus primeiros livros. Logo, na França ele seria sempre um estrangeiro e preferiu voltar para o Brasil num momento em que a ditadura estava terminando. Houve o início da anistia, acabava o AI-5 e o clima estava melhor.

Entretanto, no caminho de volta acabou passando seis meses nos Estados Unidos. Lá, tinha um amigo que conseguiu um trabalho para Renato em Yale, onde dava aula. Eles tinham lá um programa – como muitas Universidades Americanas – que se chamava “Visiting Letters”. Você recebia dinheiro para dar um curso e podia ficar seis meses nos Estados Unidos. Como não conhecia o país, achou ótimo. Em janeiro de 1981 deixou a França rumo à América. Foi para Boston e descobriu o que era uma Universidade Americana em termos de organização, de recursos e de inventividade. Em Nova York dava os seminários sobre o que tinha escrito sobre psicanálise. Quinze pessoas se inscreveram no seu curso e leram, em seis meses, o que Renato levou quatro anos para ler.

Quando retornou ao Brasil, com uma bagagem considerável, foi procurar Regina Chnaiderman levando sua tese, de que ela já havia lido alguma coisa. Assim, ela fez-lhe o convite para dar aulas no Instituto Sedes Sapientiae, pois precisavam de alguém para dar aulas de epistemologia. Assistido por Lúcia Fuks, passou por uma espécie de teste, com ela sentada na primeira fila. Logo voltou ao Brasil e a dar aulas de psicanálise, permanecendo até hoje, não mais no Instituto como

professor, e sim, na PUC-SP, seguindo os passos dos grandes mestres, dentre eles: um homem notável chamado Gérard Lebrun, um grande professor, um grande ator que ensinou toda uma geração como dar aula.

Assim, foi o que aconteceu com a minha geração -- e faço questão de frisar, porque uma andorinha não faz verão. São eles: Jurandir Freire, Joel Birman, Fernando Rocha, Luiz Alfredo Garcia-Roza, e Fábio Herrmann -- que por diversas razões individuais tinham se formado na França -- convergindo para formar algo que não existia que era a psicanálise escrita, essa era uma novidade. Fábio Herrmann escrevendo suas teorias, Garcia-Roza fazendo um estudo profundo de Freud, eu à minha maneira. Joel Birman começando também a estudar. Essa era a forma de mostrar que você sabia do que estava falando, ou seja, estudando Freud, uma vez que as pessoas não liam Freud.

Portanto, a turma que aprendeu a fazer esse método estrutural de leitura de texto faz isso muito bem e o resultado disso foi que nós começamos a ensinar para os alunos. Você vai ler Freud? Logo, é ler para entender o que ele está pensando. De onde ele está falando? Quais são os pressupostos? Quais são as consequências? Em que mudou a relação com o texto anterior? Qual é o mandamento da argumentação? Quais são os recursos da retórica? Isso era novo na psicanálise.

### As formações psicanalíticas

Para Mezan são necessários alguns requisitos para se trabalhar com psicanálise, dentre eles: uma boa análise, tão extensa e profunda quanto possível, para você vencer os seus próprios obstáculos internos. No entanto, é preciso ter um repertório para não ser um analista ignorante. É preciso saber o que está acontecendo no país, ter um mínimo de noção do que está acontecendo no planeta, acompanhar jornais -- e isso fornece ao analista clínico um instrumento de pensamento. De maneira geral, acredito que isso é parte fundamental, junto com o conhecimento de psicanálise, uma vez que é necessário estudar os textos dos autores, acompanhar seminários, aprender psicopatologia, para que a formação intramuros seja a melhor possível.

Agora, a formação extramuros não cabe à psicanálise oferecer e, sim, é o papel de cada um se virar para conseguir.

### Perversão

A perversão é uma infração à norma, à regra; no entanto, a norma, a regra não é absoluta. Adão não comeu a maçã? Perversão? Difícil acreditar! Provavelmente, a serpente queria desafiar Deus, era o Satanás, lá na história da Bíblia. Ela convence Eva a comer o fruto proibido da árvore da ciência (do conhecimento do bem e do mal) criado por Deus; entretanto, existia uma norma, que era não comer o fruto da árvore do conhecimento. O que a serpente quis foi mostrar que Deus não é onipotente, e que nem todas as obras dele eram seguidas. Para isso, ela instrumentalizou a mulher, a sua curiosidade, a sua vaidade, fez Eva comer a maçã. A seguir, Eva convence Adão a comer, pois a serpente garantiu que nada aconteceria. Logo, toda a humanidade foi privada da perfeição e da perspectiva de uma vida infundável e, assim, ambos acabaram sendo expulsos do jardim do Éden. Houve consequência. Quem é o perverso dessa história? A Eva ou o Adão infringiram a norma? Claro que não. Na melhor das hipóteses foram ingênuos. Perversa é a serpente, porque usa os dois como instrumento, como coisa, como meio, para chegar ao seu fim, com isso, sem se importar com as consequências para eles: nisso está a Perversão.

Usar os outros como fins para os seus meios faz parte da sociedade. Você está me usando para escrever uma matéria da sua revista. Isso não é Perverso. Eu estou usando você para passar uma tarde agradável conversando sobre muitas coisas interessantes. Isso também não é Perverso. Isso é um sistema de meios e fins, à medida que ambos estabelecemos um contrato, um acordo, e o seguimos. Cada um é meio e fim, ou seja, um é meio para o outro chegar às suas finalidades e o outro é meio para o primeiro chegar às suas finalidades. Aqui, nada há de Perverso. O que é Perverso é você usar o outro para suas finalidades sabendo que isso vai causar dano a esse outro.

Há uma espécie de indiferença clínica, diante, por exemplo, de uma barbárie que é, sim, claramente, uma perversão. A crueldade excessiva é Perversão, no sentido de resultado das pulsões parciais, como pensava Freud. No sentido de que é uma pessoa que não tem uma empatia mínima com o outro para considerar que esse outro faz parte da mesma espécie que ele. A Perversão tem a ver com a finalidade do

ato e não necessariamente com o ato em si. Ou seja, aquilo que pode ser uma carícia como morder a orelha da parceira até sangrar – e se a parceira gosta, ele gosta, não é necessariamente um ato perverso. Assim como encenar uma fantasia sexual com todos aqueles apetrechos que encontramos nas lojas de *sex shop*. Agora, se pegar uma pessoa que não quer ser mordida, e mordê-la até tirar sangue, isso é perverso. Você obrigar uma pessoa que não quer – pelo exercício da força, ou da intimidação, ou da chantagem, ou de qualquer outro meio de desproporção de forças – a fazer uma coisa, sexual ou não, isso se chama sadismo. Bom, há pessoas masoquistas, que são submissas e que acham o máximo... São muitas histórias na internet. Se acessar o Google com o título “fêmeas submissas” você vai encontrar centenas de histórias, imagens de mulher cujo anseio máximo é ser uma escrava sexual de algum homem ou mulher. Claro que isso expressa uma fantasia e que uma fantasia não é necessariamente perversa. Fantasia é Fantasia.

Mas você pode colocar em prática a sua fantasia, uma vez que pode achar deliciosas as “tetinhas” nascentes de uma menina de treze anos, maravilhosamente saborosas. O que eu não posso é pegar uma menina de treze anos e ficar saboreando as sua “tetinhas” nascentes, porque isso se chama pedofilia. Eu posso achar lindo, me excitar, me masturbar quarenta vezes, escrever uma história tipo Lolita, mas eu não posso fazer. Perversão nós vamos definindo... é uma ação, envolve ações, atos que dependem de uma organização psíquica para serem considerados aceitáveis, portanto, é um regime pulsional, egoico, superegoico de esquema de ideais, etc... Enfim, que ao ser posto em prática tem como característica comum ao meu ver a coisificação do outro, em que pode ser desde humilhar até matar. Logo, tratá-lo como alguém muito diferente de mim, uma vez que nós podemos e os outros não podem. Equivale a desnaturalizar o outro. Isso é perversão.

Eu não aceito que seja um ato que caiba no gênero da perversão quando um paciente vai para a sessão e, no decorrer desta, lança mão do seu celular atendendo a um chamado, recebendo torpedos e não podendo aguardar o final da sessão para ler, responder, pedir um momentinho para resolver aquela situação, etc... Você pode falar de uma série de outras coisas, dentre elas: falta de educação, insegurança,

não consegue ficar desconectado, no entanto, também pode ser uma situação de emergência, urgência e será necessário atender o celular. Depende da circunstância dessa pessoa.

Agora, vamos imaginar o caso de uma paciente que está o tempo todo com o celular na mão e olhando para ele... Então, ela diz: “Vamos ver o que tem aqui hoje. Já estão me procurando. Não tenho sossego”. Nesse momento, não há nenhuma interpretação que possa ser ouvida. Acontece quando os temas ficam muito quentes, daí, uma visível resistência. É uma maneira transferencial de dizer que você quer que ela fale, mas eu não vou falar. Eu não posso dizer isso, dessa maneira, para uma pessoa que não quer ouvir. Assim, interpreto que esse comportamento é uma resistência transferencial de uma situação que tem a ver com uma dinâmica de personalidade que atua ao invés de conter psiquicamente. Onde ela diz: esta sessão está um “saco”, você é um chato, eu não quero falar essas coisas... Ela atua e me deixa esperando as associações dela meio à moda do desejo insatisfeito. Neste exemplo, eu vejo como uma questão de histeria, e não de perversão.

### A clínica

Olha, na minha experiência houve algumas situações, alguns casos, mas não vejo muito isso e eu estou há trinta anos nesta poltrona. Às vezes vejo situações transferenciais e eu acho que se você está na chuva é para se molhar. Quem não quer ser objeto da neurose, ou da maldade, ou da arrogância, ou do narcisismo do outro, não deve ser psicanalista, não é? Aí você faz análise para poder... Como dizia minha supervisora, a Regina Chnaiderman: você tem que comprar uma dessas pulseiras afro-brasileiras, onde está escrito assim: “não é comigo”.

Na relação transferencial, eu posso dizer que estou enfurecido com as suas faltas, com atrasos no pagamento das sessões, com seu ataque ao vínculo, ao contrato, ao *setting* e tal... Isso me deixa possesso. Mas eu não vou bater em você por causa disso. Eu vou dizer que você está querendo me enfurecer. “Quem é que você quer enfurecer através de mim? Sua mãe, seu pai, sua mulher, você mesmo? Você quer provar que ninguém pode te ajudar? O que você quer fazer com isso?”.

Então, nesse ponto eu não considero isso como um ato perverso. Eu entendo como uma maneira de expressar uma intenção que pode nascer do desespero, do desamparo, da vaidade, ou do narcisismo. Cada circunstância é uma circunstância difícil de generalizar; no entanto, essa ação tem um sentido ou um significado para além dela mesma. Aqui nunca chegou alguém a dizer que jogou um gato na água fervendo, ou cometeu um crime, ou está planejando um golpe contra a mãe senil. Acho que pessoas desse tipo... talvez procurem outros analistas, ou talvez não procurem análises. Na minha experiência não tenho muitos casos assim.

### O mundo pós-moderno

O mundo pós-moderno leva à fragmentação do sujeito. O sujeito fragmentado não consegue ter uma visão clara de si mesmo. É um ego narcisicamente pobre, esfarelado ou muito vulnerável. Ou então, do tipo adesivo, simbiótico. Vejo gente de todo tipo. Assim como você, há pessoas que são muito estruturadas e pacientes, vamos dizer, neuróticos e não muito diferentes daqueles que você encontra na literatura psicanalítica do Freud. Atualmente, o que você tem é um tipo de subjetividade ou de constituição psíquica que lembra os pacientes de Ferenczi. Então, não é tão novo assim, essa ideia de que em algum momento ou no último quartel do século XX quando a sociedade entrou no período pós-moderno. De repente, os bebês começaram a nascer com o ego (ferencziano), o que me parece discutível, pois eu não vejo isso. Eu vejo pessoas com dificuldades de vários tipos; pode parecer banal o que estou dizendo, mas acho que isso é verdade. Vejo histéricas que não têm paralisias, contraturas, mas são muito parecidas com aquelas que o Lacan escreveu quando falou do caso da famosa "bela açouqueira", o desejo insatisfeito. Também vejo obsessivos que não ficam com medo de que o rato entre em seu ânus, mas que descrevem um mundo que só faz sentido como bloqueio contra uma angústia enorme de invasão, e recorrem à crença, ou pensamento, ou rituais de alguma maneira para se proteger da angústia. Eu vejo gente deprimida, eu vejo transtorno de personalidade variável, organizações narcísicas precárias.

Não há analista lacaniano, kleiniano, winnicottiano, o que há são pacientes lacanianos, kleinianos, winnicottianos. Quer dizer: gente que parece ter sido tirada das páginas que esses autores escreveram. E por quê? Porque eles escreveram e descreveram gente que há na França, na Inglaterra e sei lá mais onde. Então, eles viram esses pacientes e tentaram entender a dinâmica psíquica, a organização psíquica e descreveram, através de um trabalho extenso, esse tipo de indivíduo. Esse foi o principal avanço da psicanálise desde Freud.

Acho que talvez esse seja um avanço muito considerável, exigindo pensar essas condições, criar conceitos, hipóteses, esquemas interpretativos, maneira de lidar com esse tipo de transferência que aparece e exige mais do analista, uma vez que você encontra uma pessoa com o ego um pouco mais organizado, estruturado. São pessoas, na verdade, que estão aquém da neurose, mas nem por isso são perversas. Na trilha da psicose, neurose e perversão, a neurose é relativamente o ápice, a psicose a base, ou seja, o sujeito não consegue constituir uma subjetividade que funcione minimamente. No meio do caminho, os perversos. Freud define a perversão como resultado de fixações das pulsões parciais rumo à genitalidade que não conseguiram se unificar; logo, ele está dizendo que é uma parada no meio do caminho e o resultado é uma organização perversa tipicamente homossexual, ou seja, da maneira como ele entendia, também o masoquismo, voyeurismo e outras diversas perversões que ele estudou dando mais indicações do que propriamente um estudo profundo.

Então, são Édipos que não chegaram a se resolver. Ele tentou pensar isso com os seus conceitos. Essa tríade, da maneira como ele formulou, duvido que haja alguém que acredite nela ainda hoje. A psicose é muito mais grave do que a neurose. Eu acho que não há nenhum analista que vá discordar. Agora, que a neurose representa um estado em que você tem relativa integração do aparelho psíquico e modalidade de defesa que torna o sujeito relativamente funcional na vida prática e na relação com os outros em certas áreas da sua vida, enquanto em outras áreas reinam o caos, o desespero, etc... Também é uma coisa verdadeira; no entanto, no meio há uma linha que vai em direção à perversão e outra vai na direção do borderline. Alguma coisa acontece que um caminho que iria do bebê recém-nascido até



um neurótico relativamente normal, esse caminho não se completa. Em algum momento para, olhando para cá, ou para olhando para lá, depende de uma série de fatores bastante complexos que agora não é possível enumerar, entretanto, tem a ver com a forma de esse indivíduo estar no mundo, posso assim dizer.

### Analista

Segundo Pierra Aulagnier, o analista tem que ter continência para poder suportar os momentos de elaboração do paciente na sessão. Em seu livro, *O Aprendiz de Historiador e o Mestre Feiticeiro*, ela diz que tem que haver uma moderação do contrato leonino da análise. Você tem que estar submetido a alguma regra, se não você vira o pai da horda, ou seja, a sessão termina quando eu quero, me paga o quanto eu quero, vem na hora que eu quero e deita do jeito que eu quero... É um modelo do pai da horda e, conseqüentemente, não é o modelo do sujeito que se submete à castração. Qual é a castração? "Eu vou te aguentar por cinquenta minutos aconteça o que acontecer"... Inclusive, quando o paciente não fala durante seis meses, chora o tempo todo, menstrua no divã, tudo já aconteceu aqui, mas é o combinado, ou seja, você se submete a alguma coisa e está dizendo: precisa aceitar a Lei. Eu sou o primeiro que aceita a Lei e ofereço o tempo de sessão que nós combinamos. Nesse ponto você tem uma desconstrução do ego. Essa desconstrução do ego que vai terminar na travessia do fantasma e na construção de outro ego. Vamos dizer assim: não é muito diferente do ponto Ômega de Bion, ou da elaboração da posição depressiva de Melanie Klein. É um ponto pelo qual a análise deve passar para que possa ser considerada frutífera, podendo resultar em alguma coisa que seja diferente qualitativamente da condição de início.

Há gente de todo tipo, e eu acho que a grande coisa que nós aprendemos com um pouco de experiência ou bastante experiência na análise é que não há nenhuma teoria que dê autoridade a todas as variações do espírito humano. Então, você tem que ter na sua caixa de ferramentas uma chave *Phillips* para mexer com o paciente borderline. É preciso entender como funciona essa teoria. Uma chave de fenda assim, um martelo assado ou diferentes instrumentos ou ferramentas que você precisa ter na sua caixa de ferramentas, uma vez que não

sabe o que vai encontrar pela frente. Se você usar uma chave de fenda comum para aqueles parafusos tipo *Phillips*, que têm uma cruzinha, não irá funcionar. Será preciso uma chave de fenda com ponta, tem que ter vários diâmetros, pois se não tiver o diâmetro certo, não encaixa. Então você pode ter um paciente que está visivelmente funcionando à maneira que o Bion descreveu e você está usando para trabalhar com esse paciente o conceito do Lacan, não vai dar certo...

### Quem vem buscar análise hoje

Todo tipo. Basicamente, pelo menos na minha experiência, as pessoas que eu escuto e estou supervisionando, problemas de relações, fundamentalmente. É o que você chamou de mal-estar no sentido de que a pessoa não consegue sentir, que não consegue dar conta da própria vida, a fenomenologia é essa. Ou está mal com alguém, ou está mal consigo mesma, ou frequentemente as duas coisas. Uma das duas predomina, pois tenho visto paciente onde o assunto é o relacionamento com o outro, e por que não consigo me relacionar com o outro de alguma maneira? com a menina que eu quero? com o projeto profissional que eu tenho? Enfim, obstáculos no convívio com o outro, e que em geral, têm a ver com o narcisismo pobre, com defesas exageradas, com ideais fora da realidade, expectativas, ignorância, analfabetismo emocional, ou seja, não entende as suas próprias emoções. Ou então está reagindo ao que julga ser um trauma que teve na infância. São pessoas que não conseguem, vamos dizer assim, operacionalizar e ingerir os seus próprios recursos porque não os têm, ou porque eles estão soterrados debaixo de defesas mutilantes. Eu acho que basicamente é isso...

## | ENTREVISTA II |

**ENTREVISTA COM JUAN DAVID NASIO<sup>15</sup>**

---

*Realizada por Adrián Grassi*

*Profesor de Psicología a la Facultad  
De psicología de la Universidad de Buenos Aires*

**El estadio del espejo en el  
niño y en el adolescente**

*El Dr. Nasio reside em París, Francia desde el año 1969. Médico Psiquiatra realizó su residencia en el Servicio de Psiquiatría del Policlínico Lanús. Viaja a Francia con una beca para continuar sus estudios en la Escuela Freudiana de París bajo la dirección de J. Lacan. Sus padrinos de Beca fueron el Prof. Mauricio Goldenberg, el Dr. Enrique Pichón Riviére y el Dr. José Bleger. Luego de estos 43 años de estar radicado y trabajando como psicoanalista en París, nos interesamos em mantener um diálogo com él.*

---

15. No ano de 2012 fizemos um convite a Juan David Nasio para uma entrevista destinada a essa revista. Convite este que ele, gentilmente, responde nos enviando sua entrevista concedida a Adrián Grassi (professor de psicología da Universidade de Buenos Aires), que publicaremos na íntegra, mantendo o texto original.

## Inconsciente y repetición

**A. Grassi:** *Ud. ha mantenido durante estos años constante contacto con la Argentina, su país de origen, ha venido a dictar Conferencias, dar Seminarios, ha recibido premios honoríficos, colabora con Revistas, forma parte del Comité Científico de la Revista Generaciones (de reciente aparición Junio 2012), sus libros son muy leídos y trabajados en la Argentina. Quisiera que nos hables de cuál es el sentido de su próximo viaje a Buenos Aires?*

**J. D. Nasio:** Ante todo quisiera agradecerle a Ud., Profesor Grassi, y a los organizadores del próximo Congreso de la Facultad de Psicología de la Universidad de Buenos Aires, el haberme invitado a participar. Es la primera vez que intervendré en un Congreso universitario argentino y me siento muy feliz y muy honrado de hacerlo. Debo decir que es una manera explícita de transformar una relación implícita desde hace tantos años con tantos profesores, con tantos alumnos con los que he mantenido un contacto indirecto a través de mis libros. Esta vez será una relación directa y viviente con todos aquellos que se interesan en la evolución actual de la psicología y del psicoanálisis argentinos. Precisamente el Congreso plantea el tema "Desarrollo humano, problemáticas de la subjetividad y salud mental: desafíos para la Psicología Contemporánea". Mi intervención, que tendrá lugar el día jueves 28 de noviembre, a las 18 hs, será consagrada al Inconsciente y a la Repetición, mas exactamente "El Inconsciente es la Repetición!". El tema de la repetición corresponde muy bien a la preocupación de los organizadores del Congreso de reunir en esos cuatro días de noviembre las diferentes líneas de investigación actualmente presentes en el campo de la psicología y de la salud mental. Considero que el problema de la repetición, tema universal y eterno, es al mismo tiempo, en el marco del trabajo con nuestros pacientes, una realidad singular, inmediata pero también oscura. La repetición fue siempre un proceso misterioso que llama a la comprensión y a la investigación. Yo pienso que nuestra vida, la vida cotidiana de todos nosotros, late al ritmo de la repetición que el inconsciente nos impone. La repetición es positiva, cuando ella nos permite aprender, crear, y afirmar nuestra identidad a lo

largo de nuestra existencia. Pero la repetición puede también mostrarse patológica cuando ella nos hace revivir, sin que nos demos cuenta, los traumatismos de la infancia, o nos hace multiplicar las rupturas amorosas, o aún nos hace sufrir los ritos obsesivos compulsivos. La repetición es igualmente el mecanismo que nos hace depender de una droga, del juego, del sexo, y es el mecanismo que nos hace fracasar repetidamente en los mismos proyectos o las mismas iniciativas que emprendemos en la vida. Ahora bien, pienso que es el Inconsciente el que esta detrás de la repetición. El inconsciente es una fuerza de vida que nos impulsa a repetir los mismos comportamientos felices, pero también es una fuerza de muerte que nos empuja a reproducir compulsivamente los mismos comportamientos fracasados. Este es el contenido de la exposición que voy a tener el gusto de presentar en nuestro Congreso. Quiero agregar que mi intervención tiene el valor, no solamente de concretar y formalizar una larga relación, como decía implícita, con la Facultad de Psicología, tiene también el objetivo de constituir el punto de partida de un nuevo vínculo de trabajo con los docentes y los estudiantes de la Facultad. Tengo el placer de ser miembro del comité científico de la reciente Revista "Generaciones". Esta participación implica un compromiso personal no sólo para contribuir al desarrollo de una revista que acaba de nacer, sino también para darle a dicha publicación un alcance internacional. Ya el primer número ha sido un éxito.

**A.G.:** *Dos sentidos de la repetición que Ud. señala, fundamentales.*

**J.D. N.:** En efecto, la repetición estabiliza, estructura y permite el crecimiento. Pero también existe una repetición patógena de aquello que ha sido patógeno, una repetición patógena de aquello que ha sido históricamente traumático, de aquello que ha sido difícil en nuestra infancia o en nuestra preadolescencia o adolescencia. Difícil en el sentido de experiencias precoces que han sido excitantes, sensorialmente fuertes y afectivamente intensas, sin que sean necesariamente una violenta atracción traumática. Una experiencia traumática no tiene porqué ser un desgarramiento masivo, repentino y brutal. Pienso aquí en el Edipo que

podemos considerar legítimamente como una sutil y lenta experiencia traumatizante para el niño. ¿Qué quiero decir? Que lo patógeno de una repetición puede ser justamente la experiencia infantil edípica que ha tenido el adulto que sufre de neurosis. De esto hablaremos en otra ocasión. Por el momento digamos que hay repeticiones sanas que permiten el desarrollo y repeticiones enfermas que crean situaciones de crisis en la evolución del ser humano.

*A.G.: Precisamente, Ud. plantea en varios de sus trabajos las crisis necesarias para el crecimiento del niño y del adolescente.*

**J.D.N.:** Si, he podido identificar lo que denomino las siete crisis que hacen madurar al niño y al adolescente. Antes de mencionarlas quisiera señalar a nuestro lector que lo importante no es la crisis en si misma. Numerosos autores han categorizado diferentes estadios, etapas e hitos en el desarrollo del niño y del adolescente. No, lo importante para nosotros es la **lógica generadora de la crisis**. Cada crisis se define para mí como la expresión final de tres movimientos que convergen: lo que el niño **perdió**, lo que el niño **ganó** y lo que el niño **conserva**. **Perdida, ganancia y conservación**, he aquí las tres experiencias que, cuando son simultáneas, instalan una crisis de desarrollo. Dicho esto, vayamos entonces a la enumeración de nuestras siete crisis de crecimiento: **1.** Nacimiento. **2.** El destete entre 3 y 6 meses (que puede cambiar de acuerdo a las épocas y las diferentes culturas y costumbres). **3.** El descubrimiento de la marcha y la aparición del lenguaje entre 1 y 3 años. **4.** La primera escolarización entre 2 y 5 años. **5.** El descubrimiento de la vida interior: entre 6 y 7 años. **6.** El descubrimiento del amor por fuera de la familia entre 13 y 15 años. **7.** La salida del hogar entre 18 y 25 años.

*A.G.: Hablemos ahora de su libro: “¿Cómo actuar con un adolescente difícil?” de reciente aparición en Bs. As. (Paidós 2011). Es un libro que trabajamos mucho en la Cátedra, por su claridad conceptual y su capacidad para la transmisión de una experiencia: la experiencia clínica que es de una gran complejidad.*

## Estadio del espejo y adolescencia

**J.D.N.:** El tema de la adolescencia es un tema que elaboro teóricamente desde hace más de 15 años. Este libro es el resultado de muchos años de pensamiento sobre el psicoanálisis del adolescente. En un primer texto, escrito en los años 80, establecía una comparación entre el **Estadio del espejo de Lacan** y lo que llamo el **Estadio de la adolescencia**. En el estadio del espejo se oponen dos parámetros, uno es el cuerpo real de un bebé (10 a 16 meses) que siente y vive la experiencia turbulenta, tumultuosa de sus propias sensaciones internas y externas. El otro parámetro es visual y virtual. El mismo bebé, desbordado por ese real corporal tumultuoso, percibe una imagen global y globalizante que el espejo le devuelve. Entonces tenemos dos parámetros: un cuerpo real sentido y vivido como despedazado, fragmentado (fue probablemente esta sensación primaria de fragmentación vivida por el bebé, que incitó a Melanie Klein a elaborar su concepto de fantasma del cuerpo despedazado). En frente de este real caótico tenemos la imagen especular que es una imagen redonda, entera y inificante, porque le da al niño la posibilidad de sentirse una **unidad** en relación a si mismo, y una **entidad** diferente de las otras personas que lo rodean. Una **unidad** y una **entidad** todavía relativas, pero ya presentes.

En el caso del adolescente tenemos entonces un cuerpo, que no es un cuerpo despedazado como el del bebé pero es un cuerpo enloquecido por las múltiples y intensas fuerzas pulsionales, en particular sexuales y agresivas. El adolescente sufre del choque entre dos intensidades: la intensidad de un cuerpo que vibra al ritmo de pulsiones que reclaman furiosamente convertirse en actos impulsivos e imprevisibles; y al mismo tiempo la intensidad de un superyó rígido e inflexible que reprime las pulsiones con tanta violencia como la violencia que las anima. Frente a esas dos fuerzas antagonistas: un superyó intransigente que quiere aplicar con mucho rigor dichas pulsiones, y las pulsiones que con mucho fervor, mucha furia quieren manifestarse, frente entonces a esas dos fuerzas opuestas entre sí, aparece una imagen en el espejo. Una imagen que es también una imagen unitaria, pero con la particularidad de ser ante todo una imagen de seducción. Aquí, pienso en el ejemplo de las

jovencitas adolescentes que se llaman "lolitas", es decir jovencitas que viven para el exterior mas que para el interior, que viven para la mirada excitada del hombre adulto. No tienen otro ser que la apariencia, una apariencia seductora producto de la imitación de las mujeres mayores, madre, hermana u otra. Entonces, habrá allí un contraste nítido entre un cuerpo que ellas viven con una extrema intensidad, un superyó también extremadamente severo, y una imagen exterior, aparente, extremadamente excitante.

La diferencia entre el estadio del espejo, donde aparecen 2 parámetros y el estadio del adolescente donde tenemos 3 parámetros, reside sobre todo en el 3º personaje, que no aparece en el caso del bebé, que es el superyó. Para mí el elemento mayor, típico de la adolescencia es sin lugar a dudas, el superyó. Si Ud. me pregunta que es lo que marca esencialmente el período de la adolescencia, le repondería que es la presencia del superyó. Es decir la presencia del pudor, o del impudor. El superyó es el pudor, es el nombre psicoanalítico que le damos al pudor. Y el adolescente vive en esa lucha entre pudor e impudor, entre reserva y salvajería, entre retención y osadía. Es esa constante contradicción inherente al antagonismo entre superyó y pulsiones que caracteriza al ser adolescente.

Esta importancia que le doy al superyó, me lleva a agregar una nueva diferencia entre el estadio del espejo y el estadio de la adolescencia. En el caso del bebé el sentimiento que domina es la **alegría**, el **júbilo** de verse reflejado en una imagen redonda y unificadora. En el caso del adolescente el sentimiento que domina es la **vergüenza** o, su contrario, la **omnipotencia**. Para mí el sentimiento mas importante en la adolescencia es la vergüenza. Y por supuesto la vergüenza con su par antagonista que a veces toma la figura de la insolencia, la rebeldía o hasta la violencia. No hay que olvidar nunca que la violencia del adolescente es una exteriorización de un superyó furioso. Y esto cualquiera sea el contexto social. Pienso que siempre hay un superyó brutal en el adolescente, que provoca inhibición o, al contrario, comportamientos agresivos y antisociales. Como lo sabemos el superyó puede ser agresivo con el propio sujeto, o puede retornarse hacia fuera y convertirse en violencia destructiva.

## (Dos) neurosis (sanas) del desarrollo

*A.G.:* ¿Cómo comenzó a gestar Ud. la idea de la adolescencia como una neurosis sana? Es una idea que otros autores, Winnicott por ej. han desarrollado también, aunque en cada uno toma matices diferentes.

*J.D.N.:* En 1986, fue mi primera conferencia sobre el adolescente, en donde avanzaba esta proposición de pensar dos estadios del espejo. Uno en el niño según Lacan, y otro en el adolescente. Así fue como poco a poco fui trabajando la adolescencia para llegar a ese punto de considerarla como una neurosis necesaria en el desarrollo de un individuo. Necesaria para el crecimiento. La adolescencia es una etapa de conflicto permanente, compleja; un período difícil, tanto para el adolescente como para su medio familiar. Es difícil para ambas partes: padres e hijos. Se instala allí lo que llamamos una neurosis. Una neurosis es justamente esta tensión dolorosa entre un cuerpo que reclama exteriorizarse y una cabeza, un superyó, que inhibe, impide esa exteriorización. Esa lucha crea comportamientos contradictorios, en primer lugar frente a aquellos que están en primera línea, que son los padres. Entonces el adolescente está mal primero consigo mismo a causa de esta tensión interna, de esta desunión interna que le impide sentirse interiormente coherente. Y esta incoherencia interna va a manifestarse a través de comportamientos que son igualmente incoherentes frente a los padres. Esta situación define exactamente una neurosis. ¿Qué es una neurosis? Es una incoherencia de sentimientos y de comportamientos, incoherencia entre el cuerpo y la cabeza del joven, y una incoherencia en la relación de él con los otros. Los otros de los cuales el joven depende, no cualquier otro.

*A.G.:* Me evoca la figura del desgarramiento psíquico, con el sufrimiento que éste conlleva para el adolescente.

*J.D.N.:* Así es, es un desgarramiento interno y un conflicto externo, un conflicto intrasubjetivo y un conflicto intersubjetivo. Dicho de otro modo, un conflicto intrasubjetivo que va a repercutir como un conflicto intersubjetivo con los padres, porque de ellos depende. Esta es una de las observaciones que aparece en el libro. Que por ejemplo

con los abuelos es diferente. La relación de una adolescente por ejemplo con sus padres de quien depende es seguramente conflictiva. En cambio la relación de la misma adolescente con sus abuelos, con los amigos de su familia, con terceros cercanos, es indiscutiblemente más calma. Cuando un joven va a la casa de amigos de la familia, los amigos comentan a los padres, "Pero Rubén es un muchacho perfecto!". Los padres no pueden creerlo, no lo entienden. No entienden que el adolescente no soporta depender. Mientras haya adultos de los que no depende, la relación será menos conflictiva y menos neurótica. **El problema de la neurosis es el hecho de amar y odiar a aquel del cual dependo. Si no hay relación de dependencia no hay neurosis.** Para que haya neurosis tiene que haber dependencia. Si yo tengo una relación indiferente con mi portera no hay neurosis. Si en cambio dependo de ella en diversos aspectos de mi vida seguramente anudaré una relación problemática ya que mis actitudes hacia esta señora serán inevitablemente torpes y contradictorias. Disculpe el ejemplo tan cotidiano, pero es para hacerme entender por el lector no especialista. Me parece importante hacer comprender la lógica con la que los psicoanalistas razonan. Nuestra lógica la hemos aprendido gracias a la práctica en nuestro consultorios, en los hospitales, en los centros de salud, una práctica que nos permitió comprender el funcionamiento del psiquismo humano. Y eso es un punto importante: saber que los conflictos vienen con aquellos de los cuales dependemos.

Durante la adolescencia existe naturalmente una dependencia afectiva y material que favorece la neurosis. Por ello, la adolescencia se acaba – y la neurosis también – cuando el joven ya no vive más en una relación de dependencia financiera con sus padres. En ese momento, cuando el joven adulto puede irse de la casa y comenzar a ganar dinero, la relación cambia. Se terminó la adolescencia y la neurosis como neurosis de crecimiento. Ese período largo de la adolescencia que comienza con la pubertad y termina con la emancipación financiera del joven, esos largos años, (unos 10 años) son de neurosis, de crisis y de conflictos. Sin embargo, ese período es indispensable para comenzar luego la nueva época de la "juventud/adulta" de una manera más armada y mejor vacunados contra ciertas dificultades. Un joven que ha sabido

traverse su adolescencia y el problema de dependencia con sus padres, si ha terminado bien esa relación a pesar de las dificultades, tendrá ciertamente una muy buena relación con sus jefes y con la autoridad. Autoridad con la que estamos todos confrontados en la vida. Por eso digo que es una neurosis necesaria, pero también, sana. Sana porque se disipa inevitablemente sin tratamiento psicológico ni medicamentos. En este sentido, y Ud. Profesor Grassi lo recuerda, es Winnicott el que comentaba que el mejor consejo que les podía dar a los padres de un adolescente difícil, es tener paciencia, saber esperar. Winnicott también hablaba de la adolescencia como una etapa sana y necesaria en la vida de un individuo, sin llegar a hacer de esta posición un concepto formal como intento desarrollarlo en mi libro. Por otra parte, este período de neurosis sana y necesaria de la adolescencia que caracterizo como histérica, me llevo a compararlo con este otro período también de neurosis, también sana y necesaria, que es el célebre complejo de Edipo, que es entre los 3 y 6 años, tanto para los varones como para las niñas. El período del Edipo es también un período difícil para los padres, porque el niño está invadido por una llamarada erótica de deseo, de ganas de ir sensualmente hacia la madre, si es un varón, de morderla, de ir a mirar dentro de su escote, de acariciarla, de sentirle el olor del cuerpo, de gustarle que le toque el sexo y de tocarle a ella el pecho, de mostrarse desnudo, etc. Una serie de comportamientos infantiles, inocentes, pero al mismo tiempo nitidamente eróticos. En el caso de la niña comprobamos lo mismo. Ella se frota el sexo en el pie del padre cuando éste la balancea mientras le canta una canción infantil. Es allí que el padre se enoja diciéndole "No, no, si vas a moverte así entonces no!" Pero la niña insiste porque le gusta sentir el placer de frotarse. Otro comportamiento típicamente edípico en la niña es el de orinar estando parada, imitando así al hermano o al amiguito. En fin, el Complejo de Edipo se manifiesta en una serie de conductas eróticas, eminentemente infantiles, totalmente normales, que comienzan a los 3 años y termina hacia los 6. Mas tarde, a los 6/7 años, aparece este componente psíquico que para mí es tan importante en la adolescencia: el **superyó**. Es decir que aparece el **pudor**. El pudor es la expresión exterior del superyó. Aquel niño de 6 años capaz de mostrarse desnudo ante los padres indignados

que están en ese momento cenando con amigos, ese mismo niño, 2 años más tarde, lo descubriremos completamente tímido, púdico e incapaz por ejemplo de mostrar su cuerpito. Algo cambió en él porque surgió el pudor, la vergüenza y la necesidad de esconderse. Decía, entonces que el fenómeno del Edipo es un fenómeno neurótico. Porque el niño edípico también siente interiormente una desunión profunda, una fuerza que lo empuja y otra que le impide tener comportamientos transgresivos. A veces, los padres se indignan, se ofuscan o no saben reaccionar bien y consideran esos comportamientos como signos de una mala educación. Es lo mismo que le ocurre al padre del adolescente que no tiene paciencia con su hijo. Acá tenemos un padre o una madre que se indigna de manera excesiva frente a un comportamiento arrebatado que exige ante todo ser calmado. No tomarlo dramáticamente. Los padres no tienen que tener ni una actitud laxista ni una reacción dramática frente a la conducta edípica del niño. Acá estamos entonces frente a dos neurosis sanas: una que se instala entre 5 y 6 años; y la otra que se instala entre 11 y 23 años. Para mí son dos periodos cruciales en la evolución del ser humano. La repercusión negativa o positiva de estas neurosis infantis y juvenil en la vida adulta del individuo, dependerá mucho de la reacción de los padres frente a los comportamientos difíciles del niño edípico y del joven adolescente.

Debo agregar que si bien es cierto que se trata de neurosis sanas y necesarias puede ocurrir, que dichos periodos sean la base de futuras neurosis graves en el adulto. Por eso tenemos que saber que son sanas y necesarias a condición que la reacción del medio familiar sea relativamente adecuada y permita al joven que las sobrepase sin heridas que cicatricen mal. Estas dos neurosis pueden terminar brutalmente y dar lugar a conflictos durables en la vida adulta. Quiero recordarle al lector de *Actualidad Psicológica* que para nosotros, los psicoanalistas, el Edipo es el núcleo, el nudo de la neurosis de un adulto. Si Ud. me pregunta como se forma una neurosis de adulto, le responderé que el origen es preciso buscarlo en el Edipo, más exactamente en el final del Edipo. Freud no consideraba el Edipo como una neurosis sana tal como lo propongo, él pensaba que el Edipo, porque traumático, es el núcleo de toda futura neurosis de adulto. Como le decía recién, cuando

utilizamos la palabra "trauma" suponemos que se trata de una efracción desgarradora. Es falso. El Edipo es un trauma sin ser un desgarramiento. Hay ternuras suaves y sensuales que son traumáticas para el niño porque son tan excitantes que el hijo o la hija no puede asimilarlas e integrarlas adecuadamente en su yo inmaduro. Este es un mensaje que quisiera transmitir a los padres y madres que tienen una actitud de ternura excesivamente sensual con su hijo. Una ternura perjudicial porque constituye un impacto traumático para el chico. Traumático quiere decir que el niño no tiene la capacidad de representarse mentalmente las sensaciones que experimenta. Es muy importante el tema de la ternura dañina, es un tema actual, un verdadero desafío para los psicoanalistas que debemos tratar una mamá neuróticamente afectuosa sin herirla ni culpabilizarla. ¿Qué es el amor de una madre por un niño? ¿Cuando ese amor lo ayuda a crecer de manera integrada y cuando fomenta conflictos y sufrimiento? Es decir, que hay amores de crecimiento, de incentivo sano para el desarrollo del niño, pero también hay amores traumatizantes. Es un tema que podemos retomar en el Congreso, pensando en que es un desafío actual para los psicólogos y los psicoanalistas de niños de saber hablar con un padre o una madre sobre este problema de la ternura perjudicial. El clínico tiene que demostrar un infinito tacto para con las madres neuróticamente afectuosas respecto de sus hijos.

*A.G.: Nuestro problema es evitar la culpabilización de la madre.*

*J.D.N.:* Efectivamente ese es el peligro: culpabilizar a las madres. Nosotros, psicoanalistas, tenemos un rol de terapeutas, pero también de educadores como Freud lo recordaba siempre. Tenemos mucho para informar a los padres, en particular a las madres o padres de familias monoparentales que focalizan inevitablemente toda su libido, toda su sensualidad sobre el hijo. Son temas eternos y sin embargo polémicamente actuales.

### **Y de la psicopatología ...**

*A.G.:* Ud. es muy claro al ubicar ésta neurosis propia del desarrollo en la adolescencia, pero me interesa, a los fines de hacer un diagnóstico diferencial, considerar también el caso de jóvenes cuyo

*transcurrir por la adolescencia va por carriles que están por fuera de esta neurosis sana del desarrollo. Jóvenes que entran en el terreno de la psicopatología.*

**J.D.N.:** Este es un problema clínico mayor para nosotros psicoanalistas. Por eso en el libro que Ud. menciona "*¿Cómo actuar con un adolescente difícil?*", uno de los objetivos que me impuse, en primer lugar para mí mismo, porque había tantas manifestaciones en la adolescencia, es un periodo tan complejo que me decía "hay que sistematizar la multiplicidad de expresiones de sufrimiento del adolescente". Y fue así cómo se me ocurrió dividir dichas manifestaciones en 3 categorías según la intensidad del sufrimiento del adolescente. Sufrimiento díría inconsciente. El adolescente tiene dos particularidades en la manera de sentir su sufrimiento. Primero no saber identificar claramente el tipo de sufrimiento que lo afecta. Le es difícil. Lo vive ese sufrimiento pero no tiene un nombre para darle. Identificar significa tener consciencia. Yo puedo sentir en este momento angustia, entonces me digo: "angustia". Si no se lo digo a nadie me lo digo a mí mismo: "me siento angustiado". El adolescente no tiene esta capacidad introspectiva de nombrar determinados sentimientos. Podemos diferenciar 3 tiempos. Primer tiempo identificar lo que siento. Segundo, nombrar lo que siento. Y tercero poder declararlo. So 3 gestos mentales que el adolescente tiene mucha dificultad para cumplir. Identificar, nombrar y declarar. En una palabra: simbolizar. Entonces cuando frente a tal adolescente concluyo que sufre inconscientemente es porque sus síntomas me conducen a pensarlo, pero no porque me lo haya dicho. Es raro encontrar un adolescente que reconozca: "sufro de angustia". Un adolescente de 20 años puede ser, pero un adolescente de 12, 13 o 14 años, no es frecuente. No dirá espontáneamente y directamente "siento pena" o "me siento muy celoso de mi hermana". Tenemos que escucharlo, acompañarlo, favorecer su introspección, como si nosotros fuéramos los parteros de la palabra que nombra lo que siente.

Considero entonces que hay 3 categorías de sufrimientos inconscientes en el adolescente. Tenemos el sufrimiento **moderado**, que afecta la mayor parte de la población adolescente. En Francia, con una población de jóvenes – entre 13 y 20 años – de 6 millones y medio

de personas, el grupo de sufrimiento moderado normal, constituye el 40%. Es el grupo de los adolescentes normales que caracterizo como un normal adolescente turbulento. Es un adolescente con comportamientos contradictorios, difícil, pero soportable, tanto para él mismo como para su familia. Es lo que podemos llamar un adolescente neurótico, neurosis que distingo – como le decía – en neurosis histérica. En mi libro desarrollo estas proposiciones más ampliamente.

Luego tenemos una segunda categoría en donde el sufrimiento tiene una **intensidad mayor, severa**, que se manifiesta no por síntomas neuróticos, ni por comportamientos contradictorios, sino por comportamientos peligrosos, tanto para él como para el medio, comportamientos violentos contra sí mismo y contra la sociedad, uso de drogas duras, bulimia, anorexia, delincuencia, etc. Es el adolescente que manifiesta su **sufrimiento intenso** a través de acciones. Acciones que pueden llevar al suicidio. Recordemos que el suicidio forma parte de la primera o segunda causa de mortalidad entre los 18 y 24 años. Compite junto con los accidentes de la ruta (sobretudo accidentes de moto).

Luego tenemos la **tercera categoría** que reagrupa a los adolescentes que padecen un **sufrimiento extremo**. Este se manifiesta a través las diferentes patologías mentales propias a esta edad. La primera que se destaca, desgraciadamente es nuestro cáncer en psicopatología, es la esquizofrenia, la psicosis que se declara exclusivamente en los jóvenes. Quiero recordarle a nuestro lector que Kraepelin calificaba la esquizofrenia de "*demencia precoz*", precoz porque es la locura de los jóvenes. La psicosis precoz comienza en general hacia los 15, 16 años, antes de terminar el bachillerato, y puede cronificarse hasta muy tarde en la vida adulta. Es una enfermedad terrible, dramática, larga y difícil para toda la familia. Es una enfermedad que se puede tratar pero que no sabemos curar al día de hoy. Tenemos mucha suerte de tener medicamentos antipsicóticos eficaces, capaces de atenuar los síntomas e permitir que un joven esquizofrénico realice en el día de mañana una carrera universitaria, se case, tenga hijos y trabaje. Pero siempre con una gran fragilidad y con la amenaza de un brote imprevisible.



No dramaticemos tampoco, no todos los jóvenes que tienen una esquizofrenia incipiente van a desarrollarla. Felizmente, muchos de ellos verán una evolución favorable de su enfermedad gracias a la medicación. En este caso, consideraremos su psicosis como un inicio que fue interrumpido. Decíamos entonces que la esquizofrenia forma parte de esta tercera categoría de adolescentes enfermos que constituye felizmente solo el 5% de la población adolescente global. Recordemos aquí otra patología mental frecuente en esta edad, a saber la neurosis obsesiva severa, que puede ser muy inhibitoria en la vida del sujeto: dificultades para concentrarse, para poder asistir a los cursos o para continuar regularmente su actividad. Incluyo también las fobias, en particular, las fobias escolares, que pueden ser neurosis graves que conducen al joven a aislarse y desescolarizarse. Aquí tenemos suerte de poder curar tanto las obsesiones como las fobias gracias al psicoanálisis y, en ciertos casos, gracias al complemento de psicótopos. Para terminar con nuestra última categoría, pienso en los cuadros clínicos depresivos, que ofrecen la particularidad de ser distintos del adulto. No responden exactamente a los 9 criterios que definen un episodio depresivo mayor. En el adolescente la depresión se presenta en general bajo una forma enmascarada.

Muchas veces el adolescente que adopta conductas peligrosas y violentas, es en realidad un sujeto deprimido. Manifiesta síntomas de violencia, pero detrás de la violencia pesa una profunda tristeza y un sentimiento de muerte contra sí mismo. No quiero olvidar de incluir en esta tercera categoría las anorexias graves, extremadamente severas, que pueden llevar las jovencitas a pesar 42 kg. Son extremos donde está en juego la vida o la muerte. La anorexia es muy rara en el varón.

En síntesis, dividimos la población adolescente según tres categorías de sufrimiento: **sufrimiento moderado**, 80%; **sufrimiento intenso** que corresponde al grupo de adolescentes que adoptan comportamientos peligrosos ante sí mismo o ante la sociedad, 15%; y para concluir, un 5% de adolescentes enfermos que presentan un **sufrimiento extremo**.

## Duelos y creatividad

*A.G.: Usted hablaba del dolor y del sufrimiento en la adolescencia. Ya Freud había destacado la adolescencia como una de las etapas más dolorosas del desarrollo. Pienso aquí en el duelo, en la adolescencia considerada como un duelo de la infancia. Usted tiene una manera muy creativa y original de plantear el duelo, los duelos en la adolescencia. Nos trae también la perspectiva del renacer de la adolescencia, el desasosiego pero también la creatividad. Nos muestra un adolescente no enlutado, sino renaciente y creativo.*

**J.D.N.:** “Un adolescente no enlutado”. Encuentro su expresión excelente! Ud. tiene totalmente razón, el adolescente hace duelos pero en general no son nunca duelos largos, espectaculares o patológicos. El adolescente pierde su infancia pero no está abrumado por la pena de la pérdida. Es importante recordar aquí que toda pérdida produce dolor y pena. **Dolor** del desgarramiento que significa separarnos de una parte de nosotros mismos y **pena** de sentir el vacío que deja aquello que se fue. El dolor es un dolor del desgarramiento, y la pena, es la pena del alejamiento. Hay una diferencia entre tristeza, angustia y dolor. La **angustia** es el miedo de perder. El **dolor** es la reacción a la pérdida misma. Y la **tristeza** es la autopercepción interna de la ausencia de aquello que nos era vital y que hemos perdido. El dolor psíquico es más una sensación que una emoción, es un afecto eminentemente corporal. ¿Que es el dolor?

Es la reacción afectiva y física provocada por la autopercepción, es como Freud hubiera dicho, por la percepción endopsíquica de un desgarramiento íntimo. Aquello que forma parte de mí se separa brutalmente de mí. Esto me provoca dolor. La tristeza es un sentimiento que surge cuando autopercebo la ausencia del objeto amado y perdido. Es muy importante que Ud. formule que se trata de un adolescente **no enlutado**, porque en efecto la tristeza no lo invade. Él puede autopercebir la ausencia de sus padres de la infancia, la ausencia del universo familiar o de los sueños de cuando era niño. Todo ese universo se ha alejado. Entonces se siente triste pero no melancólico. Pero al mismo tiempo, acá está lo renaciente y creativo, él asume los cambios, asume su

nuevo cuerpo y las nuevas exigencias afectivas, cognitivas y sociales. Angustia, dolor y tristeza, estos tres sentimientos forman parte el duelo propio de la adolescencia. La adolescencia es en sí un duelo. Y como lo afirman diversos autores, un duelo de la infancia, y de todo lo que este ligado a ella. Pero al mismo tiempo, es imperativo tener que seguir avanzando, crear y responder a las nuevas sollicitaciones.

Hoy mismo, estaba sentado en el parque, pensando en nuestra entrevista, y observando el comportamiento de muchachos y muchachas jóvenes que reían juntos. Las jovencitas de 12, 13 años, eran mucho más extravertidas, vivaces y seguras de ellas mismas. En cambio los varones, uno de ellos, en particular, parecía como atemorizado, dudoso y torpe. El varón es naturalmente torpe; en cambio, la jovencita de la misma edad es indiscutiblemente más madura, más suelta. La prueba estaba delante de mis ojos. Una de las jovencitas lo provocaba muy linda ella, vestida de verano con una ropa bien ajustada al cuerpo, con aros coquetos y cabellos al viento. 12, 13 años, pero con una gracia y una sensualidad en sus movimientos que llamaba la atención. Y yo me decía: eso chico va a aprender. Tiene que aprender. Dejar de ser el niño que era. Porque ser torpe es eso: ser niño y ser adulto a la vez. En tanto que niño él no sabe como actuar, en tanto que adulto se da cuenta de su inhibición. El adulto está en la cabeza, en la percepción lúcida de su actitud vacilante. El niño, por el contrario, está en la inocencia, en la inhibición, en la dificultad de desplazarse y tener miedo. Retomando su idea del adolescente no enlutado, digamos entonces que se trata de un adolescente que no puede perder tiempo en estar triste porque debe responder a nuevas exigencias. No puede permitirse alargar su duelo y perder tiempo estando triste. Tiene que avanzar, crear y aprender a resolver situaciones sin salida.

### Los otros: dependencia-independencia

**A.G.:** Efectivamente, el crecer puja y obliga al adolescente a apurarse para madurar... A partir de su ejemplo del muchacho y la muchacha ¿Cómo piensa la función que tienen los otros en la adolescencia? En su libro *Ud.* escribe: "la adolescencia es el momento en que nos damos cuenta de cuán vital es el otro biológica, afectiva

socialmente para cada uno de nosotros, *cuánta necesidad tenemos del otro para ser nosotros mismos*".

**J.D.N.:** Su pregunta me lleva a una segunda característica del adolescente, la primera era la presencia del superyó. Se trata de la lucha intestina entre dependencia e independencia. En tanto que niño, él depende y quiere depender. En tanto que joven adulto, él necesita y quiere independizarse. Y es esa lucha entre dependencia-independencia que lo carcome en el interior, lo tensiona. La dependencia es un hecho, y la independencia una aspiración, un deseo, un ideal. La dependencia es una realidad que él rechaza, niega y combate. Y allí muchos adolescentes olvidan que el otro del cual depende es fundamental para poder crecer. Pienso que es al final de la adolescencia en donde aprendemos el valor de la dependencia. Diría que un adolescente termina su adolescencia cuando entendió que la dependencia es una necesidad y que toda su vida fundará una relación de dependencia al otro, puesto que el otro forma parte de nuestro mundo y de nuestro ser.

**A.G.:** En términos de Winnicott, sería el movimiento que va de la dependencia absoluta a la dependencia/independencia relativa. ¿Entonces ahora quiero plantearle la diferencia entre dependencia y sometimiento.

**J.D.N.:** Ser dependiente no significa estar sometido. Para bien marcar ésta diferencia, yo debo reconocer el valor de la dependencia como factor favorable a mi propio desarrollo. El sometimiento es una represión de mis deseos en favor del deseo del otro.

**A.G.:** La dependencia favorable al crecimiento es una dependencia/independencia relativa y sobretodo mutua. Yo dependo y no dependo del otro, pero el otro también depende y no depende de mí. Es un vínculo sano de alteridad totalmente diferente de la relación sometedor-sometido.

**J.D.N.:** Así es. Es por eso que distingo una dependencia sana y una patológica. La dependencia patológica es la que destruye, anula o suprime mis propias capacidades mientras que la dependencia sana es la que estimula mi capacidad de crecer.

*A.G.: Una última pregunta si le parece. Para retomar el tema que hoy mencionaba de los consejos. En su libro aparece como subtítulo, lo cual es algo muy valiente, desde el punto de vista como Ud. muestra su trabajo clínico, los consejos a los profesionales, y a los padres. ¿Cómo piensa Ud. el lugar de los padres, como trabaja con los adolescentes en crisis, el lugar de los padres allí?*

**J.D.N.:** Dudé mucho de poner en mi libro el subtítulo "Consejos para profesionales y para padres". Ya que no es habitual en los libros psicoanalíticos hablar de consejos, a pesar del célebre artículo de Freud "Consejos al médico". Sin embargo decidí hacerlo porque corresponde perfectamente al trabajo que nosotros, los psicoanalistas, desarrollamos en los hospitales, en los establecimientos de salud mental, o en los consultorios. Es muy frecuente que la acción terapéutica pase por una información, formación y terapia de los padres. Una terapéutica de los padres a la manera de Winnicott.

Como le decía hoy, en psicoanálisis, la palabra educador, no forma parte de nuestro vocabulario actual. Y sin embargo Freud no duda un instante en una obra como por ejemplo "Compendio de psicoanálisis" que fue escrita en 1938 cuando él ya tenía más de ochenta años, de hablar del rol de educador del psicoanalista. Pienso que un psicoanalista a condición que sea psicoanalista, es decir que trabaje con el fantasma inconsciente del paciente, pueda permitirse en ciertos momentos informar y educar a los padres. No imagino un psicoanalista de adolescentes que no reciba a los padres en ciertos casos, con el acuerdo del joven por supuesto.

Escuchar a los padres primero y poder mostrarles después como funciona la relación de ellos con su hija o hijo, y aún como funciona el psiquismo de un adolescente. Es decir que puedan comprender el funcionamiento interno, mental, de un sujeto joven. Esto he tenido que explicárselo muchas veces a los padres, logrando un efecto terapéutico decisivo indirectamente ante el joven en tratamiento. Así que es verdad que la palabra consejos puede llamar la atención de ciertos colegas, pero corresponde a nuestra actividad clínica.

*A.G.: La relación del psicoanalista con los padres hay que enmarcarla dentro de la cuestión de la transferencia con el adolescente.*

**J.D.N.:** Por supuesto, la transferencia de los padres con el psicoanalista repercutirá positivamente en la relación transferencial del psicoanalista con el joven.

*A.G.: Se nos acaba el tiempo por hoy, que le parece si dejamos estos temas que serán retomados en el Congreso, ya que va a haber una conferencia suya además de una mesa con Profesores de la Casa. Pero antes de terminar esta entrevista quiero destacar el hecho de que Ud. se lo considera un autor que ha realizado verdaderos aportes al Psicoanálisis, ha hecho avanzar y progresar la teoría y este punto podría ser motivo de otra entrevista. Muchas gracias por sus aportes y por su valioso tiempo.*

## ARTIGOS

---

**A perversão narcísica: algumas reflexões**  
*The narcissistic perversion: some reflections*  
Lidia Levy

**Sobre o sujeito na clínica psicanalítica em tempos pós-Modernos**  
*About the subject in the psychoanalytic clinic in post-Modern times*  
Ana Maria Szapiro  
Ana Gomes Costa

**No exílio da doença: polifonia subjetivas**  
*Exile in illness: subjective polyphonies*  
Helicia Knobloch

**O fronteiro e a contemporaneidade: o mar e suas ilhas**  
*The borderline and the present time: the sea and its islands*  
Marta Regina Maciel

**Em nome do Amor**  
*In the name of love*  
Paula Land Curi  
Joqueline de Azevedo Fernandes Martins  
João Amaral Guimarães Santos Lemos

**A loucura pessoal na sociedade contemporânea e o comportamento antissocial**  
*The private madness in the contemporary society and the antisocial behavior*  
Issa Damous

**A degradação da função paterna: o Ideal segrega o real**  
*The father function's degradation: the Ideal segregates the real order*  
Cristina Rosineiri Gonçalves Lopes Correa

| ARTIGO |

A PERVERSÃO NARCÍSICA:  
ALGUMAS REFLEXÕES

*THE NARCISSISTIC PERVERSION:  
SOME REFLECTIONS*

---

*Lidia Levy<sup>16</sup>*

**Resumo**

No presente artigo pretende-se refletir sobre as dificuldades existentes na análise do perverso narcísico, principalmente no que diz respeito à adequação de uma proposta de *holding* como principal manejo na clínica destes pacientes. Foram tomados como ponto de partida textos que discutem o lugar ocupado por Masud Khan como analista e como paciente de D. W. Winnicott.

---

<sup>16</sup> Doutora, Professora Assistente do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Psicanalista, Membro da SPCRJ, da SPID e da AIPCF.

**Palavras-chaves:** perversão narcísica; *holding*; transgressões ao enquadre.

**Abstract:**

*In this article we intend to reflect on the difficulties in the analysis of the narcissistic perverse, especially with regard to the appropriateness of a proposal for holding as the main clinical tool of management of these patients. We have taken as a point of departure texts that discuss the place occupied by Masud Khan as analyst and as a patient of D. W. Winnicott.*

**Keywords:** *narcissistic perversion; holding; transgressions to the frame.*

A *London Review of Books* publicou, em 2001, um artigo intitulado “Salvar Masud Khan”, onde Wynne Godley, conceituado economista inglês, relata sua experiência como paciente daquele conhecido psicanalista. O impacto produzido pelo referido texto, no qual são reveladas graves transgressões ao enquadre analítico, provocou sua reprodução, em 2003, na *Revue Française de Psychanalyse*, em número dedicado ao tema da perversão narcísica. Nele encontra-se um “*dossier* Masud Khan”, que inclui ainda a reação do presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise à época da publicação, D. Campbell, e um estudo de Linda Hopkins sobre o paciente Masud Khan e seu analista, D. W. Winnicott.

Na introdução ao referido *dossier*, Baudouin e Denis (2003) argumentam que sua inclusão neste número específico da revista aponta para a relevância de um debate sobre a perversão narcísica do analista, não tão rara nas instituições psicanalíticas. Em sua opinião, a situação analítica pode ser o lugar propício para intensificar a sedução narcísica do analista e provocar a eclosão da perversão – e isto tanto em decorrência de sua personalidade e de razões contratransferenciais, quanto em função do tipo de teoria que sustenta sua prática. No caso de Khan os autores postulam que a teoria utilizada permitiu-lhe justificar as transgressões ao *setting* e acrescentam que estas foram, na época, reconhecidas como inovações geniais. Historicamente, crescia um movimento que vinha contrapor-se aos excessos interpretativos vigentes até então.

Da mesma forma, a publicação de um artigo de Boynton (2003), denominado “O retorno do reprimido: o estranho caso de Masud Khan” é valorizada por Telles (2003, p.53), para quem se faz necessário promover a análise e a desconstrução da tendência de procurarmos “profetas e textos sagrados”, reveladores de uma verdade definitiva. Enfatiza, ainda, que a expulsão de Khan da Sociedade Britânica de Psicanálise pode ser considerada um sintoma não resolvido, recalcado e dissociado da história institucional.

Alguns autores (Hopkins, 2003, 2006; McCarthy, 2003; Boynton, 2003) levantam a hipótese de que o fracasso da análise realizada por Khan com Winnicott indicaria que a utilização do *holding* não foi suficiente para dar conta da agressividade de Khan. Partindo do material apresentado no “*dossier* Masud Khan”, pretendemos refletir sobre as dificuldades existentes na análise do perverso narcísico, principalmente no que diz respeito à proposta de que o *holding*, mais do que a interpretação e a confrontação, seria o manejo mais adequado na clínica destes pacientes.

### A perversão narcísica

A perversão narcísica foi inicialmente caracterizada por Racamier (1992/2012) como um modo organizado de o sujeito se defender da dor e da contradição interna, como uma defesa que trabalha a serviço da preservação do narcisismo. A recusa, a clivagem e a identificação projetiva são mecanismos utilizados pelo perverso narcísico para expulsar a depressão e instalá-la no contexto à sua volta. Para evitar dores e tensões internas, o conteúdo psíquico perturbador é evacuado em um sujeito ou em um núcleo de pessoas que, ao absorvê-lo, se tornam o complemento operatório de sua defesa.

Falhas narcísicas na primitiva infância e uma tentativa de manter a megalomania infantil movimentam o sujeito na busca de sustentação e preenchimento de seu narcisismo através do exercício de domínio sobre o outro. Segundo Racamier, o preço pago para evitar o conflito é a instalação de imunidade objetal; ou seja, aquele sobre quem se instala o domínio não é um objeto libidinal, um objeto de ódio ou de

identificação, é um objeto utilitário reconhecido em sua existência, mas negado em sua importância. Objeto que só é suportável se for submetido, controlado, maltratado, e se tiver seus recursos destruídos.

Também Clavreul (1967/1990, p. 134), em seu estudo sobre o casal perverso, indica que a de-subjetivação característica da prática perversa “não significa ausência de subjetividade, anonimato de um parceiro que seria indiferentemente substituível por um outro parceiro, mas perda, abandono da subjetividade, o que implica que ela existia a princípio e deveria ser apagada”.

Ocorre predação moral, entendida por Racamier (1992/2012) como um ataque ao narcisismo do outro de modo a alimentar o próprio narcisismo; desqualificação da pertinência do pensamento e da percepção da presa. Desta forma, pretende-se fazer calar a inveja e a atração provocada pelo objeto. O ataque invejoso, que se dá por manobras de desvalorização do outro, visa destruir neste a vitalidade que o agressor sente faltar em si mesmo.

Segundo Eiguer (1989, 2003, 2008), o perverso narcísico é persuasivo, sedutor e apresenta-se de forma grandiosa. Tentará, assim, comprometer um outro psiquismo e utilizar seus recursos, competência, vitalidade e entusiasmo. Através da intimidação, ele produz em sua vítima sentimentos de perplexidade, paralisia, desvalorização e culpa, levando-a a um estado de submissão em detrimento da própria autoestima. A vítima, confusa diante do discurso do agressor, é inocente. Se, por um lado, aquela tem sua autoestima minada, por outro o sofrimento a engrandece narcisicamente, considerando-se o lugar que julga ocupar na vida do predador.

Baudouin e Denis (2003) entendem que a inevitável idealização do processo analítico oferece ao analista perverso narcísico a possibilidade de parasitar o psiquismo do paciente, que se torna um objeto parcial, um utensílio que sustenta a onipotência do predador. Também Hirigoyen (2000, 2012) aborda os abusos cometidos contra sujeitos em situação de vulnerabilidade que, fragilizados, se deixam enredar numa trama perversa. Ceccarelli (2004), por sua vez, pergunta-se em que medida o analista corre o risco de responder perversamente

às representações, conscientes e inconscientes, mobilizadas pela transferência. Estas observações acerca dos efeitos provocados pelo perverso narcísico em seu entorno podem ser ilustradas no depoimento de Godley (2003).

### O paciente e seu relato

Godley (2003) inicia seu texto nos informando tratar-se do relato de um encontro desastroso com a psicanálise. Aos 30 anos, em profundo estado de angústia e absolutamente paralisado em sua capacidade de decisão, após uma consulta com Winnicott, é encaminhado a Masud Khan. Narrar os eventos bizarros ocorridos durante o percurso de sua análise foi a forma por ele encontrada para tentar explicar a si próprio como, na época, foi capaz de se permitir vivenciá-los. Ao observar que “o mal não pode ser contido a não ser que sejamos capazes de identificá-lo” (p.2016), ele indica o quanto é comum que pessoas em situação de vulnerabilidade psíquica tornem-se presas fáceis diante de um predador.

Sobre sua história pessoal, Godley relata que os pais se separaram pouco após seu nascimento. Sua mãe, descrita como poeta, dramaturga, pianista, compositora e atriz, permanecia longos períodos longe de casa e quando reaparecia envolvia sedutoramente o filho com seus relatos sobre o prazer experimentado em diferentes relações sexuais e sobre as humilhações que sofrera após o nascimento da primeira filha. A intimidade que partilhavam alimentava seu amor pela mãe e o mantinha a ela aprisionado. O pai é descrito como uma figura sinistra, próximo dos 60 anos, doente, mas dono de grande autoridade pessoal. Quando Godley tinha 10 anos, seu pai se casa novamente, e na residência deste ele e os irmãos costumavam passar ótimas férias escolares. Na ocasião, sua mãe, cuja vida amorosa constantemente se interpunha na relação com os filhos, lhe conta que seu pai havia sido um alcoolatra grave.

Godley relembra que o pai se considerava um personagem nobre, de estilo distinto, e acreditava que ninguém perceberia seu estado alcoolizado se não bebesse em público. Cúmplice sobre este ponto, o filho jamais mencionava o alcoolismo paterno, mesmo que isto lhe

provocasse enormes constrangimentos. É importante assinalar que, em crescente deterioração, o pai torna-se violentamente antissemita, assim como Khan, cujo antissemitismo fica evidente nos últimos textos e que, inclusive, se dizia ser um príncipe paquistanês, mantendo em sua porta uma placa com a inscrição: “Sua Alteza Real Masud Khan” (Boynton, 2003).

Já na primeira sessão alguns acontecimentos inusitados ocorrem. Após ter descrito fatos significativos de sua história, faz um comentário sobre ser leitor assíduo de jornais, ao que o analista lhe pergunta se não havia lido algo a seu respeito. Pouco tempo depois, mais uma pergunta que lhe pareceu fora de contexto interrompe seu discurso: “Você tem algo a ver com Epstein?” Como este era seu sogro, Godley mostrava-se preocupado com a confidencialidade do processo, inquieto pela possibilidade de terem amigos comuns. Khan lhe explica que estava para se casar com uma bailarina do Royal Ballet, portanto, supusera que ele havia lido a seu respeito. Ao final da sessão, o analista o acompanha até a rua e, abrindo a porta de seu carro esportivo, mostra ao paciente um livro que gostava de ler. Neste momento Khan lhe pergunta: “você nunca teve vontade de se matar”? E responde em seguida: “você nem mesmo saberia a quem você estava matando”, encerrando, assim, a primeira sessão (Godley, 2003, p.1020).

Quando, no encontro seguinte, Godley quer saber sobre a amiga bailarina a respeito de quem o analista lhe havia feito comentários, este o corrige, dizendo que se tratava de sua futura esposa e zomba da crença do paciente de que poderia tornar-se seu amigo. Ao mesmo tempo em que o estimulava a uma intimidade, fizera-o sentir-se inoportuno, perplexo e confuso em relação ao que percebera na sessão anterior – sensações semelhantes às descritas por Racamier (1992/2012) como decorrentes de uma desqualificação da pertinência do pensamento e da percepção do parceiro do perverso narcísico.

Começa assim o que Godley vai descrever como uma sequência de graves transgressões ao *setting* e de envolvimento ativo do analista nos mais diversos aspectos do seu cotidiano. Ele partilhava vários acontecimentos da vida de Khan, ouvia os telefonemas que este



atendia durante a sessão e os comentários que fazia em seguida sobre os pacientes com quem havia falado. Chegou a ser apresentado a uma delas, que Khan dizia ser a mulher ideal para ele, apesar de Godley ser casado. Aliás, este descobre que seu analista telefonara a sua esposa e lhe propusera uma entrevista. Khan frequentava sua casa e, por vezes, os dois casais saíam socialmente.

Ao se questionar por que suportara ser maltratado por tanto tempo, por que suportara ouvir comentários a seu respeito, tais como, “você é um homem cansativo e decepcionante” ou “você vive como um porco”, percebe ter acreditado que aceitar verdades íntimas de forma extremamente dolorosa era a essência de uma “verdadeira e boa análise”, que não se comparava às “análises medíocres feitas por lamentáveis neuróticos”, passivamente escutados e complacentemente encorajados por seus analistas (Godley, 2003, p.1023).

Após um incidente no qual Godley soube por sua esposa que uma atitude de Khan quase lhe havia provocado um aborto, telefonou para Winnicott, dizendo: “Khan está louco” (Id., *ibid.*, p.1027) Pouco tempo depois, Winnicott chega a sua casa, informando ter telefonado a Khan e lhe pedido que não mais tivesse contato com o casal. A partir desta intervenção, sete anos depois, sua “análise” é encerrada.

Godley constata que havia reatualizado em sua relação com Khan todos os componentes importantes de seus traumas de infância e adolescência. As confidências que Khan lhe fizera reproduziam aquelas de sua mãe, que durante um tempo o levaram a sentir ter um lugar privilegiado em sua vida, mas o deixavam com a sensação de estar participando de uma representação, uma cena teatral. Por outro lado, o apego profundo em relação ao pai foi reencenado na relação com Khan que, igualmente passava por um processo de deterioração, alcoolizado e com o mesmo tom arrogante e o mesmo discurso antisemita. “Pela segunda vez encontrei-me submerso por uma irresistível compulsão de tentar transformar uma ruína que estava para desmoronar em uma armadura viva sobre a qual eu poderia me edificar”. E acrescenta: “Ele não podia justificar o que havia feito, assim eu estava condenado a salvá-lo” (Godley, 2003, p.1028).

O que teria levado Godley a aceitar a conduta invasiva e as agressões de seu psicanalista? Ceccarelli (2004), em *A perversão do outro lado do divã*, comenta que as atuações por parte do analista diante de um paciente que, na transferência, revive seus complexos infantis e reatualiza a cena de sedução, provocam uma renovação do trauma em lugar de promover uma elaboração. A culpa que acompanha o ato pode impedir o analisando de expressar sentimentos de ódio, bem como de reavaliar, ou mesmo de abandonar, o tratamento.

Em certos casos, a reatualização de traumas infantis pode levar o sujeito a um estado de paralisia – não apenas psíquica, mas também motora – pois a invasão de moções pulsionais geradas pelo retorno do recalçado imobiliza o ego. Nesta situação, o agente causador do trauma, encarnado na figura do analista, tem total controle da situação. Isto pode ocorrer quando, por medo e não por idealização, o sujeito faz todo o possível para não despertar a ira que outrora sofrera, e que supõe estar presente no analista (Ceccarelli, 2004, p. 5).

Ainda sobre a imobilização relatada por Godley diante das “provocações” de seu analista, autores como Martins (2009) e Eiguer (2003, 2008) levantam a hipótese de que, se por um lado o perverso narcísico seduz para em seguida provocar a desestabilização do parceiro, por outro lado, este costuma ser um sujeito que apresenta um perfil reparador. O sofrimento infligido pelo agressor é percebido como um obstáculo a ser superado, um desafio a ser vencido no qual suas virtudes reparadoras são postas à prova. O sofrimento tem valor narcísicamente engrandecedor, pois sua meta é a transformação do outro; seu desejo é salvá-lo.

### O analista e sua teoria

Em “A perversão narcísica do analista e suas teorias”, Baudouin e Denis (2003) comentam que uma leitura anônima do texto de Godley, justificaria tanto a suposição do leitor sobre ser o analista um impostor quanto sua incredulidade posterior ao constatar tratar-se de Khan, e que seu analista, inclusive durante o transcurso da análise de Godley, era

Winnicott. Para os autores a situação se agrava quando a falta de ética é por vezes sustentada por uma teorização que pretende justificá-la, por uma concepção de cura que se pretende original e inédita.

O desconforto de Baudouin e Denis diante do relato de Godley cresce ao lembrarem que os escritos iniciais de Khan foram recebidos com entusiasmo e considerados referência para os analistas que começavam a investigar os caminhos de tratamento dos pacientes-limite e da perversão. As infrações ao enquadre eram percebidas como sinais de genialidade e consideradas como uma saída para o excesso interpretativo que vigorava na época.

Khan argumentava que ao exprimir a agressividade que sentia no contato com o paciente estaria reparando uma falha materna – a de não ter reconhecido a agressividade da criança. Afirmava, ainda, que a análise deveria fornecer ao paciente a possibilidade de vivenciar experiências agressivas, levando-o a validar sua própria agressividade e ódio, bem como a agressividade e o ódio do analista (KHAN, 1979, p. 90). Mas, e quando tais intervenções ultrapassam o limite da ética?

É interessante retomar o prefácio de Green (1977) ao livro *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos* (Khan, 1977) onde, ao mesmo tempo em que são tecidos diversos elogios ao autor, escapam comentários sobre os riscos ali embutidos. Inicialmente, Green (1977, p. 1) valoriza o texto de Khan pela sua capacidade de revelar no relato de sua prática clínica, “momentos de uma intimidade sem testemunhas. O amor e o ódio de que fomos objeto, as intensas trocas realizadas, são espalhadas aos quatro ventos”.

Khan se dizia herdeiro de Winnicott, mas Green levanta alguns aspectos onde aquele se diferencia do mestre, e entre eles destaca um estilo pessoal e um específico uso da dramatização, como componente de sua técnica:

Khan, diversamente de Winnicott, usa mais sua intolerância em relação ao paciente e a emergência das pulsões agressivas que este desperta no analista. (...) Às

vezes, instala-se uma situação estranha, com seus séquitos de seduções, provocações e fugas, cujo desfecho permitirá reunir a energia caótica num esboço de coerência, por vezes após um golpe teatral (Green, 1977, p.4).

Green indaga o que justificaria esta dramatização, que não fosse apenas uma “equação pessoal que depende da estrutura do analista” (Id., ibid. p.4), e conclui ser uma técnica que pretende suplementar uma falta de algo que nunca existiu, principalmente diante de pacientes que vivem em estados de apatia, de vazio. A dramatização os levaria a viver, mais do que a reviver, as experiências necessárias que provocam o fantasiar. Observe-se que Khan é bastante citado por suas contribuições teóricas ao tratamento dos chamados “pacientes difíceis”, e propostas como a dramatização vêm sendo utilizadas, deste então, nestes casos.

Em seus escritos sobre a relação secreta de onipotência simbiótica existente entre determinados pacientes e a figura materna, Khan (1977) destaca a pobreza psíquica daqueles e a sua capacidade de provocar reações no analista. Diante destas observações, Green afirma:

O analista, diante deste tipo de pacientes, deve dosar sua participação, recusar ser incluído na repetição dessa relação simbiótica, dar prova de imaginação para deixar-se usar de maneira onipotente. Aqui a distância representa o papel de um retorno do que foi rejeitado, ou seja, a agressão. A bondade incondicional só repetiria o fracasso ambiental (Green, 1977, p.8).

Finalmente, Green reconhece que a liberdade analítica é necessária diante de certos pacientes que não suportariam uma “rigidez quase cadavérica do analista”, mas entende que a técnica proposta por Khan envolve riscos, “como o de errar, de envolver-se demais, de agir precipitadamente ou de ser lançado para o outro lado” (Id., ibid. p.16). Adverte, então, para a dupla ameaça de ser dominado pela “esclerose do conservantismo” ou de ser impelido a ultrapassar os limites necessários ao desenrolar do processo analítico.

É interessante observar que, em seu livro *Alienation in perversion*, Khan (1979) faz uma descrição precisa do funcionamento

perverso que muito se aproxima da caracterização do perverso narcísico elaborada por Racamier. Por mais brilhantes que fossem os textos de Khan, gradativamente evidencia-se que sua concepção de cura analítica dava margem a passagens ao ato e, especificamente em seu caso, havia justificado a manipulação exercida em alguns de seus pacientes. Também o comportamento social inapropriado de Khan, que já era considerado problemático nos anos 1960, foi se agravando e deixando à mostra ligações tumultuadas com analistas em formação e pacientes, seus comentários antisemitas e uma atitude cada vez mais provocativa e arrogante. As diversas transgressões à ética da psicanálise expostas em seu último livro, *Quando a primavera chegar* (1991), provocaram a perda de sua posição de analista-didata e, posteriormente, sua expulsão da Sociedade Britânica de Psicanálise.

Ceccarelli (2004, p.12), ao comentar sobre algumas vertentes do “analista predador” indica “aquele que alcança os maiores níveis de reconhecimento profissional e, intoxicado pelo narcisismo daí advindo, crê ser superior ao ponto de racionalizar suas atuações”.

### O analista e seu analista

Hopkins (2003) se propõe a entender o que não funcionou na análise de Khan com Winnicott. Destaca, inicialmente, que este não conseguiu sobreviver aos ataques de ódio de seu paciente e, para desenvolver seus argumentos, utiliza cartas escritas por Khan, onde este deixa transparecer sua irritabilidade diante da postura de Winnicott. Numa destas cartas, enviada a Stoller, em 1971, comenta: “Eu o exasperava e ele me traumatizava pela sua humildade cristã e masoquista, tão falsa e, portanto, tão ele” (Hopkins, 2003, p. 1044).

Segundo a autora, Khan reconhecia que Winnicott era hábil quando se tratava de *holding*, mas não valorizava suas interpretações. Em sua opinião, por mais que a capacidade de *holding* de Winnicott tenha ajudado seu paciente no início do tratamento, o modo como se afastou de um confronto e sua escolha por não interpretar não foi suficiente para levá-lo a enfrentar sua problemática narcísica. Além disto, relembra que o tipo de relação existente entre eles repetia a relação de

Khan com o pai, pois fora o preferido deste entre numerosos irmãos e irmãs e o único herdeiro da propriedade familiar após sua morte. Menciona, ainda, que ao aceitar a colaboração de Khan na edição de seus trabalhos entre 1950 e 1971, e com ele manter complexa relação extra-analítica, Winnicott ajudou a validar as violações daquele ao enquadre analítico. Conclui que, ao evitar qualquer tipo de confronto, Winnicott não conseguiu reconhecer a intensidade da agressividade de Khan e interpretá-la, nem fixar os limites necessários à manutenção do enquadre.

Lembremos que Winnicott (1954/1978, p. 460), ao refletir sobre os pacientes que necessitam lidar com os estádios primitivos do desenvolvimento emocional, privilegia o manejo e não o “trabalho analítico comum”. Assim, a estes pacientes, que viveram fracasso ambiental na primitiva infância, condições favoráveis deveriam ser proporcionadas de modo a oferecer nova chance de “descongelamento” e a perspectiva de desenvolvimento progressivo. Ou seja, as situações traumatizantes, que estão aquém das recordações e verbalizações, podem ser resgatadas através da oportunidade de experimentar na relação analítica as falhas ambientais e a raiva consequente. O paciente pode reagir com ataques verbais violentos, mas foi-lhe oferecida a possibilidade de não vivenciar as falhas ambientais apenas como fracassos pessoais. Se a aceitação das críticas do paciente é um importante elemento de retomada do desenvolvimento, a interpretação pode vir a ser experienciada como a incapacidade do analista de admitir suas falhas, repetindo a falha provisória original.

Baudouin e Denis (2003) criticam uma análise que tenta curar o perverso narcísico pelo amor e através de regressão reparadora, e se perguntam se a atitude de Winnicott não teria sido semelhante à indulgência presente em mães de delinquentes que sofrem com seu comportamento, mas se aliam a ele contra a autoridade. Vale perguntarmos em que circunstâncias a proposta de reparação pode envolver o analista em um pacto que reedita uma relação marcada pela onipotência simbiótica.

## Desafios

Na década de 1970, a psicanálise estava saindo, segundo Green (1977, p. 16), “da guerra de usura da análise das defesas e do funcionamento repetitivo da máquina de interpretar” e, a partir daí, as contribuições de Winnicott e de Khan se destacam, principalmente na clínica dos “pacientes difíceis”. É interessante notar que Clavreul (1967/1990) já advertia que o perverso recusa ao analista o pedestal de “Sujeito suposto saber” e o desafia quando busca refugiar-se nesta posição. Mas certo cuidado é necessário diante de um movimento entre o “pedestal” e o “*holding*”, quando se trata da clínica do perverso narcísico.

Sobre o trabalho com pacientes esquizoides, Winnicott (1963/1982 p. 166) esperava que estes fizessem a interpretação que o analista poderia ter feito, pois, se ela decorrer “da esperteza e experiência do analista, o paciente irá recusá-la ou destruí-la”. Se o analista estiver em posição de objeto subjetivo, a interpretação pode transformá-lo subitamente em objeto não-eu, por saber demasiado e estar chegando muito próximo do núcleo central silencioso da organização do ego do paciente. Faz-se necessário fazê-lo sentir-se sustentado pelo *holding* que o *setting* lhe oferece e saber aguardar que descubra criativamente. Acrescenta, então, que o manejo dos contatos extratransferenciais com o paciente esquizoide ou *borderline* representa uma parte do trabalho.

Martins (2009), baseado em Winnicott, afirma que o analista deverá cuidar para não perder de vista a necessidade de dependência infantil do paciente e de garantir-lhe, através do *holding*, um sentimento de confiança na continuidade de si e destaca que a eficácia da interpretação está intimamente ligada ao *holding*:

Devido ao caráter estruturante da defesa perverso-narcísica do agressor, defesa que se contrapõe à melancolia e depressão, ou mesmo a um colapso de cunho psicótico, que seu sintoma tenta compensar, interpretações têm pouco ou nenhum efeito. Se o analista tem como objetivo o tratamento e não a verdade do inconsciente do paciente, perceberá que interpretações tenderão a somente reforçar as defesas do paciente agressor (Martins, 2009, p. 52).

São cuidados diante dos riscos de uma invasão precipitada. Existem, entretanto, outros riscos como o de se deixar seduzir pelo discurso do perverso narcísico, capturado em função de alguma fragilidade ou da reatualização de traumas infantis e ser signatário de um pacto, onde um engrandecimento narcísico está em jogo. Martins (Ibid.), inclusive, nos relembra que o desejo de ajudar o agressor pode mover a vítima a enredar-se no jogo do perverso narcísico, principalmente quando julga ser forte e capaz de superar o sofrimento decorrente da agressão perpetrada e de conseguir através de sua habilidade obter seu amor.

A tolerância do analista aos ataques sofridos revela, ao mesmo tempo, uma força que desperta intensa raiva no perverso narcísico e uma fraqueza merecedora de desprezo deste. Se, por um lado, o estilo provocativo de Khan ultrapassa os limites da ética, por outro, nos perguntamos se os cuidados de Winnicott, reconhecendo seus erros e evitando interpretar quando avaliava o risco de reforçar as defesas do perverso narcísico, não estariam alimentando a perversão do paciente. Não se trata aqui, obviamente, de colocar em questão a pertinência das contribuições de Khan nem a sensibilidade clínica de Winnicott, mas de apontar a difícil sutileza de um manejo entre o confronto e o *holding* no tratamento psicanalítico do perverso narcísico. Este talvez seja um dos importantes desafios do analista desta clínica.

Tramitação:

Recebido em: 17/05/2013

Aprovado em: 12/06/2013

**Lidia Levy**

Rua Visconde de Pirajá 156 sala 506

Ipanema – Rio de Janeiro – RJ

CEP 22410-001

Fone: (21) 2513-4022

E-mail: llevy@puc-rio.br

## Referências

- BAUDOQUIN, A.; DENIS, P. La perversion narcissique de l'analyste et ses théories. *Revue Française de psychanalyse*, Vol 67, n.3, p.1006-1014, 2003.
- BOYNTON, R. S. O retorno do reprimido. O estranho caso de Masud Khan. *Pulsional. Revista de Psicanálise*, n.174, p.54-71, 2003.
- CECCARELLI, P.R. A perversão do outro lado do divã. In: PORTUGUAL, A.M.; PORTO FURTADO, A.; RODRIGUES, G.; BAHIA, M.A.; GONTIJO, T. (org). *Destinos da sexualidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.243-257, 2004.
- CLAVREUL, J. (1967) O casal perverso. In : Clavreul et al. (org), *O desejo e a Perversão*. Campinas : Papyrus Editora, p. 113-155, 1990.
- EIGUER, A. *Le pervers narcissique et son complice*. Paris: Dunod, 1989.
- EIGUER, A. Outrage à l'intimité. *Revue Française de psychanalyse*, Vol 67, n.3, p.857-871, 2003.
- EIGUER, A. Perversion narcissique: un concept en évolution. *L'information psychiatrique*, v. 84, n.3, p. 193-199, 2008.
- GODLEY, W. Sauver Masud Khan. *Revue Française de psychanalyse*, Vol 67, n.3, p.1015-1028, 2003.
- GREEN, A. O outro e a experiência de *self*. In : KHAN, M. *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.
- HIRIGOYEN, M-F. *Assédio Moral. A violência perversa no cotidiano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- HIRIGOYEN, M-F. *Abus de faiblesse et autres manipulations*. Paris: Éditions JC Lattès, 2012.
- HOPKINS, L. L'analyse de Masud Khan par D.W.Winnicott: une étude préliminaire des échecs de l'utilisation de l'objet. *Revue Française de psychanalyse*, Vol 67, n.3, p.1033-1058, 2003
- HOPKINS, L. *False Self. The life of Masud Khan*. Londres: Karnac, 2006.
- KHAN, M.M.R. *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1977.
- KHAN, M. M.R. *Alienation in perversion*. London: The Hogarth Press, 1979.
- KHAN, M. M.R. *Quando a primavera chegar: despertares em psicanálise clínica*. São Paulo: Escuta, 1991.
- MCCARTHY, J.B. Disillusionment and devaluation in Winnicott's analysis of Masud Khan. *The American Journal of Psychoanalysis*, v.63, n.1, p. 81-92, 2003.
- MARTINS, A. Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. *Cadernos de Psicanálise - CPRJ*, Rio de Janeiro, 31, n. 22, p. 37-56, 2009.
- RACAMIER, P-C. (1992) *Les perversions narcissiques*. Paris: Payot, 2012.
- TELLES, S. Apresentação. *Pulsional. Revista de Psicanálise*, n.174, p. 53-54, 2003.
- WINNICOTT, D. W. (1954) Aspectos clínicos metapsicológicos da regressão dentro do *setting* psicanalítico. In: \_\_\_\_\_ *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- WINNICOTT, D. W. (1963) Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: \_\_\_\_\_ *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, p.163-174, 1982.

| ARTIGO |

**SOBRE O SUJEITO NA CLÍNICA  
PSICANALÍTICA EM TEMPOS  
PÓS-MODERNOS**

*ABOUT THE SUBJECT IN THE PSYCHOANALYTIC  
CLINIC IN POST-MODERN TIMES*

---

*Ana Maria Szapiro<sup>17</sup>*

*Nina Gomes Costa<sup>18</sup>*

**Resumo**

Este artigo propõe uma discussão acerca dos desafios que se colocam hoje na clínica psicanalítica ante as mudanças em curso nos processos de subjetivação. Abordamos aspectos ligados às transformações societárias relativas à passagem da Modernidade à pós-Modernidade de modo a situar os impasses que, a nosso ver, se apresentam ao sujeito de que trata a Psicanálise. Através de elementos que trazemos da clínica infantil discutimos os desafios colocados para a prática psicanalítica, desafios que exigem mais do que nunca uma reflexão sobre o lugar da Psicanálise nos tempos atuais.

---

<sup>17</sup> Psicanalista, Professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social/ EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>18</sup> Psicóloga; Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Oncologia - INCA.

**Palavras-chave:** Psicanálise, pós-Modernidade, sujeito, clínica infantil.

**Abstract:**

*This paper proposes a discussion about the challenges of the subject in the contemporary clinic. We approach the features related to the societal transformations concerning the passage from Modernity to post-Modernity aiming at situating the impasses, as we observed, that face the subject of which we are talking about today. Elements from clinical work with children allow a discussion of the challenges to psychoanalytic practice, challenges that require more than ever a reflection about the place of psychoanalysis in these new times.*

**Keywords:** *Psychoanalysis, post-Modernity, subject, children's clinic.*

O presente trabalho tem como objetivo pensar sobre os impasses do sujeito na clínica contemporânea partindo, inicialmente, de uma revisão bibliográfica do discurso sobre o sujeito na Psicanálise, levantando questões que tangem à passagem da Modernidade à pós-Modernidade. Trata-se, em um primeiro momento, de tomarmos as contribuições de autores que se lançaram ao trabalho de analisar as consequências do advento da pós-Modernidade nos processos de subjetivação em curso e de colocarmos em debate as repercussões dessas mudanças na clínica psicanalítica. A proposta é compreender de que sujeito fala a pós-Modernidade e qual o lugar da Psicanálise nesse novo tempo.

Entendemos que a Psicanálise, desde Freud, veio a ocupar lugar de destaque quando, inaugurando uma nova concepção de sujeito, subverte a noção do sujeito da consciência, plenamente senhor de si e de seus afetos, e coloca em cena o sujeito do inconsciente, identificando nesta instância uma determinação psíquica. Tal concepção deriva daquilo que Freud (1923/2010) propôs em *O Eu e o Id*, descrevendo o inconsciente a partir da teoria do recalque. Nesta, o inconsciente consiste tanto no conteúdo latente, capaz de alcançar a consciência, como no recalcado, que não tem livre acesso ao domínio consciente. A economia do desejo, tão cara à Psicanálise, se encontra sob a égide do sujeito freudiano. Desejo este que remete à falta e que se engendra no sujeito desde muito cedo, quando é chamado pelo Outro a renunciar

a seu gozo irrestrito. Somente consentindo na falta é possível abrir espaço para o campo do desejo.

Todavia, convivemos hoje com um discurso que supõe um sujeito racionalmente livre e capaz de “gerir” seus afetos, reduzido ao sujeito cartesiano da consciência que tende a renegar a falta constituinte, buscando a possibilidade de alcançar a plenitude. A perspectiva em questão afasta-se assim da dimensão do desejo e se aproxima daquela orientada pelo gozo, como apontou Melman (2003). Esta ênfase em um sujeito da consciência, retomada nas nossas sociedades, vale observar, encontra ponto de apoio nos enormes avanços no campo das tecnociências com seus efeitos nas subjetividades. Neste sentido, este sujeito toma a técnica como recurso capaz de velar seu estatuto de incompletude. Ao contrário, a Psicanálise, subvertendo este sentido de sujeito dirigindo-se a um outro sujeito, o do inconsciente, aponta tal estado de plenitude como inatingível. Nesta condição de sujeito do inconsciente, o sofrimento tem lugar incontornável causado pelo limite imposto, próprio ao estatuto do sujeito desejante, estruturalmente dividido, e a quem a Psicanálise destina sua escuta. Deste modo, a Psicanálise, diferentemente do discurso da tecnociência, não responde à busca do imediatismo e nem à ilusão que corresponde à conquista da completude. Ao contrário, trata de apontar um caminho longo a percorrer onde algo da ordem de uma implicação subjetiva, possível ao recordar, repetir e elaborar (FREUD, 1914/1990), tem suas condições de possibilidade de emergir. Se a direção de trabalho com o sujeito recua diante do que é próprio a ele e faz reproduzir a fantasia do “tudo pode”, então não se está verdadeiramente diante de um sujeito, mas antes, de seu crepúsculo (SZAPIRO, 2012).

Pretendemos sinalizar as mudanças societárias que permeiam tamanhas transformações na economia psíquica, de modo a situar de que sujeito se trata hoje. E o faremos aqui propondo acompanharmos um fragmento clínico que nos remete aos novos modos de adoecer, nos permitindo exercer uma reflexão sobre o que a clínica tem a nos ensinar de modo a dialogarmos com os desafios atuais da prática psicanalítica.

Consideramos, assim, que a passagem da Modernidade à pós-Modernidade corresponde ao advento de uma nova época na qual novas lógicas passam a conduzir os laços sociais. São transformações contundentes que implicam diferenças no advir do sujeito, e que discutamos em nossos consultórios.

### As marcas da pós-Modernidade no advento do sujeito

Compreendemos a pós-Modernidade, tal como descrita por Lyotard (2011), como um período marcado pelo descrédito nas grandes narrativas que na Modernidade sustentavam a legitimação do saber e do laço social. Para Lyotard (Ibid.) o abandono das grandes narrativas e dos metarrelatos constitui a principal característica do que ele nomeia de condição pós-Moderna. O autor indaga, “após os metarrelatos, onde se poderá encontrar a legitimidade?” (Id., *ibid.*: xvii)

Nesta perspectiva, Dufour (2008) assinala que a característica fundante da pós-Modernidade não corresponde necessariamente ao fim dos grandes relatos, que sustentavam e garantiam as figuras possíveis do Outro. Na verdade, para este autor, trata-se do declínio de tais relatos na forma como se apresentavam na Modernidade, ou seja, de modo a manter o homem em consonância às regras simbólico-políticas, interpelando-o no sentido de um “menos de gozar”, fazendo assim, o laço social. O que ocorre na pós-Modernidade é antes uma mudança em relação a esse constrangimento causado pela consonância a estas regras, tal como vigorava na Modernidade, e o surgimento de algo inteiramente novo. Alguma coisa muito particular se encontra hoje no cerne de nossas ilusões necessárias, de nossas ficções. O Mercado e o caldo liberal do qual surge, parecem ter se tornado os ordenadores dos processos de subjetivação.

Para examinar as diferenças entre o sujeito freudiano e o sujeito com o qual nos deparamos hoje na clínica, pensamos ser frutífero um olhar mais demorado sobre o percurso das transformações econômicas e a consolidação do pensamento liberal, aspectos que podem conduzir ao



que ainda Dufour, tomando o conceito de Simondon de “transdução”<sup>19</sup>, aponta como “mutações na economia simbólica” (DUFOUR, 2009:123).

Foucault, em *Segurança, Território e População* (2008) descreve uma nova tecnologia de poder que ele vê surgir em meados do século XVIII, ligada à problemática da segurança – a biopolítica da espécie humana. Em contraste com o poder disciplinar, que vigorava nas sociedades disciplinares, o dispositivo de segurança responde a uma nova lógica que impõe o novo capitalismo mercantil de então: a livre circulação de mercadorias e pessoas. Essa nova lógica mercantil precisava, para funcionar, conviver com marcos flexíveis e aceitáveis de determinados fenômenos, ao invés de, citando Foucault: “impor-lhes uma lei que lhes diga não” (FOUCAULT, 2008: 96). Assim se constitui um dispositivo de poder que não mais disciplina sob a forma de interditos, mas que se apropria do desejo, capturando-o como motor de ação da população. A questão que surge no centro das transformações econômicas e de poder, como bem indicou Foucault (Ibid.), é a de como dizer sim ao desejo, sem limitar o amor-próprio, mas deixá-lo livre para fluir e circular. Neste ponto, a clínica nos ensina que não é sem consequências para o sujeito o que esta nova lógica de poder engendra, isto é, o excesso – o amor-próprio sem limite. Nesta direção apresentamos um fragmento clínico que nos remete a algo da ordem daquilo que, como resposta a esse excesso, temos encontrado de forma cada vez mais frequente: as passagens ao ato. Vamos tomá-las no que se revelam como efeitos de uma subjetividade que busca recusar o imperativo da perda, como ressalta Lebrun (2008).

Encontramos claramente no centro do pensamento liberal de Adam Smith as raízes dessa recusa ao imperativo da perda. Calçado na máxima do que a expressão “*laissez faire*” sintetiza, o liberalismo propõe um ordenamento da economia através de uma mão invisível, o que significa supor que o mercado é a única instância que deve regular as trocas econômicas. Nesta perspectiva construiu-se, pouco a pouco,

<sup>19</sup> Sobre o conceito de “transdução” diz Simondon: “Entendemos por transdução uma operação, física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga aos poucos no interior de um domínio, fundando essa propagação sobre uma estruturação do domínio operada aqui e ali: cada região de estrutura constituída serve à região seguinte de princípio e modelo, de início de constituição, tanto que uma modificação se estende assim progressivamente, ao mesmo tempo que essa operação estruturante”. (Ver SIMONDON, G. 1964: 25. Tradução livre das autoras).

num processo lento de subjetivação, o lugar de centralidade que o valor da liberdade veio a ocupar na experiência coletiva, cuja correspondência no plano da economia psíquica é a crença na autorregulação do próprio sujeito. O termo neoliberal, marca da pós-modernidade, não diz respeito a uma nova corrente do liberalismo, mas, como lembra Furtado (2010), trata da aplicação, no contexto da economia contemporânea, dos aspectos principais do liberalismo consagrado no início do século XVII.

Deste modo, a experiência coletiva passa a ser habitada e (des) organizada por imperativos oriundos de princípios e práticas econômicas neoliberais de um capitalismo financeiro, caracterizado por reivindicar a ausência de barreiras para a livre circulação do mercado. Desta forma, adentra na sociedade de maneira dilacerante o único imperativo admissível: “que as mercadorias circulem, de modo que toda instituição, vindo interpor entre os indivíduos e as mercadorias suas referências culturais e morais, é doravante mal vinda” (DUFOUR, 2008: 197).

Assim, a imposição de uma troca econômica sem barreiras nem limites que coloca no centro da experiência coletiva o valor de liberdade tem sua tradução, na economia psíquica, num sujeito que se quer “sem restrições” e que, assim como o mercado, torna-se avesso a qualquer constrangimento, o que abre um novo campo de problemática para o sujeito quanto à relação com o outro (SZAPIRO & REZENDE, 2010). A ilusão de que é possível constituir-se sujeito sem restrições e sem limites, sob o signo do “goze!” torna-se certamente fonte de males inéditos, como se pode ver no relato do fragmento clínico, onde se desvelam de maneira radical os meandros e as consequências dessa ilusão tecida. Talvez seja esta a grande ficção pós-Moderna, a ideia de que o sujeito se constitui dando livre curso às pulsões.

Entretanto, qual seria o estatuto do outro nesse novo quadro? Para o liberalismo smithiano, os interesses privados e individuais, uma vez regidos pela lógica da “mão invisível”, se transfigurariam na realização da riqueza coletiva. Não seriam mais os interesses coletivos e a restrição à satisfação pulsional como sublinhados por Freud (1930/2010) como preceitos fundamentais da noção de civilização, que constituiriam a experiência da vida em sociedade, mas sim as satisfações próprias, de

modo a fazer com que “o interesse de cada um deve prevalecer sobre os interesses do viver juntos” (SZAPIRO, 2012:189). Desapareceria a tensão constitutiva da relação com o outro que adquire, assim, o estatuto de simples objeto, perdendo-se, desta maneira, toda a dimensão da experiência da alteridade.

Partindo de uma fissura na relação do sujeito com o Outro e com os outros, ou seja, com o lugar de exceção e com o lugar do bem comum, qual seria, então, o estatuto desse novo sujeito? De que maneira repercute no sujeito a fantasia de liberdade irrestrita e a experiência de tomar o outro como objeto?

### **De que sujeito falamos, então?**

Tamanha transformação tem evidentes repercussões no laço social. O discurso pós-moderno nos fala de um sujeito racionalmente livre, que se afirma liberado de qualquer restrição ao seu amor-próprio, senhor de seus afetos que a nada deve renunciar. Estaríamos aqui diante de uma nova servidão, a servidão do sujeito à ilusão de que tudo pode. Tal ilusão aparece num contexto onde o sujeito submetido ao “livre para pulsar”, no gozo irrestrito, pretende fazer da experiência da dor e do sofrimento uma experiência a ser abolida, eliminada mesmo desta nova condição humana. Trata-se de um esforço, em última instância, de contornar os limites da condição humana.

A dor como o real do limite começa a ser evitada desde muito cedo. Observamos esta tentativa nos domínios da prática clínica com crianças, quando nos defrontamos muitas vezes com pais que relutam em impor limites a seus filhos considerando que assim procedendo evitam fazê-los “passar pela dor de considerar os limites” (LEBRUN, 2008:30). Aí se engendra também um sofrimento dos pais à medida que não se encontram em posição de legitimidade, uma vez caducado o lugar de exceção, que os auxilia a sustentar o consentimento na perda do todo-poder de seus filhos, dado irredutível ao qual se submete o ser falante.

Sem a garantia do lugar da interdição, se torna cada vez mais difícil para o sujeito abandonar a renegação, fase “normal” no

desenvolvimento quando há a confrontação com a castração. A criança sabe da diferença sexual, mas mesmo assim a nega. Este mecanismo é abandonado aos poucos através do embate com aquele que ocupa o lugar de exceção. Com a deslegitimação deste lugar, a recusa em abandonar a renegação é cada vez mais comum. Como consequência, argumenta Lebrun (2008), convivemos com o que ele denomina de “perversão comum”, ou seja, a renegação da impossibilidade de gozo pleno e irrestrito.

Não se trata, todavia, da estrutura perversa, mas sim de traços de uma economia psíquica orientada pelos imperativos de gozo absoluto e fruição da liberdade que hoje parecem marcar o fazer sociedade. Nessa escalada, o outro do viver junto existiria para este sujeito como objeto para alcançar o gozo, a satisfação pulsional.

No movimento de aproximarmos a análise que apresentamos da experiência da prática clínica, este breve recorte clínico tem como função sublinhar aspectos desafiadores deste “novo sujeito” para o exercício da clínica psicanalítica. Pretendemos, sobretudo, através do relato deste caso clínico, destacar os reflexos na clínica de aspectos singulares indicativos desse mal-estar contemporâneo ao qual nos referimos aqui.

### **De que sofre Danilo?**

Danilo<sup>20</sup> com seus onze anos de idade nos traz notícias de marcas importantes dos sujeitos de hoje. Danilo chegou ao ambulatório de psicologia através de uma ação movida pelo Conselho Tutelar com o objetivo de dar apoio à família para lidar com ele. O pedido era de atendimento compulsório no serviço de neurologia que, após realizar avaliações, optou por encaminhá-lo a nós.

A família de Danilo é constituída por seu pai e sua avó paterna. A mãe do paciente falecera anos atrás. Aos seis anos de idade Danilo passa a residir com o pai e aos onze chega aos nossos cuidados.

<sup>20</sup> Nome fictício de criança acompanhada pelo serviço de saúde mental de um hospital municipal.

Danilo tem queixas de comportamento muito agressivo e violento com as pessoas que o cercam. Para conseguir o que tem vontade ou em resposta a uma negativa do outro, Danilo é capaz de agredir com objetos cortantes, como facas e pedaços de ferro àqueles que a ele se opõem. As passagens ao ato são diversas: atear fogo ao próprio colchão, ao ter negada a possibilidade de comprar determinado brinquedo; cuspir no rosto da avó quando a mesma solicita que se comporte; picotar o cartão do hospital em resposta ao atraso de seu atendimento.

André<sup>21</sup>, pai de Danilo, desde o início do acompanhamento de seu filho dá sinais de enfrentar dificuldades em assumir o exercício de sua função de pai; parece não se autorizar a ocupar este lugar. Ao interpelar Danilo, André não obtém êxito. A impotência parental nesse caso, além de estar ligada à questão simbólica vacante do Outro, aparece também à medida que a diferença geracional parece não se sustentar mais. A função paterna se apresenta a André como um incômodo do qual ele procura se defender solicitando à sua própria mãe que assuma os cuidados com Danilo. Ao que parece, André ainda se encontra às voltas com o lugar de filho, de modo que nesta família prevalece uma relação horizontal entre seus membros, uma relação de igual para igual, onde a transmissão não pode encontrar lugar. Sem a transmissão da diferença assegurada por um pai, representante de outra geração, o caminho para a onipotência se encontra aberto e sem obstáculos.

O caso de Danilo evidencia a problemática parental acerca da relação entre poder e autoridade. Arendt assinala que a autoridade não pressupõe força, pois exatamente “onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou” (ARENDR, 2005: 129). O poder, ainda segundo a autora, se sustenta nos meios de ação, que no caso de André se pautam em atos tão violentos quanto os de seu filho. A autoridade, garantida pela transmissão, colapsa onde o poder sem restrições é o único recurso. Desprovido do lugar para interpelar seu filho, o lugar da autoridade, André utiliza-se da força, ele próprio, igualmente passando ao ato. É possível observar que na contramão da violência que aplica a Danilo, há uma iniciativa por parte do pai em compensar as errâncias de sua

21 Nome fictício do pai da criança em questão.

função, de modo que apela ao Mercado e ao consumo na esperança de conquistar o amor do filho, dando a ele tudo o que requisita: brinquedos, objetos eletrônicos, passeios, itens cobiçados por jovens da mesma idade. Situado neste paradoxo, Danilo parece não ter quem o interpele, quem exerça autoridade, quem dê lugar ao vazio; ao contrário, vivencia inúmeras tentativas de preencher a falta.

A relação possível com atos de ódio e a violência que aparecem como resposta ao vazio estrutural que nos constitui, são, desde muito cedo, como aponta Lebrun (2008), endereçados aos pais. À medida que as interdições se fazem presentes de forma muito sofrida, e no caso de Danilo têm como origem um pai que enfrenta grandes dificuldades para exercer tal função – há certa esquiva por parte do mesmo em receber o ódio da criança quando premida a aceitar a perda de uma situação em que “tudo pode”. Neste momento, o conflito com o ódio do filho tende, então, a ser evitado. Assim, a criança não encontra a quem endereçar essa inquietação, quem lhe ajude a compreender que transformar o ódio em outra coisa é fundamental e, sobretudo, possível, pois que o falar, signo de ter consentido uma perda de gozo e um lugar para o vazio é o que possibilita ao sujeito habitar o mundo simbólico. Deparamo-nos, todavia, aqui com a renegação da presença desse vazio, algo notório no caso de Danilo.

Nas sessões, o paciente não nega seus atos de violência, mas ao mesmo tempo demonstra grande dificuldade em atribuir sentido aos mesmos. “Não sei por que eu faço...”, “Acho engraçado”. Os sinais de culpa ou arrependimento não aparecem, de modo que nas sessões demonstra saber da proibição de seus atos mas, ainda assim, nada parece impedi-lo<sup>22</sup>.

Ao nos debruçarmos sobre os atos de violência, vemos nestes uma espécie de impossibilidade de atribuição de sentido e de relação entre atos e intenções. Esta impossibilidade tende a estar ligada às “derivadas onipotentes construídas como tentativas de remediar um estado de abandono simbólico, pela ausência de qualquer ponto de ancoragem”

22 Remetemos aqui ao comentário de Lebrun sobre a fórmula consagrada por Octave Mannoni (1979) a respeito da renegação – “sei bem, mas mesmo assim” (*apud* LEBRUN, 2008: 30).

(SZAPIRO & REZENDE, 2010: 4). Podemos entender a onipotência que atravessa o caso como algo que visa se contrapor ao desamparo e que corresponde à tentativa do sujeito de imaginariamente ver-se no lugar não castrado do Outro.

Além da violência, outra característica marcante nos atendimentos são as mentiras, através das quais Danilo notoriamente goza. Ao perceber que “engana” sua analista, sai satisfeito desses primeiros atendimentos. Escolhe sempre o mesmo jogo de cartas e inicia as partidas dizendo “vim aqui para te ganhar”. Ao começar a ser interpelado e questionado sobre suas falas, demonstra irritação e certo incômodo; ainda assim, o caminho de atribuir sentido e de se implicar em seus atos é bastante obscuro.

Em certo momento, em meio a histórias terríveis de seus filmes de terror, Danilo diz: “Não tenho medo do que acontece nos filmes, tenho medo do que é real”. Após algum esforço no sentido de sustentar uma construção possível de sua história, algo que o relançasse à falta e ao domínio do Outro, Danilo consegue nomear a raiva como algo que sente constantemente.

Ressaltar as falas capazes de retornar como questão para o sujeito, falas enunciadas após muita repetição de atos, mentiras e manipulações, significa sobreviver às investidas da desconstrução do lugar do sujeito e sustentar, exatamente, um espaço para fazer falar o inconsciente. Acreditamos que a responsabilidade pelo dito também é daquele que escuta. O inconsciente não é um dado *a priori*, é somente no encontro e através da transferência que ele se produz. Assim, parece fundamental recorrer à metapsicologia e estar advertido dos desafios recentemente impostos em nosso encontro com o sujeito. A questão é lançar permanentemente uma interrogação sobre nossa própria imersão no discurso pós-Moderno, de modo a sermos cuidadosos em não considerar a severa dificuldade de atribuição de sentido presente nesses sujeitos como uma impossibilidade.

Com este desafio colocado, cabe-nos um grande esforço de reflexão sobre o exercício da clínica psicanalítica ante a natureza radical

das transformações a que assistimos hoje. Esta reflexão é, pensamos, de grande envergadura, pois, como vimos aqui, tais transformações no sujeito ressoam fortemente no laço social, no viver juntos.

### O sujeito freudiano

As transformações que atravessam o modo de fazer sociedade e as repercussões que geram na subjetividade dizem respeito, nos parece, ao discurso atual que fala de um sujeito supostamente liberado de barreiras, onipotente e que se acredita senhor de seus afetos como mencionamos acima. Esse é o sujeito da consciência, aquele que responde ao apelo do imediatismo, voltado para o exterior, na dificuldade não só de atribuir sentido a seus atos, como de se implicar e se responsabilizar por suas escolhas. Toma a técnica, como recurso de suplência, como descreveu Le Breton em *Adeus ao Corpo* (2003), de modo a não se defrontar com seus limites impostos por sua condição de humano.

A subversão freudiana à concepção do sujeito cartesiano exatamente trata de um sujeito diverso do sujeito da consciência. Freud em *Eu e o Id* (1923/2010) aborda o papel da consciência e do inconsciente na psicanálise dizendo que a consciência não é a essência do psíquico, mas uma qualidade que deve ser considerada, podendo estar presente ou ausente. Ele sublinha que a consciência é mais um elemento psíquico e não tem lugar de causa ou determinação psíquica.

Em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917/1976), Freud igualmente afirma que “o Eu não é senhor da sua própria casa” (Freud, 1917: 178). Sustentada nesta premissa, na escuta ao inconsciente, a Psicanálise nos diz que não somos senhores de nossos afetos. Tal premissa sustenta-se, ainda, na célebre frase: *Wo es war soll ich werden*, ou “onde o isso era o eu deve advir” (Freud, 1933/2010: 223). Enquanto remanescente e tangenciado pelo Isso, o Eu, o domínio consciente, não é jamais senhor de si. A subversão freudiana da concepção de sujeito entende-o a partir da escuta do inconsciente, ponto inaugural da clínica psicanalítica e atual ponto de tensão diante das transformações que vivenciamos nos processos de subjetivação.

O sujeito freudiano, fundamentalmente crítico e neurótico, muitas vezes assolado pelo recalque e por travas internas, é o sujeito

do advento da Psicanálise. Se vivemos na era dos pós-neuróticos e infracríticos, como sublinha Dufour (2005), não seria nossa tarefa nos interrogarmos acerca do que sofre o sujeito hoje para, diante de tais mudanças, nos recolocarmos a questão do lugar da ética da psicanálise?

### Considerações finais

O advento desse “novo sujeito” e o sofrimento que aí se instaura parece incidir na importante passagem do primado do recalque, marca da neurose freudiana, à imposição cada vez mais presente da renegação, como observa Lebrun (2008). A clínica com crianças nos ensina sobre os meandros da constituição do sujeito hoje e sua relação íntima com os processos de destituição do lugar do Outro e dos outros no laço social. De maneira recorrente, nos consultórios deparamo-nos com pais, na maioria das vezes angustiados com o sem lugar que desnorreia o exercício de sua função parental e a noção de autoridade, de interdito e de limites. Crianças como Danilo sofrem em função de seu saber das restrições de sua condição de sujeito, mas, ainda assim, renegam a imposição da Lei. Muitas crianças que chegam ao consultório nos oferecem brechas maiores onde estão contidos os limites da neurose; outros, como Danilo, trazem até nós, como desafio, persistir neste trabalho, constante, dirigido à retomada do sujeito do inconsciente com a implicação subjetiva que lhe é peculiar.

A renegação da falta e da diferença como característica marcante deste “novo sujeito” encontra seu correlato nas transformações societárias discutidas no presente artigo. Tais transformações encontram-se calcadas em novos imperativos que muito se distinguem daqueles propostos na sociedade Moderna. O campo das trocas humanas atravessado pela nova lógica de mercado passou a funcionar exaltando qualidades como a fluidez e a transparência do sujeito. Assim, onde antes havia consolidado o imperativo superegoico, hoje é como se o mesmo tivesse se transformado, como propõe Barros (2009), “em um imperativo positivo de gozo: um Goza!” (BARROS, 2009: 120).

Há um preço que se paga por adentrar na economia desejante, este preço é, para a Psicanálise, o da castração, ou seja, o encontro,

em última instância, com a verdade do corte da onipotência e com a contingência de seres falantes que somos, submetidos assim às angústias de nossa incompletude. Instituir a falta ao desvelar a diferença sexual àquele que, tomado pelo engodo de sua relação imaginária com a função materna acredita ser pleno, é o que permite “um ‘deixar a desejar’ que torna possível o desejo próprio” (LEBRUN, 2004: 34). A castração revela que não se pode tudo dizer, aponta a dimensão da falta e algo da ordem do impossível que se impõe. É a esta dimensão de sofrimento que não se pode escapar como sujeito que habita o mundo simbólico da linguagem.

Eis o eixo que norteia o trabalho psicanalítico: habitar o mundo simbólico supõe perda e sofrimento. Oferecer escuta a esta dimensão do sofrimento é sustentar um lugar para o sujeito do inconsciente na aposta de que um trabalho pela palavra se estabeleça. O que observamos a partir da clínica e que tivemos o cuidado de abordar nas páginas deste artigo é este movimento atual que quer fazer possível eliminar tudo o que é da ordem da restrição à satisfação pulsional – os interditos, os limites, a dor e o sofrimento, todos próprios à condição de ser falante. Tal investida tem repercussões importantes na constituição do sujeito e na relação com o outro, portanto no sentido que vem tomando o laço social, o viver juntos. Assim, nos perguntamos sobre que questões atravessam o advento destas novas formas de subjetivação e, como consequência, qual o lugar da Psicanálise nesse contexto que se enuncia concedendo privilégio ao sujeito da consciência.

Danilo e André trazem até nós notícias do que se passa nos processos de subjetivação contemporâneos. No fragmento clínico analisado nos vemos diante de um pai que hesita e até mesmo reluta a ocupar a função paterna, tanto por estar caduco o lugar reservado para o Outro, quanto pela fragilização na cultura contemporânea das marcas da diferença geracional e da autoridade parental, de modo que interpelar o filho a um menos de gozar se dá em meio a diversos obstáculos. Escutamos no discurso de Danilo e também em seus atos a expressão já reportada aqui: “eu sei bem, mas mesmo assim”, expressão que, para Lebrun (2008) indica a emergência desta “perversão comum”,

quadro onde prevalece a renegação dos limites impostos ao se consentir e adentrar ao domínio simbólico.

A Psicanálise tem se deparado, hoje, com transformações subjetivas que se caracterizam pela crença na constituição de um sujeito sem limites, assim como a lógica societária pós-Moderna quer. Tal crença produz interrogações para a clínica psicanalítica que, uma vez constituída na escuta ao inconsciente e na aposta da implicação subjetiva, se defronta com tal sujeito, em geral sofrendo com imensas dificuldades de atribuição de sentido aos seus atos e escolhas.

A questão que persiste gira em torno do lugar da Psicanálise, da escuta e da palavra na era do imediato, da técnica e do sem limite. Não recuar diante do sujeito do inconsciente, mas antes nele apostar parece ser o passo fundamental no sentido de nos colocarmos ante esta questão. Reconhecer o furo no discurso pós-Moderno de liberdade irrestrita e desvelar o sujeito escamoteado por este discurso é retomar o sujeito do desejo, que sofre com os interditos próprios à sua condição humana. Partir da ética que privilegia a implicação subjetiva e a responsabilidade pelo dizer como da ordem do trabalho psíquico de elaboração subjetiva não significa renegar as mudanças pelas quais passa a economia psíquica, mas sim retomar mais uma vez o trabalho diante do impossível, por excelência, o trabalho da Psicanálise.

Não encerramos com respostas às nossas indagações, mas com a certeza de que um trabalho no sentido crítico e atento diante do que a clínica faz falar – os “novos sujeitos” e os novos modos de adoecer – mostra-se fundamental para sustentar um lugar para a Psicanálise nestes novos tempos.

Tramitação:

Recebido em: 22/04/2013

Aprovado em: 10/06/2013

**Ana Maria Szapiro**

Rua Gustavo Sampaio 710 ap. 202, Rio de Janeiro, RJ.

CEP: 22010-010

Tel. 21 22751469

E-mail: anaszapiro@uol.com.br

**Nina Gomes Costa**

Rua Guarapari 41, Rio de Janeiro, RJ.

CEP: 21351-120

Tel.: 3390-0710.

E-mail: gc.nina@yahoo.com.br

## Referências

- ARENDETT, H. *Entre o passado e o futuro*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BARROS, R. R. Novas formas de subjetivação = novos sintomas. In: SZAPIRO, A. M. (org) *Clínica da pós-modernidade, formas de subjetivação, de violência e de dessimbolização*. Rio de Janeiro: Bapera, 2009.
- DUFOUR, D. R. *A arte de reduzir cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Divino Mercado: a revolução cultural liberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- \_\_\_\_\_. Economia de mercado e economia psíquica. In: SZAPIRO, A. M. (org). *Clínica da pós-modernidade, formas de subjetivação, de violência e de dessimbolização*. Rio de Janeiro: Bapera, 2009.
- BOUCAULT, M. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *O Mal-Estar na Civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo:

Companhia das Letras, 2010 p. 13-124. (Trabalho original publicado em 1930)

\_\_\_\_\_. O eu e o id. In: *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p. 13-74. (Trabalho original publicado em 1923)

\_\_\_\_\_. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 171 – 179. (Originalmente publicado em 1917).

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 189-203. (Originalmente publicado em 1914)

\_\_\_\_\_. Dissecção da personalidade psíquica. In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p. 192-224. (Trabalho original publicado em 1933)

FURTADO, M. Promoção da saúde e seu alcance biopolítico: a ênfase no discurso da autonomia. *Dissertação de Mestrado*, RJ, UFRJ, Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), 2010.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. São Paulo: Papyrus, 2003.

LEBRUN, J. P. *Um Mundo sem Limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

\_\_\_\_\_. *A perversão comum: viver juntos sem o outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LYOTARD, J-F. *A condição pós-moderna*. 13ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MANNONI, O. *La otra escena*. Claves de lo imaginario. Buenos Aires: Amorrortu editores S.A., 1979.

MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

SIMONDON, G. *L'individu et sa genèse physico-biologique*. Paris : PUF, 1964

SZAPIRO, A. M.; RESENDE, C. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? In: *Revista Psicologia Social, Florianópolis*, Vol. 22, n. 1, abr. 2010 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822010000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 de mar. 2013.

SZAPIRO, A. M. O crepúsculo da cidade. In: RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. (Org.) *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: controvérsias e ressonâncias em ambientes urbanos*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/PROARQ, 2012.

| ARTIGO |

**NO EXÍLIO DA DOENÇA:  
POLIFONIA SUBJETIVAS***EXILE IN ILLNESS: SUBJECTIVE POLYPHONIES*

---

*Felicia Knobloch<sup>23</sup>***Resumo**

O diagnóstico de uma doença grave provoca um estado de angústia e seu efeito traumático coloca em questão o território subjetivo. A vivência da doença pode atualizar um modo de des-subjetivação, onde o sujeito "sem sofrer o sofrimento", se exila, se faz um fora de si (FERENCZI, 1932/1992). Reinventa-se uma relação singular com o "estado doente": fragmenta-se em corpos, opera uma autotomia do corpo. Um corpo é o que a medicina vai cuidar, e outro transita, estranho e neutro, em lugar nenhum. O desafio clínico é seguir as rupturas e, de fragmento em fragmento, escutar as corporalidades que aí emergem.

---

<sup>23</sup> Psicanalista, Professora Doutora. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde no curso de Psicologia e Supervisora Clínica da PUC-SP. Pesquisadora da Pós-graduação no Departamento de Saúde Coletiva da UNICAMP. Especialista em Bioética pela USP.



**Palavras-chave:** Sofrimento do corpo; fragmentação; Ferenczi; psicanálise.

**Abstract:**

*The diagnosis of a severe illness generates a state of anguish and its traumatic effect brings the subjective domain into question. The experience of an illness actualizes a form of des-subjectivation, in which the subject "without suffering the pain", self-exiles him- or herself, turning into something outside oneself (FERENCZI, (FERENCZI,1932/1992). A unique relation with the "state of being ill" is reinvented: one is fragmented into bodies, operating an autotomy of the body. There is a body that will be taken care of by medicine, while other – strange and neuter – inhabits a nowhere. The clinical challenge is to follow the ruptures and, from fragment to fragment, to be able to listen to the corporalities that may emerge.*

**Keywords:** *bodily pain; fragmentation; Ferenczi; psychoanalysis.*

Hoje em dia o doente, as doenças, estão investidos de tantos clichês diagnósticos e tratamentos que fica difícil desmontá-los. Como efeito dos tratamentos atuais percebemos como as pessoas sentem-se desalojadas de seu cotidiano, renunciam à responsabilidade por seu próprio corpo, sofrem mudanças de ritmo e de sensações provocadas por certos medicamentos, sentem seu espaço interior se modificar; sua intimidade se altera, e então perde-se a confiança em seu corpo – sentem perder seu corpo.

Às vezes são os medicamentos que trazem uma nova identidade<sup>24</sup>. Analisar o que emerge no processo do sofrimento do corpo fica mais difícil à medida que esses medicamentos, tratamentos, cortes no corpo, nem permitem mais distinguir o próprio corpo.

Encontramos-nos frente a uma medicina sem sujeito, uma medicina sem corpo (SICARD, 2002), um sofrimento do corpo sem sujeito e sem corpo.

Como então sobreviver à abolição técnica da forma de se organizar espacialmente através do corpo? Como entender as novas formas de resistência para viver, e que levam a modos de existência decorrentes da condição patoplástica do humano?

<sup>24</sup> Como a situação de crianças transplantadas do coração, que após a cirurgia sofrem alteração da cor dos cabelos (de castanhos para loiros) por causa de um medicamento. Acompanhei uma mãe que não reconheceu a criança como filha dela após a cirurgia e teve muitas dificuldades para cuidar dela no pós-cirúrgico, pois não aceitava a mudança decorrente dos medicamentos.

Nossa direção será a de encontrar um acesso a tentativas de reconstruções da experiência corporal resgatando as dimensões do humano que estão em jogo no confronto do sofrimento com uma doença.

Ao lado desse corpo sofrente que a medicina toma para si, emergem outros corpos. O corpo humano já conheceu e vem conhecendo várias representações: corpo anatômico, orgânico, mecânico, simbólico, erógeno, *corpo-sem-órgão* (ARTAUD, 1987), órgãos sem corpo... Esse *corpo, ora fragmentado*, impõe uma nova cartografia.

Sob a cena médica planam invisíveis e obscuros sofrimentos que tentam resistir às assepsias médicas e manter uma potência vital. Para continuar existindo, alguém, quando acometido por uma doença (principalmente as graves) reinventa uma relação singular com esse “estado doente” que permite o aparecimento de novos territórios de existência. Como todos os espaços são invadidos pelos cuidadores e medicamentos, *paradoxalmente*, o único território que será possível manter será o próprio corpo. Mas agora, um corpo a que ele mesmo vai tentar dar outro sentido, já que a tonalidade operatória do discurso médico não pode deixar o sentido ser partilhável.

Apesar de hoje em dia considerarmos o encontro médico/paciente cada vez mais raro, a relação médico/paciente está sempre presente seja no nosso imaginário, seja nos momentos cruciais do desenvolvimento do sofrimento físico do sujeito. Um desses momentos sempre esperado e temido é o do diagnóstico.

O anúncio do diagnóstico de uma doença grave provoca no sujeito um estado de angústia que não pode ser desconsiderado: seu efeito traumático coloca em questão a identidade de seu território subjetivo. Enquanto o médico tenta explicar a situação ao paciente, este vive esse momento como um choque! Uma velocidade de sensações o invade. Não consegue pensar – pois some o tempo da mediação que permite o pensar – e nesse instante não há mais palavras para designar os sentimentos: o silêncio se instala. Parece não ser mais possível dizer o que se passa, ou melhor, nada está se passando. Na realidade, para que algo se passe, o tempo precisa passar, o que não é mais possível, pois, com o choque, o tempo foi suspenso: foram abolidos o futuro e o passado, só importa um agora, o tempo congelou aí. Instaura-se nesse momento um tempo próprio em que uma situação extrema será aí vivida, um tempo que não se contará mais como os outros.

No anúncio de uma doença, mesmo que o médico tenha a melhor das intenções, a fala médica promove efeitos traumáticos. É um momento em que o tempo se cliva ao definir para sempre um antes e um depois (do diagnóstico). Como a voz do médico precisa nomear mais informações que afetos instala-se uma *confusão de línguas* (FERENCZI, 1932/1992): a linguagem do médico e a do sujeito sofrente são de naturezas diferentes. Há uma diferença entre o registro da necessidade na qual se situa a medicina e aquele da vivência onde se mantém o doente. Por isso, o sujeito que sofre ao ser reduzido a um corpo fisiológico de necessidade e funcional, esse sujeito busca se *desafetar* frente às demandas médicas. Desinvestimentos são produzidos e seus efeitos acabam por dominar outros sentimentos. E, será dessa forma que a vivência da doença somática poderá atualizar um modo de des-subjetivação, onde o sujeito “sem sofrer o sofrimento”, se exila, se faz um fora de si (FERENCZI, 1932/1992).

Situando-se como vivência de um estado limite, a doença, pela porta do diagnóstico, nos faz entrar num outro corpo, num outro espaço, numa outra temporalidade. Desimplicando-se do presente esse corpo se presentifica sem, no entanto, se oferecer aos poderes médicos: mantém, de forma singular, uma certa integridade pela contestação de seu lugar. Como? Autoclivando-se: em um corpo para a medicina e outro – estranho e neutro – em algum outro lugar.

Fragmentando-se em corpos, operando-se certa *autotomia* do corpo (no sentido ferencziano): um corpo é o que a medicina vai cuidar, (o corpo doente, orgânico, os órgãos sem corpo, o corpo da doença, imóvel, nu). E outro, onde uma batalha vai ocorrer, um outro modo de existência estará se engendrando, de onde se gerenciará não só seu corpo como também sua vida. Só que agora com outras particularidades: num outro espaço-tempo, fora de qualquer representação. De fragmento em fragmento<sup>25</sup> se constrói uma experimentação numa experiência-limite, *cavando no corpo um corpo estrangeiro*<sup>26</sup>. Procedimento insólito que busca novos sentidos e aponta para nova forma e novo território de existência.

<sup>25</sup> Ferenczi apontou a importância do mecanismo de fragmentação como extensão de nossas representações metapsicológicas. Sobre isso ver a carta a Freud de 31 de maio de 1931. (*Lettre* 1197).

<sup>26</sup> Reunião de duas ideias: a noção de corpo estrangeiro de Le Poulichet (1996) de Deleuze (1997, p. 83.), a ideia de que a fórmula de Bartleby (“prefiro não”) que esgota e desarticula a linguagem, “ela cava na língua uma espécie de língua estrangeira”.

Forma paradoxal de autopreservação onde, no desfazimento de si, se resiste a um desaparecimento, buscando a autogeração de um corpo pelas bordas, instala-se num estado-limite para aí se recompor num tempo singular. Composição de um outro corpo, corpo estranho e estrangeiro, corpo dissociado, mas porto de ancoragem do sofrimento do corpo.

### Cavando no corpo um corpo estrangeiro

Corpo estrangeiro que toma o estatuto de substituto do eu, mas, como sublinhou Le Poulichet (1996,p.V) “não no sentido clássico de uma sublimação, a de um destino pulsional implicando uma mudança de alvo e de objeto” mas, como produção de um novo *lugar psíquico*. Ferenczi (1917/1992) já chamou nossa atenção para como frente às experiências traumáticas o corpo adquire uma realidade material independente.

Pensar o sofrimento do corpo como sendo um *novo lugar psíquico* que se organiza a partir do engendramento de um corpo estrangeiro (LE POULICHET, 1996), e que por sua vez sustenta invenções corporais, nos obriga a perceber como esses *lugares psíquicos* recompõem as relações do tempo e do espaço, a fim de desviar-se de um perigo: perigo da anulação de si.

Esse tempo é o que dará forma, *pontualmente*, a bordas (instáveis) que se constituirão (de modo efêmero) para brevar um terror de desaparecimento. Potência criativa, mesmo que este processo se converta em uma “arte de viver em perigo”<sup>27</sup>: em função de fragmentações e atomizações. O processo de engendramento do corpo estrangeiro não é o que define uma “estrutura psíquica”, mas procedimentos<sup>28</sup> (no sentido deleuziano) que compõem planos corporais, por onde de forma indiferente se possa planar.

Processo de indiferenciação que se torna possível em momentos intensivos, nas rupturas com o formalizado esse corpo estranho escapa da redução à sua forma existente. Ao se inventar uma nova forma, permite-se uma passagem de expressão de sensibilidades, de matéria de vida, em zonas intensivas.

27 Formulação de Le Poulichet (1996).

28 Sobre a noção de procedimento ver Deleuze (1997).

Considerar o sofrimento somático como uma das formas de expressão de zonas intensivas, nos permite ver nele outras potencialidades, para além da doença. E é aqui, nesse momento, mais que ver um sujeito, percebemos a constituição de um modo de existência.

O que acontece na dimensão corpórea e como se redesenham as fronteiras, nesses momentos em que se está privado de corpo? Forças operam num plano invisível: não nos é dado ver esse corpo, a não ser pelo distanciamento, pelo silêncio, pelo des-afeto, pela des-implicação do presente e da realidade, próprios a todo quadro denominado regressão narcísica. No entanto, não como um processo de regressão, no sentido freudiano de busca de pontos de fixação. Como alerta Zaltzman (1999, p.37) os movimento da vida psíquica não conhecem uma hierarquia privilegiada “a progressão do movimento não implica necessariamente um progresso e a regressão não implica mecanicamente um retrocesso”. Entendemos aqui a regressão muito mais como um desvio, uma busca, um movimento que revela uma potência para viver, mesmo que seja à custa da criação de novas realidades, de neorealidades.

Ao construir realidades *que não se situam na relação narcísica com o outro* (LE POULICHET, 1996, p.26), ao buscar uma modificação autoplástica<sup>29</sup> (FERENCZI, 1992), são essas neorealidades que constituem outros cenários. Não se trata mais de uma realidade material, nem da realidade psíquica, tampouco da realidade do corpo, como corpo descritível pela ciência, orgânico e organizado. São criações de corpos, de heterogenias, que se atualizam e criam novas relações. Novas corporalidades emergem, em ritmos que não correspondem aos da anatomia ou da fisiologia, nem do simbólico.

Refugiar-se nas insignificâncias, banalizar, denegar: são várias as estratégias que visam o desimplicar-se. Ainda que não seja sempre total, reconhecemos essa des-implicação por aparecer, às vezes, sob a forma de uma *ausência de si* – estar fora de si, no exterior de si – e assim preservar uma certa autonomia, um certo tipo de independência. Portanto, uma saída é *exilar-se para não se excluir*<sup>30</sup>.

29 Para Ferenczi a autoplastia precede sempre a autonomia. . Sobre isto ver nota de 10.8.1930 (Ferenczi : 1992, p. 239).

30 O Exílio como a afirmação de uma nova relação com o Fora, como pensa Blanchot em *Entretien infini* (1969, p. 452).

É com essa força singular de resistência, de vida, que se consegue sair do presente. Sair do presente, clivando-se *em corpos*, estando-se em toda parte ao mesmo tempo e, assim, em *nenhuma*.

Através de um jogo de forças, que se mantém inconscientemente, é que irá se estabelecer para o sujeito uma relação com o que está acontecendo à sua volta, e é assim que se expressará sua potência. Serão múltiplas as forças a serem enfrentadas ao mesmo tempo e, como nos ensinou Ferenczi, o melhor jeito é tornar-se múltiplo, é fragmentar-se, pois assim aumenta-se a superfície, diminui-se o impacto e pode-se suportar as várias forças<sup>31</sup>. Partes explodidas que têm como função neutralizar o traumático. São formações neoplásticas cujo papel será o de salvaguardar o sujeito.

Essa potência, para alguns, significa desenvolver um procedimento de “viver no tônus mais baixo da vida, como viver desaparecendo incessantemente” (GIL, 1996, p. 280). Será dessa posição de doente que surgirá uma força que resiste advinda dessa não possibilidade de reação. É uma resistência, mas naquilo que de esforço implica a força para se opor ao desfazimento do sujeito. Força de expressão em que se cria uma situação de dissociação e fragmentação, para não se sumir na operação de desfiguração produzida pela coisificação e desencarnação técnica. *Desfigurar-se para não desfigurar, fragmentar-se como forma de resistência à fragmentação, uma resistência material*. Situação paradoxal, porém necessária. São estratégias de diversas modulações clínicas que muitas vezes nos colocam em impasses terapêuticos.

### Neutro e Ninguém

É na presença do desaparecimento do sujeito que emerge o impessoal, um corpo, agora, neutro. Neste estado de corpo, em que um tipo ímpar de relação se faz, onde nem o sofrimento pode advir, num esforço para o corpo não se evadir pelo órgão doente, em que emerge silenciosamente um corpo estranho, surge aí uma *relação neutra* que se introduz entre o meio (medicina, terapêuticas, médicos, tratamentos, corpo doente, doença, família, história) e um corpo estrangeiro.

31 Como indicou Ferenczi em sua nota de 21.9.1930: “a fragmentação é a única forma que o sujeito encontra de poder suportar uma dor impossível de ser suportada, pois cada fragmento sofre por si mesmo; e a unificação insuportável de todas as qualidades e quantidades de sofrimento é eliminada” (Ferenczi: 1992; p. 248).

Esse corpo que se dissipa, que escapa, coexiste na sombra e fora de sua representação. Coexistência de corpos em diferentes formas de relação: formas que se engendram num campo operatório – com materialidades e intensidades que iniciam um outro tipo de luta. Luta da vida com aquilo que a ameaça.

*Dar um lugar a corporalidades é, muitas vezes, conseguir construir vazios. A pessoa se vê num anonimato que permite o surgimento de um Ninguém que habita essa irrealidade. Na ruptura introduzida pela doença, algo se produz lá onde ninguém habita. Corpo neutro, relação neutra, um existir neutro. Se ser sujeito equivale a falar, a representar, a simbolizar, o estar neutro solicita outros tipos de operações. Como nos ensina Blanchot (1973, p.102), o “neutro no singular nomeia qualquer coisa que escapa nesse silêncio à nomenclatura, mas sem fazer barulho”. Transformar a doença em turbulência, incorporar novas formas existenciais, é viver num processo metainstável, onde se pode encontrar esse outro, neutro<sup>32</sup>, que sobrevive ao eu.*

Na errância do sofrimento, quando nada ganha sentido, tudo escapa na solidão da doença, quando é quase impossível falar, não há mais história para contar. Na doença perde-se o sentido da história. Blanchot nos chama a atenção de como na impossibilidade de falar não é suficiente dizer as palavras que nos faltam, as palavras são incompatíveis com aquilo a que devem se referir. A linguagem descontínua e contraditória, sem emoção e sem sentido, mostra esse lugar neutro.

Suas pausas, que bruscamente terminam... A frase incompreensível que nos deixa no ar... Nessa privação de comunicação, olhares vazios, olhar que nos atravessa, despojado de si, vive-se a experiência de uma dor. O que escutamos? Não as palavras, “mas o sofrimento que atravessa, de palavra em palavra, sem fim, as palavras...” (BLANCHOT, 1973, p.120). Quando o pensamento deserta a interioridade, ele fica fora, se faz livre da nomeação: ruptura que conduz ao inominável, silêncio, limite onde o vazio da linguagem se mostra.

Essas *falas*, que parecem vazias, (e que muitas vezes foram apontadas como impossibilitadoras de um processo analítico) têm que

32 O desconhecido é sempre neutro. O neutro não se distribui em nenhum gênero e recusa-se a pertencer tanto à categoria de objeto quanto à de sujeito, de acordo com Blanchot (1969).

ser tratadas como poemas, em que “as ligações não unem, mas dão o ritmo, por onde as palavras justapostas não se ligam em busca de um sentido, mas mostram uma direção”, nos ensina Blanchot (1984, p.11).

Mundo de micropercepções onde, *de fragmento em fragmento, se constrói uma experimentação: captar nos fragmentos, apreender o mundo em sua descontinuidade e em sua fragmentação*, sem pretensão de unificação, é um desafio para nós.

### Fragmentação - polifonias subjetivas

Não se poderia reconhecer que é, justamente, no silêncio do afeto que aparece um dos efeitos da fragmentação? Por diversas vezes essa questão se impôs a mim, na clínica, o que me levou a seguir os movimentos do fragmentário. Knobloch (1998), inspirada em Ferenczi e Blanchot, propõe uma perspectiva clínica que leve em consideração o trabalho da fragmentação. O fragmentário é o que escapa à significação, é o que interrompe as ligações, não permitindo haver o que se entende por trabalho de elaboração.

Como a noção de trabalho, em psicanálise, sempre foi referida como possibilidade de ligação, de elaboração, entender o fragmentário como um trabalho pode parecer um paradoxo. Entretanto, se considerarmos que o único trabalho é o de ligação, nos afastaremos do fragmentário. Então, permanecer na atomização é uma estratégia clínica que se mostra operante. Suportar estes momentos fragmentários da clínica, sem procurar teorias que tentem buscar linhas de união entre os pedaços, linhas que promovam coerências, identidades, mas mantê-los em fragmentos, em “isolamento” e, além disso, garantir sua não ligação é poder suportar a instauração de uma *polifonia das formações subjetivas*<sup>33</sup>.

Hoje, já não é novidade o reconhecimento do mecanismo de fragmentação como processo participante de constituição da existência do sujeito, sem necessariamente levar à psicotização. Entretanto, o desafio clínico ainda se mantém no sentido de fazer operar o dispositivo analítico. Em *Le Travail du trauma*, Knobloch (1998) mostra como as fragmentações, como respostas psíquicas que surgem como último recurso para manter a vida, têm sido muitas vezes entendidas como

<sup>33</sup> Expressão utilizada por Guattari em *Caosmose* (1993).

respostas deficitárias, negativas ou ainda desadaptadas do sujeito. Entender a positividade dessas vivências para abordá-las nos obriga a um remanejamento teórico/clínico.

Enfatizar a capacidade para a fragmentação nos leva a colocar em risco a noção de um sujeito organizado. Porém, através das rupturas nos processos estabilizados e dos fragmentos, pode haver o surgimento de novas formas de produção subjetiva. Seguir Blanchot (1969), quando mostra como o poema fragmentário não constitui um poema incompleto [*non pas accompli*], mas um poema que realiza um outro modo de relação (*d’accomplissement*); é se dar conta que é este outro modo *d’accomplissement* que precisamos aprender a reconhecer na clínica.

São situações clínicas que nos convocam a experimentar relações flutuantes. Implicar-se numa relação deste nível exige do analista a capacidade de suportar desinvestimentos, hibridações, flutuações, fragilidades e sofrimentos que muitas vezes são forças protetoras, vitalmente necessárias para o sujeito.

Experiência caótica? Sim. Experiência de descontinuidade... É uma vivência de desterritorialização permanente que, mais que colocar em crise a centralidade, busca novas formas. Estes estados desafiam o modo habitual de pensar, nos convocam para um modo oblíquo de olhar. Será que devemos pensar nos estados psíquicos, ou em suas fronteiras, em suas outras margens? O que se vive aí, nesta borda? Nesta *terceira margem*? Neste entre? Como é que, no anonimato da doença, onde justamente se perde, *alguém* constrói um lugar? Como a doença pode conferir um certo poder que lhe permite viver em zonas-limite?

Quando o corpo sai do corpo, é o sensível que ata esse nó (SERRES, 2001). Como então extrair singularidades nessa experiência de sofrimento do corpo? Escutando os afetos, não para interpretar o já constituído, mas para dar ouvidos às rupturas. Não se trata de se contentar com os fragmentos, nem de buscar uma união, mas localizar “nós frouxos, escorregadios (...) confluências movediças”, como sugere o filósofo (SERRES, 2001, p.249).

Muitas vezes, quando não reconhecemos essa potência, mesmo muda e neutra, que surge em momentos de muito sofrimento, quando se desmente as estranhas sensações de um fora de si, sem procurar aí a

intensidade desse *outrar-se* em corpos, se só damos ouvidos ao corpo da doença e ao da medicina, corremos o risco de ficar aí aprisionados. Os corpos podem acabar permanecendo em sofrimento, consignados em algum lugar. Mesmo depois de restabelecidos pela medicina, ficam soltos em *lugar nenhum*, como que *enquistados e exilados*. Os corpos podem até se restabelecer, mas as feridas permanecem, deixam traços (BRUN, 2011). Experiências onde as situações somáticas, despossuídas de uma linguagem natural, expressam um mundo que se desfaz numa experiência do limite, que coloca tudo em suspenso, mas ao mesmo tempo indica que é lá que é possível encontrar um *ninguém*.

É através da potência dos afetos que possibilitam aos territórios existenciais dispor da capacidade de se afetar, que acontece o encontro clínico para produzir outros universos de referência, a partir dos quais, quem sabe, seja possível uma expressão outra que não através da doença.

Então, transitar pelas *rupturas* é a proposta.

O campo da análise poderá ser um espaço/tempo onde se acolhe o sofrimento, quando se acompanham os *tempos fragmentários, anônimos* – que nem sempre conseguem se reunir em compassos – para se poder escutá-los como composições.

Aprender o mundo em sua *descontinuidade*, escutar os murmúrios de um *ninguém*, escutar as estranhas composições que aí se exprimem e onde emergem outros corpos a partir das intensidades vivenciadas nos limites da fragilidade, onde encontramos as marcas de singularidade de um alguém, para, então, encontrar outras derivas para o sofrimento: essa é a nossa aposta clínica.

Tramitação:

Enviado em: 06/05/2013

Aprovado em: 29/06/2013

**Felicia Knobloch**

Rua Ferdinando Laboriau, 118

Perdizes - São Paulo

CEP: 01250-040

Tel.: (011) 99652-1351

E-mail: feknoabloch@gmail.com

## Referências

ARTAUD, A. O teatro e seu duplo. São Paulo: Max Limonad, 1987.

BLANCHOT, M. *L'entretien Infini*. Paris: Gallimard, 1969.

\_\_\_\_\_. *Le pas au-delà*. Paris: Gallimard, 1973.

\_\_\_\_\_. *Le dernier à parler*. Fata Morgana, 1984.

BRUN, D. *Mères majuscules*. Paris: Odile Jacob, 2011.

DELEUZE, G. Bartleby, ou a fórmula. In: *Critica e Clinica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

FERENCZI, S. (1917) Patoneuroses. In: \_\_\_\_\_ *Obras completas Psicanálise II* São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.291-300.

FERENCZI, S. (1932) Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: \_\_\_\_\_ *Obras completas Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-106.

\_\_\_\_\_. (1930) Traumatismo e aspiração à cura. In: \_\_\_\_\_ *Obras completas Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 248.

FERENCZI, S. *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREUD, S. - FERENCZI, S. *Correspondance 1920-1933 Les années douloureuses*, TOME III. Paris: Calmann-Lévy, 2000.

GIL, J. A *Imagem-Nua e as pequenas percepções*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

GUATTARI, F. *Caosmose um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1993.

KNOBLOCH, F. Le travail du trauma. In: *Les Lettres, n 4*. Société de psychanalyse freudienne, Campagne-Première, 1998. p.121-131.

\_\_\_\_\_. *Patoplastias do contemporâneo: clínica do corpo em sofrimento*. Tese de doutorado (Psicologia Clínica) São Paulo: PUCSP, 2002.

LE POULICHET, S. *L'art du danger*. Paris: Antropos, 1996.

SERRES, M. *Os cinco sentidos: a filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SICARD, D. *La médecine sans le corps – une nouvelle réflexion éthique*. Pion, 2002.

ZALTZSMAN, D. *De la guérison psychanalytique*. Paris: PUF, 1999.

## | ARTIGO |

**O FRONTEIRIÇO E A  
CONTEMPORANEIDADE:  
O MAR E SUAS ILHAS**

*THE BORDERLINE AND THE PRESENT TIME:  
THE SEA AND ITS ISLANDS*

---

*Maria Regina Maciel<sup>14</sup>*

**Resumo**

A partir da constatação de que na sociedade atual encontram-se borrados os limites que antigamente nos demarcavam com clareza, o artigo reflete sobre o conceito de fronteiroço e sua relação com o contemporâneo. Investiga o tema em Winnicott e André Green, e estabelece uma distinção entre os que convivem crítica e criativamente no espaço paradoxal do “sim e não” e aqueles que se paralisam no “nem sim nem não”. Aponta ser o trabalho do analista aquele de possibilitar simbolização a partir do espaço potencial que poderá unir elementos dissociados, simbolização que não necessariamente é dificultada pelos modos de subjetivação contemporâneos.

<sup>14</sup> Membro Efetivo/CPRJ e Professora Adjunta da UERJ

**Palavras-chaves:** Sociedade contemporânea – fronteiroço – espaço potencial

**Abstract:**

*Starting from the idea that in actual society the limits that formerly delimited us have become blurred, this article reflects on the concept of borderline and its relationship to the present time. It inquires into that theme in Winnicott and André Green. It establishes a distinction between those who live critically and creatively within the paradoxical space of "yes and no" and those who become paralyzed in the "neither yes nor no". It points to the work of the analyst as that which opens room for symbolization stemming from the potential space that can bring together dissociated elements, symbolization that is not necessarily made difficult by present time modes of subjectification.*

**Keywords:** Contemporary society - borderline - potential space

Os se debruçarem sobre a contemporaneidade, são inúmeros os autores que pretendem mostrar como as leis e as tradições da modernidade se tornaram fluidas. Neste sentido, é possível afirmar que hoje se encontram borrados os limites – por exemplo, entre público/privado ou entre universal/local – que antigamente se colocavam mais claramente demarcados. Quando reflete sobre os dilemas da sociedade atual, Bauman (2001), por exemplo, chama atenção para a intensificação do individualismo e a relativização e circunstancialidade dos alicerces que, até então, nos definiam de maneira constante. Alerta-nos para certa superficialidade, presente nas relações atuais, que poderia nos deixar menos críticos diante do mundo que nos rodeia.

Num tom mais otimista, há aqueles, entretanto, que concebem a contemporaneidade como oportunidade para sermos mais criativos. É o caso de Souza Santos (2003), que afirma assistir à emergência de uma diversidade de sujeitos coletivos que procuram combinar a luta pela igualdade e a luta pelo reconhecimento das diferenças. Ele acredita surgir, assim, maior pluralidade de espaços de resistência que defendem a igualdade – para que a diferença não gere inferioridade – e, paradoxalmente, a diferença – para que a igualdade não implique descaracterização. Aponta, assim, positivamente deste nosso contexto.

As discussões sobre os nossos dias, típicas no âmbito das ciências sociais e da filosofia, repercutem também na psicanálise. Dentro deste campo, é possível apontar um leque de autores que vai desde aqueles mais nostálgicos até aqueles mais entusiastas. Melman (2003, p. 10, 176, 182, 145), por seu lado, diante da crise das referências e da “alienação



no virtual”, postula uma nova economia psíquica que nos direciona para “dispositivos psicóticos” ou para “uma perversão generalizada”. Ele se pergunta se o atual interesse dirigido aos “estados limites” não seria fruto da presença de pacientes que permanecem “aquém de uma estruturação do sujeito”. Afinal, “se emanciparam das leis da linguagem” e se tornaram “pseudossujeitos”.

Neste mesmo campo, por outro lado, há aqueles que chegam a sugerir uma “concepção libertadora da contemporaneidade”. Nela, nos vemos frente a um “homem transicional” e a uma “nova linhagem de normalidade que tem como referência não mais o neurótico, mas o *borderline*” (ARMONY, 2013, p. 44, 71). Este último, com suas “valências identificatórias abertas”, pode ser criativo e transformador.

A partir dessas discussões, entendo que é inegável que a psicanálise tem se deparado com um homem diverso daquele típico da época de Freud. Acredito também estarmos frente a uma sociedade que pode nos remeter à noção de espaço potencial e paradoxal, de Winnicott. Entretanto, percebo que em nosso contexto há uma gradação entre aqueles que se mantêm críticos e criativos e aqueles que apresentam dificuldades em separar – sem dissociar – fantasia e realidade, para aí sim, poderem dar espaço à imaginação criativa e, efetivamente, sair do vazio de sentido e agir no mundo de forma crítica e criativa. Estes últimos ficam paralisados no “espaço fantasmático do nem sim nem não”, sem conseguir conviver com o “paradoxo sim e não”. Em outras palavras, há os que conseguem separar fantasia e realidade, sem dissociá-las, e os que sucumbem à dissociação. No espaço potencial, fantasia e realidade estão paradoxalmente juntas e separadas, mas não dissociadas; e, se não se trata mais de recalque, nem por isto trata-se de dissociação. Assim, o nosso desafio hoje me parece ser conseguir viver crítica e criativamente, num espaço paradoxal no qual fantasia e realidade estão juntas e separadas, mas não dissociadas.

Para sustentar tal hipótese, neste trabalho pretendo focar a noção de *borderline*, partindo das contribuições fundamentais de Winnicott ao tema. Ele é autor de referência para esta patologia de difícil localização na nosografia psicanalítica clássica – posto, justamente, remeter a uma problemática na constituição de limites: eu/outro, psicose/neurose, etc. , chegando a ser chamado de “analista do fronteiro” (GREEN,

1988). Esta é uma definição a que não nos parece que Winnicott fosse se opor, a começar pelo fato de ter admitido ter se visto envolvido com pacientes fronteiros, “goste ou não” (WINNICOTT, 1967/1994, p. 151). Neste artigo, trabalharei suas noções de dissociação, trauma e falso *self*. Veremos que não há em seus textos uma diferença clara entre *borderline* e psicose, sendo aquela patologia, *grosso modo*, considerada uma espécie de “psicose latente”.

Por fim, chegaremos às contribuições de André Green sobre o tema, posto ser um autor que se propôs a estudar o *borderline* mais ligado às questões que enfrentamos atualmente. Ele pretendeu pensar o fronteiro como conceito e, neste sentido, o diferenciou da psicose. Por fim, retornaremos à problemática da contemporaneidade propriamente dita.

### **O *borderline* em Winnicott: dissociação, trauma e falso *self***

Winnicott não se preocupou em nos apresentar definição precisa para o conceito de *borderline*, não tendo escrito um texto exclusivo sobre o assunto. Encontramos, contudo, referências espalhadas em sua obra. Farei, a seguir, menção ao uso que ele faz deste termo, recapitulando-o, segundo minhas próprias pesquisas em sua obra, por critério cronológico.

Numa citação de 1959, ele apresenta o *borderline* ligado a uma falha no desenvolvimento emocional primitivo, anterior ao Édipo e à ansiedade de castração das neuroses retratadas por Freud a partir da noção de conflito intrapsíquico. Nas suas palavras:

Freud já havia introduzido a questão de dependência (amor anaclítico pelo objeto) (FREUD, 1914) e os temas de fraqueza e força do ego se tornaram significativos na metapsicologia psicanalítica. Deste modo, uma linguagem foi criada para a descrição dos casos *borderline* e distúrbios de caráter. Os elementos narcisistas no paciente foram considerados indicações de distúrbio do ego, tornando difícil para a psicanálise ser efetiva em seu tratamento, por causa da capacidade enfraquecida, do paciente, para o desenvolvimento da neurose de transferência (WINNICOTT, 1959/1964, p. 115).

Neste mesmo texto, Winnicott nos leva a pensar que “a doença do paciente é um sistema de defesas organizadas contra um colapso já ocorrido” (Id., *ibid.*, p. 127). Ao que segue afirmando que “colapso significa a falência das defesas, e o colapso original terminou quando novas defesas foram organizadas, as quais constituem o padrão de doença do paciente”. Podemos pensar, então, que no *borderline* o colapso no estabelecimento do ego unitário, por conta de agonia primitiva vivida em uma época na qual não existia um ego capaz de reconhecer esse estado extremo de desespero, resultou numa dissociação. Anos atrás, ele havia se referido a esta forma de dissociação como uma dissociação primária ou “cisão básica” (Id., 1952/2000).

Em 1960, indica que a clínica com esses pacientes passa por uma relação transferencial na qual a dependência, por parte do paciente, é máxima. Somente assim ele poderá integrar partes do ego que ficaram dissociadas. Nas suas palavras: “Esse detalhe é reproduzido no trabalho analítico com pacientes *borderline* e em todos os casos, em certos momentos de grande importância quando a dependência é máxima” (Id., 1960, p. 51).

Winnicott parece supor serem os casos *borderline* um tipo de “loucura” latente. É o que podemos depreender de suas afirmações de um texto de 1965, quando diz que: “Indubitavelmente, se descobrirá que existem diferenças significativas entre a loucura – que é, às vezes, acessível ao exame e até mesmo ao tratamento no caso limítrofe – e a loucura do caso de colapso total” (Id., 1965, p. 96).

Em 1967, afirma ser a cisão da esquizofrenia o extremo de uma dissociação que, por seu turno, pode aparecer em várias outras enfermidades, como na “psicossomática” e nos “casos *borderline*” (Id., 1967, p. 152 e 157). Acrescenta que “a enfermidade *borderline*” pode ser vista “como sendo uma sofisticada organização de defesa” frente a desintegrações egoicas. Inclui, neste momento, a questão do trauma entendido como uma “experiência contra a qual as defesas do ego foram insatisfatórias no estágio de desenvolvimento emocional do indivíduo” e “o indivíduo teve rompida a linha contínua de sua existência” gerando a já denominada desintegração egoica (Id., *ibid.*, p. 154).

Desta passagem, portanto, podemos depreender que a problemática *borderline* está ligada ao mecanismo defensivo da dissociação. Este mecanismo foi definido, em 1945, como “inicial e natural” (WINNICOTT, 1945, p. 225), a partir da “não-integração inicial”; é curioso como, neste momento, Winnicott dá uma conotação menos patológica à questão. Em 1962, ele acrescenta que:

usa-se o termo desintegração para descrever uma defesa sofisticada, uma defesa que é uma produção ativa do caos contra a não-integração na ausência de auxílio ao ego da parte da mãe, isto é, contra a ansiedade inimaginável ou arcaica resultante da falta de segurança no estágio de dependência absoluta. O caos da desintegração pode ser tão ‘ruim’ como a instabilidade do meio, mas tem a vantagem de ser produzido pelo bebê e por isso de ser não-ambiental. Está dentro do campo de onipotência do bebê. Em termos de psicanálise, é analisável, enquanto as ansiedades inimagináveis não o são (Id., 1962, p. 60).

Por fim, em 1969, afirma que

pela expressão “caso fronteiriço”, quero significar o tipo de caso em que o cerne do distúrbio do paciente é psicótico, mas onde o paciente está de posse de uma organização psiconeurótica suficiente para apresentar uma psicose, ou um distúrbio psicossomático, quando a ansiedade central psicótica ameaça irromper de forma crua (Id., 1969/1971, p. 122).

Coloca, então, os *borderline* no grupo das psicoses, embora reconheça seu poder de organização neurótica ou psicossomática. No entanto, pode-se pensar que esta mesma problemática está presente em qualquer pessoa, posto dizer respeito a nossa própria forma de nos constituirmos. Afinal, todos nos constituímos com um outro, ou a partir de “defesas” diante de um outro.

Winnicott prossegue indicando que o objeto pode ser usado a partir da mobilidade do bebê e da resistência e sobrevivência daquele.

Quando isto não se deu, como é o caso do *borderline*, o uso transicional de objeto e a criação de um mundo compartilhado ficam prejudicados. Um falso *self* acaba entrando em operação e roubando a cena, para além do necessário – necessário porque sempre existirá algum grau de falso *self*, conforme assinalado no seu texto intitulado “Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*” (Id., 1960). Afinal, o falso *self* é também o que chamamos, simplesmente, de “atitude social” (Id., 1959-64, p. 122).

### **O *borderline* em Green: espaço potencial e prejuízos no trabalho de simbolização**

Green nos auxilia a pensar o *borderline* a partir da questão do estabelecimento de limites psíquicos que, inicialmente, sabemos estarem borrados. Lembra-nos que estes limites começam a se diferenciar no espaço potencial e nos permite pensar que a dificuldade, neste caso, está na passagem do objeto subjetivamente concebido para o objeto objetivamente percebido. Estaríamos diante de sujeitos que não demonstram facilidade em fazer uso do objeto, apresentando dificuldades na constituição de limites psíquicos.

O autor, no texto denominado “A posição fóbica central” (GREEN, 2001), afirma que há uma disposição psíquica central e de base nesses casos: a posição fóbica. Ao analisar a associação livre presente nas sessões clínicas, e de como ela evoca muito mais a figura de rede do que a de linearidade – posto que, às vezes, ramifica numa coexistência de diferentes temporalidades –, coloca que nesses casos há um escoamento da comunicação em relação ao já dito e ao dizer por vir (sugerindo virtualidade de existência). Cita um de seus casos clínicos no qual percebe um evitar do término do percurso associativo, e afirma que, com esses pacientes, o analista lida com a destrutividade e com a clivagem. Da mesma forma, nos faz perceber que o discurso, nestes casos, apresenta rupturas associativas e fragmentações que impedem os elos entre as representações.

É possível afirmar que se trata de um tipo de funcionamento que evidencia a fragilidade da capacidade de autoinvestigação. Devido aos

traumas vividos, os diversos materiais psíquicos estão desconexos, e o desafio, nesta situação, é construir essas conexões. Afinal, isto pode ser vivido como ameaça à integridade do ego, que se organizou em várias ilhas. O sujeito, para se defender da invasão ou do abandono do objeto totalitário, se fragmentou. Por isto, reunir essas conexões é delicado. Estamos diante de frágil constituição dos limites psíquicos e de dupla angústia. Isto, por conta de um movimento defensivo duplo (de ligação e desligamento do objeto): tais pacientes se sentem ora abandonados, ora invadidos pelo objeto. Green considera ser isto expressão de um espaço potencial prejudicado, posto que incapaz de cumprir suas funções paradoxais, que acaba por comprometer o trabalho de simbolização.

Num de seus textos principais sobre esta temática, o autor examina o fronteiroço como um conceito único, e não mais como noção algo vaga como vimos nos escritos de Winnicott. Afirma que este é o paciente problemático de nosso tempo, como era o histórico para Freud. Édipo deixa de ser o protótipo mítico de nossos pacientes, e entra em cena Hamlet. Porém, Green não deixa de achar indícios desses pacientes já nos textos de Freud. Assim, escreve:

A busca de Freud por uma resposta ao problema da psicose levou-o à dinâmica do pensamento fronteiroço, descrita em seu artigo “A negação”. Em minha opinião, o par de opostos de Freud – sim ou não – coexiste com a estrutura mental nem-sim-nem-não, que, com respeito à realidade, acha expressão no sentimento de que o objeto é e não é real, ou o objeto não é nem real nem irreal (fantasiado) (Id., 1988, p. 71).

Em seguida acrescenta:

Os sintomas do fronteiroço, significando objetos transicionais, oferecem uma recusa negativa da escolha: nem “sim” nem “não”. Poder-se-ia expressar a mesma relação em termos experienciais fazendo-se a pergunta: “o objeto está morto (perdido) ou vivo (achado)?” ou “estou morto ou vivo?” – à qual ele pode responder: “Nem sim nem não” (GREEN, 1988, p. 88).

Green chama atenção, portanto, para o fato de que nos pacientes-limite o juízo de existência de objeto não funcionar como no princípio de realidade – existe **ou** não existe – nem funcionar como no espaço potencial – existe e não existe. O que está em questão é uma radical recusa de escolha, dando no “**nem sim, nem não**”.

Neste mesmo texto Green ressalta a importância de Winnicott para aqueles que querem pensar esse tema, posto que o psicanalista inglês “dirigiu nossa atenção para a área do intermediário e a omissão em criá-la” (Id., 1988, p. 74). Os pacientes fronteirios seriam aqueles que apresentam capacidade de simbolização prejudicada. Isto, por conta de excessiva adesão ao “objeto supridor de necessidade”. Desta forma, “o contexto e o analista não representam a mãe – eles *são* a mãe”. Em outras palavras, “os pacientes fronteirios são caracterizados por uma falha em criar subprodutos funcionais do espaço potencial”. Também, neles existe uma divisão. “Um genitor é sentido como ‘totalmente mau’ e o outro como ‘totalmente bom’, enquanto “uma pessoa normal nutre sentimentos ambivalentes, tanto positivos como negativos, por um ou outro genitor” (Id., *ibid.*, p. 86 e 87). Assim são apontadas duas características, prejuízo na capacidade simbólica e dissociação entre bom e mau.

A dissociação e o vazio de sentido, conforme sugere Gurfinkel (2012), é que caracteriza estes sujeitos. O que foi assinalado por Green nos fez lembrar o que dizia Winnicott sobre o fantasiar de uma paciente sua que “não tinha valor poético”, não adquirindo significado simbólico (WINNICOTT, 1971/1971, p. 56). Nas suas palavras: “O fantasiar configurava-se simplesmente em torno do ato de fazer um vestido. O vestido não tinha valor simbólico. Um cachorro é um cachorro é um cachorro” (Id., *ibid.*, p. 54). Neste texto, ele afirmava que fantasiar e viver pertencem à mesma ordem, mas o devaneio é de outra ordem. Neste último, há um estado de dissociação que paralisa a ação e o planejamento real, que se relaciona à antecipação da ação.

Voltando a Green (2000), ele aponta a diferença, no que tange à gênese da simbolização, entre Winnicott e Lacan, e lembra que Freud foi o primeiro a referir-se à questão do limite (ao colocar a pulsão como conceito-limite entre psíquico e somático, e ao referir-se a zonas de

elaboração psíquica). Contudo, segue o autor, Freud não abordou os limites do eu com o objeto, conforme o fizeram os teóricos chamados por ele “da relação de objeto”.

Propõe, então, o estudo dos *borderline* e dos limites a partir de dupla perspectiva: intrapsíquica e intersubjetiva. Nesta ótica, não somente o estudo do eu é importante, mas também o estudo do objeto, que nos remete, por seu turno, à angústia de separação e de intrusão. Neste sentido, o espaço potencial se coloca como um conceito-chave, pois se refere ao espaço no limite do qual se produz a separação, mas onde, potencialmente, poder-se-ia produzir também a reunião com o objeto. Trata-se, pois, de um espaço potencial para o psiquismo que dá acesso a toda a dimensão da virtualidade.

Acontece que os fronteirios não geram fronteiras neste processo, no qual há a separação (bom/mau, prazer/desprazer, fantasia/realidade) e, subsequentemente, a reunião em um novo espaço psíquico. Nos fronteirios não há este segundo momento de união, resultando numa exclusão radical: a dissociação do Eu. O fronteiro cai, então, num vazio de sentido, posto não dispor de um espaço potencial de re-união dos elementos separados. Por conta de uma falha na transicionalidade, esses pacientes constituem seu Eu como ilhas separadas, sem um mar que sirva como espaço potencial que as una. Como nos sinaliza Gurfinkel (2012), com esses pacientes o trabalho do analista, mais do que interpretar, é o de construir função transicional de religar, de possibilitar um trabalho de simbolização a partir do espaço potencial que poderá unir elementos dissociados.

Num texto posterior, Green (2002), ao pretender demarcar fronteiras ou *continuum* entre histeria e estados limites em um sentido mais clínico, não deixa de nos lembrar da importância de uma “metapsicologia do fronteiro”, na qual buscamos uma compreensão estrutural da psicodinâmica em questão, mais do que um quadro psicopatológico específico. Em suas palavras: “seja qual for a atitude adotada, não podemos prescindir de definições metapsicológicas” (GREEN, 2002, p. 469). E, tendo como referência Freud e Winnicott, vai tecendo questões sobre como se dão, em ambos, os conflitos, os

traumas, as defesas, etc. Destaca que se o conflito na histeria está ligado à sexualidade, nos casos limites a destrutividade está em seu centro. Da mesma forma, se nos primeiros os traumas provocaram defesas que desaguam no recalque, nos segundos a clivagem e a dissociação é que estão em pauta. Assim, na histeria podemos falar em conversão, enquanto nos *borderline* falamos em somatização.

### O fronteiroço e a contemporaneidade

Green propõe uma metapsicologia a partir da noção de paradoxo entre objeto subjetivo e objetivo. Toda essa discussão converge com a clínica contemporânea, que nos ensina que a representação não é um dado, mas resultado de um trabalho; se assim não fosse, não assistiríamos ao empobrecimento do mundo interno, presente nos denominados “novos pacientes”. Green nos direciona também para concebermos que em um paciente neurótico o que aparece como da ordem da identificação é, no paciente fronteiroço, da ordem da confusão identitária. A negatividade radical que incide nestes casos, não reprime uma representação, ela efetivamente suprime uma percepção, à maneira de uma alucinação negativa.

Ora, isto nos faz lembrar as discussões sobre as subjetividades contemporâneas fluidas. Ao pensar o *borderline* frente às problemáticas próprias ao nosso contexto, as contribuições de André Green se tornam relevantes, pois ao apontar que o discurso desses pacientes é fragmentado, nos proporcionam um modelo de abordagem que possibilita um paralelo com nosso contexto atual, também mais sujeito a fragmentações do que a continuidades.

Mas outro aspecto da questão deve também ser considerado. Green nos diz que o pensamento do fronteiroço é caracterizado pelo “nem sim nem não”; este é um ponto que me parece precioso. Penso, no entanto, que em nossa “sociedade virtual” emergem, por vezes, subjetividades que, no espaço paradoxal, convivem bem com o sim e o não, enquanto os *borderline* ficam paralisados neste espaço. Nesta ótica é possível afirmar que não são *borderline* aqueles que conseguem usufruir de sua loucura pessoal, que conseguem experimentar a não

integração ou os paradoxos, tirando daí a sua fonte de criatividade. Portanto, podemos considerar que a cultura contemporânea também nos oferece condições possíveis para se viver de modo paradoxal e, eventualmente, criativo. A contemporaneidade pode nos proporcionar, em certos contextos mais favoráveis, a ilusão própria ao espaço potencial, um mar que une as diversas ilhas de um ego cindido, e não apenas uma realidade fragmentada e fragmentadora.

Retomando o que dissemos na introdução do artigo, há os mais pessimistas e os mais entusiastas frente à contemporaneidade. Nossa posição, neste caso, é a de que o fundamental é o uso que fazemos do que o mundo tem nos proporcionado. E este nem sempre é ou tem sido utilitário. Acreditamos que dependendo do tipo de uso dos espaços que a contemporaneidade nos oferece, nosso potencial criativo pode continuar se tornando experiência criativa.

Tramitação:

Enviado em: 27/05/2013

Aprovado em: 04/06/2013

**Maria Regina Maciel**  
Rua Pacheco Leão, 174/302  
Fone: (21) 8895.5446  
E-mail: mreginamaciel@terra.com.br

### Referências:

- ARMONY, N. – *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodini, 2013.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GREEN, A. O conceito de fronteiroço em *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 66 – 89.
- GREEN, A. Génesis y situación de los estados fronterizos. In: ANDRÉ, J. (Dir.), *Los estados fronterizos: nuevo paradigma para el Psicoanálisis?* Buenos Aires: Ed. Nueva Vision, 2000, p. 27 - 59.

GREEN, A. A posição fóbica central em *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de psicanálise de Porto Alegre*, v. 3, n. 1, 2001. p. 35 - 70.

GREEN, A. Histeria e estados-limites: quiasma. Novas perspectivas em *Revista Brasileira de psicanálise*, vol. 36 (2), 2002, p. 465-486.

GURFINKEL, D. A psicanálise do fronteiro: André Green, entre Freud e Winnicott. *Revista Percurso*, n. 49, Dez. 2012, p. 27 - 37.

MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

SOUZA SANTOS, B. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

WINNICOTT, D. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: \_\_\_\_\_ *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 114-127. (Trabalho original publicado em 1959-1964)

WINNICOTT, D. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: \_\_\_\_\_ *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 55-61. (Trabalho original publicado em 1962)

WINNICOTT, D. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: \_\_\_\_\_ *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 128-139. (Trabalho original publicado em 1960).

WINNICOTT, D. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: \_\_\_\_\_ *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 38 – 54. (Trabalho original publicado em 1960)

WINNICOTT, D. A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise. In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R., e DAVIS, M. (Org.) *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 94 – 101. (Trabalho original publicado em 1965).

WINNICOTT, D. O conceito de regressão clínica comparado com a organização defensiva. In: WINNICOTT, C., SHEPHERD, R., e DAVIS,

M. (Org.) *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 151 – 156. (Trabalho original publicado em 1967)

WINNICOTT, D. O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: \_\_\_\_\_ *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971. p. 121 – 131. (Trabalho original publicado em 1969)

WINNICOTT, D. Sonhar, fantasiar e viver. In: \_\_\_\_\_ *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1971. p. 45 – 58. (Trabalho original publicado em 1971)

WINNICOTT, D. Desenvolvimento emocional primitivo. In: \_\_\_\_\_ *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 218 – 232. (Trabalho original publicado em 1945).

WINNICOTT, D. Psicose e cuidados maternos. In: \_\_\_\_\_ *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 305 – 315. (Trabalho original publicado em 1952).

| ARTIGO |

## EM NOME DO AMOR

*IN THE NAME OF LOVE*

---

*Paula Land Curi<sup>35</sup>**Jaqueline Azevedo Fernandes Martins<sup>36</sup>**Eloá Amaral Guimarães Santos Lemos<sup>37</sup>***Resumo:**

Este trabalho propõe provocar algumas reflexões sobre a violência contra a mulher, fenômeno que vem ganhando evidência em nossa sociedade. No entanto, nosso objetivo é questionar, recorrendo à psicanálise,

---

35 Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ. Especialista em Psicologia Clínica pela PUC-RJ e Aspectos Transdisciplinares da Clínica Psicológica em Hospital Geral pela UFF. Membro Efetivo/ CPRJ. Professora e Gestora do Curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira. Responsável pela Pesquisa de Iniciação Científica Intitulada: *Saúde da mulher, maternidade e direitos sexuais e reprodutivos, sob orientação da professora Paula Land Curi.*

36 Estudante de Psicologia – 8º período da Universidade Salgado de Oliveira. Graduada em Letras – Português/Inglês pela UFF. Pós-graduada em Psicopedagogia pela INIPLI. Aluna Colaboradora na Pesquisa de Iniciação Científica Intitulada: *Saúde da mulher, maternidade e direitos sexuais e reprodutivos, sob orientação da professora Paula Land Curi.*

37 Estudante de Psicologia – 8º Período da Universidade Salgado de Oliveira. Aluna Coordenadora na Pesquisa de Iniciação Científica Intitulada: *Saúde da mulher, maternidade e direitos sexuais e reprodutivos, sob orientação da professora Paula Land Curi.*

aos conceitos de devastação e gozo, a posição que algumas mulheres sustentam em suas relações amorosas, a despeito de toda violência sofrida. Para isto, tomamos Helena, que simplesmente diz não conseguir sair de sua relação amorosa, por conta do imenso amor que sente. Para ela, tudo se dá em nome do amor.

**Palavras-Chaves:** Violência, devastação, gozo, amor.

**Abstract:**

*This paper proposes to provoke some reflections on violence against women, a phenomenon that has been gaining evidence in our society. However, our goal is to question, resorting psychoanalysis, the concepts of devastation and enjoyment, the position that some women sustain in their loving relationships, despite all the violence suffered. For this, we took Helena as an example, who simply says that can't get out of their relationship because of the great love she feels. To her, everything that happens is in the name of love.*

**Keywords:** Violence, devastation, enjoyment, love.

Com profundas raízes históricas, a violência contra as mulheres traz em seu bojo as questões de gênero e de poder. Embora saibamos que sua história remonta à Antiguidade, esta é ainda hoje uma das formas de violência mais praticadas no Brasil e no mundo, apresentando-se sob suas várias facetas. Não precisamos nos debruçar em grandes pesquisas científicas para evidenciar tal fato. Basta-nos estar atentos ao que é veiculado na mídia, diariamente, nos últimos tempos. Episódios de estupro ganharam destaque internacional, tais como os que se deram na Índia e no Brasil, em março do ano corrente, e outros tantos casos que vão da pedofilia ao tráfico de seres humanos – largamente explorado pela autora da novela *Salve Jorge*<sup>38</sup>. Em todo o mundo a sociedade, com perplexidade, começa a olhar para este infortúnio, que hoje ganha o estatuto de problema de saúde pública.

É sabido que a partir da organização do Movimento Feminista Emancipacionista, no século XIX, a mulher se tornou objeto privilegiado de muitas discussões. Nesse tempo, se lutava por direitos como voto, trabalho e educação. Mas somente mais de um século depois, e já na década de 1960, com o chamado Movimento Feminista Contemporâneo, o tema da violência contra a mulher começou a ganhar algum destaque. Mesmo assim, no Brasil, foi somente nos anos 1980, quando iniciou o processo de fortalecimento de sua redemocratização que a violência contra a mulher tornou-se pauta importante.

38 Folhetim exibido pela Rede Globo de Televisão recentemente.



De certo modo podemos dizer que, desde então, ações vêm sendo conduzidas objetivando a promoção de políticas públicas voltadas à assistência, à saúde e à proteção de mulheres vítimas de violência sexual, e que a criação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM), em 1984, é um bom exemplo da tentativa governamental de ampliação, qualificação e humanização da garantia de direitos das mulheres.

Não obstante, foi mesmo somente a partir da década de 1990 que, retomando a luta reivindicativa com base em novas demandas sociais decorrentes das transformações sócio-políticas do nosso País, que a questão da violência contra as mulheres ganhou realmente evidência, estabelecendo-se, inclusive, como diretriz do Estado brasileiro.

A ampliação dos conceitos de saúde, a integralidade de ações, a compreensão acerca da própria violência, assim como a fomentação da participação de diversos atores nesse campo, geraram a necessidade de se normatizar toda uma dinâmica de assistência, cuidados e proteção. E, com isso, surgiu a necessidade de se mapear, refletir e compreender como se estabelece a violência de gênero em nossa sociedade atual, como ela se inscreve e se naturaliza nos sujeitos, marcando os corpos, sejam eles físicos ou psíquicos, das mulheres a ela expostas. Conseqüentemente, diante das evidências coletadas, a violência contra a mulher deixou de ser compreendida no âmbito privado, estabelecendo-se e fortalecendo-se como problemática pública.

As instituições de saúde, assim como as jurídico-policiais, são testemunhas de histórias surpreendentes e revelam, através dos seus dados epidemiológicos, realidades impressionantes. Os clínicos (psicólogos e psicanalistas) que atuam nos espaços de atenção às vítimas ficam consternados diante do que escutam. Afinal, não se trata mais de históricas relatando suas fantasias (de abuso) como outrora acontecia, de narrativas de sujeitos freudianos, mas de mulheres abusadas de fato – com corpos expostos e marcados – e, ainda, das formas mais diversas.

Diante desta tamanha diversidade de violências perpetradas contra as mulheres, somos convocados a levantar questões diversas, sob óticas variadas. E, neste sentido, optamos por escolher um recorte que

pode parecer bem pouco simpático aos olhos dos militantes. Embora façamos parte da luta, não podemos deixar de nos interrogar sobre a violência que se estabelece entre pares e se sustenta na posição de algumas mulheres que se colocam sempre num mesmo lugar, mesmo que com vários parceiros. Não podemos deixar de considerar que há aí algo que insiste, e carece de interpretação.

Não são poucas as mulheres que alegam que sua manutenção numa dada posição – de humilhação, maus-tratos, violências extremas nos aspectos físicos, sexuais e psíquicos – são resultado de um amor incondicional, de certo tipo de escolha objetual e forma de amar. Amam aqueles que, aos olhos da sociedade e dos dispositivos estatais de tutela e de assistência, seriam seus algozes. Mas, ao mesmo tempo, elas próprias nos revelam que se acorrentam num tipo específico de relação estabelecida com seu objeto – uma forma singular de amar/gozar.

Diante desta evidência, convocamos a partir daqui a uma reflexão acerca de um recorte específico de violência a que uma mulher pode estar submetida. Referimo-nos àquela que ocorre na rotina das relações conjugais, mesmo quando não há nenhuma dependência financeira atando-as nessa situação. São mulheres que munidas de um discurso em que falam em nome de um amor, se mantêm junto a seus homens apesar de todo o sofrimento. A questão, então, que se impõe é: por quê? Por que alimentar uma relação tão marcada por tanta violência? “Em nome do amor”, elas respondem. É esse discurso que nos causa estranheza.

A partir desses questionamentos objetivamos tecer algumas considerações acerca da violência contra a mulher, articulando-as ao mecanismo psíquico de aprisionamento. Para isto, lançaremos mão do arcabouço teórico-clínico da psicanálise, pois entendemos que esta pode ter muito a nos dizer sobre os fenômenos que ocorrem na *polis*. A ideia de um aprisionamento voluntário, de submissão, nos remete ao conceito de gozo que, nas palavras de Roudinesco, “se sustenta pela obediência do sujeito a uma ordem – quaisquer que sejam sua forma e seu conteúdo – que o conduz, abandonando o que acontece com seu desejo, a se destruir na submissão ao Outro (maiúsculo)” (ROUDINESCO, 1998, p.300).

### Dos dados estatísticos a uma vinheta clínica:

*Quando fustigadas não choram  
Se ajoelham, pedem, imploram  
as mais duras penas; cadenas.*

(Chico Buarque, Mulheres de Atenas)

Nosso trabalho não pretende discutir a violência tendo como pano de fundo seus dados epidemiológicos, embora tenhamos ciência de que tais índices são altíssimos e que, mesmo assim, estão provavelmente bastante aquém da realidade; pretende pensar a violência contra mulheres que se aproximam daquelas descritas por Chico Buarque em sua "Mulheres de Atenas".

Nossa intenção é mesmo refletir sobre mulheres como Helena, jovem que vive uma exposição constante à violência perpetrada pelo seu companheiro, também pai de seu filho. Como muitos dizem, para ela e dela – inclusive sua mãe –, Helena é "mulher de malandro", "gosta de apanhar" e "não faz nada para sair da situação que se encontra". Mas, para ela, tudo não passa de uma bobagem de quem não sabe o que diz. Seu amor é tão grande que simplesmente ela não consegue sair.

A situação de Helena sempre foi bastante crítica. Contudo, é em função de sua maternidade que ela chega a um serviço de cuidados, e não por conta das violências sofridas. O início de trabalho de parto prematuro levou-a a um serviço de emergência, a uma maternidade que, por acaso, também é porta de entrada no atendimento às vítimas de violência doméstica e/ou sexual. E sua internação na maternidade contribuiu para evidenciarmos algo que estava ali, diante de nós, convocando-nos a refletir.

Helena não tinha a menor intenção de contar nada do que vivia para qualquer um. Queria apenas aguardar seu filho alcançar peso suficiente para poder receber alta da unidade hospitalar e, quem sabe, retornar ao lar, para junto daquele que ama. Contudo, sua mãe, cansada de tanto sofrimento, confusão e violência, temendo que as coisas caminhassem para pior – especialmente agora que teria um recém-nato em cena –, decide clamar por ajuda. A Sra. Maria busca

então o serviço social, relatando que sua filha é vítima de violência doméstica, dando início a um protocolo ministerial de atendimento às vítimas de violência sexual. Através dele, Helena foi convocada a falar.

Numa tentativa de dissimular o fato, apesar das marcas roxas em seu corpo, diz não compreender o motivo de ter sido chamada para entrevistas com a assistência social e a psicologia. Tudo "está ótimo", diz – referindo-se ao fato de ter tido um parto tranquilo, apesar de prematuro –, excetuando o fato de mais uma vez ter brigado com seu companheiro e ele não ter, até então, comparecido ao hospital para vê-los. A forma como relata sugere que foi apenas um mal-entendido qualquer entre o casal – "estamos de mal".

Quando exposto que fora chamada por conta da fala de sua mãe sobre os maus-tratos vividos, num primeiro momento diz que há certo exagero em sua mãe, alegando que talvez as coisas não fossem bem como chegaram ao Serviço. Começa contando que aos 13 anos conheceu seu companheiro, pai de seu filho, numa Igreja Evangélica e começaram a namorar, com a benção do pastor. Contudo, deslizou para evidenciar que o namoro autorizado pelo pastor, abençoado por Deus, não a poupou de várias agressões.

Logo no início, a violência se apresentou, mas, como ela disse, "era apenas verbal". No entanto, foi capaz de marcar seu romance, cheio de idas e vindas, culminando na desaprovação total por sua família. Não conseguia dizer o que acontecia naquele tempo, e justificava que era mesmo coisa de adolescente apaixonada. Ele berrava e xingava. Ela revidava, brigava, se afastava, mas sempre o desculpava. Sempre reatavam a relação.

Passado um tempo, uniram-se. Casar e viver juntos não fez com que a violência diminuísse, em absoluto. Pelo contrário, só aumentou. O maltrato e a humilhação também começaram a fazer parte de um cenário cada vez mais violento, onde as agressões deixaram de ser apenas verbais. Começou mesmo a apanhar. Com as marcas em seu corpo que evidenciavam sua exposição à violência, várias vezes foi orientada pela própria mãe a prestar queixa na polícia e acabar logo com isso. Mas, simplesmente, não conseguia e ficava pensando como seria ficar sem ele, seu grande amor.

Um pouco antes de dar entrada na maternidade, Helena teve uma oportunidade única para dar um basta na situação: seu companheiro a agrediu numa rua movimentada, próximo a um posto policial. Diante da confusão, ambos foram levados a uma delegacia, onde deveria ter registrado queixa contra seu companheiro. Contudo, relata que naquele momento, mais uma vez, não conseguiu. Ficou pensando se ele não teria razão em ter puxado seus cabelos, em tê-la xingado e agredido na rua, na frente de todos. Buscava uma desculpa e ficava pensando o que com certeza ela teria feito para merecer aquilo.

Diante das dúvidas que tinha, se seria merecedora de tamanha violência em público, combinou com os policiais que voltaria num outro dia; mas, novamente, nada aconteceu. Mais uma vez, não conseguiu. No entanto, desta vez, tinha justificativas concretas: a distância entre sua casa e a delegacia, os gastos que envolveria. Para ela, assim como para todos em seu entorno, foram esses dois itens que fizeram com que desistisse. Isto aconteceu uns dias antes de parir.

Mas, para Helena, o problema em que se encontrava não era a violência sofrida durante anos, os abusos sexuais, mas o fato de seu companheiro estar com outra. E, perversamente, Helena conta que sabe bem o que fazer... Relata que ele está com outra, de apenas 14 anos, dando seu nome e endereço. Deixa claro que sabe que está em suas mãos o poder de denunciá-lo por crime de estupro, que pode "sacaneá-lo", se quiser. Contudo, apesar disto, o que quer é que ele volte e que, juntos, criem seu filho. Ou seja, "se ele voltar para casa, nada lhe acontecerá".

Como a questão do estupro veio à tona, foi-lhe perguntado se ela não teria também sido vítima algum dia, como a adolescente citada. Então relata que acredita que seu parto prematuro tenha sido exatamente uma consequência de ter sofrido violência sexual no dia anterior. Segundo ela, teria sido obrigada a praticar sexo oral, anal e vaginal com seu companheiro, com muita violência. Conta que isto já aconteceu várias vezes – "estaria até acostumada" –, muito embora faça questão de pontuar que, durante a gravidez, esta teria sido a única vez. Quando questionada sobre esses abusos, não dá nenhum tipo de entrada, pois deixa claro que não queria "entrar em grandes detalhes, pois fica muito constrangida quando o assunto é sexo".

O que para Helena era importante, era realmente tê-lo de volta. Até pensa em como resolver sua situação da pensão alimentícia de seu filho, caso ele não volte para casa. Mas, ainda assim, sua situação só se resolverá quando ele voltar para ela.

Mais uma vez, conta uma história: teria ido ao CRASS e que lá teria sido orientada a "não mexer com isto", já que ela correria o risco de pagar pensão para ele. Segundo Helena, a orientação recebida de um dispositivo de assistência foi de que não pleiteasse os direitos de seu filho. Tal posicionamento foi questionado e ela; com simplicidade, diz que "até poderia dar seu dinheiro para ele", como já era praxe, mas "para ele estar com outra, nem pensar!". O que estava em cena exatamente não seria a garantia do direito de seu filho (pensão alimentícia) como havia anteriormente dito, mas a garantia de que algum dispositivo de tutela/assistência pudesse fazê-lo voltar para ela.

Diante do descaso do ex-companheiro para com ela e seu rebento, Helena acha que deverá voltar para os cuidados maternos, muito embora deixe claro que talvez seja insustentável seu retorno. Não deixa de pontuar que a vida ao lado de sua mãe não é nada fácil e que sua vontade é ter de volta seu ex-companheiro, mesmo que para isto precise ameaçar denunciá-lo. Acredita que diante da ameaça de ser denunciado por crime de estupro contra menor ele voltará para ela, deixando a adolescente de vez.

Torna-se fato que o ciclo de agressão incomoda mais a sua mãe do que a ela própria, que deixou claro que está movida pela raiva e ciúme do ex-companheiro, e não por aquilo a que ele a expõe – a violência. Pelo contrário, deixou claro que para isto não precisa de ajuda – seja psicoterápica ou de qualquer tipo – pois, não vê nada errado em estar vivendo dessa forma. Afinal, ela o ama e esta seria a forma de demonstrar seu amor: assujeitando-se.

Sua mãe diz-se sem forças para lidar "mais uma vez" com isso. É um problema que vem se arrastando desde sua própria adolescência – ela também fora vítima de violência doméstica e sofre vendo a sua filha viver da mesma forma – "sem saber como estancar". Entende que o problema não é só o companheiro da filha, mas, especialmente, Helena, sua própria filha.

Então surge da Sra. Maria a interrogação: “Que lugar se coloca nesta relação?” E não tem outra palavra senão “doença” para descrever a situação. Teme também que suas próximas relações sejam marcadas por violência, que esta possa vir a se repetir. Afinal, sua vida também foi assim... Marcada por repetições e violência.

Teve com seu companheiro, pai de Helena, uma relação muito violenta e, somente hoje tem ciência de quanto isto pode ter “influenciado” sua filha. Acredita que foi através do que passou para Helena que ela ficou assim: “mulher de malandro”. Teria Helena “se identificado comigo?” Esta é a pergunta que a Sra. Maria se faz.

Embora diferente em muitos termos, Helena repete com seu companheiro o lugar de sua mãe na relação com o seu pai e, neste sentido, nos perguntamos: que lugar tem o vínculo materno nesta violenta repetição de violências? Transmissão psíquica transgeracional?

### Breves considerações sobre a mulher e o amor:

*Não existe paixão que não  
repita os modelos infantis*

(FREUD, 1915/1996, p. 223).

Ao escrever sobre a transferência em seus artigos sobre a técnica (1912-1915/1996), Freud salientou que no processo transferencial se repetem modelos de amores infantis, dando a eles papel fundamental na constituição de um sujeito. Anos mais tarde, em seu texto *Sexualidade Feminina* (1931/1996), ratifica sua descoberta, precisando um pouco mais: é a relação inicial que uma menina estabelece com sua mãe a base, o protótipo, das relações objetais posteriores.

Neste mesmo texto, Freud nos mostra que embora, aparentemente, o marido de uma mulher seja o herdeiro de seu relacionamento com seu pai, na realidade, esse é o herdeiro do relacionamento com sua mãe. Nas palavras de Freud: “observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus relacionamentos com as mães” (FREUD, 1931/1996, p. 265). Ou seja,

mesmo quando escolhe seu marido a partir de referenciais paternos, uma mulher atualiza, em sua vida conjugal, o vínculo que era estabelecido com sua mãe, como consequência própria desse relacionamento original. Com isto, evidencia que a mulher pode permanecer detida em sua relação primitiva, não alcançando uma verdadeira mudança em direção aos homens.

Sabemos que foi ao debruçar-se especificamente sobre a constituição do sujeito-mulher que Freud apontou o papel fundamental da fase pré-edípica, evidenciando, assim, que a relação que a menina estabelece com sua mãe, nesta fase, pode deixar fixações e disposições que marcarão suas escolhas objetais futuras. Ao afirmar isso, Freud nos mostra que o pai, ora pensado como objeto primário de amor de uma menina, é, na verdade, sucedâneo de outro amor, ainda mais intenso: sua mãe.

Evidenciou também que a reorganização libidinal pela qual a menina deve passar (mudança sexo/objeto), não tem equivalente nos meninos e, por isto, a sexualidade feminina apontaria para dificuldades a mais. O Édipo feminino seria mais intrincado, pois passaria, necessariamente, pela relação primária da menina com sua mãe e por todos os processos psíquicos que daí derivariam. Ou seja, no cerne do Édipo feminino, temos a relação de uma menina com sua mãe, ou ainda, nas palavras de Zalberg: “a questão feminina contém em seu bojo o processo de separação da menina da sua mãe” (2002, p.28).

A menina, em seu processo de tornar-se mulher, precisaria então ser levada a rejeitar a mãe como objeto de amor e, ao mesmo tempo, deveria se identificar com ela, para poder ocupar uma posição feminina em relação ao pai. Eis a grande dificuldade no caminho da mulher: conservar a título de identificação o elemento que deve ser abandonado a título de amor (André, 1995). Mas, o passo que ela tem que dar em direção ao pai, vai além de uma simples mudança de objeto e de sexo.

Embora Freud relate que “o traslado<sup>39</sup> das ligações afetivas do objeto materno para o paterno constitui o teor principal do

39 O tradutor Paulo César de Souza faz uma nota relacionando o uso da palavra traslado, ao invés de transferência. Segundo o autor, o uso serve para evitar confusão com o notório conceito de transferência (Freud, 1931/1996, p. 380).

desenvolvimento que leva à feminilidade” (p.380), há de se pensar que o que aí está em jogo é uma busca por um elemento separador, capaz de propiciar um afastamento de sua mãe, pois, sem ele, o encaminhamento ao pai ficaria sujeito a todo tipo de complicação.

Vale ressaltar que, mesmo antes de se interessar pela mulher como objeto de suas pesquisas, Freud pôde perceber algo que possibilitou posteriormente a articulação de suas descobertas. Com Dora (FREUD, 1905 [1901]/1996), ele percebeu a relação que se estabeleceu entre ela, seu pai e a Sra. K., que na trama representava o mistério do feminino.

Embora Freud tenha percebido uma corrente homossexual em Dora, ficou patente que não se tratava de inversão sexual e sim de uma busca de uma mulher junto a outra (para onde o olhar de seu pai direcionava-se), uma busca de respostas para suas indagações sobre a sexualidade feminina. Dora não se interessava pela Sra. K. senão por sua feminilidade. Como nos diz Lacan (1956/1995): “ele fizera uma intervenção junto a Dora enquanto desconhecia a homossexualidade desta, a saber, a orientação de sua questão dirigida ao seu próprio sexo” (p. 105).

Anos depois de seu trabalho sobre Dora, em seu texto “Uma criança é espancada” (1919/1996), Freud analisa a fantasia de ser espancado e mostra que no inconsciente a fantasia de ser amado pelo pai, por efeito da repressão, transforma-se em ser espancado por ele. Avança dizendo que em ambos os sexos a fantasia de espancamento tem origem na relação incestuosa com o pai, mas Ribeiro, investigando a relação mãe-filha, levanta as seguintes questões: “como aconteceria entre mãe e filha? A fantasia incestuosa da menina com sua mãe e sua consequente inversão – minha mãe está me maltratando – seria viável? Seria uma via de facilitação para o masoquismo feminino?” (RIBEIRO, 2011, p.33).

O fato é que uma menina se constitui pré-edipicamente e edipicamente, entre mãe e pai, nas relações singulares que estabelece com cada um deles, assim como nas relações particulares que estabelece em relação aos seus desejos. É isto que, posteriormente, Lacan nos mostrará, quando sustentará que o que há de particular na constituição de uma menina é a sua demanda de saber como o pai faz da mulher um objeto

causa de desejo, e como sua mãe se posiciona nessa relação. Ou seja, a forma como o pai considera a mulher em sua fantasia – uma *pèrversion*<sup>40</sup>.

O pai, de acordo com Nominé (1997), para além daquele que promulga a lei simbólica, é aquele que faz de uma mulher seu objeto e põe em jogo seu desejo perverso. É aquele capaz de situar a mãe de seus filhos como uma mulher, causa de seu desejo. Com isso, o pai se encarrega de propiciar uma divisão entre a mulher e a mãe, fazendo com que a figura da mãe se desdobre em mãe e mulher, em uma função materna e uma feminina, uma vez que a mãe também é uma mulher.

Sabemos que na constituição da sexualidade feminina, o olhar tem um lugar importante. Marcus Teixeira (1991) chama atenção para isto quando dá relevo à curiosidade e ao fascínio que as mulheres têm umas pelas outras, na exata medida em que buscam na sua semelhança um traço de feminilidade que lhes falta. Mas o olhar tem outra vertente importante na constituição de uma mulher, já que é através do olhar desejante do pai em direção a uma mulher que se poderá falar da inscrição do desejo do pai na subjetividade da filha.

Para a menina, saber como seu pai faz de uma mulher objeto causa de desejo e como sua mãe se posiciona neste lugar é fundamental para a sua constituição. Contudo, a passagem do objeto-mãe para o pai não é só difícil, mas também às vezes pode não se realizar, mantendo a menina aprisionada à sua relação objetual primordial. Como nos diria Zalcberg: “o encantamento inicial de uma menina pela semelhança que a une a sua mãe revela sua face temerária: a de um sentimento de aprisionamento na relação com a mãe; catástrofe, diz Freud; devastação, reforça Lacan” (ZALCBERG, 2003, p.193). Neste sentido, torna-se fundamental que a menina possa, através de seu pai, construir para si uma dimensão outra que lhe permita sair da tragédia fusional, à qual toda mulher estaria sujeita (CURI, 2012).

A devastação, originária do francês *ravage*, é uma importante premissa para o entendimento do dano que esse aprisionamento no laço com a mãe pode causar, pois não se limita apenas à reivindicação

40 Expressão utilizada por Lacan para falar das diferentes versões do pai, apontando para o lugar da estrutura. A versão do pai, ou *pèrversion*, tem a mesma estrutura da função paterna e se sustenta na exata medida em que coloca uma mulher como objeto de seu desejo, instaurando assim a lei e o desejo.

imaginária que uma filha faz à mãe. A sua natureza aponta para o gozo do Outro, sendo sua própria consequência. É isto que nos ensina Küpper (2010), quando aponta que diante do gozo que não pode ser dito e da falta de um significante que defina o que é uma mulher, “a devastação marcará presença tanto no relacionamento entre mãe e filha quanto nas parcerias amorosas, pois ambas possuem como ponto comum a demanda infinita de amor”. Drummond (2011) corrobora Küpper (2010) e chega a denominar a persistência deste endereçamento de amor como uma patologia (do amor), já que implica dificuldades dos sujeitos em colocar seu corpo na troca amorosa, no relacionamento sexual e na maternidade.

É fundamental que a mãe se divida pela troca fálica, que a mãe seja não toda e que, por sua vez, que a menina se desloque dessa posição de saturar a falta da mãe (DRUMMOND, 2011). A devastação é marcada quando ambas permanecem nesse lugar de objeto único uma para outra. Quando uma menina não consegue entrar no registro das trocas simbólicas e metaforizar o desejo da mãe, esta permanece num lugar de Outro real, convocando o sujeito para uma fusão impossível.

Sabemos que Lacan, a partir dos anos 70, especialmente com seu Seminário XX – Mais ainda (1972-1973/1995) e em “Aturdido” (1972/2003), avançou na discussão sobre a feminilidade, lançando mão das fórmulas quânticas da sexuação e da teoria dos gozos, dela decorrente. A sua fórmula de sexuação mostrará que masculino e feminino são posições e que operam em duas lógicas: a do todo-fálico e do não todo.

A partir daí Lacan pode postular duas formas de gozo, que diferentemente do prazer orgástico, relacionam-se distintamente à mediação que a dimensão da linguagem impõe na relação com objetos. O gozo fálico e o gozo do Outro seriam então formas particulares dos sujeitos se relacionarem com seus objetos.

Para falar de gozo, vale lembrar, Lacan (1972/2003) toma emprestado o instrumento jurídico do usufruto, algo que estabelece uma forma particular de relação com o objeto, que define uma possibilidade

de desfrutar dele, sem, contudo, se apropriar. Completa ainda que o gozo “é aquilo que não serve para nada” (Lacan, 1972/2003, p.11).

Enquanto situa o gozo fálico como tributário à castração, nos mostra que o gozo feminino, um representante do gozo do Outro, escapa aos domínios da palavra, resiste a qualquer apreensão significante, muito embora não deixe de ser dependente da lógica fálica (gozo fálico). Ou melhor, é mesmo a partir do gozo fálico que podemos supor outro gozo. Neste sentido, Lacan aponta que a feminilidade está inscrita na lógica fálica, porém não está totalmente submetida a esta. O falo como significante primordial e organizador da sexuação não dá conta de representar plenamente a mulher.

A feminilidade está referenciada no além-Édipo, que tal qual o princípio do prazer deve ser compreendido como aquele que exige a presença do outro, mas não o completa. Nas palavras de Bonfim & Vidal (2009): “não existe mulher para quem a função fálica não funcione, não há mulher que não essa assujeitada à castração; todavia, a mulher é não toda referida à castração, de modo que nem tudo em uma mulher está submetido à lei do significante” (p.546). Assim, podemos dizer que a mulher é não-toda e seu gozo está situado num “além” (p.545).

### Considerações finais:

Longe de pretender colocar um ponto final na questão da violência contra a mulher, as considerações aqui levantadas pretendem tão somente provocar reflexões acerca desta tão delicada questão. A busca por uma resposta a nosso questionamento inicial de por que algumas mulheres se sustentam em determinadas posições, em suas relações amorosas, apesar de toda a violência vivida, nos conduziu primeiramente a examinar conceitos como devastação e gozo, partindo da relação primordial que as meninas estabelecem com seu primeiro objeto de amor: sua mãe.

As cadenas “voluntárias” a que se amarram as definem de uma maneira singular de se relacionar com seus companheiros, definindo-se tacitamente numa forma peculiar de gozo não balizado pelo desejo. Mantêm-se como que “voluntariamente” estagnadas

nesse enredo que as submete a um não movimento de saída. Mas sair por que, se é ali que “querem” permanecer? É isto que nos mostra nossa Helena, que por experimentar um amor tão grande, afirma que “simplesmente não consegue” dar um basta na relação. Sempre volta para o companheiro, apesar de tantas brigas e violências. Afinal, “já está acostumada” (sic).

O Édipo feminino, com todos os atravessamentos que ai se encenam, coloca como possibilidade pensarmos a constituição da mulher. A figura paterna que funciona no Édipo como elemento de interdição lança o sujeito no universo desejante. É pelo desejo do pai em relação à mãe, ou melhor, à mulher, que a menina se insere no contexto das trocas simbólicas e se inscreve no universo desejante. Se, porém, o pai não lhe aponta esse desejo, operando a separação entre mãe e filha, ela fica presa a sua mãe, nesta relação. Com isto, nos ensina Freud, não acede ao seu próprio desejo repetindo, em suas relações amorosas, seu vínculo primordial.

Nossa Helena, assim como outras tantas, que “fustigadas não choram”, são marcadas por uma forma de gozar, uma experiência impossível de significar, de algo cujo sentido nos escapa, mas que nos intriga, provoca, inquieta, uma vez que elas “se ajoelham, pedem, imploram as mais duras penas, cadenas”.

Aparentemente o tema da violência contra a mulher, apesar de sua disseminação em todas as culturas, passaria longe de ser propício para esta revista. Mas foi eleito por nos colocar exatamente diante de enigmas que se referem ao gozo, de formas singulares encontradas por alguns sujeitos para se servirem de seus objetos, criando para aqueles que escutam situações radicalmente novas que necessitam, antes de tudo, de muita reflexão. Demos apenas um passo inaugural.

Sabemos que o gozo refere-se ao desejo inconsciente e trata exatamente das catexias objetais (da ordem da satisfação) que um sujeito falante experiencia em sua relação com o objeto desejado. Sabemos também que o regime do desejo é a parte originária do gozo no qual o sujeito vivencia uma relação contínua com uma falta: o desejo é a expressão dessa falta absoluta. Mas, o que a Helena e as violências sofridas nos revelam?

Longe de responder a esta questão em tão poucas palavras, articulamos nosso pensar à ideia de um gozo pleno, não submetido à castração e que nessas relações de violência se presentificaria, configurando-se o corpo como objeto de satisfação desse gozo não barrado. Assim, podemos retomar Roudinesco (1998), que ao ligar violência e gozo, delinea a partir da ideia deste como “transgressão da lei”, colocando-o como elemento fundamental, assim, da perversão.

Helena é usada pelo seu companheiro de diversas formas, sem que possa sequer se reconhecer como sujeito de desejo. Submete-se a violências extraordinárias, e – o mais enigmático: sem qualquer queixa e/ou mal-estar... apenas amor. Ela apenas nos mostra como se situa no campo da devastação, aprisionada. Cadenas!, diria Chico Buarque.

Contudo é através de sua mãe, Sra. Maria, que podemos abrir novas possibilidades de trabalho e pensar naquilo que se repete na história de ambas. De forma muito simples, Sra. Maria nos conta que a doença de que Helena sofre tem algo a ver com ela, algo que vem dela. E é neste sentido que faz questão de procurar o serviço não só para contar o que sua filha vive, mas também o que ela, como mulher, vivia com seu companheiro, pai de Helena, e o que viveu como filha de um casal exposto a violências de todo tipo.

Faz questão de contar que se preocupa com o que “transmitiu” para sua filha, reforçando a ideia de que Helena repete, atualizando com seu companheiro, a história dela com seu pai. A forma como Helena ama incondicionalmente este homem que tanto a maltrata, é a forma como ela reproduz “sem saber direito nem como nem porque”, a relação de seus pais. Identificada com sua mãe esta é a única possibilidade que tem dela se relacionar e amar seu homem.

É interessante ressaltar aqui que a pontuação que a Sra. Maria faz acerca daquilo que sua filha repete, nos leva a pensar na transmissão psíquica transgeracional, especialmente quando estamos diante de casos de violência sexual. Não é raro as mulheres falarem que vêm de famílias com história de violências que se repetem ao longo das gerações. E é neste sentido que aquilo que transmito, através do dito e do não dito, ganha lugar de destaque. E a Sra. Maria tenta, diante de sua simplicidade, responder: “O que me veio e eu transmiti, a que me submeti?”

Parece que Freud sempre teve razão... Pelo duplo estatuto de objeto e amor e polo de identificação, ocupado pela mãe na história de uma menina, “as fronteiras entre mãe e filha são construídas por um intenso trabalho psíquico. No entanto, são sempre parciais e momentâneas, feitas e refeitas ao longo da vida de uma mulher” (Ribeiro, 2011, p.56).

Tramitação:

Enviado em: 31/05/2013

Aprovado em: 03/07/2013

**Paula Land Curi**

Trav. Francisco Dutra, 163/701

Icaraí, Niterói – Rio de Janeiro

CEP 24.220-150

Fone: (21) 2714.7077 / (21) 9973.7578

Email: landpaula@yahoo.com.br

**Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins**

Trav. Santa Maria, 54

Fonseca, Niterói – Rio de Janeiro

CEP 24.120-250

Fone: (21) 2625.2575 / (21) 9918.1644

Email: jafmartins@globo.com

**Eloá Amaral Guimarães Santos Lemos**

Rua Bernardo Fontenelli, 301

Rio do Ouro, São Gonçalo – Rio de Janeiro

CEP 24.753-750

Fone: (21) 2617.4121 / (21) 9604.9258

Email: eloa\_amaral@hotmail.com

**Referências**

BONFIM, Flávia & VIDAL, Paulo Eduardo Viana. A feminilidade na psicanálise: a controvérsia quanto à primazia fálica. *Fractal, Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro. Vol. 21 n.3 set./dez. 2009.

CURI, Paula. Infertilidade sem causa determinada: considerações psicanalíticas sobre um fenômeno aparentemente médico. *Cadernos de Psicanálise SPCRJ. Psicanálise e Contemporaneidade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 31. 2012, p.349-373.

DRUMMOND, Cristina. “Devastação”. In. *Opção lacaniana online*, ano 2, número 6. novembro/2011. Acessado em 8 de abril de 2013.

FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria. In: \_\_\_\_\_ *Fragmento da análise de um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, 7). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.1-122 (Trabalho original publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. A transferência. In: \_\_\_\_\_ *O caso de Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, 12). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 131-146 (Trabalho original publicado em 1915).

\_\_\_\_\_. Uma criança é espancada. In: \_\_\_\_\_ *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, 17). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 223-257. (Trabalho original publicado em 1919).

\_\_\_\_\_. Sexualidade Feminina. In: \_\_\_\_\_ *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 257-282. (Trabalho original publicado em 1931).

KÜPER, Fernanda Samico. Amor sem limites: sobre a devastação na relação mãe e filha e na parceria amorosa. Disponível em: [www.fundamentalpsychopathology.org](http://www.fundamentalpsychopathology.org) Curitiba, 2010. Acessado em 8 de abril de 2013.

LACAN, Jacques. *Seminário IV: Relação de Objeto (1956-57)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. “Aturdido” (1972). In. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.



\_\_\_\_\_. *Seminário XX: Mais Ainda (1972-73)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

NOMINÉ, Bernard. *O sintoma e a família*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG, 1997.

RIBEIRO, Marina. *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*. São Paulo: Escuta, 2011.

ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998.

SERGE, Andre. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

TEIXEIRA, Marcus. *A feminilidade na psicanálise e outros ensaios*. Salvador: Álgama, 1991.

ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

| ARTIGO |

**A LOUCURA PESSOAL NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA E O COMPORTAMENTO  
ANTISSOCIAL**

*THE PRIVATE MADNESS IN THE CONTEMPORARY  
SOCIETY AND THE ANTISOCIAL BEHAVIOR*

---

*Issa Damous<sup>41</sup>*

**Resumo**

Discute-se o comportamento de risco prevalente na sociedade contemporânea sob a perspectiva da perversão, da tendência antissocial e das patologias limitrofes. Nesse sentido, consideram-se as falhas do ambiente em promover socialização e em favorecer a continência necessária à fusão pulsional, daí derivando o privilégio da clivagem como mecanismo de defesa, e atuações carregadas de agressividade, aspectos importantes da loucura pessoal associada aos casos-limite.

---

<sup>41</sup> Doutora em Psicologia Clínica PUC-RJ; Professora do Deptº de Psicologia da UFF/PURO.

**Palavras-chave:** comportamento antissocial, clivagem, falhas ambientais, casos-limite.

*Abstract:*

*We discuss the risky behavior prevalent in the contemporary society from the perspective of perversion, antisocial behavior and borderline cases. In this sense, we consider the failure of adequate management of socialization and continence required for the drives to merge under the environmental cares. Consequently, the splitting and the actings full of aggressive impulses are privileged, important aspects of the private madness associated to borderline disorders.*

**Keywords:** antisocial behavior, splitting, environmental failure, borderline cases.

A referência a um comportamento perverso irrompe no discurso social contemporâneo cada vez mais frequentemente. A barbárie, e o sensacionalismo que dela se serve, alimentam o cotidiano social sem piedade. Guerras, torturas, violências sexuais, roubos... há inúmeras situações que chocam, amedrontam, traumatizam. Contudo, há que se pensar em uma espécie de perversidade que diz respeito às incoerências, excentricidades e desatinos dos homens em suas vidas cotidianas, ações que não alcançam necessariamente o porte de uma delinquência propriamente dita, mas que figuram como comportamentos ou ações de risco, delineando muito mais uma tendência antissocial.

Para Freud (1924/1996), em *Neurose e psicose*, as idiossincrasias do comportamento humano remontam às deformações e usurpações a que o próprio eu se submete recorrendo a uma clivagem ou deformação de si no intuito de emergir das várias exigências que lhe competem, sem necessariamente cair enfermo. Nesse artigo, Freud está ocupado com a diferença genética entre neuroses e psicoses e seus respectivos conflitos, com o isso ou com o mundo externo, aludindo apenas brevemente à clivagem. Através desse mecanismo, as “loucuras dos homens apareceriam sob uma luz semelhante às suas perversões sexuais, através de cuja aceitação poupam a si próprios repressões” (FREUD, 1924/1996: 170). Adiante, em *A divisão do ego no processo de defesa* (FREUD, 1940a/1996) e no *Esboço de psicanálise* (FREUD, 1940b/1996), Freud discutirá esta questão em termos do mecanismo de recusa (*Verleugnung*) da castração, referindo-se ao fetichismo (FREUD, 1927/1996) e a outras defesas perversas que, assim parece, remetem a uma tendência antissocial.

Basicamente, o recurso à clivagem na proposta freudiana decorre da ameaça de castração e do conflito intrapsíquico instaurado frente à exigência de satisfação pulsional e à proibição imposta pela realidade (FREUD, 1940a/1996). A clivagem então promove duas reações simultâneas ao conflito. Ambas são válidas e eficazes, porém se contradizem. Por uma via, o eu rejeita a realidade e se recusa a aceitar a proibição e, por outra, reconhece a realidade aceitando o perigo que pode ocasionar. Desse modo, o eu mantém concomitantemente duas atitudes incongruentes e encontra êxito no enfrentamento do conflito a que está submetido. Esta medida implica, por outro lado, o prejuízo de gerar uma fissura no eu que, estável, pode persistir durante toda a vida, manifestando-se como uma idiossincrasia com aura de perversidade, ou seja, mais próxima de uma tendência antissocial.

Efetivamente, a coerência do pensamento freudiano quanto à organização perversa da psique se coloca mediante a castração. Trata-se, no caso da perversão, de uma recusa aos interditos estabelecidos na cultura – familiar inicialmente – e, logo a seguir, em todo o campo social. De todo modo, o importante nessa discussão, e que surge mais explicitamente no *Esboço* (FREUD, 1940b/1996), é a relação mantida com a realidade a despeito de a clivagem conduzir parte do eu à recusa de algumas de suas exigências sentidas como aflitivas. Isso implica certamente uma adaptação possível do eu à realidade externa, ainda que comporte em si uma fenda. De outro modo, num contexto traumático, em que se verifica uma sobrecarga de tensão, a clivagem pode incidir de modo radical a ponto de amputar de uma vez por todas a parte do eu que mantém contato com a realidade e, nesse caso, configurar uma perversão mais claramente organizada.

Particularmente no que diz respeito ao cenário da cultura atual, tem-se cada vez mais notícias de comportamentos antissociais que despontam como manifestações de violência, de promiscuidade sexual, de tentativas de obter vantagens. De fato, trata-se de comportamentos de risco que nem sempre delineiam uma perversão propriamente dita, mas que, prevalentes na sociedade contemporânea, perpassam o convívio humano sem causar grandes estupefações, parecendo mesmo assumir paulatinamente a normatização da cultura atual.

Os comportamentos antissociais assumem então os ares de uma certa perversidade e compõem, é claro, na clínica psicanalítica contemporânea confrontando o *setting* e, por vezes, dificultando sobremaneira a continuidade da própria análise. Penso aqui nas patologias limítrofes, organizações psíquicas nas quais os desenlaces extrarrepresentativos constituem uma manifestação frequente e que, na situação analítica, geralmente instauram um campo transferencial beligerante, através dos ataques ao enquadre, da reação terapêutica negativa, de toda a conjuntura transfero-contratransferencial que engendra os estados-limites da analisabilidade (cf. GREEN, 1975/1988).

Em geral, variando entre manifestações psicossomáticas ou atuações de risco, o que se chama de desenlaces extrarrepresentativos na referência às patologias limítrofes remonta a prejuízos na configuração dos limites psíquicos e a uma ação fortemente desobjetalizante empreendida pela pulsão de morte (DAMOUS, 2012a). Esse quadro denuncia um modo de funcionamento psíquico prejudicado quanto aos processos de simbolização, dentre os quais aqueles que conduzem à construção de representações e à própria cadeia de pensamento, já que prevalecem desinvestimentos e clivagens típicos de uma lógica do desespero. Esses pacientes podem estar então muito bem inseridos no corpo social, abrigando, todavia, o que André Green (1975/1988) denomina de *loucura pessoal*.

Ficam assim algumas questões: falamos hoje de uma perversão normatizada quando outrora, tempos modernos, tempos de um mal-estar inerente ao processo de civilização (cf. FREUD, 1930/1996), falaríamos de neurose normatizada? É disso que se trata na clínica contemporânea, de organizações psíquicas muito mais centradas no modelo da perversão do que no modelo da neurose? Nesse caso, colocaríamos a clivagem no centro da cena psíquica em detrimento do recalque, mas então a perversão assumiria o epicentro da clínica atual? Ou seriam as patologias limítrofes a fotografia emblemática dessa espécie de perversão normatizada, tão presente na cultura contemporânea?

### A cultura contemporânea: o esgarçamento do tecido social e o indivíduo atomizado

Madel T. Luz (2001), trabalhando sobre a questão do vazio nas relações sociais atuais, aponta para um isolamento que vem se instalando no último quarto de século em termos de desagregação de laços até então sólidos, enraizados e estáveis, determinando um esgarçamento do tecido social. A autora atribui esse movimento às normas dominantes silenciosas do individualismo capitalista que, fomentado pela mídia, significa as relações através do consumo, da autorreferência, da estética corporal, da competição e sucesso, colocando o indivíduo no centro de suas próprias ações e da vida social como um todo:

Esse tipo de sociedade, com essa espécie de valores, produz um... esgarçamento do tecido social muito sério, que deve ser levado em consideração. Não só destrói redes de sociabilidade antes existentes, como é o caso da família, das comunidades de vizinhança e das relações solidárias coletivas estáveis, como outras também tão estáveis e tão ou mais antigas do que essas: aquelas ligadas à reprodução, à sexualidade e ao amor (LUZ, 2001: 59).

Com efeito, a verticalização das moradias, cada vez mais monorresidências, a diminuição de membros em uma família e o modelo consensual de matrimônio, são alguns exemplos de como o vazio nas relações sociais é promovido ou reforçado, praticamente normatizando um contexto de esgarçamento do tecido social. Decerto há variações em termos de bairros, cidades e países quanto a maior ou menor intensidade desse movimento individualizante na cultura contemporânea, mas, de modo geral, a autora aponta para um corpo social esgarçado na sua tessitura, atomizado, em que o vazio se presentifica nas relações, caracterizado sobremaneira por uma ausência de significações.

De fato, frequentemente nos remetemos na atualidade a um esgarçamento dos referenciais modernos responsáveis pelos parâmetros organizadores do sujeito e da vida em sociedade: “O indivíduo moderno, dócil e obediente, cede lugar ao indivíduo contemporâneo,

soberano, de quem se espera iniciativa, aptidões e sucesso em todos os campos da vida” (DAMOUS, 2012b: 274). Ocorre que as balizas anunciadas por Freud (1913 e 1930) em *Totem e Tabu* e no *Mal-estar na civilização* como fundadoras e reguladoras da organização psíquica e de uma ética comum soam longínquas doravante face ao reiterado consentimento às ilegalidades, sobretudo nas sociedades ocidentais e, de modo maciço, no Brasil, como o demonstram os alardes da mídia nacional que não cansam de chamar a atenção da população a um certo tipo de permissividade nesse sentido.

Como bem delinea a pesquisa do sociólogo Ehrenberg (1998/2000) acerca dos contornos do indivíduo contemporâneo, parece se desvanecer na atualidade o eixo organizador da vida em sociedade colocado em termos de proibido/permitido, que remonta às interdições e parâmetros fomentados de certo modo até a metade do século XX, acatado então por diferentes instituições: família, Estado, Igreja, Escola, para citar algumas. Desde a Segunda Grande Guerra e os movimentos libertários que se desenrolaram nas décadas de sessenta e setenta, o projeto de liberdade individual almejado já sob os auspícios do capitalismo vem se exacerbando de modo tal que a vida hoje se desenrola absolutamente confrontada por infinitas possibilidades. Confrontada sim, posto que, à medida que se esgarçam ou se enfraquecem os referenciais que serviam de parâmetros para o cerceamento à livre expressão da agressividade e da sexualidade próprias do humano, se esgarça o tecido social, o indivíduo é atomizado, se emancipa e, livre de amarras, é soberano de si mesmo, tudo sendo possível e nada sendo realmente proibido. É sugerido assim um campo interminável de possibilidades e uma liberdade inominável é prometida... desde que... sob o imperativo do êxito, do sucesso.

Há, nesse sentido, uma pretensa liberdade ao indivíduo contemporâneo lançado à própria sorte, diríamos, pois se trata de uma liberdade empenhada no excelente desempenho de aptidões e no alcance do sucesso e em todos os campos da vida. Diante dessa confrontação favorecida por profundas mudanças normativas no contexto social (cf. EHRENBURG, 1998/2000), resta ao indivíduo capitular frente ao

espiralesco império do sucesso desempenhando um comportamento praticamente adictivo, ou o contrário, paralisar, entrar em pane, deprimir, devastando sua existência por um sentimento de insuficiência, vergonha e incapacidade. Em todo caso, vale lembrar, persiste a possibilidade do recurso à medicalização da vida... desde medicamentos propriamente ditos até os complexos vitamínicos e energético-estimulantes.

### **A tendência antissocial no contexto das falhas ambientais**

No campo da psicanálise, Winnicott (1945/2000) defende uma série de acontecimentos em termos de desenvolvimento emocional primitivo para que um indivíduo possa se perceber como um ser total diferente de seu entorno, ou seja, como alguém dotado de uma vida pessoal, podendo exercê-la de modo ricamente construtivo e espontâneo. Um desses acontecimentos diz respeito à capacidade de se preocupar (*concern*). Esta capacidade “indica o fato de o indivíduo se importar, ou valorizar, e tanto sentir como aceitar responsabilidade” (WINNICOTT, 1963/1983: 70). Trata-se de uma conquista associada a experiências essenciais articuladas entre si: fusão de componentes eróticos e agressivos, fusão da mãe-ambiente à mãe-objeto, ambivalência, senso de responsabilidade, culpa, reparação, cada uma dessas experiências sendo fundamental à vida social à medida que sedimentam todo brincar e trabalhar construtivos. A capacidade de se preocupar, conforme Winnicott assegura, está, portanto, vinculada a uma questão de saúde e, por isso, dentro do seu arcabouço teórico-clínico, é uma capacidade que emerge como fruto dos cuidados proporcionados no contexto de um ambiente suficientemente bom ao longo do tempo.

Entretanto, no âmbito das falhas ambientais características de privação, podem ocorrer comportamentos antissociais que desconsideram o concernimento (WINNICOTT, 1956/2005). Manifestando-se basicamente de duas maneiras, a tendência antissocial aparece na procura por algo em algum lugar, como no caso típico de roubo, e aparece também na destrutividade, como uma procura por um suprimento ambiental que se perdeu, isto é, a procura por um ambiente que se ofereça como suporte estável para a tensão da impulsividade manifesta. Desse

modo, na tendência antissocial estão em questão as falhas ambientais traumatizantes do desenvolvimento emocional primitivo.

Winnicott (1956/2005) diferencia então a tendência antissocial de delinquência, relacionando estreitamente a primeira à privação, apontando-a como uma manifestação que pode ser encontrada em todas as idades, tanto num indivíduo normal, quanto num neurótico ou psicótico, sem assumir propriamente um diagnóstico psicopatológico. Diferentemente, a delinquência assume ares de uma defesa já organizada, repleta de ganhos secundários, o que podemos associar, no pensamento freudiano à perversão propriamente dita.

No decurso normal do amadurecimento infantil, um círculo de amor e força providos por um ambiente suficientemente bom favorece referência e estabilidade à criança que pode, nesse contexto, usar todos os meios possíveis para se impor. Nessa conjuntura, trata-se para a criança, de colocar à prova “o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se” (WINNICOTT, 1946/2005: 129). Em contrapartida, o ambiente capaz de suportar e de sobreviver a essa forma primitiva de amar, repleta de destrutividade, propicia tranquilidade à criança que pode então brincar: “antes de mais nada, a criança precisa estar consciente de um quadro de referência se quiser sentir-se livre e se quiser ser capaz de brincar, de fazer seus próprios desenhos” (Id., *ibid*). Uma continência como esta se mostra, desse modo, absolutamente necessária para as vicissitudes da agressividade inerentes ao humano (cf. GARCIA & DAMOUS, 2008).

Em casos de privação, contudo, o ambiente faltou de modo significativo à criança antes que ela pudesse adquirir um entorno de referência como parte de sua própria natureza. Sob tal circunstância, em vez de sentir-se livre, ela se sente angustiada e, se ainda tem esperança, vai tentar buscar segurança em outro lugar: familiares mais próximos, amigos da família e a escola. Fornecida em tempo adequado, a estabilidade pode ser alcançada e a criança retoma sua jornada maturacional podendo avançar rumo à independência. De outra forma, caracterizando um comportamento antissocial, a criança está indo mais longe, está compelindo o ambiente a se tornar importante no cuidado

que dispensa a ela. Esse comportamento, diz Winnicott (1946/2005: 131), “nada mais é, por vezes, do que um SOS, pedindo o controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes”. Winnicott (1956/2005) aposta enfim no comportamento antissocial como uma manifestação de esperança para encontrar uma externalidade, já que se trata de um dasapossamento previamente vivenciado e não de simples carência.

Certamente as falhas ambientais que prejudicam a conquista da capacidade de se preocupar e acabam, antes disso, fomentando o comportamento antissocial, evocam a discussão de Madel (2001) sobre o esgarçamento do tecido social nas relações atuais e o quadro atomizado da cultura atual em que o indivíduo é lançado à própria sorte. Trata-se de que, no nível das relações objetais, as falhas do ambiente no curso do desenvolvimento emocional primitivo impostas à criança deixam-na à mercê de sua agressividade que, quiçá esperançosa, ainda se comporta antissocialmente. Do mesmo modo, no âmbito ampliado que diz respeito ao campo social, está desenhado o cenário da sociedade atual no qual as pequenas perversidades despontam praticamente como uma normatividade: emancipado e praticamente desgarrado de ancoradouros, o indivíduo contemporâneo, átomo num tecido esgarçado, trilha seu rumo entregue à sua soberania, em meio à falência de balizas que sirvam de anteparos, sendo então perfeitamente passível de expressar sua agressividade através de comportamentos antissociais que, embora tendam a colocá-lo em situação de risco, na melhor das hipóteses, almejam a configuração de parâmetros, anseiam o engendramento de limites.

### **O comportamento de risco: ato manifesto da loucura pessoal**

Segundo Winnicott (1956/2005), a intensidade provocada no ambiente pelo comportamento antissocial indica o quanto de fusão de componentes eróticos e agressivos foi alcançado internamente. Se alguma fusão já foi possível, “a criança reclama a mãe por uma combinação de furto, agressividade e sujeira, de acordo com os detalhes específicos do estado de desenvolvimento emocional dessa criança” (WINNICOTT, 1956/2005: 142). Essa relação entre a fusão

e o comportamento antissocial pode ser compreendida nos termos colocados por André Green (1986/1990) na conjuntura dos prejuízos nos processos de simbolização. Para este autor, esta situação significa que a pulsão de morte prevalece na psique sob a ênfase desobjetalizante, fazendo com que, dependendo do nível de desimbricação pulsional, a destrutividade se manifeste de modo visível, em ato, muitas vezes carregado de ódio, seja no próprio corpo, seja no meio externo, sem que se perceba a capacidade de concernimento.

A prevalência do ato em detrimento dos processos de simbolização consiste num aspecto *princeps* do funcionamento psíquico das patologias limitrofes. Transitando entre uma pseudonormalidade social e uma regressão fusional ou dependência objetal, esse tipo de patologia, com frequência, expressa em ato o curto-circuito psíquico determinado pelo excesso de pulsão de morte no aparelho psíquico (GREEN, 1975/1988; 1977/1988).

Enquanto no universo neurótico o ato mostra-se sempre potencialmente simbolizável, favorável à verbalização, pois o aparelho psíquico já se encontra demarcado pela linguagem, estruturado pelo recalque, a situação mostra-se inteiramente diferente no universo dos casos-limite, marcados, sobretudo, pela ação desobjetalizante da pulsão de morte, desfusionada da pulsão de vida, e pelo recurso às clivagens. Em geral, as atuações desses pacientes refletem a história traumática com o ambiente, falho na sua capacidade de prover continência e, assim, a organização pulsional, principalmente em termos de imbricação. Consequentemente fracassa o exercício da capacidade reflexiva em relação ao ato. Por isso, o uso da expressão *desenlaces extrarrepresentativos* se mostra tão pertinente em relação a esses casos. O comportamento de risco em jogo no abuso de drogas e na automutilação (CARDOSO, 2005), na anorexia (ROUSSILLON, 2008), na promiscuidade sexual, nas brigas e discussões que chegam às vias de confrontos físicos, manifesta na verdade a loucura pessoal que esses pacientes abrigam na sua intimidade psíquica.

Ocorre que o tipo de comportamento comumente manifesto pelos casos-limite é justamente o que vem prevalecendo na sociedade

contemporânea sob a perspectiva de pequenas perversidades, ou, como diria Winnicott, como comportamentos antissociais. Nesse sentido, talvez seja possível afirmar que as patologias limítrofes constituem a expressão clínica mais fidedigna do comportamento antissocial praticamente normatizado na sociedade contemporânea.

Seria ainda apressado, acredito, afirmar que esse direcionamento de pensamento se daria em detrimento de neurose. Contudo, é inegável que o modo de vida atual da sociedade, tanto no nível macro das relações sociais quanto no nível micro das relações objetais, favorece desmedidamente organizações psíquicas como a dos casos-limite. Com recurso prevalente às clivagens, prejuízos dos processos de simbolização e tendendo irremediavelmente ao comportamento de risco, esses pacientes remontam certamente aos prejuízos na conquista da fusão dos componentes eróticos e agressivos que seriam favorecidos por um contexto suficientemente bom de cuidados.

Talvez estejamos falando, na clínica psicanalítica contemporânea, de uma possibilidade maior de atenção às questões primárias de subjetivação atreladas à qualidade das provisões ambientais que podem estar nas bases dos desenlaces extrarrepresentativos. Isto significa que não se trata aqui de polarizar recalque/clivagem, ou neurose/patologias limítrofes, mas de avançar na instrumentalização teórico-clínica de modo a facilitar o enfrentamento da questão dos comportamentos antissociais, tão em voga na sociedade atual, também do ponto de vista da loucura pessoal. Ou seja, trata-se de poder olhar para esses comportamentos antissociais também sob a perspectiva dos casos-limite.

Tramitação:

Enviado em: 03/06/2013

Aprovado em: 22/07/2013

**Issa Damous**

Rua Visconde de Pirajá, 4/507.

Ipanema -- Rio de Janeiro/RJ.

Cep: 22410-000

Tel: (21) 3474-6822/ (21) 8119-2215

e-mail: issa@infolink.com.br

## Referências

CARDOSO, Marta Rezende. A servidão ao "outro" nos estados limites. *Psyché*. São Paulo, Ano IX, n.16, p.65-75, jul-dez/2005.

DAMOUS, Issa. *Depressão e lógica do desespero na contemporaneidade: uma visão psicanalítica*. Curitiba: Juruá, 2012a.

\_\_\_\_\_. A depressão como doença da moda na contemporaneidade? *Cadernos de Psicanálise* -- SPCRJ. Rio de Janeiro, v.28, n. 31, p.265-294, 2012b.

EHRENBERG, Alain. *La fatigue d'être soi: dépression et société*. Paris: Odile Jacob, 2000. (Trabalho original publicado em 1998).

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose. In: \_\_\_\_\_ *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.p. 165-171. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19). (Artigo original escrito em 1923, publicado em 1924).

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_ *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-148. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 21). (Artigo original publicado em 1930).

\_\_\_\_\_. A divisão do ego no processo de defesa. In: \_\_\_\_\_ *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 291-296. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 23). (Artigo original escrito em 1938, publicado em 1940a).

\_\_\_\_\_. Esboço de psicanálise. In: \_\_\_\_\_ *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.153-221. (*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 23). (Artigo original escrito em 1938, publicado em 1940b).

GARCIA, Claudia Amorim & DAMOUS, Issa. A agressividade no contexto dos cuidados primários: a liberdade suficientemente boa. *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 27, p.119-139, 2008.

GREEN, André. O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In: \_\_\_\_ *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 36-65. (Trabalho original publicado em 1975).

\_\_\_\_\_. O conceito do fronteiroço. In: \_\_\_\_\_ *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.66-89. (Trabalho original publicado em 1977).

\_\_\_\_\_. *Conferências brasileiras de André Green*. Metapsicologia dos limites. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Trabalho original de 1986).

LUZ, Madel Therezinha. O vazio nas relações sociais na cultura atual. In: Da Poian, Carmen (Org.) *Formas do vazio: desafios ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera, 2001, p.49-66.

ROUSSILLON, René. Corps et acts messagers. In : Chouvier, B. et Roussillon. R. (Dir.) *Corps, acts et symbolisation. Psychanalyse aux frontières*. Bruxelles : De Boeck, 2008, p. 23-37.

WINNICOTT, Donald. Desenvolvimento emocional primitivo. In: \_\_\_\_ *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 218-232. (Trabalho original publicado em 1945).

\_\_\_\_\_. Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.127-134. (Trabalho original publicado em 1946).

\_\_\_\_\_. A tendência antissocial. In: \_\_\_\_\_ *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.135-147. (Trabalho original publicado em 1956).

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: \_\_\_\_\_ *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p.70-78. (Trabalho original publicado em 1963).



| ARTIGO |

A DEGRADAÇÃO DA FUNÇÃO PATERNA:  
O IDEAL SEGREGA O REAL

*THE FATHER FUNCTION'S DEGRADATION:  
THE IDEAL SEGREGATES THE REAL ORDER*

---

*Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa<sup>42</sup>*

**Resumo**

O artigo aborda a problemática do Ideal em relação à sua dimensão de segregação do real ao escamotear o lugar vazio da função do desejo. Nesta direção, o artigo verifica que o produto lógico dessa segregação é a recusa da castração e, por conseguinte, a degradação da função paterna.

---

<sup>42</sup> Psicanalista, Membro do Ato Freudiano Escola de Psicanálise de Juiz de Fora. Membro da Associação Mundial de Psiquiatria (Seção de suicidiologia). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Filosofia e Ética da Saúde Mental pela University of Warwick (Inglaterra). Mestre em Educação (Universidade Federal de Juiz de Fora).

**Palavras-chave:** Ideal, real, castração, Freud, Lacan

**Abstract:**

*This article discusses the question of Ideal in its relation to its segregation dimension of the real order by saturating the desire function's empty place. In this sense, this article treats of the logical consequence from this segregation and, with this, the father function's degradation.*

**Key-words:** *Ideal, real order, castration, Freud, Lacan*

### 1) A formação do Ideal do eu

Freud (1914/1996) sustenta a hipótese de que no eu se desenvolve uma instância chamada por ele de Ideal do eu. Essa instância idealizante é capaz de se isolar do restante daquele eu, chegando a entrar em conflito com este. A título de funções concernentes ao Ideal do eu, Freud cataloga a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência no recalque. Diz que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o eu infantil desfrutava de autossuficiência. Ademais, assevera que gradualmente a instância do Ideal do eu reúne, das influências do meio, as exigências que este meio impõe ao eu. Exigências estas a cuja altura o eu não pode sempre estar, de modo que um homem, quando pode estar insatisfeito com seu próprio eu, tem possibilidade, no entanto, de encontrar satisfação no Ideal do eu que se diferenciou desse eu. Esse texto que, de acordo com Becker, trata de *Introdução do narcisismo* e não de *Introdução ao narcisismo*, “pois se trata bem de algo introduzido pelo Outro” (BECKER, 2010, p. 49), o que está em jogo “é o investimento narcisico da libido, que provém do Outro neste tempo inaugural” (BECKER, 2010, p.50), podendo dar coesão e consistência ao real do corpo que toca na insuficiência corporal da criança, na própria medida em que “enquanto objeto da pulsão, o corpo é pedaço, configurando na dimensão imaginária, o fantasma do corpo despedaçado” (BECKER, 2010, p. 49). Trata-se, nesse texto, das “possibilidades de apreensão de um objeto no corpo pela libido” (BECKER, 2010, p.49).

É justamente a abordagem dessa insuficiência corporal da criança – cuja imagem própria dada pela função do espelho, justamente por essa insuficiência, será sempre antecipada – que encontramos em Lacan (1936/1998), em um dos seus primeiros escritos, *O estádio do espelho como formador da função do Eu*.

O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo de uma identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamamos ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1936/1998, p.100).

Interessa então, neste ponto, o remetimento ao primeiro seminário de Lacan (1953-1954), onde, a partir da retomada, linha a linha, do texto freudiano de 1914a, argumenta que enquanto o eu ideal está no plano do imaginário, o Ideal do eu se encontra no plano do simbólico porque a exigência do Ideal do eu “toma seu lugar no conjunto das exigências da lei” (LACAN, 1953-1954/1986, p.157). Argumenta ainda que, no desenvolvimento do funcionamento instintivo que ocorre nos animais, podemos ver a enorme importância da imagem. O sujeito animal macho ou fêmea é como que captado por uma imagem, identificando-se literalmente ao estímulo desencadeador. Portanto, no mundo animal, o imaginário, com toda a sua possibilidade de logro, domina todo o ciclo do comportamento sexual. Pergunta então pelo que acontece no sujeito humano. Assevera que se trata na experiência especular de ver qual é a função do outro humano na adequação do imaginário e do real. Prossegue Lacan dizendo que o que o sujeito, que existe, vê no espelho, depende da sua posição em relação à imagem real, na própria medida em que essa imagem tanto pode ser nítida quanto bastante fragmentada, inconsistente, descompletada. Nessa direção, Lacan argumenta pela difícil acomodação do imaginário no homem. Cabe dizer que essa dimensão do real aqui não é o real postulado por Lacan posteriormente como o que escapa à simbolização, portanto, distinto da realidade.

Feito esse importante assinalamento, podemos continuar dizendo que, de acordo com Lacan, é a voz do outro que comanda a inclinação do espelho, demarcando a dependência portada pela regulação do imaginário em relação a algo que está situado de maneira transcendente, a saber, a relação simbólica entre os sujeitos humanos. E é o Ideal do eu que comanda o jogo de relações de que depende toda a relação a outrem. É o Ideal do eu que comanda a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê: “a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (LACAN, 1953-1954/1986, p.165). E dessa relação a outrem – que depende do jogo de relações comandado pelo Ideal do eu – “depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária” (LACAN, 1953-1954/1986, p.165). “O próprio da imagem é o investimento pela libido. Chama-se investimento libidinal aquilo através do qual um objeto se torna desejável, quer dizer, aquilo através de que se confunde com essa imagem que levamos em nós, diversamente, e mais ou menos estruturada” (LACAN, 1953-1954/1986, p.165). Nessa dimensão, o Ideal do eu é o guia que comanda o sujeito. Guia que se situa no nível da ordem simbólica, para além da ordem imaginária, que possibilita que se conceba a posição do sujeito na estruturação imaginária.

Lacan, então, diz que essa função do Ideal do eu é perturbada pela dimensão imaginária do amor, na própria medida em que esse fenômeno, ao reabrir a porta à perfeição, provoca uma verdadeira subdução do simbólico, uma espécie de anulação da função do ideal do eu, produzindo a confusão entre eu ideal e Ideal do eu, não havendo mais nenhuma espécie de regulação possível no nível da imagem.

Dessa forma, podemos dizer que no seu primeiro seminário, Lacan, argumenta que o Ideal diz da impotência primitiva do ser humano, na própria medida em que concerne a uma forma realizada, total, a miragem de si mesmo que está fora de si, e a regulação dessa imagem sendo comandada pela dimensão do Ideal do eu. Podemos extrair desse esquema a radicalidade da opacidade do objeto do desejo já presente no espírito de Lacan, ainda que ele não houvesse formulado a radical distinção entre realidade e real e somente viesse formular a noção de objeto *a*, objeto causa de desejo, no seu estatuto radical de impossível,

pois concernente ao real e não à realidade, no seu seminário sobre *a angústia* (LACAN, 1962-1963/2005). Podemos extrair também no nível do Ideal do eu concernente ao guia que comanda a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê, “a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (LACAN, 1953-1954/1986, p.165), as máscaras que visam a recobrir a aludida radicalidade da opacidade, da não especularidade do referido objeto que, quando “despido de suas vestes imaginárias e simbólicas, desvela o real da causa, o sujeito tendo sido causa para o desejo do Outro” (BUZAN, 2008, p.129).

Em 1921, em seu texto *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud aborda o Ideal do eu no nível de uma identificação cuja formação primeira consiste na tomada do pai pela criança como seu Ideal. Simultaneamente com essa identificação com o pai, tomando-o como modelo, a criança desenvolve uma catexia de objeto em relação à mãe. Esses dois laços psicologicamente distintos subsistem lado a lado durante um tempo, sem nenhuma influência ou interferência mútua. Mas para a criança, ao acabar por notar que o pai se coloca em seu caminho como obstáculo em relação à mãe, sua identificação com ele passa a comportar uma conotação hostil, passando, por conseguinte, a se identificar com o desejo de substituí-lo em relação ao objeto materno.

A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém. Comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase *oral*, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal (FREUD, 1921/1996, p.115).

Ao fazer a advertência de que a identificação com o pai pode se tornar a precursora de uma catexia de objeto com ele não somente nas meninas como nos meninos também, Freud, nessa referência, passa a se deter enunciando uma fórmula para distinguir entre a identificação com o pai e a escolha dele como objeto. No primeiro caso, no nível da identificação que constitui o Ideal do eu, o pai é o que o sujeito gostaria de “ser”; já no segundo, a escolha do pai como objeto de investimento libidinal, o pai é o que a criança gostaria de “ter”, “ou seja, a distinção

depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. O primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita” (FREUD, 1921/1996, p.116). Prossegue Freud concluindo no que foi dito acerca desse tema até esse ponto, que “podemos apenas ver que a identificação se esforça por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (FREUD, 1921/1996, p.116).

Mas ajuda-nos a referência a Lacan (1960-1961/2001), que parece avançar nesse ponto ao indicar que antes que uma distinção parece haver um enlaçamento da questão da escolha de objeto com a questão da introjeção comportada pela palavra “ingestão” presente na citação de Freud, referida anteriormente, ao falar do que ocorre no nível da identificação que constitui o Ideal do eu. Nessa referência, Lacan nos diz que “o Ideal do eu, doravante constituído, introjetado, pode ser projetado sobre um objeto. (...). E é na medida em que o Ideal do eu pode ser reprojetoado sobre um objeto que esse objeto, se chegar a ser favorável a vocês, se os olhar com bons olhos, será para vocês objeto de investimento amoroso da maior importância” (LACAN, 1960-1961/2001, p.338-339). Inclusive Lacan aponta que essa indicação está presente no próprio texto de Freud referido aqui, em um outro capítulo: “Estar amando e hipnose”. Dessa forma, a partir de um ritmo lógico, importa-nos a referência a esse capítulo.

Nesse capítulo, Freud (1921/1996) nos diz que no que concerne à questão de estar amando, sempre nos impressiona o elemento da supervalorização do objeto amado presente nesse fenômeno. Impressiona-nos “o fato de o objeto amado desfrutar de certa liberdade quanto à crítica, e o de todas as suas características serem mais altamente valorizadas do que as das pessoas que não são amadas, ou do que as próprias características dele numa ocasião em que não era amado” (FREUD, 1921/1996, p.122). Freud explica esse processo justamente por meio da idealização que, segundo ele, ao consistir na colocação pelo sujeito do objeto no lugar do Ideal do eu, falsifica o julgamento desse objeto. Nessa dimensão da supervalorização do objeto amado, o eu se torna cada vez mais desprezioso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo o autoamor do eu, colocando em jogo o autossacrifício como

consequência natural. “O objeto, por assim dizer, consumiu o ego. Traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprio ocorrem em todos os casos de estar amando” (FREUD, 1921/1996, p.123). Prossegue Freud dizendo que lado a lado com essa verdadeira “devoção” ao objeto colocado no lugar do Ideal do eu do sujeito, por parte desse sujeito, as funções concernentes ao Ideal do eu, a saber, as funções concernentes à crítica, passam a não funcionar. “A crítica exercida por essa instância silencia; tudo que o objeto faz é correto e inocente. (...); na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até o diapasão do crime. A situação total pode ser inteiramente resumida numa fórmula: *o objeto foi colocado no lugar do Ideal do ego*” (FREUD, 1921/1996, p.123). São de fundamental importância as conotações de “fascinação” ou “servidão” extraídas por Freud dessa dimensão da idealização. Ainda que nesse capítulo Freud insista na diferenciação entre a introjeção concernente à identificação propriamente dita ao Ideal do eu e a escolha de objeto que se passa no nível do “estar amando”, ao dizer que, “no primeiro caso, o eu enriqueceu-se com as propriedades do objeto, ‘introjetou’ o objeto em si próprio, (...). No segundo caso, empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto” (FREUD, 1921/1996, p.123), podemos perceber, com Lacan, a presença de fato do enlaçamento entre essas duas dimensões. Um enlaçamento que se dá na própria medida em que o objeto é colocado no lugar do Ideal do eu.

Freud ainda traça uma outra distinção ao dizer que, enquanto na identificação o objeto foi perdido ou abandonado para depois ser novamente erigido dentro do eu no sentido de uma parte do eu se identificar com esse objeto perdido tomando-o como modelo, no “estar amando” em jogo na escolha de objeto “o objeto é mantido e dá-se uma hipercatexia dele pelo ego e às expensas do ego. Aqui, porém, apresenta-se nova dificuldade. Será inteiramente certo que a identificação pressuponha que a catexia do objeto tenha sido abandonada? Não pode haver identificação enquanto o objeto é mantido?” (FREUD, 1921/1996, p.124). Acreditamos que a sustentação da questão pelo próprio Freud, bem ao seu estilo de nunca obturar a hiância do texto, mas sim sustentá-la, ratifica a ênfase lacaniana no enlaçamento antes que na distinção entre as dimensões da formação do Ideal e o “estar amando”.

Freud prossegue tomando a hipnose sob análise dizendo que se trata na hipnose justamente do que ocorre na relação amorosa, na própria medida em que o hipnotizador é colocado no lugar do Ideal do eu. Existem a mesma sujeição humilde e a devoção ilimitada. Por outro lado, de acordo com ele, a relação hipnótica é um efeito de grupo constituído de dois membros. “Da complicada textura do grupo, ela isola um elemento para nós: o comportamento do indivíduo em relação ao líder. A hipnose é distinguida da formação de grupo por esta limitação de número, tal como se distingue do estado de estar amando pela ausência de inclinações diretamente sexuais” (FREUD, 1921/1996, p.125). Inclusive, acerca disso, cabe dizer que para Freud “são precisamente esses impulsos sexuais inibidos em seus objetivos que conseguem tais laços permanentes entre as pessoas” (FREUD, 1921/1996, p.125). Sobre a constituição libidinal de grupos que têm um líder, eles se formam a partir justamente da colocação por parte de um certo número de indivíduos de “*um só e mesmo objeto no lugar de seu Ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego*” (FREUD, 1921/1996, p.126). Para entendermos melhor o laço mútuo existente entre os membros de um grupo concernente a uma identificação “baseada numa importante qualidade emocional comum” (FREUD, 1921/1996, p.117), que aponta residir na natureza do laço com o líder, ajuda-nos a referência ao caso considerado por Freud, “particularmente frequente e importante, de formação de sintomas, no qual a identificação deixa inteiramente fora de consideração qualquer relação de objeto com inclinações diretamente sexuais com a pessoa que está sendo copiada” (FREUD, 1921/1996, p.117).

O caso é de uma moça que mora em um internato que recebe uma carta que lhe desperta ciúmes de alguém de quem ela está secretamente enamorada, e que ao receber essa carta, reage por uma crise de histeria. O que acontece a partir disso é que algumas de suas amigas que sabem do que se trata “pegarão a crise, por assim dizer, através de uma infecção mental” (FREUD, 1921/1996, p.117). Para Freud, o que está em jogo é a “identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação. As outras moças também gostariam de ter um caso amoroso secreto e, sob a influência do sentimento de culpa, aceitam também o sofrimento envolvido nele”

(FREUD, 1921/1996, p.117). Não se trata de assumir o sintoma por simpatia, pois a simpatia somente surge da identificação, na própria medida em que podemos presumir em uma imitação desse tipo “uma simpatia preexistente ainda menor do que a que costumeiramente existe entre amigas, numa escola para moças” (FREUD, 1921/1996, p.117). Dessa forma, a suposição desse caso diz de uma identificação que é a que ocorre entre os membros de um grupo, que pode tomar lugar “com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço” (FREUD, 1921/1996, p.117). Entretanto, Freud nota que nessa dimensão do Ideal do eu presente quando ou o objeto de amor, ou o hipnotizador ou o líder entre outros que possam a vir ocupar esse lugar, são colocados no lugar do Ideal, ainda que sob uma completa submissão sugestiva, a dimensão de resistência irá comparecer.

Mas, importa-nos novamente, dentro do ritmo lógico referido, o retorno ao capítulo sobre a identificação desse texto tratado, que é a *Psicologia das massas e análise do eu*, pois é importante notarmos que esse enlaçamento entre identificação e escolha de objeto apresenta nesse capítulo uma outra nuance. Tomando como referência a tosse do pai imitada por Dora (FREUD, 1905/1996), Freud então fala de uma identificação que aparece no lugar da escolha de objeto e de uma escolha de objeto que regrediu para a identificação. Segundo Freud, quando a retroação da escolha de objeto para a identificação ocorre devido às condições de constituição do sintoma, a saber, o recalque e o domínio dos mecanismos do inconsciente, o eu assume as características do objeto. E algo muito importante que nota Freud nessas identificações: “o ego às vezes copia a pessoa que não é amada e, outras vezes, a que é. Deve também causar-nos estranheza que em ambos os casos a identificação seja parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela” (FREUD, 1921/1996, p.116-117). De acordo com Lacan (1969-1970/1985), Freud aponta nesse texto, “que, de modo absolutamente primordial, o pai revela ser aquele que preside a primeiríssima identificação, e nisso precisamente ele é, de maneira privilegiada, aquele que merece o amor” (LACAN, 1969-1970/1985, p.82).

É importante notar que nessa referência, a saber, no seu seminário 17, *O avesso da psicanálise*, no capítulo “O mestre castrado” (LACAN, 1969-1970/1985), podemos encontrar indicada a dimensão de potência criadora em jogo no nível do pai idealizado. Acreditamos que isso não é qualquer coisa. Nessa direção, Lacan, nessa referência, nos indica que a função própria do pai idealizado concerne à potência do significante, na própria medida em que na idealização está em jogo uma castração escamoteada.

Em todos os casos, desde *Studien über Hysterie*, o próprio pai se constitui por avaliação simbólica. Afinal, mesmo um doente ou um moribundo, isso é o que ele é. Considerá-lo como deficiente em relação a uma função com a qual não se ocupa é dar-lhe, falando, propriamente, uma destinação simbólica. Significa proferir implicitamente que o pai não é apenas o que ele é, que é um título como *ex-combatente* – *ex-genitor*. Ele é pai, como o *ex-combatente*, até o fim de sua vida. Significa implicar na palavra *pai* algo que está sempre, de fato, em potência de criação. E é em relação a isto, nesse campo simbólico, que temos que observar que o pai, na medida em que desempenha esse papel pivô, maiúsculo, esse papel- mestre no discurso da histérica, é isto precisamente que chega a sustentar, sob esse ângulo da potência de criação, sua posição em relação à mulher, mesmo estando fora de forma. É isto que especifica a função de onde provém a relação com o pai da histérica, e é precisamente isto que designamos como o pai idealizado (LACAN, 1969-1970/1985, p.89).

Importante apontar que a histeria aqui não é um fator restritivo, pois acreditamos que o que é dito aqui no nível da histeria pode ser tomado a partir do que é indicado por Lacan da histeria como estrutura de base. Nessa vertente da dimensão do pai idealizado da histeria, Lacan, ao tomar o relato do fragmento do caso clínico de Dora, escrito por Freud (FREUD, 1905a/1996), situa o Sr. K. no lugar de terceiro homem, na própria medida em que o que nele convém a Dora é a ideia de que ele tem o órgão. É esse “órgão que o torna valioso, mas não para que Dora faça dele sua felicidade, se posso dizer assim – mas para que uma outra a prive dele” (LACAN, 1969-1970/1985, p.89), a saber, a Sra. K.. É justamente essa Sra. “aquela que pode sustentar o desejo do pai

idealizado, mas também conter em si o fiador, por assim dizer, e disso ao mesmo tempo privar Dora, que se encontra duplamente excluída de sua presa” (LACAN, 1969-1970/1985, p.90).

Cabe remetermos a essa história na qual Dora permite as investidas do Sr.K. até o exato ponto em que ele diz a ela algo acerca da Sra. K., sua mulher que encarna para Dora o enigma do desejo. O Sr. K. diz algo a Dora que faz com que ela não se atenha mais à cena em jogo na relação idealizada: “Minha mulher não é nada para mim”. Ao contrário de Dora aceitar o gozo do Outro que se oferece a ela, Dora passa ao ato, sai de cena, dando-lhe uma bofetada.

Ao analisar o sonho da caixa vazia encontrada por Dora no apartamento abandonado por aqueles que, depois de tê-la convidado para vir, partiram para o cemitério, pois no sonho o pai de Dora está morto, caixa vazia na qual “Dora encontra facilmente um substituto para esse pai num grande livro, o dicionário, aquele onde se ensina o que diz respeito ao sexo” (LACAN, 1969-1970/1985, p.91), Lacan indica que esse sonho marca nitidamente que, no nível do Ideal, o que importa para o sujeito, além mesmo da morte do pai, é o que ele produz de saber. “Não qualquer saber – um saber sobre a verdade” (LACAN, 1969-1970/1985, p.91). Nessa direção, Lacan argumenta que no nível da identificação concernente ao Ideal do eu presente no texto freudiano *Psicologia das massas e análise do eu*, o que é designado é a ideia de um pai todo-amor, “o primeiro a se amar neste mundo” (LACAN, 1969-1970/1985, p.94), “aquele pai a quem a criança recorre em sua infância, do qual sabe que é todo amor, que vai na frente, previne o que nela pode se manifestar de mal-estar” (LACAN, 1969-1970/1985, p.93).

Do que foi dito até aqui, impõe-se pelo menos uma conclusão: no nível da relação idealizada o que se coloca fundamentalmente é o amor ao pai. Tomando o seminário 8, *A transferência* (LACAN, 1960-1961/2001), como referência, podemos dizer que se trata no nível do Ideal do amor ao saber. Nessa referência, Lacan explicita a dimensão idealizante desse saber na própria medida em que o analista é colocado no lugar do Ideal do eu pelo sujeito e a partir dessa colocação surge como efeito o amor, o amor ao saber: o analista é suposto saber a verdade sobre o seu desejo. Esse ponto dessa dimensão idealizante de

suposição de saber é paradoxalmente condição e obstáculo ao trabalho psicanalítico. Enquanto a dimensão de condição é explicitada pela própria definição de suposição de saber, no que concerne à referida dimensão de obstáculo, minimamente falando, no nível da relação idealizada, quando o analista é colocado no lugar do Ideal do eu, ele fica no lugar do mestre detentor do saber, e se essa idealização não for desbastada ao longo da travessia analítica, os seus efeitos são de fascínio, servidão, repetição e insuportabilidade da diferença concernente ao real. Não há lugar para invenção, para que o inédito possa fazer sua inscrição; há somente lugar para repetição. “Lugar de um aprisionamento identificatório, de um gozo que não cede para dar lugar ao desejo enquanto causa” (BUZAN, 2008, p.130). Importante lembrar aqui o que foi já dito, a saber, que Freud (1921/1996) nota que nessa dimensão do Ideal do eu presente quando ou o objeto de amor, ou o hipnotizador ou o líder entre outros que possam vir ocupar esse lugar, são colocados no lugar do Ideal, ainda que sob uma completa submissão sugestiva, a dimensão de resistência irá comparecer. E a resistência em jogo, como nos indica Lacan (1960-1961/2001), é a resistência ao desejo como desejo do Outro.

Buzan (2008) argumenta que a formação do Ideal do eu é **resultante de um caminho cuja referência é imaginária. No entanto, na própria medida em que nessa formação o pai efetua a passagem ao simbólico do objeto do desejo da mãe concernente à aludida referência imaginária, ao intervir como proibidor, tal instância do Ideal termina por se dirigir ao simbólico.** Como a dimensão simbólica do objeto do desejo da mãe é o falo promovido de falo imaginário, em que o órgão masculino entra como suporte, para o falo no seu estado de significante por ser correlativo à inscrição do Nome-do-Pai no campo do Outro, podemos dizer que no nível da formação do Ideal do eu, temos a castração simbólica. Entretanto, de acordo com Buzan (2008, p.132), parece que justamente aí se localiza o problema desta identificação concernente ao ideal do eu:

Por um lado, ela introduz as marcas do desejo em decorrência da inscrição da lei. Por outro, sendo o desejo desejo de incesto, num movimento de reconhecimento e recusa da castração, fato estrutural na constituição de todo

ser falante, o sujeito, sem o saber, se utiliza das máscaras – Eu ideal e ideal do eu – encobrindo o real do objeto, tal como aparece na fantasia e no sintoma neuróticos.

Sobre essa dimensão de escamoteação do real, isto é, de recusa da castração e o que ela coloca em jogo, a saber, a degradação da função paterna, pela instância idealizante, dedicaremos a próxima seção.

## 2) A dimensão de recusa da castração e a degradação da função paterna pelo Ideal: o Ideal segrega o real

Lacan (1960-1961/2001, p.329) diz que eu ideal e Ideal do eu são noções que “têm, decerto, a maior relação com certas exigências de preservação do narcisismo”. Lacan ilustra tal afirmação dizendo que o eu ideal é o filho de boa família ao volante de seu carro esporte, por meio do qual ele vai bancar o esperto, exercer seu sentido do risco. “O que não é de modo algum uma coisa má, seu gosto pelo esporte, como se diz, e tudo vai consistir em saber que sentido ele dá a este termo, e se o esporte não pode ser também o desafio à regra, não digo apenas à do código de trânsito, mas também da segurança” (LACAN, 1960-1961/2001, p.329). Portanto, o eu ideal concerne a esse registro em que o rapaz “terá que se mostrar, ou não se mostrar, e saber como convém se mostrar, mais forte que os outros, mesmo que isso consista em fazer com que se diga que ele exagera um pouco” (LACAN, 1960-1961/2001, p. 329).

Para abrir uma porta lateral que dê passagem à relação que o referido eu ideal mantém com o Ideal do eu, que é o que Lacan se propõe a privilegiar nessa lição desse seminário sobre *a transferência*, Lacan argumenta que, embora em certas vezes, o rapaz se mostra tão ousado a partir da sua intenção de conquistar uma garota, importa a pergunta: “será tanto para conquistar uma garota como pela maneira de conquistar a garota? O desejo talvez importe menos aqui do que a maneira de satisfazê-lo. E é exatamente nisso, e por isso, como sabemos, que a garota pode ser absolutamente acessória, e até mesmo faltar” (LACAN, 1960-1961/2001, p.329). Aqui então, Lacan parece dar uma indicação de que o Ideal concerne à maneira de satisfazer o desejo e não tanto ao desejo em si.

Nesse exato ponto, apresentamos um fragmento de um caso clínico para destacar uma expressão usada por esse paciente para falar de um pai idealizado. Pedro<sup>43</sup> é uma criança de 10 anos que é encaminhada para tratamento psicanalítico por uma grave inibição nas relações e na aprendizagem que coloca em jogo ausência de amigos e de vida social, notas baixas, comportamento apático com o professor e os colegas, mas que de vez em quando reagia impulsivamente com intensa agressividade, e o completo desinteresse pela escola e por tudo concernente ao que pudesse aprender ali, chegando às raias do tédio. A escuta de Pedro resalta toda uma dimensão excessivamente idealizante. Entre outras coisas, destacamos dois elementos significantes continuamente reincidentes ao longo do seu trabalho. O primeiro é que, de acordo com ele, a única coisa que fazia questão de aprender “era andar na moda”. O segundo é que repetia incessantemente que o seu lugar não é nesse país, que “o seu país era a América onde tudo é possível”, pois, segundo ele, “era o país que comanda a moda”. Importante observar a homofonia existente entre país e pais. E também o lugar idealizado do sonho americano que, independentemente de fazer parte de um coletivo, constitui um elemento significativo que esse garoto escolhe e extrai do referido coletivo para trazer à baila no contexto dos seus problemas de séria inibição nas relações e na aprendizagem e das suas questões com o pai ausente da sua vida já há alguns anos. Sobre esse pai, dentro de uma dimensão muito idealizante, da qual os elementos significantes citados acima são apenas dois exemplos, Pedro diz que “ele não faz falta, porque a gente não sente falta do que não vê”. Interrogado acerca disso, Pedro fala: “o que passou, passou”. Quando perguntado então sobre o que é o passado, Pedro diz: “uma página rasgada, em branco e queimada”. Perguntado se, então, não haveria uma falta em jogo, Pedro responde: “uma falta que não faz falta”.

Acreditamos que o texto trazido aqui de Pedro não foraclui a falta, o que nos permite não pensar em uma estrutura psicótica, na própria medida em que a psicose pode ser abordada em termos de uma falta da falta, devido à foraclusão do significativo do Nome-do-Pai, pivô da introdução do ponto de falta no saber do Outro. Antes, a falta

43 Nome fictício.



está em jogo, mas como ele sensivelmente expressou: “uma falta que não faz falta”. Argumentamos que há uma sutil diferença entre a falta da falta e “a falta que não faz falta”, precisamente marcada por essa criança, na própria medida em que essa falta que não faz falta parece dizer de uma obstrução remetida à neurose antes que uma forclusão. Tal obstrução faz-nos pensar no que Lacan no seminário *A Angústia* (1962-1963/2005) indica, a saber, que no nível da relação idealizada há um escamoteamento do real pelo Ideal e a causa de desejo a quem o lugar vazio da função do desejo deve dar lugar é obstruída, não se dando a conhecer.

Dessa forma, pensamos que há uma indicação nessa “falta que não faz falta” para pensar o Outro idealizado nesse nível. O que queremos dentro do nosso percurso é trazer à baila essa “falta que não faz falta” na dimensão do Outro excessivamente idealizado, no sentido de investigarmos se esse elemento pode nos ajudar um pouco mais nessa investigação, mesmo que minimamente. Nessa direção, pensamos que “a falta que não faz falta” diz da falta da relação sexual, ou seja, do saber inconsistente no Outro, do ponto de falta no saber do Outro não fazendo falta no nível do Ideal. Diz da falha da inconsistência do Outro ser sustentada em sua impossibilidade. Indica o escamoteamento da castração no saber do Outro.

Novamente cabe assinalar a fundamental importância para o presente artigo do que vamos dizer agora, a saber, que **Lacan (1962-1963/2005), no seminário sobre a angústia, aborda a inibição justamente em termos de uma obstrução no nível da causa de desejo. Se sabemos que a causa de desejo se sustenta no lugar vazio da função do desejo, podemos dizer que tal obstrução escamoteia esse lugar vazio próprio da referida causa que confere lugar ao ato desejante. E é o Ideal que opera essa inibição que obstrui a causa na própria medida em que, de acordo com Lacan, nessa referência utilizada, o Ideal obstrui, escamoteia essa causa do desejo.**

Lacan (1960-1961/2001) prossegue afirmando que o ideal do eu, relacionado intimamente com a dimensão do desempenho, é simplesmente constituído pelo fato de que, de saída, se o rapaz antes

mencionado **no presente artigo, que se mostrara tão ousado a partir da sua intenção de conquistar uma garota, tem seu carrinho esporte, é porque ele é o filho de boa família, o filhinho de papai, que vem a se esquivar do significante “pai” por imaginar que chateará o pai.** Aqui retomamos a referência explícita ao pai, em jogo na dimensão do Ideal do eu, em termos de uma introjeção da imagem paterna. Essa introjeção é explicada por Lacan como uma organização subjetiva de maneira que o pai, sob a forma do ideal do eu “nem tão mau assim, seja um significante de onde a pequena pessoa, macho ou fêmea, venha a se contemplar sem excesso de desvantagem ao volante de seu carrinho. Dessa forma, podemos encontrar nessa referência lacaniana a dimensão do Ideal do eu como concernente a uma introjeção do significante “pai” que institui o paradoxo na relação idealizada de o sujeito conseguir sua identificação com esse “pai”, na via encontrada por esse sujeito de chateá-lo. O significante “pai” permite então ao sujeito esquivar-se dele para imaginar que o chateará, e mesmo para alcançar tal coisa.

Aqui cabe a referência ao seminário de Lacan sobre *as formações do inconsciente* (LACAN, 1957-1958/1999), onde ele nos dá uma indicação para pensar o Ideal no nível do desejo de reconhecimento ao invés do reconhecimento do desejo. **Desejo de reconhecimento e reconhecimento de desejo são noções trabalhadas por Lacan nesse seu referido seminário. Nessa referência, Lacan diz que, em *Mais além do princípio de prazer*; Freud (1920/1996) sublinha o desejo de reconhecimento como tal, “como servindo de fundo para o que constitui nossa relação com o sujeito” (LACAN, 1957-1958/1999, p.254). Além disso, podemos encontrar a aludida indicação encontrada nessa referência no que concerne a pensar o Ideal no nível do desejo de reconhecimento na própria medida em que Lacan indica que no nível do desejo de reconhecimento há uma dificuldade de submetimento ao pai por parte do sujeito. Ademais, sabemos que no nível do reconhecimento de desejo, na contramão do desejo de reconhecimento, “é preciso que haja um pai, portanto, que deixe “a desejar”” (FLANZER, 2009, p.128) para que seja fundada a “assunção do desejo em nome próprio” (FLANZER, 2009, p.128) concernente ao reconhecimento de desejo decorrente da operação de separação que**

confere ao sujeito uma margem de liberdade (LACAN, 1964a/1988, 1964b/1998) em relação ao desejo do Outro no exercício de seu desejo, justamente a partir de uma queda do Ideal. Nessa operação de separação e, por conseguinte, nessa margem de liberdade, como bem indica Flanzer (2009), o que está em jogo é o postulado de Lacan (1969-1970/1985) no seu seminário *o avesso da psicanálise* de “servir-se do pai para prescindir dele”.

Mas, **como já assinalado**, de acordo com a indicação de Lacan (1957-1958/1999), podemos encontrar no nível do desejo de reconhecimento uma dificuldade do sujeito de submeter-se ao pai. Não se trata do “Seja feita a tua vontade” (RABINOVITCH, 2000), mas de um reconhecimento subjetivo de que a separação possível do Outro, muitas vezes tão almejada, só é possível a partir desse submetimento ao pai castrado e não idealizado. Retomando o que se passa no nível do desejo de reconhecimento, a partir da referida indicação encontrada em Lacan, na própria medida em que o sujeito recusa e resiste submeter-se ao pai, seja enveredando-se por um Ideal de liberdade que coloca em jogo a separação radical em relação ao Outro e, portanto, a morte, seja “servindo-se” do pai “no sentido de ser abastado por ele, estando ali ancorado aos benefícios materiais e subjetivos que a situação possa lhes prover” (FLANZER, 2009, p.129), o sujeito ao recusar e resistir submeter-se ao pai, em ambos os casos, de acordo com Flanzer (2009), encontra-se em posição de inverter o referido postulado lacaniano de “servir-se do pai para prescindir dele”. Antes, o sujeito encontra-se “em posição de ‘dispensar’ o pai, descartando, excluindo e negligenciando as incidências e limites impostos pela função do Nome-do-Pai” (FLANZER, 2009, p.129), e o pai permanece idealizado e não castrado.

Cabe dizer que esse “dispensar” o pai, que pensamos estar presente no nível do desejo de reconhecimento e, por conseguinte, no nível da relação excessivamente idealizada do sujeito com o pai no lugar do Outro ratifica que a “falta que não faz falta” denunciada por Pedro pode legitimamente ser pensada no nível do Outro idealizado, não castrado no cerne da séria inibição de Pedro. Ademais, argumentamos que podemos dizer, nessa mesma direção, que esse “dispensar” o pai, que pensamos estar presente no nível do desejo de reconhecimento

e, por conseguinte, no nível da relação excessivamente idealizada do sujeito com o pai no lugar do Outro, coloca em jogo a segregação do real do ponto de falta no saber do Outro pela instância do Ideal, e, logo, a degradação da função paterna.

Pensamos que a plausibilidade de localizar o Ideal no nível do desejo de reconhecimento encontrada a partir da indicação de Lacan (1957-1958/1999) justifica um percurso legítimo de trazer à baila a dimensão de gozo em jogo na dimensão idealizante. Nessa direção, podemos prosseguir com Lacan (1957-1958/1999), que argumenta que no que Freud denomina de além do princípio de prazer trata-se da relação fundamental do sujeito com a cadeia significante. Se o que está em jogo no *Mais além do princípio de prazer* é o gozo concernente à compulsão à repetição, podemos dizer então a partir dessa indicação de Lacan que no gozo se trata da relação fundamental do sujeito com a cadeia significante. Diz Lacan que o significante é a dimensão essencial da “presença de um desejo que se articula, e que se articula não somente como desejo de reconhecimento, mas como reconhecimento de um desejo” (LACAN, 1957-1958/1999, p.254).

A partir dessa dimensão essencial do significante, quanto mais o sujeito se recusa e resiste a submeter-se ao significante, buscando escapar ao destino significante no próprio significante, visando a sair da cadeia significante que o determina, “mais ele próprio se torna um signo dessa cadeia. Quando abole a si mesmo, torna-se mais signo do que nunca.” (LACAN, 1957-1958/1999, p.254). Cabe aqui assinalar a diferença existente entre submeter-se ao significante que coloca em jogo a submissão ao significante “pai”, portanto, a castração e a paixão pelo significante presente na tentativa de escapar ao destino significante com a ajuda do significante fazendo entrar em cena um verdadeiro império do sentido onde o que entra em jogo é o gozo.

Tramitação:

Enviado em: 31/05/2013

Aprovado em: 22/07/2013

**Rosineiri Gonçalves Lopes Correa**

Rua Pedro Botti, 555 apto 512

Bairro São Mateus

Juiz de Fora – M.G.

Cep: 36026-290

Fone: (32) 3236-9016

email: crlopes2001@yahoo.com.br

Consultório:

Rua Santo Antônio 1042A. Clínica Nova Aliança.

Centro

CEP: 36016-210

Juiz de Fora – M.G.

Fone: (32) 9117-9273

**Referências**

BECKER, P. *A Economia do Gozo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

BUZAN, Z. Do ideal ao estilo. *Revista do Ato Freudiano*, n.4, v. 3, p. 129-135, 2008.

FLANZER, S.N. A entrada na adolescência. *Revista Estilos da Clínica*, v. XIV, n.27, p.124-133, 2009.

FREUD, S.(1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de J. Salomão. Rio Janeiro: Imago. v.7, p. 15-116. (Trabalho original publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de J. Salomão. Rio Janeiro: Imago. v.14. (Trabalho original publicado em 1914).

\_\_\_\_\_. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de J. Salomão. Rio Janeiro: Imago. v.12. (Trabalho original publicado em 1921).

LACAN, J. (1936). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1953-1954). *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. (1957-58). *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. (1960-61). *Le Séminaire. Livre 8: le transfert*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. (1962-1963). *O Seminário. Livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. (1964a). *O seminário. Livro XI. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. (1964b). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1967-1968). *O Seminário, Livro 15: o ato psicanalítico – inédito*.

\_\_\_\_\_. (1969-1970). *O Seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

RABINOVICH, D. *O desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

## RESENHAS

---

**O casaco de Marx – roupas, memória, dor de Peter  
Stallybrass, organização e tradução Tomaz Tadeu**  
*Marx's coat – clothes, memory, pain by Peter Stallybrass – Tomaz  
Tadeu, editor*  
Ninfa Parreiras

**Ribamar, de José Castello**  
*Ribamar, by José Castello*  
Maria Helena Lemos Mossé

## | RESENHA |

O CASACO DE MARX – ROUPAS,  
MEMÓRIA, DOR DE PETER STALLYBRASS,  
ORGANIZAÇÃO E TRADUÇÃO  
TOMAZ TADEU

*MARX'S COAT – CLOTHES, MEMORY, PAIN BY  
PETER STALLYBRASS – TOMAZ TADEU, EDITOR*

---

Belo Horizonte: Autêntica, 3ª edição, 2008

*Ninfa Parreiras<sup>44</sup>*

### **As coisas que usamos**

O que representam as coisas que usamos? E as que herdamos para nosso uso? As roupas e os objetos de uma pessoa podem ser como a colcha de retalhos da sua vida. Moldam memórias, trazem paixões, hábitos, dores, cheiros, gostos, toques, sons... Pedacos de experiências que se foram, fragmentos de encontros e desencontros.

Ao usar um casaco que foi de outra pessoa, ali está outro corpo e um odor que não são nossos. A roupa tem o jeito e a forma do corpo de outrem. Ela tem as memórias de uma vida: o caminhar, pequenos

---

<sup>44</sup> Psicanalista, Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle - SPID

objetos guardados nos bolsos, a estética de quem a usou. Com o passar do tempo, o corpo que usa a roupa molda-a com uma bagagem afetiva própria, feita de silêncios. Com sons, formas, cheiros, texturas...

Uma roupa usada traz uma linguagem não verbal de sentimentos, de experiências. É um depositário da alma da memória de quem a usa. A roupa usada é um patrimônio da subjetividade.

Dividida em três breves e intensos ensaios, a obra do estudioso inglês Peter Stallybrass leva o leitor a caminhar por roupas, objetos e memórias. No primeiro ensaio, nos deparamos com as roupas daqueles que partiram. Como a família lida com as roupas que ficaram? Alguns se desfazem imediatamente dos objetos do falecido, outros as guardam por incontáveis anos. O autor afirma, por experiência própria, que quando se veste a roupa que anteriormente era de outro, você leva junto a memória daquela pessoa. Você veste a bagagem afetiva do outro.

Já o segundo ensaio, que dá nome ao livro, é um pensar sobre a transformação das roupas em mercadoria. Acompanhamos a história das roupas no século XIX, principalmente o casaco de Karl Heinrich Marx (1818 - 1883), intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista, suas idas e vindas à loja de penhores. A luta para se resgatar o que ficou. A necessidade do dinheiro e o valor da roupa. Marx e sua família sofriam na Inglaterra, quando ele escrevia *O capital*, e não contavam com sustento suficiente. Vez por outra ele penhorava o casaco que o protegia do frio e que lhe permitia entrar no Museu Britânico para as suas pesquisas. Viviam um conflito e uma perda a cada ida à loja de penhores: pelo frio que passaria e pela perda simbólica do casaco que lhe permitia realizar os estudos.

Importante ver como a roupa era uma marca de distinção, já que Marx somente poderia ir ao Museu Britânico para trabalhar se o seu casaco não estivesse penhorado. Stallybrass apresenta, como aspectos diferentes dos de hoje, as cores e certos tecidos que distinguiam as classes sociais. Questiona o caso dos prisioneiros que são despojados de sua roupa como forma de despojá-los do que são. Curioso ver como ele associa os estudos acadêmicos com a vida daqueles que os escrevem, como também, de uma forma mais direta, com a sociedade em que vivem. Podemos pensar também nos uniformes neutros e impessoais

usados por determinados profissionais. O neutro parece impessoalizar, tira a identidade e as peculiaridades de quem o veste.

O último ensaio versa sobre a noção de caminhar em diferentes peças clássicas da literatura universal. Stallybrass discute a dramaturgia de diferentes séculos, como *Édipo Rei*, *Édipo em Colono* e *Rei Lear*. Édipo não pode caminhar com segurança pela mutilação que sofreu nos pés, enquanto Lear não precisa andar pelo poder que tem. Stallybrass levanta importante ponto sobre a dificuldade de caminhar, e como desvalorizamos esse ato quando conseguimos realizá-lo naturalmente depois de aprendido. Isso não vale somente para o andar: muitas atitudes que tomamos são tão naturais em nossas vidas que não percebemos mais como devemos valorizá-las. Um dos aspectos centrais do ser humano é o caminhar. A Esfinge nos possibilita ver a singularidade do caminhar.

Mais adiante, Stallybrass lembra dos livros *É isto um homem?* e *A trégua*, ambos do prisioneiro e sobrevivente de Auschwitz-Birkenau, Primo Levi (1919-1987), como reflexões sobre as pré-condições do caminhar do homem. Nos campos de concentração, os prisioneiros que conseguiam sapatos que não se ajustavam bem a seus pés percebiam que não conseguiriam caminhar com eles. E se não podiam andar, não dariam conta de trabalhar. E a morte começava pelos sapatos (a falta deles ou a incompatibilidade dos pés com o calçado).

Em *A trégua*, Levi, de volta para casa, descobre que os sapatos são fundamentais para a sobrevivência humana. Numa guerra, quem tem sapatos, pode fugir em busca de comida. O caminhar inaugura a possibilidade do ficar de pé, do equilíbrio, do ser homem (animal que anda sobre duas patas). Notável esse ensaio que nos coloca diante de algo tão natural – o caminhar – e, ao mesmo tempo, tão complexo! Um paciente, quando anda sozinho por sua própria conta, deixa a análise.

As roupas e os adereços são meros objetos de uso? Ou nos servem de proteção e de ninho para nossas memórias e sentimentos? A obra de Stallybrass nos traz essas questões, como enigmas da nossa existência.

Lembro-me de um analisando que costumava usar um mesmo casaco nos quatro anos que esteve em análise. Saía do escritório de advocacia onde estava empregado, no centro da cidade, e trajava o

casaco que fora do pai, um senhor alcoólatra, falecido há uma década em terras frias. Meu analisando lutava naquele momento contra a tentação da bebida e o gosto da solidão em sua vida: separado, morava com as filhas moças, não possuía casa própria e se sentia cada vez mais humilhado pelo hábito da bebida.

Após um trabalho de transferência com a elaboração da representação da figura do pai alcoólatra, ele tirou o casaco. A vestimenta o envolvia de representações negativas e ameaçadoras. Trocou-a por um blazer mais leve, ao gosto do clima temperado da cidade do Rio de Janeiro. Deixar o casaco do pai, que representava a ruína de ambos, inaugurou um momento diferente, em que ele também deixava a bebida destilada que costuma ter como companhia diariamente. Durante os últimos meses da sua análise, ele pôde ir ao trabalho e vir à análise com seu blazer de linho, leve, sem a memória ferida do alcoolismo. Ele trazia uma memória que começava a somar experiências novas, de homem decidido a refazer sua vida, com feições de sua própria identidade: não mais a identidade do pai, colada simbolicamente naquele casaco.

No estúdio do artista Paul Cézanne (1839-1906), em Aix-en-Provence, no sul da França, além de objetos que ele pintava, como frutas e garrafas, há o seu chapéu dependurado, seus casacos, seu guarda-chuva, sua bolsa de couro. Parece que Cézanne foi dar uma volta logo ali e já retornará. Cada um de nós, que pousamos os olhos naqueles objetos de uso pessoal e em sua arte, compartilha de suas dores, seus sonhos e sensações. Seu estúdio não é um mero museu, depósito de objetos e pinturas. É mais do que isso!

Ao apreciar aquelas coisas cheias de existência, criamos, com Cézanne. Sentimos cheiros, sons, uma vida que não foi apagada, não somente pela universalidade e intemporalidade de suas pinturas, como também pelo frescor do seu estúdio, com móveis, potes, imagens, panos decorativos e seu jeito singular de lidar com a arte. Seus objetos pessoais imprimem uma singularidade e imortalizam Cézanne.

Em <http://www.guardian.co.uk/travel/interactive/2013/may/17/paul-cezanne-studio-aix-en-provence-france-audio-slideshow> (acesso em 23/05/2013, 22h25) – matéria do jornal britânico *The Guardian* –

podemos apreciar a vida em cada objeto usado. Como eles guardam as feições do grande pintor francês!

Aprendemos com Donald Winnicott (1896-1971) que o objeto transicional pode ser representado por um cobertorzinho, a manga de um casquinho do bebê ou até mesmo aquele pano (molambinho) que ganha cheiro forte, impregnado de suor, lágrimas, leite, a que muitos pequenos se agarram em determinada fase. Esse objeto é, ao mesmo tempo, uma coisa objetiva –que existe num mundo compartilhado– e outra, subjetiva, para o seu dono. Faz parte de uma fantasia, possui vida própria. Seria como um casaco herdado? Um casaco que tem cheiro, forma e lembranças de outro?

Se, por sua vez, o objeto transicional prolonga o período em que o bebê se acredita onipotente, enquanto substitui essa crença pela aceitação de uma realidade sobre a qual não tem controle, nem pode modificar por meio da imaginação, o casaco reedita reminiscências de alguém que se foi, mas permanece ali em memórias sensoriais. O bebê se vê com poderes mágicos e, com o tempo, percebe a ilusão. Com as brincadeiras e o aprendizado do mundo, a criança, o adolescente e o adulto retêm o poder de criar e adaptam-se às possibilidades reais. A fantasia é de fato a marca do humano: pode vir em casacos, molambinhos, em sapatos, em criações que fazemos das coisas que usamos.

E para viver e caminhar, que venham os sapatos, confortáveis! Aprendemos com a leitura dos ensaios de Stallybrass, que nossas roupas e adereços não são apenas objetos de uso descartável e utilitário. São mais do que isso, vão além das necessidades sociais e corporais de usá-los. São extensões do nosso corpo e possibilidades de reedições de nossos sonhos.

**Ninfa Parreiras**

Rua Bulhões de Carvalho, 238 / 402

22081-000

Rio de Janeiro - RJ

Cel: (21) 88955231

E-mail: [ninfaparreiras@gmail.com](mailto:ninfaparreiras@gmail.com)

## | RESENHA |

## RIBAMAR, DE JOSÉ CASTELLO

*RIBAMAR, BY JOSÉ CASTELLO*

Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2010, 280p.  
Prêmio Jabuti 2011.

*Maria Helena Lemos Mossé*<sup>45</sup>

Logo nas primeiras linhas de *Ribamar*, de José Castello, o leitor percebe que está diante de um impasse: se render à atmosfera do livro, ou abandoná-lo. Arrebatador, ninguém atravessa esse romance impune. Um dos riscos é encarnar no personagem e passar a se ver: ..... “com os olhos de peixe morto, olhos que não olham para fora, olham para dentro”. Porque ler *Ribamar* é mergulhar (sem paraquedas) no abismo de si mesmo. Ler *Ribamar* é ser capaz de reagir, talvez em carne viva, ao que o autor nos propõe: vasculhar os conflitos humanos através das lembranças evocadas pelo personagem. Castello convida o leitor a ser coautor do seu livro. Ou, melhor dizendo, espelho do seu personagem José, enredado em seus próprios enigmas e dilemas. Castello nos puxa pela mão até que autor e leitor se confundem – quem conduz quem? Ler *Ribamar* pode ser uma danação, ou um resgate.

A história se debruça sobre a relação de um filho com seu pai: trata-se, em *Ribamar* – como diz o autor – de “tomar posse do meu pai”.

<sup>45</sup> Psicanalista, Membro Efetivo da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro.



E nós dizemos: tomar posse do nosso pai, o pai de cada dia, o pai que nos habita. No início nos deparamos com uma situação contundente: o pai velho pede “ajuda” ao filho. Desconfortável, este se vê diante de brutal mudança de lugares: o filho que precisa cuidar do pai velho e decrépito. “Vamos, tire essa calça”. Você se recusa a sentar, de modo que, quando desamarro o cadarço, num golpe brusco, ela despenca. Quando me abaixo para erguer um de seus pés, meu rosto se nivela com o sexo murcho. Um pênis de menino, entre testículos desproporcionais. Aquele sexo morto, de onde vim”. Vamos e voltamos no tempo: o narrador é um homem que se reporta a sua infância, o menino José que sofria por não conseguir se comunicar com o pai, homem de poucas palavras. Quando abria a boca, criticava o filho: “esse menino sofre dos nervos”. Ao longo da narrativa percebemos o enorme fosso entre os dois e que, talvez, através da crítica, o pai tentasse criar uma ponte em direção ao filho. Ponte construída com alicerces de dor para o menino que se debatia por não saber como agradar o pai: “Bato asas em torno de você, meu pai, um homem em cujo peito nunca cheguei a pousar. É um vôo doloroso, mas insistente. Um destino intocado”. Pai autoritário que afasta o filho, não permitindo assim que este se mire nele e o tome como modelo: “Você me pergunta: ‘Afim, o que nos afasta?’ Não há uma resposta, e é isso que nos afasta. Houvesse uma resposta, qualquer uma, a mais odiosa delas, e a distância não existiria. Mas esse distanciamento não parece voluntário e, sim, fruto de uma perplexidade diante do filho que não é o que ele esperava. A ponte que ligaria pai e filho é a palavra que nunca vem.

José, adolescente, encontra na *Carta ao Pai* (livro póstumo de Franz Kafka) um tesouro. Kafka, um rapaz introspectivo, tinha enormes dificuldades com o pai, Hermann, que, de acordo com ele, era um homem áspero e autoritário. Uma espécie de acerto de contas entre pai e filho, a *Carta* é um registro de sentimentos paradoxais: ao mesmo tempo que o temia, Franz admirava Hermann. José entrega a *Carta ao Pai* com a dedicatória: “Para o papai com um beijo e o amor do filho José”. Um recado dito pela boca de outro filho, escritor renomado que autoriza as palavras que José gostaria de ter escrito. Se o pai leu ou não leu o livro, ele nunca saberá. Mas o destino faz com que a *Carta ao Pai*, capturada de um sebo, volte às suas mãos muitos anos depois.

A surpresa e o estranhamento provocados por este fato são os pontos de partida para a criação do romance/carta *Ribamar*.

“A partir de seus subterrâneos”, o autor/narrador/personagem é assaltado por sonhos cheios de simbolismo: bicos, garras, aves agourentas, pássaros que retesam o corpo para alçar vôo. Asas que desenham no firmamento uma rota de fuga, ou um caminho de redenção? Diz o autor: “Você reclamava de minha postura curva. Meus ombros se encolhiam, minhas costas cediam e minha cabeça rolava em direção à barriga. ‘Abra esses ombros!’”. Meu esforço era inútil. Imitando a posição das asas, eles permaneciam encolhidos sobre o peito”. José, menino, tem o corpo encolhido (com medo do pai?), José, homem, viaja a Parnaíba, em busca de fragmentos da infância do pai. Conhece a tia maluca que imita as galinhas e escreve na areia, sem parar, a palavra *sim*, a Madame francesa e o velho cego, pessoas que, como um quebra-cabeças, poderiam restaurar a imagem do pai. Mas em cada estranha criatura, como num espelho, ele se vê. Em busca do outro, José se encontra, ou não se encontra, pois quem é capaz de se definir com clareza?

Ler *Ribamar* é caminhar como a criança que cai e se levanta, mas segue sempre em frente. Sonhos e lembranças, passado e presente tecem um tempo mágico para que cada um reinvente a sua própria história. O escritor não é uma alma penada ou um ser desencorpado. Ele escreve com a memória (sempre traiçoeira), com a pele e com as entranhas. Este é um livro da Dor (“cada dor tem uma palavra que a envolve, mas que não é aquela dor, e que por isso deixa de ser só uma palavra”) e do Amor. Diz o autor: Penso no mundo em que vivo: “tranquilizantes, anestésicos, ideologias, religiões, entorpecentes. Tudo na esperança de estancar a dor. Contudo, quando se mata uma dor, mata-se o segredo que ela guarda. É melhor que doa, pai. Trate de suportar.” E é por aí, suportando, que tentamos todos nos salvar.

**Maria Helena Lemos Mossé**  
Rua Visconde de Pirajá, 547/516  
Ipanema – Rio de Janeiro  
CEP 22410-003  
Fone: (21) 2294.5548  
Email: mmosse2@terra.com.br

## NORMAS PARA ENVIO DE ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO

### Cadernos de Psicanálise – SPCRJ

O artigo, *inédito*, deverá ser enviado, dentro do prazo estabelecido, em envelope lacrado, endereçado a:

SPCRJ/Coordenação da CPB  
 Cadernos de Psicanálise da SPCRJ.  
 Rua Saturnino de Brito, 79 - Jardim Botânico  
 Rio de Janeiro/RJ - CEP 22470-030.

O envelope deverá conter, em documentos separados:

- uma **Folha de Rosto** conforme descrição abaixo;
- um **Resumo** conforme descrição abaixo;
- **três cópias impressas** do artigo com **títulos apenas na primeira folha e sem qualquer identificação do autor, inclusive nas páginas internas** (notas de rodapé ou de fim, ou referências dentro do texto);
- um CD (regravável) com **três arquivos separados nomeados: Folha de Rosto:.... (nome do artigo e os dados descritos abaixo), Resumo:... (nome do artigo e apenas os dados descritos abaixo) e Artigo: ... (nome do artigo e o artigo propriamente dito).**

#### Orientações gerais

- Os trabalhos devem ter no **máximo 14** e no **mínimo 8** laudas, formatadas em:
  - ❖ papel A4, letra Times New Roman 12, espaço entre linhas 1,5 cm; alinhamento justificado.
  - ❖ margem esquerda com 3,0 cm e direita com 1,5 cm;
  - ❖ margens superior e inferior com 2,5 cm;
  - ❖ títulos e subtítulos em **negrito**, com **maiúscula apenas na primeira letra** ( título em inglês em **negrito e itálico**).
- A **Folha de Rosto** deve conter o título do trabalho e o nome do autor e sua qualificação, endereço completo, com CEP e telefone (e-mail quando houver).
- O **Resumo** deve conter **apenas o título do trabalho** (em português e, logo abaixo, em inglês), **resumo** (cerca de 5 linhas) e **palavras-chave**, *abstract* e *keywords*, e ainda, a **data do envio do artigo**.

- As folhas internas devem estar numeradas e **sem qualquer informação que possibilite a identificação do autor**; apenas a primeira folha deve conter o título do artigo.
- Palavras estrangeiras e tudo que se quiser destacar devem estar em *itálico*; **nenhuma outra forma de destaque deve ser usada no corpo do texto**.
- Devem ser utilizadas **notas de rodapé**, com algarismos em arábico.
- Citações literais, diretas, de até 3 linhas devem estar contidas entre aspas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.
- Citações literais, diretas, com mais de 3 linhas, devem ser destacadas, sem aspas, com recuo de 4 cm da margem esquerda, alinhamento **justificado**, fonte **tamanho 11** e **espaço simples** entre linhas.

#### Orientações quanto à forma de redação das ‘REFERÊNCIAS’:

Elaboradas de acordo com as normas da ABNT (NBR 6023 ago./202; 6021 maio/2003; 6022 maio/2003), devem constar no final do texto, em ordem alfabética de sobrenome, com espaço **simples** entre as linhas, e **1,5** cm para a separação entre as referências.

#### Exemplos:

- **Um autor (sobrenome em maiúsculas e prenomes, abreviados ou não, e o título grafado em itálico; o subtítulo, não. Somente a primeira letra do título em caixa alta).**

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- **Dois e/ou três autores (nome e sobrenomes – abreviados ou não - dos autores, separados por ponto e vírgula):**

BOTELHO, J. E.; CARNEIRO, M. P. F. O estranho passageiro. In: JORNADA DE PSICANÁLISE DA SPCRJ, 5. 2002. Rio de Janeiro. *O primitivo e o psiquismo*. Rio de Janeiro: SPCRJ, 2002. p. 19-25.

- **Mais de três autores (nome apenas do primeiro autor e a expressão et al., em itálico):**

GREEN, André *et al.* *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

- **Capítulo e/ou artigo de livro:**

BIRMAN, Joel. Uma dívida impagável. In: ARAÚJO, M. C. de; MAYA, M. C. B. B. (Org.). *Neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Letter, 1992. p. 49-106.

• **Artigo em periódico científico:**

GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. *Política e Administração*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15-21, set. 1997.

• **Capítulo de livro com indicação da data de edição original:**

FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas, 4). (Trabalho original publicado em 1928).

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: \_\_\_\_\_. *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos* Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 139-165. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18). (Artigo original publicado em 1920).

• **Trabalho apresentado em evento (Congresso, Jornada, Seminário):**

VETTER, I. C. L. Aspectos técnicos no tratamento psicanalítico da depressão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 1., 1969, Caxias do Sul, RS. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 3, n. 1-2, p. 49-75, 1969.

• **Dissertação e/ou tese:**

ARAUJO, U. A. M. *Máscaras inteiriças Tukúna*: possibilidades de estudo de artefatos de museu para o conhecimento do universo indígena. 1985. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1986.

• **Compiladores, Editores e/ou Organizadores: (Comp.), (Ed.), (Org.):**

CHEMAMA, Roland (Org.). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

• **Nos documentos em formato eletrônico, ao final da referência, acrescentar:**

Disponível em: <(site) www, .....>. Acesso em: .....(data).....

**Caso necessário, sugerimos consultar:**

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

**Abreviaturas latinas (em itálico):**

*Apud* = citado por, conforme, segundo.

*Cf.* = *confira ou confronte*.

*Et al.* = e outros

*Et seq.* = para não serem mencionadas todas as páginas da obra referenciada (intervalo entre páginas).

*Ibidem ou ibid.* = na mesma obra.

*Idem ou id.* = do mesmo autor (quando se trata de diferentes obras do mesmo autor).

*Loc. cit.* = mesma página de uma obra já citada (no lugar citado).

*Op. cit.* = na obra citada.

*Passim* = aqui e ali; em vários trechos ou passagens.

*Sic.* = assim mesmo, desta maneira (usado para destacar erros gráficos ou de outra natureza).

## **DIVULGANDO ALGUNS DOS NÚMEROS ANTERIORES**

### **Cadernos de Psicanálise V. 28, nº 31, 2012 Psicanálise e Contemporaneidade (454 páginas)**

Este ano o tema dos Cadernos de Psicanálise trazem o tema “Psicanálise e Contemporaneidade”. Para melhor abordagem, o tema foi subdividido em a clínica do excesso, atravessamento de Édipo e Narciso, masculino e feminino.

O que podemos esperar desta edição? A Revista vem com mais páginas e conteúdos, incrementada pelas temáticas acima e pela excelência que visamos sempre a oferecer aos nossos leitores. Propomos refletir sobre a sociedade contemporânea e investigar como esta favorece a emergência de novas subjetividades. E mais, queremos propor reflexões e indagações sobre as formas de vinculação dos sujeitos, como estes lidam com os excessos de estimulação que geralmente estão atrelados à lógica do instantâneo, produzindo uma fragmentação do tempo e uma excessiva valorização do presente. Os trabalhos aqui reunidos visam também a examinar os efeitos que podem causar no psiquismo, alinhavando múltiplas respostas à luz de elaborações coletivas.

### **Cadernos de Psicanálise V. 27, n. 30, 2011 REVISITANDO FREUD (360 páginas)**

A proposta desta edição foi Revisitar Freud através de seus conceitos objetivando um passeio ao longo do percurso da teoria psicanalítica. Melhor dizendo, revisitar os conceitos fundamentais e avaliar se seriam necessárias atualizações e novos encaminhamentos.

Na seção Tema em debate encontramos um artigo Winnicottiano que aborda de forma renovada “que sonho sonha o homem contemporâneo”.

Como convidados contamos com Auterives Maciel, Júlio Vertzman e Eliana Chaves que abordaram temas como o declínio da função paterna, vergonha e agressividade.

Através dos Artigos selecionados temos um panorama da clínica contemporânea: homoparentalidade, sonho e clínica, novas formas de subjetividade, transmissão, bullying e o esgarçamento das relações parentais.

Na sessão resenhas temos os livros : The intimate room de Giuseppe Civitarese e Filosofia do sonho de Christofe Turcke.

Para fechar esta edição que comemora os 40 anos da SPCRJ uma entrevista ousada e desafiadora com Rosiska Darcy de Oliveira que aborda a “reengenharia do tempo” e seu redirecionamento.

Exemplares de números anteriores,  
podem ser adquiridos diretamente na secretaria da **SPCRJ**:  
Rua Saturnino de Brito, 79 - Jardim Botânico  
Rio de Janeiro - RJ  
(21) 2239-9848.

Visite nosso site:  
[www.spcrj.org.br](http://www.spcrj.org.br)

**Editoração Eletrônica**

*Ana Paula Amado Lopes / SPCRJ*

**Capa**

*Ilze Freitas*

**Diagramação**

*Thelio Falcão*

**Revisão Ortográfica e Tradução**

*Pedro Henrique Bernardes Rondon*

**Impressão:**

Dê Destaque em Mídia Impressa Ltda

Rua Senador Alencar, nº 257, sala 201, São Cristovão, Rio de Janeiro, RJ.

Telefone: (21) 2589-3705

E-mail: contato@dedestaque.com.br

Assinatura

## Cadernos de Psicanálise – SPCRJ

Nome: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_  
E-mail: \_\_\_\_\_  
Assinatura anual – R\$ 45,00 – com porte pago  
Volume: \_\_\_\_\_ número: \_\_\_\_\_ Ano de Publicação: \_\_\_\_\_

Para assinar a revista **Cadernos de Psicanálise – SPCRJ** preencha uma cópia desta folha, anexe o comprovante do depósito bancário e envie para o endereço abaixo; ou via fax (21) 2239-9848.

### SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Rua Saturnino de Brito, 79 – Jardim Botânico – CEP: 22470-030.

#### Dados Bancários:

ITAÚ (341)  
Agência 8598  
c/c 06355-3  
CNPJ – 42.132.233/0001-98

Temos ainda, dentre outros, José Otávio de Vasconcellos Naves afirmando que "...o "estranho" é o lugar onde "a coisa" habita em cada um e se situa longe de seu controle...". Em outras palavras, "há os que conseguem separar fantasia e realidade, sem dissociá-las, e os que sucumbem à dissociação..." por Maria Regina Maciel. Mas segundo Lidia Levy "...existem, entretanto, outros riscos como o de se deixar seduzir pelo discurso do perverso narcísico...". Vemos com Maria Helena Fernandes que em "... um mundo onde ninguém se mata porque todos já são imortais e, como os Deuses do Olimpo, não precisam de comida...".

Então, muito além desses recortes e autores, encontramos aqui retratada a teoria e a clínica psicanalítica a partir de uma diversidade de estilos.

